



pele
TUDO
Prazer

As Horidens - Livro 2

JÉSSICA MALVESTUTO

Índice

[Carta ao leitor](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Série "As Horidens"](#)



TUDO *pelo* Prazer

As Horidens – Livro 2

JÉSSICA MALVESTUTO



Copyright © 2023 de Jéssica Malvestuto

Todos os direitos reservados e devidamente registrados na Câmara Brasileira do Livro. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro desde que dado os devidos créditos.

Autora: Jéssica Malvestuto

Diagramação: Jéssica Malvestuto

Arte da capa: Amorim Editorial

Revisão: Gabrielle Batista

Primeira edição, 2023

www.jehmalvestuto.com.br

Para aquelas que parecem frágeis, mas só parecem mesmo. A força está muito além da aparência.

Carta ao leitor



Caro leitor,

Poucas coisas me deixam mais feliz do que descobrir que se apegaram a um personagem meu. Principalmente, quando nutro um carinho especial por ele ou, no caso, ela.

Como já puderam perceber em “Tudo pela Honra”, Lucinda é mais que somente a prima e amiga leal de Diana. Ela tem seu próprio passado e suas próprias dores para enfrentar. Sendo assim, com certeza merecia uma história de amor só dela.

É meu desejo que essa história possa te emocionar, sorrir e talvez subir um pouco sua temperatura — esse casal pega fogo! Que como eu, você se divirta com a história e se identifique com essa mocinha de exterior delicado, porém dotada de tanta força.

Boa leitura!

Com carinho,

Jéssica Malvestuto

Capítulo 1



Inglaterra, abril de 1819

Uma mulher caída em desgraça não tinha valor algum. Podia-se dizer que para a sociedade era como se tal infeliz estivesse morta, mas seria um erro de julgamento. Havia algo sobre não se falar mal dos mortos, mas muito se falava acerca das mulheres desonradas. Em termos nada gentis.

Uma jovem vítima da desonra não poderia visitar os ciclos sociais, dirigir a palavra a uma dama de respeito e tampouco se casar decentemente. Nenhum cavalheiro iria querê-la. Por isso, Lucinda Dabley considerava que tinha mais sorte que a maioria das moças em tal situação.

Agracia aos céus por ter pais tão orgulhosos a ponto de manterem sua desonra em segredo. Sim, eles a expulsaram de casa e a proibiram de utilizar seu sobrenome ou mencionar qualquer associação com eles e no começo havia doído. *Muito*. Como uma faca no coração.

Hoje ela sabia que tinha recebido um dos presentes mais valiosos que uma dama poderia querer: liberdade. Após sua prima se casar com o Conde de Graivil ela voltou a frequentar os mesmos ciclos sociais e naquela temporada até se atrevera a voltar a Londres para o *debut* de Dione.

Londres era muito mais agradável agora que não tinha qualquer obrigação de arrumar um marido. Ela havia decidido que não se casaria desde o momento de seu escândalo. Ainda que este não fosse público, não suportaria casar com um homem na ignorância e não tinha qualquer intenção de narrar o ocorrido a ninguém.

Além disso, ela tinha vinte e cinco anos, em termos claros: Quem iria querê-la?

Não, ela estava muito bem como estava. Só gostaria de poder se divertir mais, se envolver intimamente com um homem interessante, mas se tal caso viesse a público poderia arruinar suas quatro primas ainda solteiras, então por ora ela se atinha a passatempos inocentes como espiar através dos binóculos.

— Pare com isso, Luiza.

A reprimenda foi acompanhada por um cutucão com a bengala em sua costela.

Por um momento se esquecera que estavam no *Covent Garden*^[1], na galeria pessoal de Lady Limett — a Duquesa que tinha a terrível mania de trocar nomes de propósito e discipliná-las com bengaladas. Não era à toa que na ausência de Diana — ou Deméter como a chamava — suas primas a empurraram para sentar ao lado da senhora de pouca paciência.

— Não estou fazendo nada — defendeu-se rapidamente. — Só estava prestando atenção na peça.

— Sei bem no que está prestando atenção, menina abusada — a lady soltou um resmungo —, mas não posso culpá-la. Essa peça é mesmo entediante. Nunca vi casal mais desprovido de inteligência que esse. — Soltou um muxoxo de reprovação para Romeu e Julieta. — O jovem Berthany é mesmo mais agradável de se olhar.

— Eu não estava...

A dama ergueu uma sobrancelha com um “*Por Deus, menina! Acha que nasci ontem?*” implícito em seu olhar.

Lucinda deixou escapar um sorriso e voltou a espiar nos binóculos. De fato, o marquês era muito, *muito* agradável de se olhar.

Não valia um xelim, era verdade. Apesar de ser rico e um cavalheiro, era um libertino que até então não demonstrara qualquer inclinação a se casar. Isso a deixava ainda mais tentada a olhar para ele.

Belo e misterioso. Na galeria oposta, bem diante delas.

Os cachos escuros estavam bem penteados, mas uma mecha lhe caía sobre o olho direito propositalmente. Usava um casaco escuro bem ajustado sobre a camisa branca e também não estava focado na apresentação.

Do lado direito dele estava sua mãe, Lady Berthany, com a pose pétrea que deixaria tanto os Montéquios quando os Capuletos com inveja. Do esquerdo estava sua irmã Charlotte, seguida pelo marido que jurava

desprezar, mas com o qual já havia tido duas filhas. A irmã de Berthany era uma figura curiosa — dizendo de forma gentil — e tinha sempre a expressão de quem era dona de um pequeno país na Europa.

Tentou desviar a atenção dos Berthanys para o restante do *Covent Garden*. O teatro era guarnecido de cores entre o dourado e o vermelho e estava ricamente iluminado por tantas velas que a apresentação do palco poderia ser vista mesmo por quem ocupava os piores lugares, ainda que não nitidamente.

O camarote real estava vazio naquela noite. A realeza deveria chegar a Londres mais para o fim do mês, mas isso não impediria a sociedade de se divertir sem eles.

Prova disso era que as galerias estavam cheias de nobres à procura de alguma diversão para se entreter enquanto os deveres do parlamento os prendessem em Londres.

Decidiu dar uma última olhada em Berthany antes de voltar a se ater à peça que já assistira algumas vezes. Para a sua surpresa, ela não era a única a considerar que os binóculos tinham funções mais atrativas que somente assistir peças de teatro.

O lorde em questão deu seu típico sorriso torto e inclinou a cabeça para cumprimentá-la à distância.

Lucinda — pega em sua indiscrição — sentiu o rosto corar.

— Vamos arrumar um marido para você, Luiza. — A voz firme de Lady Limett chegou até seus ouvidos a fazendo gelar. — Ou Deus sabe que você vai se meter em confusão antes que a temporada termine.

Lorde Berthany tinha acabado de consultar o relógio de bolso que herdara de seu pai. Ele preferia mil vezes lidar com os homens no parlamento do que com eventos sociais.

Achou realmente que estando Charlotte casada teria um pouco mais de paz, já que sua obrigação como tutor estava concluída. Os bailes de debute, apresentações à rainha, escolhas de pretendentes... tudo havia acabado.

No entanto, sua mãe e irmã insistiam em lembrá-lo de como fizera mal sua função de tutor. Charlotte poderia ter se casado com um Duque se quisesse, mas acabou — por seu próprio mérito — desposando um criado que havia ascendido socialmente por meio de jogos de azar. De onde vinha

o dinheiro que o homem apostava quando solteiro, não tinha a menor ideia, mas não fazia questão de descobrir. Estava claro que Robert daria a vida para esconder tal fonte de renda.

A questão era que não poderiam culpá-lo pelo casamento de baixo nível da irmã. O fato era que Charlotte havia colocado uma corda em seu pescoço e tudo que ele fez foi permitir que se enforcasse com ela.

Fora ambiciosa em demasia em escolher Graivil como marido. Não pelo título. Ela era irmã de um Marquês, pelo amor de Deus! Poderia ter mais que um conde. A questão era que Graivil era um homem apaixonado.

Primeiro Lotte quis conhecê-lo, pois ouvira dizer que era jovem bonito e tinha um título dado pela coroa. Um herói de guerra reconhecido pelo próprio rei. Impossível resistir.

Foi, no entanto, o fato que Graivil estava apaixonado pela prima — Diana Horiden, — que a deixou obcecada. Um homem que não a queria e preferia uma mulher inferior? Era muito para tolerar.

Charlotte armara uma armadilha para Graivil e foi vítima da própria sendo pega em uma situação comprometedor com o atual marido, o Sr. Frub. Não houve muita saída. Aliás não havia nenhuma saída a não ser casá-la com o homem às pressas e agora lá estavam eles. Juntos, como uma família feliz assistindo Romeu e Julieta no *Covent Garden*.

Robert beijava o chão que Charlotte pisava e ela fingia não gostar disso. A verdade é que Berthany estava grato pelo homem existir. Ele lhe conferia um pouco de paz. Finalmente a irmã tinha alguém para atazanar no lugar dele.

Toda situação, no entanto, tinha seus ônus e bônus e com a filha casada sua mãe acabou por voltar as atenções para ele e decidiu que deveria se casar o quanto antes para o bem do marquesado. Marquesado este, na verdade que estava muito bem e não tinha qualquer necessidade de uma marquesa.

Filhos podiam esperar e se ele não os tivesse, bom... Que Leonard parasse de viajar pelo mundo como um cigano e assumisse seu lugar na Inglaterra! Ele não era o único Vann do sexo masculino, embora às vezes a mãe parecesse esquecer isso. *De propósito!*

Berthany tinha amantes, tinha dinheiro, seria viril por anos a fio ainda, o que mais um homem poderia querer?

Era o que se perguntava já há algum tempo.

A verdade era que estava inquieto. Algo nos últimos três anos mudara dentro dele. Estava desejoso por algo, ansiando por mais, vazio. Não sabia o que estava buscando, mas certamente não encontraria em noites como aquela. Vendo o drama de Shakespeare em sua galeria pessoal e se perguntando por que — *Em nome de Deus!* — Romeu não conferiu se Julieta estava mesmo morta?

— Precisa se casar nessa temporada — a mãe o lembrou sem tirar sua atenção do palco. — Se não escolher uma dama, então escolherei por você.

— Muita generosidade sua. — O tom era ácido e levemente entediado.

— Tenho candidatas, se precisar de ajuda...

— Acho que posso encontrar minha própria esposa.

Encontrar mulheres nunca foi difícil para ele.

— Fantástico! — respondeu, mas não demonstrava animação, somente um ar de superioridade estudado.

Bom Deus! A verdade é que não tinha vontade alguma de encontrar uma esposa. Se ia dividir a vida — e vez ou outra a cama — com uma mulher, então pelo menos gostaria que ela brincasse um pouco com seu juízo.

A última mulher que conseguira isso vestindo mais que roupas de baixo havia sido... — Deixou escapar um sorriso tolo de lembrar. Lucinda Dabley, a pequena loira abusada que ousara desafiá-lo mais de uma vez e para piorar lhe dera um tapa no rosto e um beijo de tirar o fôlego.

Mulheres inocentes davam muito trabalho, mas Lucinda não era inocente demais, havia algo nela que o tentava, que mexia com ele. No entanto, sua mãe a desaprovava.

As poucas vezes que o nome da jovem apareceu ela disse que nunca ouviu falar dos Dableys e que se tal família existia era insignificante demais para ser mencionada na honrada casa dos Berthanys. Além disso, sua irmã o atormentaria até o fim de seus dias se por acaso considerasse uma união com qualquer mulher associada a Diana Horiden.

Não que ele se importasse, mas se pudesse evitar dores de cabeça assim o faria.

Deixou seu olhar passear pelas galerias com os binóculos. A perspectiva não era boa. Metade das damas era jovem demais para o gosto dele e as viúvas geralmente tinham outros interesses em sua pessoa. Foi quando as viu. As Horidens na galeria à frente da dele. Com seus cabelos e olhos castanhos e rosto em formato oval.

Só havia duas presentes naquela noite. Dione, a debutante da temporada e Dafne que suspirava olhando para o palco. Diana ainda deveria estar retornando de Greit e a pequena Daisy — que poderia subjugar um exército se assim o decidisse — e Dayenne, a caçula, provavelmente foram consideradas jovens demais para um drama shakespeariano. *Meninas de sorte!*

Na ponta da galeria estava Lady Limett. A velha águia de inteligência notável. O corpo magro, os cabelos brancos com apenas alguns fios em ruivo e um olhar que faria o mais cruel dos assassinos implorar por perdão. Gostava dela. Ao contrário da sociedade hipócrita dizia o que pensava sem minúcias e era dolorosamente honesta.

Entre as doces Horidens e a amarga, mas adorável, Lady Limett estava Lucinda. Também com os binóculos, olhando na direção dele. Ela estava linda naquela noite. Os cabelos loiros moldados deixando o colo a mostra pelo vestido de decote mais baixo em tom de verde folha, mas ainda decoroso.

Abaixou os binóculos para que ela pudesse ver seu rosto e acenou cordialmente.

Até algo fazer com que perdesse totalmente a postura.

— Ah! — exclamou olhando para o lado. — O que é isso, Lotte?

Era impressão ou sua irmã beliscara sua perna como se fosse um menino levado dormindo na igreja?

— Pare de socializar com o inimigo — disse, o queixo empinado, a postura perfeita.

— Inimigo? — Ergueu uma sobrancelha, um sorriso de sarcasmo brotando de seus lábios.

— Os Vann não socializam com as Horidens — afirmou decidida.

Berthany quis rir da ironia da situação e do comentário enquanto a cortina do espetáculo se fechava com aplausos.

— Cá estamos assistindo a confusão dos Montéquios e Capuletos pela milésima vez — olhou para a irmã, atenta a ele — e não aprendemos absolutamente nada

Capítulo 2



Quando a carruagem virou na Park Lane e estacionou em frente à Soldier's House, Lucinda conseguiu respirar novamente.

Era certo que a peça fora agradável e ela estava feliz por voltar a vida agitada de Londres, mas casamento?

As primas tagarelavam sozinhas na carruagem, pois seus pensamentos estavam presos à conversa com Lady Limett. A Duquesa queria casá-la para que não criasse problemas para suas primas e o pior era que quando olhava para Berthany tal possibilidade não lhe parecia tão remota.

Bom Deus, ela era uma mocinha inocente da última vez que um homem a perturbara tanto.

Quase três anos? Ela já deveria ter superado. Acontece que o canalha não ajudava em nada e ainda tinha acenado para ela, bem ali, na galeria dos Vann. Família, que preferia vê-la morta, mas o marquês não parecia se importar.

Ah! Lucy tinha absoluta certeza de que ele tinha interesse nela. Estava escrito e registrado no olhar dele que caso cedesse ele a levaria para cama em um estalar de dedos, mas isso não poderia acontecer. Havia fortes motivos ocultos além do decoro que a impediam de se derreter nos braços do marquês. Ele era uma figura pública demais.

— Então? Como foi? — Daisy levantou do sofá da sala principal assim que colocaram os pés nela. Visivelmente curiosa e animada.

Ao lado dela, uma versão muito sonolenta de Dayenne despertara de seu cochilo

Dafne se sentou com semblante distraído como se seus pensamentos vagueassem sem controle. Já a expressão de Dione ao ocupar o lugar ao lado da irmã era de dor, retirando os sapatos que a estavam matando de desconforto.

— Você odiaria — contou Dione bufando.

A verdade é que o interesse da prima pela encenação havia diminuído depois que os sapatos dela criaram bolhas nos pés. Ela os retirou por dois minutos no teatro, mas Lucy a cutucou para que os colocasse de volta, pois tinha a sensação que a Duquesa poderia enxergar além de suas saias e anáguas e a bronquearia na primeira oportunidade.

Tal mulher parecia ter habilidades sobre-humanas.

— Acharia Julieta desprovida de intelecto e Romeu insosso. — Dione esticou o corpo contra o encosto e soltou um gemido de prazer movendo seus pés descalços em busca de alívio.

Daisy bufou, inconformada com a notícia.

— Já li o livro, mas tinha a esperança que o teatro trouxesse uma versão diferente da história. Quer dizer... não acha um tanto inverossímil que um casal resolva se matar assim sem mais nem menos?

— Algumas pessoas fazem loucuras por amor — Dafne lembrou bem.

— Por isso que eu digo que sou muito inteligente para me apaixonar — retrucou Daisy revirando os olhos. — Quando me casar será bem fácil.

— E para que se casar se não há amor?

Lucy sorriu diante da pergunta de Dafne, sua prima mais romântica e resolveu que não faria mal partilhar de alguns minutos com elas antes de se recolher, então ocupou a poltrona confortável de Lorde Graivil, já que o mesmo estava ausente.

— Quer dizer por qual outro motivo você se casaria? — Daff continuou seu raciocínio.

— Para perturbar alguém. — Day esfregava o olho, sonolenta quando balbuciou. — Daisy fica entediada quando não tem ninguém para atormentar.

Era chocante que com doze anos a pequena Day já tivesse percebido isso. As irmãs e prima mal contiveram o riso ao ver a ofendida em questão franzir o cenho para a caçula que somente piscou os olhos em confusão. A pobre menina estava sendo punida por dizer a verdade.

— Eu vou me casar — enfatizou bem cada palavra para que os risos cessassem — porque não quero viver para sempre na casa de Diana, mas

para isso terei que encontrar um homem que seja inteligente e que aceite o fato de que serei mais inteligente do que ele e claro...

A voz da prima enumerando as qualidades de seu futuro pretendente ficou nebulosa na cabeça de Lucy. Depois do "Não quero viver para sempre na casa de Diana" não conseguiu ouvir mais nada que fosse coerente.

O que ela estava fazendo? Sendo um fardo para a prima enquanto ela tinha mais quatro irmãs para cuidar e uma filha?

Olhou ao redor para a sala decorada em tons de verde esmeralda com toques de dourado. A casa de solteiro do Conde não era grande o bastante para toda a família, então aquela era a casa que Benedict Horiden herdara dos pais e tomara como adequada para ser o lar deles em Londres.

O endereço, em Mayfair, embora ambicioso para um senhor distinto como o falecido Sr. Horiden era mais que adequado para um Conde. Até mesmo Lady Limett aprovava a recém batizada Soldier's House, mas insistiu que deveriam redecorá-la para a temporada de Dione que estava por vir.

Apesar da desaprovação da Duquesa, Diana delegou aquela tarefa a Lucy. A Condessa gastara toda sua paciência decorando a propriedade do condado e não suportaria outra experiência como aquela.

A verdade era que sua prima havia dado à luz recentemente e preferia passar seus dias no campo. Fosse no condado de Graivil, ou mesmo na antiga propriedade em Greit onde geria sua organização que acolhia mães solteiras e filhos bastardos.

Diana não era muito da cidade grande e com certeza não se importava com a decoração da casa que moraria. Só queria que as irmãs casassem bem e ficassem felizes e a pessoa mais habilidosa para deixar a Soldier's House apresentável — segundo ela — era Lucy.

Ficou feliz em ser útil. Foi uma boa experiência se ocupar com tarefas ensinadas desde o berço. Ela fora — obviamente — educada para ser uma boa anfitriã e saber exatamente como criar um ambiente intimista, sóbrio ou moderno.

Gostou de ter a oportunidade de colocar seu talento à prova ali e pelo olhar de Lady Limett quando vinha lhes visitar ele não era pouco.

Acontece que com a fala de Daisy seu estômago revirou diante de tudo aquilo. Quem ela era afinal? Uma jovem que brincava de casinha com uma propriedade que não era dela? Que era sustentada pela caridade de um homem que não tinha nenhum grau de parentesco com ela?

Uma dama sem sobrenome, título ou perspectivas, vivendo uma vida que não era dela.

— Lucy? — Dione a olhava com o mesmo espanto das outras meninas.
— O que você tem?

— Nada — negou rapidamente sacudindo a cabeça e sorrindo. — Vocês estavam dizendo...

— Estávamos perguntando se você conhece algum solteiro que seja bom para Dione — respondeu Dafne. — Eu sugeriria o Marquês de Berthany, mas ela já disse que...

— Prefiro morrer engasgada com uma azeitona a ser cunhada de Charlotte — repetiu Dione ainda com o olhar preocupado na prima.

Aquilo era um alívio. Por alguma razão a possibilidade de ter Sebastian Vann casado com qualquer uma de suas primas era mais do que Lucy conseguiria suportar. No entanto, logo ele se casaria com alguém e, se a Duquesa seguisse com seu plano absurdo, Lucy também.

Será que suportar um homem que não era seu parceiro dos sonhos não era um preço pequeno a se pagar para ter uma vida só dela? Talvez um senhor de terras a aceitaria, ou um burguês bem estabelecido, ou até mesmo um nobre idoso que precisasse de um herdeiro. Desde que o homem fosse bondoso ela o consideraria.

Abriria mão de beleza, título e riqueza, mas bondade era um critério básico. Se pelo menos um homem que tivesse todos os atributos não estivesse frequentemente em seus pensamentos tudo seria mais fácil.

— Tem certeza de que está bem? — Dafne parecia intrigada. O que revelou que provavelmente ficara em silêncio por tempo demais novamente.

— Perdoem-me.

Olhou para as primas na dúvida se deveria compartilhar suas aflições, mas elas eram tão jovens. Tão inocentes. Talvez Dione a entendesse, mas no momento a pobre criança tinha suas próprias aflições com a pressão da primeira temporada.

Ainda se lembrava de seu *debut*. Todos os olhos estavam nela e as expectativas eram demais para ombros tão frágeis. Ela queria pegar uma por uma das primas e abraçá-las até que tal loucura passasse.

— Eu estou há algum tempo fora de Londres, não lembro de todos os solteiros disponíveis...

— Não precisa lembrar — garantiu Daisy e então chamou o mordomo aos berros.

— Com quem ela aprendeu a se comportar assim? — Dione questionou para a Dafne que parecia tão chocada quanto.

— Presumo que ela esteja convivendo demais com Lady Limett — arriscou dando de ombros.

Era um bom palpite. Daisy não considerava o fato de que não era Duquesa motivo suficiente para que não se comportasse como uma. E não, ela não fazia questão de copiar a parte cheia de regras sociais. Conviver com Lady Limett só fez com que Daisy acentuasse sua mania de dizer o que pensava da maneira que achasse mais conveniente.

A verdade era que se a sociedade aceitava que uma duquesa idosa dissesse o que lhe aprouvesse não poderia dizer o mesmo de uma futura debutante. Era triste, mas Lucy presumia que se a menina não aprendesse a moderar sua língua, então teriam sérios problemas.

Considerava que se um homem não aguentava ouvir a opinião de uma mulher deveria morrer solteiro, mas ela não era exatamente um exemplo a ser seguido. *Uma solteirona que vivia sob o teto da prima. Que situação lamentável!*

— Vejamos. — Lucinda voltou a atenção para a lista que o mordomo lhe trouxe.

Focou sua atenção onde deveria novamente, na Horiden que estava prestes a casar. Dione se aprumou no sofá para prestar atenção na avaliação da prima.

Percebeu que Lady Limett já havia riscado alguns nomes e mesmo estando distante de Londres tinha uma boa ideia do motivo de cada exclusão. Ela lia os jornais de fofocas e era atenta às reclamações da velha dama.

Além disso, a criada que ficara responsável por sua *toalete*, Giuliana, parecia ter a habilidade de colecionar informações de escândalos. Não cairia um alfinete nas ruas de Londres que ela não tivesse conhecimento. Quando viera para decorar a casa foi atualizada sobre cada acontecimento relevante e embora a jovem falasse em demasia, gostava dela.

Dentre os excluídos estavam: Lorde Devon — tinha dívidas de jogo, Sr. Simms — problemas com bebidas e Sir Gordon — provavelmente por ter um intelecto limitado. Lembrava de ver a Duquesa contar que o pobre

homem disse que os cavalos já nasciam com as ferraduras. Não poderia culpá-la por excluí-lo.

Para seu eterno desespero, o nome do marques de Berthany estava ali, grande e claro, sem nenhum risco por cima. Dione não o queria, tentava focar nisso. Então partiu para os próximos. A duquesa anotara alguns atributos dos potenciais cavalheiros, o que facilitaria seu trabalho.

— Lorde Quisley é bem educado, fala seis idiomas, ficou viúvo recentemente e sem filhos — contou para as jovens atentas. — Ele com certeza quer uma mulher fértil e bonita, seria um pretendente fácil de agradar.

— Bom Deus! — Dafne bufou. — Você tem o romantismo de um limão, Lucy.

— Os limões têm romantismo? — A pequena Dayenne acariciava George, o *Cavalier King Charles Spaniel* folgado que deitara em seu colo.

Seu nome completo era Rei George Sigfried Sigmund Jefrei Anthony Terceiro e ele de fato se comportava como se fosse o detentor da coroa britânica.

— Não, Day! — Daff olhou para a prima com semblante acusatório. — Nem um pouquinho mesmo.

— Posso continuar? — a loira perguntou para Dione que assentiu.

— Sim, ignorem-me. — Dafne franziu o cenho resmungando algo como "ninguém entende de romance nessa família"

— O que eu ia dizer antes de ser interrompida — sorriu de forma brincalhona para a prima que permanecia inconformada — era que apesar das qualidades de Lorde Quisley, ele é bem mais velho do que você Di — ponderou tentando estimar a idade do homem. — Deve estar perto dos cinquenta anos.

— Agarre-o, Dione! — Daisy disse animada. — Ele morrerá logo e te dará sossego!

— Daisy! — a irmã censurou com os olhos arregalados. — Que coisa horrível de se dizer!

Dafne voltou a resmungar algo sobre "falta de sensibilidade" e "provavelmente sou adotada".

— Que seja. — Daisy deu de ombros. — Lucy guarde Lorde Quisley para mim, se ainda estiver disponível quando eu debutar, fico com ele.

Lucinda disfarçou uma risadinha voltando à lista. Que Deus a ajudasse, provavelmente ela estava falando sério.

— Bem, em seguida temos o Sr. Khort. — Ela lembrava de Giuliana ter dito algo sobre ele ter se tornado um homem bonito. — É jovem, belo, mas não tem um título ou muito dinheiro. Não sei dizer sobre o intelecto dele, mas me lembro que estudou em Eton com meu irmão...

Lucinda se interrompeu e viu o choque no olhar das primas. Era plausível. Lucy nunca falava sobre a família. Para todos ela sequer tinha uma família para chamar de sua além das primas. As lembranças de sua casa, dos pais que a renegaram, dos irmãos, temeram acabar com sua firmeza. Foi uma surpresa conseguir ficar de pé.

— Eu vou... — engoliu em seco com a lista nas mãos — Vou estudar a lista com calma junto com Giuliana. Contarei a vocês tudo depois.

Viu Dione assentir com olhar melancólico.

Pena. Ela odiava o olhar de pena, mas quem poderia culpar a jovem? Ela não estava em seus melhores dias. Com um "boa noite" rápido e um beijo em Dayenne, Lucinda subiu as escadas e se trancou no quarto.

Ela lia um romance que nunca viveria, então dormiria para sonhar com um homem que nunca teria. Ao que parecia essa era a nova rotina de Lucinda.

— Não — disse curto e grosso em resposta a sugestão da irmã.

Não tinha a menor ideia de quem ela estava sugerindo para sua esposa daquela vez, mas se Lotte a achava adequada, então não serviria para ele. Era simples assim.

— Sebastian! — ela fez um biquinho magoadado.

Os cachos moldados no rosto redondo, o olhar pidonho... *Bom Deus!* Ao que parecia sua irmã não cresceria nunca e ele também, porque ficou tentado em jogar uma das cerejas de seu prato bem na cara dela, usando a colher como catapulta.

Sua mãe, certamente não ficaria feliz, afinal, crianças não comiam na mesa por um motivo e certamente não sentavam na cabeceira mesmo em uma refeição tardia como aquela. Ele era uma criança grande, mas tinha limites. Ou achava que sim.

— Você está negando minhas pretendentes sem sequer considerar! — reclamou.

Lady Berthany — a mãe de ambos — permanecia imperturbável mesmo diante daquele absurdo.

— São minhas pretendentes, Lotte, e não suas — completou o restante em resmungos — embora pareça o contrário.

— Querido, diga a ele! — disse a Sra. Frub para o marido.

— Deveria ouvir sua irmã, Berthany. — Como sempre lhe dava total razão. — Ela só quer o melhor para você.

— Bom Deus! — O marquês revirou os olhos tentando se lembrar qual entidade divina ofendera. — Que o Criador me livre de me tornar um marido subjugado como você, Frub.

— Sua irmã aprendeu a gostar de mim porque sou determinado.

— Ou porque não teve escolha.

O comentário da mãe dito em tom baixo quase o fez cuspir cada gota do chá que bebia. O casal em questão estava ocupado demais se observando para perceber o humor sutil da senhora que voltava a cortar seu cordeiro como se sequer tivesse aberto a boca.

— Que tal Dione Horiden? — questionou chamando a atenção da mesa.

Os céus eram testemunhas de que Berthany não tinha vocação alguma para tutor ainda mais depois de Charlotte, mas não conteve a provocação. A fez com semblante tão sério que a mãe balançou a cabeça considerando.

— Ela é jovem, bonita, de boa família — Lady Berthany enumerou —, tem um bom dote...

— Por mim o dote dela pode ser de centenas de milhares de libras. — A irmã ficou furiosa conforme o esperado. — Não pode estar falando sério!

Ao invés de encarar a irmã, o marquês observou o modo como seu talher absorvia as luzes das velas do salão de jantar dos Berthany. Tudo no cômodo estava polido e em perfeito estado. Talvez fosse de fato o momento de se casar, pois casas não se organizavam sozinhas e se sua mãe viesse a faltar sua irmã assumiria o posto e aí sim sua sanidade não sobreviveria.

— Eu sou uma mulher centrada, Sebastian. — A mentira do século. — Mas juro que enlouquecerei se cortejar uma das *Horidens*.

O lorde deixou um sorriso escapar de seus lábios. Fazer a irmã perder a pose era sempre uma alegria única e além disso, ela não havia dito nada sobre cortejar uma *Dabley*.

Capítulo 3



Havia varado a madrugada lendo. Faltava apenas dez páginas para o fim do romance de Genevive e Oliver quando cedeu ao sono. Deveria ser cerca de três da manhã quando adormeceu e isso explicava o mau humor infernal no qual se encontrava quando sua criada desprovida de delicadeza abriu as cortinas.

Os raios solares em sua face a fizeram gemer em total indignação e afundar o rosto no travesseiro. Por que tão cedo? Chegaram tarde do teatro e teriam um baile naquela noite. Ela bem podia dormir até mais tarde para suportar as festas até o final por Dione.

Ela ria, seria agradável e extremamente simpática, mas não ali quando tudo que queria era dormir e estava sendo arrancada de sua cama.

— Está um dia linda, Milady. — Giuliana parecia excessivamente animada naquela manhã.

— Diga-me que tem um bom motivo para me tirar da cama — resmungou abrindo somente um olho.

A criada de estatura média, um corpo voluptuoso e uma língua que mal cabia na boca sorria para ela. Os cabelos escuros presos em um coque simples embaixo da touca.

— Bom, o dia está lindo — a sobrancelha de Lucy deixava claro que não era motivo o suficiente — e eu soube de uma fofoca. — Ela se foi em direção do quarto de vestir cantarolando: — *Sobre o marquês de Berthany*.

Aquilo chamou a atenção de Lucinda. A ordinária sabia que todas as vezes que ela mencionava a família dos Vann ficava realmente curiosa. Não tinha ideia do que pensava sobre o motivo e também não se importava. Ela

mesma procurava não pensar sobre o motivo que a fazia se interessar tanto por Sebastian Vann. Salvo o fato dele ser bonito, inteligente e completamente sem vergonha.

Chutou os lençóis para baixo na cama e foi para o quarto de vestir onde Giuliana lhe separava um vestido diurno rosa pálido.

— O que há com o marquês? — questionou com os braços cruzados, o rosto fingia indiferença pura.

— Oh! — mostrou certa surpresa alisando a saia do vestido. — Achei que Milady não estava interessada.

— Ele é um bom partido para as meninas. — Ergueu a cabeça com arrogância. — É claro que a vida dele me interessa.

O sorrisinho da criada apoiando o vestido em uma cadeira para ajudá-la a retirar a camisola era de quem não acreditara na justificativa nem por um segundo.

— Soube de fonte segura que a marquesa está pressionando o filho a se casar. Parece que ele não passará dessa temporada.

Não passará dessa temporada. Como se o homem fosse morrer.

— A sociedade já está apostando quem será a felizarda que o desposará — contou sorrindo alegremente para ela pelo espelho.

— É mesmo? — questionou se mostrando indiferente. — Eu acho ótimo. Lorde Berthany é um libertino e libertinos solteiros são um perigo para as jovens debutantes. É melhor que se case e regenere seu caráter.

Giuliana continuou com o processo de vesti-la, observando suas feições nada amigáveis.

Sabia que ela estranhava seu humor. Normalmente Lucy era sorridente, mas estava estranha desde a noite anterior quando subiu para o quarto e a dispensou com o rosto de quem estava completamente exausta. Como se uma manada de elefantes a tivessem pisoteado.

— Milady parece tão séria. Deve acreditar muito na instituição do casamento — comentou enquanto a lady sentia os laços do espartilho se apertando.

— Acredito sim, Giuliana — respondeu com seriedade, o vestido descendo por seus braços erguidos.

— Que ótimo, Milady — deu um sorriso de lado —, porque a outra fofoca é sobre a senhorita.

— O quê? — virou para a criada antes mesmo de ela colocar um botãozinho sequer de seu vestido nas respectivas casas.

— Dizem que Lady Limett não tentará casar uma — indicou com os dedos — mas duas — e de novo — pupilas essa temporada.

— Ela não fez isso — passou a mão pelo rosto pensando se era tarde para voltar para cama e dormir até o final dos tempos.

— Ela fez, Milady. — Assentiu alegre.

Aquela garota tinha entendido a parte que ela não queria se casar? Que a mera ideia de casamento lhe dava arrepios por... bem, o passado completamente insano que escondia?

— E não sossegará até que arrume um marido — completou e voltou a fechar os botões em suas costas enquanto Lucy juntava suas mãos em uma prece.

— Deus misericordioso, me mande reforços! — clamou aos céus por proteção.

— Por Deus prima, que bicho lhe mordeu? — Ouviu uma voz conhecida na porta do cômodo.

— Diana! — correu para um abraço forte e carinhoso. — Mas que saudade, minha prima!

Lady Graivil ainda parecia a mesma de sempre. Os cabelos escuros presos de forma prática, os vestidos simples para uma Condessa, mas havia um brilho em seu olhar desde que tinha se tornado mãe e claro, o ar do campo e sol trouxera saúde à sua pele agora levemente dourada.

— Você andou se aventurando no sol sem um chapéu novamente, não? — a pergunta tinha uma censura brincalhona.

— Experimente correr atrás de uma garotinha de dois anos com um chapéu. — Soltou um riso curto. — O pobre acessório estará em sua nuca em um tempo ínfimo.

— Como ela está? — perguntou, carinhosa. — Estou com tanta saudade daquela diabinha.

— Chegou dormindo e Penélope a colocou na cama — contou. — Está cada dia mais esperta, acredite. — A condessa olhou para a criada atrás da prima e lhe deu um sorriso amigável. — Giuliana, por favor, não pare a toalete de Lucy por minha causa. Não quero atrapalhar.

— Não é incômodo algum, Vossa Graça. — Fez uma breve reverência.

— Bom Deus! — A Condessa soltou um riso nervoso. — Quase três anos e ainda não me acostumei com isso.

Lucy ocupou o lugar frente ao espelho para que Giuliana fizesse seu cabelo. A prima, por sua vez, ocupou uma cadeira ao seu lado. Vestia ainda

suas vestes de viagem, mas como eram muito próximas era compreensível que fosse vê-la antes de tudo.

Sempre foram próximas, mas depois que seus verdadeiros irmãos foram arrancados dela a conexão só aumentou e agora eram mais unidas que irmãs biológicas. O que tinha um lado ruim porque era praticamente impossível esconderem algo uma da outra.

— A casa está linda — elogiou a Condessa alisando as saias com as mãos. — Não sei como agradecê-la pela ajuda. Com Liliana e a Associação Héstia eu não tenho tido tempo para respirar.

— Sempre um prazer ajudá-la. — Foi honesta em dizer, ainda que a atividade tivesse trazido sentimentos conflitantes. — Eu simplesmente amo decorar.

— Você tem sido um anjo, minha prima. Sinto-me culpada por abusar de sua bondade — confessou buscando sua mão para um aperto carinhoso. — E de seu talento. — Olhou ao redor. — Se eu tivesse decorado essa casa deixaria tudo em preto e branco para não errar.

Lucinda riu e não imaginava estar disposta a uma risada espontânea tão cedo.

— Eu vi as meninas — contou com preocupação no olhar. — Elas parecem bem, estão mesmo bem? — soltou um suspiro frustrado. — Sinto-me jogando as pobrezinhas aos leões com essas temporadas sociais.

— Elas são irmãs de uma condessa — lembrou bem. — Não teriam como fugir de qualquer forma, mas não se preocupe. Elas estão se divertindo.

— Mesmo? — Mordeu os lábios incerta. — Eu odiaria cada segundo. Ia preferir ser atingida por um raio.

— Logo a Condessa de Graivil, odiando eventos sociais? Quem diria — provocou, mas a preocupação permanecia no rosto da prima, então decidiu dar mais detalhes. — Bom, Dione está querendo se aventurar, Dafne acha tudo romântico e está contando os dias para que seja a vez dela, Daisy quer casar com um homem à beira da morte ou um que não se importa com seu jeito meigo de ser — Diana mal conteve o riso — e Dayenne está se divertindo em meio aos vestidos novos de Dione e claro, com George quando ele está aqui.

— Como assim, quando ele está aqui? — questionou com a sobrancelha erguida.

— Às vezes Lady Limett rapta o pobre cão por algumas horas por que se afeiçoou a ele. Principalmente depois que Livia se casou. — Negou com mão na testa ouvido um resmungo baixo de Giuliana por ter se mexido. — Alguém tem de avisar que o cãozinho não é dela.

— Dayenne está chateada com isso?

A condessa sabia que a caçula era louca por George e enfrentaria uma duquesa se assim fosse necessário para garantir a felicidade da irmã.

— Ah não! — Olhou para o espelho com moldura prateada bem polida. — A pequena acha apropriada que Vossa Majestade, o Rei George, ande na companhia de uma duquesa.

Diana jogou a cabeça para trás e riu. Algo raro anos atrás quando as coisas estavam apertadas financeiramente e elas racionavam para não passar fome. Agora, no entanto, em uma situação confortável, Diana era uma esposa e mãe feliz, sendo cada vez mais frequente vê-la rindo.

— Parece tão feliz e radiante, minha prima — Lucy elogiou com carinho. — O ar do campo lhe fez bem.

— Se por ar do campo você quer dizer um novo bebê, então sim — riu colocando a mão no ventre com carinho.

— Você está... — Lucy entreabriu os lábios com uma alegria plena vendo a prima assentir.

— Liliana ganhará um irmão muito em breve, mas não quero que a Duquesa saiba disso ainda. Ela me persuadiria a não participar da temporada social e eu quero apoiar minhas irmãs. Além disso, a lady ficaria furiosa já que eu insisti que aguardassem meu retorno para que Dione fizesse sua estreia.

— É claro, fingirei que não me disse nada — jurou e pediu a Deus que Giuliana tivesse o mesmo cuidado.

A conversa se estendeu falando sobre os pretendentes de Dione, até que a Condessa tocou no temível assunto. Seu suposto casamento. Pelo rumo da conversa, ela deveria presumir que as coisas já caminhavam para um terreno duvidoso. Não deveria ter se surpreendido.

— De onde saiu a ideia de Lady Limett de casá-la? — Foi a pergunta em questão, mas havia algo a resolver antes de respondê-la.

— Giuliana, está ótimo. — Deu leves batidinhas em suas mechas loira lindamente modeladas. — Pode ir descansar agora — dispensou.

A criada saiu após uma medida, mas parecia desapontada.

— Acho que ela não queria sair. — Diana olhou para a porta fechada.

— Giuliana é uma boa menina, mas é movida a fofocas. Ela garante que nossos segredos são diferentes e ela os protegeria, mas ainda não tenho certeza. Saber de sua gravidez já me deixa um tanto apreensiva. — Virou-se para a prima.

— Nossos criados são leais. Creio que está exagerando prima.

Provavelmente. Os acontecimentos de seu passado a deixavam paranoica. Era como se o mundo todo vivesse para vê-la deslizar mais uma vez ou a alguém que ela amava.

— Talvez eu esteja — cedeu. — Ela me conta fofocas quentinhas todo o santo dia e isso é bastante instrutivo, mas... Ah! Falando assim parece tão hipócrita da minha parte.

— Eu entendo. — Deu tapinhas em sua mão garantindo sua compreensão. — Agora não ouse me enrolar e conte sobre o seu casamento. Por que essa ideia surgiu? Quer dizer, você pode ter mudado de ideia quanto o matrimônio, mas eu duvido.

— Não mudei. Não tenho intenção nenhuma de me casar — garantiu completamente e decidiu ser direta. — A questão é que duquesa acha que estou interessada por Lorde Berthany.

— E está?

— Não! — Sua voz tremeu e aumentou um pouco. — Ela acha isso porque eu fiquei o olhando para ele ontem no teatro.

— Huuum — provocou tentando manter a compostura. — Sua danadinha.

Lucy espremeu os olhos encarando a prima. Os lábios de Diana tremiam tentando conter o que parecia outra risada espontânea. Ela não aguentou por muito tempo.

— Pare! — Deu um tapa em sua coxa com rapidez. — Pare de rir. A peça estava entediante — justificou e viu Di assentir tentando voltar a seriedade. *Por Deus!* O assunto era sério, de fato. — A duquesa acha que se eu não me comprometer vou acabar me envolvendo com ele de forma — gesticulou sentindo as bochechas corarem — promíscua.

— Bom, ele não é o mais correto dos homens — ponderou Diana. Como esposa de seu melhor amigo ela sabia muito bem do que falava.

— De fato não — mas para seu desespero só conversar sobre ele já deixava seu coração disparado, de modo que foi até a janela do quarto tentando buscar por ar puro.

Era possível ver a movimentação da Park Lane por ali. Carruagens iam e vinham e ela imaginou se Berthany estava em alguma delas indo para alguma reunião do parlamento. Pelo amor dos céus! Ela não conseguia achá-lo menos atraente mesmo o imaginando com aquelas perucas ridículas.

— Mas duvido que considere olhares inocentes um convite. Ele não iria tão longe.

A voz de Diana atravessou seus pensamentos e a fez lembrar de um fato do qual a prima ainda não estava ciente.

— Ele perguntou se eu estava interessada em ser amante dele.

Que se danasse! Logo ela descobriria mesmo.

— O quê?! — Diana que antes avaliava um livro de Lucinda arregalou os olhos em espanto.

— Foi quase três anos atrás quando invadi a casa dele — justificou.

Quando se invadia a casa de um homem com a fama do marquês era um pouco ingênuo imaginar que ele não tentaria algo do tipo.

— Bom Deus! — A condessa levou a mão ao rosto, completamente chocada. — Benedict vai querer matá-lo.

— Não conte a ele — adiantou-se. A atenção agora focada completamente na prima.

Sabia que Lorde Graivil era um bom homem, mas sabia que pelo bem da família ele era capaz de estapear outro bom homem. Mesmo que ela tivesse várias ressalvas quanto a isso, ele a considerava da família e responsabilidade dele. Ela poderia, é claro, lhe explicar toda a história, mas daria uma dor de cabeça, além de ser um vexame desnecessário.

— Claro que não, mas se ele sequer desconfiar que o marquês lhe fez uma proposta dessas...

— Sei que o Conde é bastante protetor, mas não sou protegida dele — achou por bem enfatizar. — *Não sou protegida de ninguém.*

— Lucy... — o tom de pena da prima a fez desviar o olhar. Era demais para seu orgulho.

— Além disso, eu perdi qualquer moral quanto a isso quando o beijei dias depois — soltou completamente de propósito.

— Você fez o quê?!

Conforme calculado e desejado, a pena fora substituída pelo choque.

— No dia do escândalo de Charlotte. — O ar deixou seus pulmões de forma assustadoramente ruidosa. Estava pedindo por socorro. — Ah Di! Foi

só um enorme erro. — Gemeu em frustração. Queria poder dizer que o beijo não significou nada. — Era um ano difícil. Foi só porque que estávamos cansados e confusos.

— Bom, por isso é pelo fato de que ele é muito bonito.

Percebeu que não poderia negar diante do adendo da condessa. O que dizia muita coisa porque queria poder desesperadamente refutar tal afirmação.

— Tem isso também.

— E tem um belo traseiro. — Inclinou a cabeça para o lado ponderando.

— Diana! — Foi sua vez de ficar chocada com o comentário espontâneo. — Você é casada! — enfatizou.

— Mas não estou morta. — O sorrisinho de Lady Graivil era sacana o bastante para ter de ser emoldurado. — No entanto, a grande pergunta é, você gosta dele?

Essa era a grande pergunta. A grande e também a temida pergunta da qual ela fugia mais precisamente todo santo dia desde que havia colocado os olhos naquele cabelo escuro cacheado.

— Faria diferença se eu gostasse? — Era o que costumava a perguntar a si mesma. — Meu passado é um mistério na melhor das hipóteses, Di. Não sou adequada para um marquês.

— Mas presumo que não queira se casar com outro homem.

Decididamente a prima era sua alma gêmea fraterna, pois dificilmente precisava de muitas explicações para que entendesse o que se passava em sua cabeça.

— Presumi corretamente.

Diana se aproximou com um sorriso encorajador e pegou em suas mãos com carinho genuíno de irmã.

— Então eu lhe digo o que deve fazer. — Olhou no fundo de seus olhos determinada. — Vai mostrar nesse e nos outros bailes que consegue dividir o mesmo espaço e conversar com Berthany civilizadamente sem perder a compostura — parecia bem fácil quando ela dizia — e certamente a Duquesa verá que não há lógica em seu medo.

Lucy assentiu completamente determinada.

— Eu consigo fazer isso.

Capítulo 4



— Eu não consigo fazer isso — gemeu olhando para o lorde impecável do outro lado do salão conversando com Lorde Graivil.

Maldição! Por que eles tinham que ser tão amigos? Por que ele tinha que ser tão bonito? Ela alegraria uma enxaqueca.

Seria completamente impossível olhar para Sebastian e não deixar claro que fantasiava com ele em sua vida e — *Que Deus a perdoasse!* — também em sua cama. E Lady Limett perceberia porque a velha loba parecia perceber absolutamente tudo que acontecia ao seu redor.

Virou-se para sair, mas Diana a segurou e a girou — como se fosse uma boneca de pano — para o salão de baile novamente. Quem precisava de inimigas quando se tinha primas?

— Ele vem aí, sorria, mas não muito — avisou, também com um sorriso perfeitamente agradável nos lábios.

Como se ela não tivesse percebido. Como se fosse possível ignorar a dupla que Benedict e Sebastian formavam. Dois homens lindos. O da prima, alto e loiro de olhos verdes, e o dela — *Não, Não e não! Ele não era dela! Tinha que se lembrar disso! Por que era tão difícil de entender?* — com seus olhos escuros, os cachos negros e aquele sorriso. Aquele maldito sorriso que parecia dizer “Venha para a mais completa perdição, eu serei o seu guia.”

— Lady Graivil, magnífica como sempre. — Curvou-se sobre a mão da condessa.

— Lorde Berthany. — Diana fez um meneio em cortesia. — Se lembra da minha prima, Lady Dabley?

Certo, ela não precisava fazer aquilo. Não tinha a menor necessidade de chamar atenção para ela ou apresentá-los já que se conheciam. Ela lidaria com sua prima depois.

— Como poderia esquecer? — Sua expressão sacana quando beijou o nó de seus dedos não lhe passou despercebida. — Lady Dabley.

— Milorde.

Tentou ignorar as diversas sensações que a presença dele causava em seu corpo. Realmente tentou.

— Que tal a próxima dança? — sugeriu, os olhos fixos nos dela.

— E-eu não acho uma boa ideia, meu...

— Ela adoraria — Diana garantiu interrompendo seu discurso gaguejante que inventaria alguma desculpa como dores nos pés.

Definitivamente ela e Diana precisavam conversar. A prima — pronta para chocar os presentes dançando com o próprio marido — lhe deu um olhar de incentivo. “Faça o que combinamos!” parecia dizer. Só que o plano era conviver com Lorde Berthany fingindo indiferença e estava fracassando!

— Milorde não deveria dançar comigo —, mas estava dançando divinamente.

— E qual seria o motivo, milady? — instigou claramente intrigado.

A mão dele em suas costas fez uma leve pressão para que se aproximasse mais. Um centímetro apenas, mas pareceu o suficiente para aumentar a tensão entre seus corpos.

— O senhor sabe muito bem. — Franziu o cenho.

Ele não estava ajudando em nada e tinha certeza que sabia a que se referia. Eles haviam se beijado e Lucy não era mulher para o matrimônio e pela honra de suas primas, também não era mulher para se amasiar, logo não havia qualquer fundamento em continuarem tendo qualquer tipo de contato. Seria como colocar fogo perto da palha em breve um incêndio aconteceria.

Pessoas se machucavam em incêndios. Ela não queria que ninguém morresse queimado por sua culpa.

— Quem saiba queira me refrescar a memória.

Era pior do que imaginava ele se lembrava perfeitamente e *fingia* que não era o caso completamente de propósito.

— Não, obrigada. — Soou dura. — Tento não pensar naquele incidente.

— Incidente? — Seus lábios revelaram dentes brancos e alinhados. — É assim que vamos chamar?

— Sim, Milorde. — Semicerrou os olhos — *Incidente*.

— Se está tentando não pensar naquele incidente — inclinou um pouco para frente, não o suficiente para gerar um escândalo, mas o bastante para suas pernas bambearem — quer dizer que *está* pensando naquele *incidente*, correto?

— Pare de fazer isso — advertiu, os olhos arregalados. — O senhor está à procura de uma esposa. Em breve será um homem casado.

Estava tentando deixar a ideia clara para ele ou para ela?

— Estaria disposto as loucuras mais absurdas para evitar tal destino.

Seu tom havia mudado. O libertino parecia ter se refugiado em algum lugar dentro dele e agora, com aquela frase ele parecia honesto, sério. Sem máscaras alguma, somente a verdade nua e crua. Ela gostava daquele Sebastian e talvez o considerava mais atraente e perigoso do que a persona que exibia para a sociedade.

— Eu também — confessou. A mesma franqueza amarga que ele, talvez com um toque de melancolia.

— E eu que achava que era uma das jovens mais afoitas para se casar.

E lá estava o libertino outra vez.

— Milorde tem senso de humor. — Não era exatamente um elogio. — Sórdido, mas ainda assim bastante presente.

O marquês sabia que estava odiando aquela ideia de casamento tanto quanto ele. Por um momento desviou o olhar e pensou se aquele era o único propósito para o qual servia: casamento. O que a deixava sem propósito, já que não tinha esperança alguma de se casar.

— Milady está linda. — A voz grave soou chamando sua atenção novamente.

A luz das velas do salão parecia esvanecer conforme rodopiavam. Todo o ambiente suntuoso, os outros dançarinos, tudo parecia ficar embaçado diante dos olhos dele. Ela precisava definitivamente parar de ler romances, pois estava transformando o olhar de um homem em poesia.

— O senhor não deve me elogiar.

Ele sorriu como se a ignorasse.

— E não deve sorrir assim também.

— Quero desesperadamente beijá-la.

Correção, estava *deliberadamente* a ignorando.

— E *com certeza* não deveria me dizer isso — sussurrou olhando ao redor para se certificar de que ninguém havia ouvido.

— Mesmo se for verdade?

Bom Deus!

— *Principalmente* se for verdade — enfatizou.

Não lembrava da última vez que uma valsa a deixara com calor e ofegante. Devia ser a idade, obviamente.

— Por quê? — A provocação clara em seus olhos. — Quer me beijar também?

Desesperadamente, mas preferia morrer a admitir.

Ainda se lembrava da textura, do sabor, da habilidade de seus lábios nos dela e o beijo de Sebastian era viciante. Ela queria mais, queria mais beijos, mais toques, mais... tudo.

— Pare de fazer isso. — Era para sair como uma ordem e não como uma súplica, mas estava desesperada.

— Isso o quê? — *Oh! Pobre homem desentendido!*

— Pare de me olhar assim. — Saiu com um pouco mais de dignidade daquela vez. Estava orgulhosa.

— Assim como? — Seu sorriso ficou ainda mais sacana se é que era possível.

— Como se eu significasse algo para você.

Tanto esforço para manter a postura e a dignidade para se entregar tanto assim no final da conversa! Parabéns Lucy! Muito bem mesmo!

— E quem disse que não significa?

O marquês se curvou profundamente ao término da valsa, os olhos ainda nela e então se dispersou pelo salão. Como se não tivesse lhe feito uma pergunta que abalou seu mundo.

Não era possível que aquele beijo tivesse sido mais que algo carnal para ele, era?

— Trinta minutos de baile e já quero me esconder. — Dionne olhava para todos os lados buscando uma rota de fuga.

— Está soando dramática como Daisy. — Lucy achou por bem aliviar o clima, ainda que ela mesma não se importaria em fugir.

— Isso é porque ela ainda não a apresentou a nenhum pretendente. — A jovem justificou. — O último com que tive que dançar tinha cheiro de peixe e não era de um jeito bom.

O rosto de Lucinda se franziu em ojeriza.

— O lado bom é que a duquesa deixou claro que Lorde Wembley não é um pretendente, só dançamos porque é influente e não ficaria bem para mim recusá-lo. — Nunca vira a prima falar tanto. Devia estar uma pilha de nervos a pobrezinha. — Espero que tenha mais sorte que eu, porque até agora...

— Luiza! — a duquesa chamou, logo atrás dela. — Tenho um homem para você.

Que os céus tivessem piedade, porque provavelmente ela o tinha mesmo não parecia ser uma boa opção. Com vinte e cinco anos o que esperava?

— Lorde Belish — e olhou na direção da mesa de bebidas.

Lucy seguiu o olhar dela e seus lábios repuxaram em um sorriso irônico.

O homem era velho e quando ela dizia velho não era mais velho que ela, era velho como as pirâmides do Egito Antigo. Ou talvez as múmias que se encontravam dentro dela.

— Ele quer um herdeiro, por isso precisa de uma moça jovem como você.

O lorde pegou o copo de bebida com as mãos trêmulas.

— Tenho certeza de que é um cavalheiro adorável, mas duvido muito que ele consiga fazer um herdeiro em mim.

A duquesa arregalou os olhos diante de seus termos claros e franziu o cenho, irritada.

— Sua menina insolente, eu vou... — Ela pousou os olhos em algum lugar atrás de Lucy e mudou de expressão. — O Sr. Khort chegou! Venha Dominique. Precisa conhecê-lo.

Lucy soltou um suspiro fundo, ainda que lamentasse pela pobre Dione ou, pela pobre Dominique — como a duquesa costumava chamar.

Capítulo 5



"Case com ele. Ele vai morrer logo" a frase absurda de Daisy a fez querer rir. Haveria vantagens em desposar Lorde Belish, mas o tópico sobre ele querer filhos era muito preocupante. Ele na verdade era muito gentil e tinha certeza que a trataria de forma agradável, mas de onde tiraria atração para se deitar com ele?

Não era ingênua, sabia que a maioria dos casamentos da alta sociedade eram um acordo de negócios e não algo que envolvesse amor ou mesmo atração, mas ela não era uma debutante em busca de dinheiro ou status. Era uma mulher jovem com passado obscuro, uma ruína oculta e muito fogo embaixo das saias que desejava apagar com alguém como o marquês de Berthany.

Sua prima Dione se casaria em breve, então talvez se o casamento dela fosse bom o bastante Lucy poderia se aventurar com algum homem que conseguisse permanecer calado. Se fossem bastante discretos... *Por Deus!* O que ela estava pensando? Ainda tinha mais três primas para preservar a reputação depois de Dione. Aqueles romances eróticos que lia a estavam enlouquecendo.

— Quando Dayenne se casar vou ter mais de trinta anos. Pelo menos mais seis anos pela frente vivendo como uma beata — resmungou para si mesma.

Soltou o ar ruidosamente vendo que Berthany tirava uma dama de cabelos ruivos para dançar. Ele era um dançarino divino. Estar nos braços dele, sendo conduzida a fazia se sentir a jovem mais bonita daquele salão. De Londres. De toda maldita Inglaterra.

Aquela jovem parecia sentir a mesma coisa.

— Uma dança, Milady? — o tom de voz conhecido a fez querer expulsar tudo que havia ingerido nas últimas horas.

— Perdão, Milorde, mas não fomos apresentados. Não é correto que estejamos conv...

Não conseguiu concluir a frase dita em tom formal. Segurando em seu cotovelo com firmeza o homem a guiou até o centro do salão de baile de uma forma que se resistisse causaria uma cena.

Tentava a todo custo não ser patética, mas tudo nele a repelia.

O corpo do cavalheiro era alto e forte, os cabelos em um marrom dourado com as primeiras aparições de cinza, uma barba bem aparada e traços de um homem realmente bonito. Seu cheiro de sabão caro chegou às suas narinas e Lucy engoliu em seco.

Suas mãos tremiam e suavam. Sobretudo a esquerda que ele segurava para a valsa. Não acreditava que aquilo estava acontecendo. Em um baile de Londres, reduzida à mocinha assustada que um dia fora.

— Você acha que pode se esconder no interior, mudar de sobrenome e eu não vou encontrá-la? — Os lábios masculinos se curvaram em deboche. — Eu iria até o inferno por você Emily Treimy, porque você é minha.

— Não sei de quem está falando, Milorde. Sou Lady Dabley e não lhe dei qualquer liberdade para falar dessa forma comigo. Não sei que é essa tal de Emily Treimy, mas lhe asseguro que está enganado.

Emily Treimy estava morta. Enterrada em algum lugar dentro dela, mas naquele momento houve a ressurreição e ela era novamente uma mocinha assustada vendo a forma como aquele homem tratava uma mulher. Como a trataria.

No entanto, Lorde Howard não precisava saber daquilo e embora seu interior estivesse em frangalhos se mostrava forte como uma rocha. Sua indiferença somente tocada pelo insulto que era um cavalheiro desconhecido tratá-la daquela maneira.

Três anos. Havia se passado mais de três malditos anos em que apareceu publicamente, trocou de sobrenome e seus pais basicamente declararam que ela havia feito os votos e ingressara em um convento em Devonshire.

Ninguém da sociedade a questionou ou os questionou. A sociedade britânica era ampla e agitada o suficiente para que tudo já tivesse esfriado quando ela retornou como Lady Dabley. Só mais uma Lady que tinha um

parentesco muito distante com os Treimy por isso a semelhança. A verdadeira filha do Visconde estava em um convento rezando.

— Então é esse jogo que quer jogar, minha querida? — Os olhos escuros eram como os de uma águia que visualizava um rato pronta para atacá-lo na primeira oportunidade. — Eu não importo nenhum pouco. Voltarei para o interior amanhã e a levarei comigo. Pode me provocar o quanto quiser desde que acabe linda e completamente nua na minha cama.

— Mas que audácia, Milorde — reclamou por entre os dentes. — Estou realmente tentando não fazer uma cena aqui, mas se continuar com essa conversa completamente desrespeitosa, eu vou...

— Seu jeito explosivo sempre me excitou, minha Emily...

— Lucinda Dabley! — exclamou um pouco mais alto. — E eu não sou sua! Saiba o senhor que estou sendo cortejada e em breve ficarei noiva!

Ele parou por um momento e a encarou medindo suas palavras.

Lucy amaldiçoou sua rapidez em falar antes de pensar. Maldição! Ela havia mentido. Total e descaradamente e não pediria para Lady Limett limpar sua sujeira, muito embora soubesse que ela o faria. Não importava. O homem iria para o interior no dia seguinte que mal faria uma mentira?

— Certo, Lady Lucinda Dabley. — Sorriu com absoluto deboche. — E quem é o homem que a está cortejado?

A pergunta pairou entre eles assim que a dança terminou. Lucy olhou em direção da mesa onde Lorde Belish mastigava algo que bem poderia ser a própria língua. Ele seria o homem perfeito para encobrir sua mentira, pois se ela estalasse os dedos a transformaria em verdade.

No entanto, seus olhos se desviaram mais para a direita. Para o belo marquês de sorriso estonteante que acenou com um sorriso malicioso.

— O homem que está me cortejado é...

Lorde Belish! Diga Lorde Belish sua idiota estúpida!

— Lorde Berthany.

— Ora — ergueu uma sobrancelha —, um homem superior a mim em posição social e riqueza, mas que conveniente para a senhorita.

Areia movediça, uma areia onde a pessoa quanto mais se mexia mais afundava até se afogar completamente. No momento ela estava somente com o nariz para fora e não ousaria se mexer, não ousaria falar ou mesmo respirar.

— Eu peço desculpas pelo meu comportamento, Lady Dabley. — Fez uma mesura educada. — E faço questão de me apresentar ao seu

pretendente e perguntar o quão empolgado está para pedi-la em noivado.

Lucy engoliu em seco, as pernas oscilando sob as saias, mas a postura intacta.

— Alguma objeção?

— Nenhuma, Milorde.

Era oficial. Ela era a mulher mais covarde e estúpida de toda a Inglaterra.

Sebastian tinha um problema em tanto para lidar. Sua mãe estava realmente disposta a casá-lo com alguém até o final da temporada e ele estava *realmente tentando* achar uma marquesa. Mas ainda que não fosse um crítico cruel vinha achando defeitos em todas as moças a ele apresentadas.

Magra demais, muito quieta, muito falante, muito alta..., *mas que inferno!* Ele tinha uma dúzia de defeitos não poderia sair apontando falhas em jovens completamente adoráveis somente porque elas não eram...

Lucinda Dabley.

A pequena diabinha loira que — com semblante levemente adoentado — caminhava ao lado de um homem de meia idade e postura aprumada. Seria possível que ela tivesse superado sua atração por ele de forma mais eficiente do que ele por ela? Sentiu inveja ao pensar nisso. Uma inveja cruel, destruidora e sem propósito, porque não queria superá-la. Queria tê-la.

Ergueu uma sobrancelha e sorriu maliciosamente quando os dois se aproximaram dele. Havia um homem medieval dentro de Sebastian que queria arrastar Lucy para trás da primeira pilastra e fazê-la desistir daquele homem e de qualquer outro que pudesse se interessar por ela.

— Lorde Berthany — o sujeito fez um meneio respeitoso e ele o retribuiu, sério. — Sou Lorde Howard, Barão de Howard. É uma honra conhecê-lo.

— Howard.

Seu tom entediado não despertou o bom humor de Lucy, o que era realmente estranho. Parecia haver algo errado de fato.

— Poderia por gentileza tirar uma dúvida que está me corroendo...

Não, não poderia. Queria vê-lo se corroer lentamente bem diante de seus olhos.

— Essa adorável dama disse que a está cortejado, mas temo que esteja troçando de mim.

A surpresa de Sebastian durou um segundo apenas. Então ele analisou Lucinda, um pedido de socorro claro estava estampado em seu rosto. Precisava de ajuda. Nem mesmo quando Charlotte foi uma pedra no sapato de Diana dois anos atrás a vira com tal expressão. Estava em pânico.

O marquês deu um sorriso tranquilo.

— Sinto desapontá-lo, Howard — direcionou o olhar para o barão —, mas essa jovem de fato — Lucy prendeu a respiração — está total e completamente sendo cortejada por mim.

Lucinda parecia ser capaz de respirar novamente.

— Como eu lhe disse, Milorde. — A dama se dirigiu ao barão com semblante perplexo. — Deve ter me confundido com outra dama.

— Claro, claro que sim —, mas o sorriso tornou a aparecer em seu rosto. — Peço desculpas pelo inconveniente e espero encontrá-los mais vezes nos dias que passarei em Londres.

— Nos dias? — Ela soou levemente desesperada. — Não disse que voltaria para o interior amanhã?

— Um homem pode mudar de ideia, Lady Dabley. — Fez um meneio com a cabeça. — Há tempos não aproveito Londres como deveria. — Dirigiu-se a Berthany novamente para se despedir. — Milorde, espero encontrá-lo em breve.

A resposta do marquês foi um aceno tranquilo antes de se voltar para a dama diante dele e abriu um sorriso zombeteiro.

— Então, meu lindo diamante, minha pérola preciosa recém colhida da concha, minha preciosidade da natureza...

— Perdoe-me — sussurrou em tom baixo. — Juro que posso explicar.

— Certamente você irá explicar, minha querida. — Ele olhou ao redor e testou a atenção de todos neles. — Corredor, quinta porta a esquerda. Dê alguns minutos de diferença e me siga.

Lucinda mordeu os lábios incerta e olhou para sua prima Dione e Lady Limett.

"Escândalo, escândalo, escândalo..." parecia martelar em sua cabeça. Quando olhou para o marquês novamente, pensando em pedir clemência, no entanto:

— Não, eu não vou facilitar as coisas para você.

Era justo, concluiu. Havia metido o pobre homem em uma encrenca de proporções épicas para tentar livrar a própria pele e Howard tinha estendido o tempo de permanência em Londres somente para infernizá-la. Ah! Como ela o odiava!

Não poderia circular pelo salão sozinha ou pareceria inadequado, então se aproximou de Dione e da Duquesa e trocou algumas amenidades antes de revelar que precisava ir à toalete. Lady Limett estava focada demais em arrumar alguém para Dione no momento para despertar sua desconfiança.

Um pouco de sorte, finalmente.

Um senhor passou por ela no corredor, mas fingiu estar aguardando na porta do cômodo destinado para as damas fazerem suas necessidades e ele passou por ela um tanto tímido.

Então disparou para seu verdadeiro destino e o encontrou escorado no parapeito da janela, os cachos revoltos brilhando sutilmente a luz da lua.

— Tranque a porta.

Não estava em posição de recusar. Aliás, no momento estava absolutamente em desvantagem e quando o marquês a chamou com a mão quase que suas pernas não a obedeceram.

— Perdoe-me, eu estava desesperada.

— E como está agora, raio de luar?

Lucinda bufou.

— Vai mesmo utilizar todos os apelidos carinhosos que já inventaram para se referir a mim?

— Quero saber qual soa melhor para chamá-la, minha pequena.

Lucy se perguntou se poderia jogá-lo da janela ou saltar dela para o chão.

Soltou um suspiro fundo tentando voltar a si. Precisava dele. Precisava total e completamente dele e merecia ser provocada pela confusão que criou. Ela podia tolerar uma brincadeira ou outra.

— Obrigada por aceitar mentir por mim, Milorde. Lembrarei para sempre de sua gentileza...

— Não tão rápido, docinho.

A dama piscou algumas vezes absorvendo suas palavras.

— O q-que disse?

— Não concordei em mentir para você. — Cruzou os braços sobre o peito forte. — Se quer que eu leve essa mentira adiante até o tal Howard

desaparecer... eu quero algo em troca.

Maldição! Aquele homem era completamente diabólico e lindo. Completamente lindo.

— O que quer?

— Você. — Direto ao ponto.

Para sua completa insanidade, ela percebeu somente naquele momento que estava em uma sala escura, trancada com um notório libertino. Seu corpo quente estava a centímetros do corpo dela, bastava esticar a mão para alcançá-lo. Seu cheiro de colônia cara era sutil misturado ao calor de sua virilidade máscula.

A sinceridade dele fez sua respiração ofegar. O modo como seu corpo reagiu a deixou duas vezes mais chocada.

— Certo. Só peço descrição em troca pelo bem de minhas primas.

Acordos daquela natureza estavam longe de sua zona de conforto. Não era uma mocinha inocente, mas nunca fizera um acordo daqueles com um homem. Ele a queria em troca de mentir por ela e seria cruel pedir isso a uma mulher desesperada se ela não o quisesse de volta. E ele sabia que ela o queria.

E ainda que com as emoções revoltas em um turbilhão, tentou soar prática.

— Milorde quer marcar um encontro ou aqui mesmo está bom?

— Acho que não me entendeu, Lucy. — Deu um passo na direção dela fazendo sua pulsação se acelerar por completo. — Esperei três malditos anos para ter você e se eu a possuir bem aqui contra a parede não vou estar nem perto de realizar o meu desejo. Durante essa corte falsa eu vou encontrá-la com a frequência que eu desejar e tomar liberdades com você — sua mão tocou um cacho loiro de seu cabelo e a fez estremecer — eu vou beijá-la, tocá-la e torturá-la como você me torturou e só quando eu cansar desse joguinho, quando a vir completamente no limite, implorando para que eu me enterre bem fundo em você, então eu vou possuí-la de um modo que nunca esquecerá.

Ele não precisava ir muito longe. Suas mãos mal a haviam tocado. Seu corpo estava a um palmo de distância e ainda assim cada parte dela pareceu gritar por ele somente com tais palavras obscenas e nada gentis.

— E então? O que me diz?

Seus olhos penetrantes não desviaram dos dela nenhuma vez. Sua voz firme, mas macia como seda a acariciava, sua respiração quente a fazia se

arrepiar.

A duquesa tinha razão. Com o marquês ela estava bem próxima da ruína, a um passo bem pequeno de cair em um abismo fundo, mas naquele momento entregar-se a perdição era também sua melhor chance de sobrevivência.

A possibilidade de falar escapara dela. Sua voz fora roubada como se ele fosse algum deus pagão perverso que a distraía enquanto a afanava. Sendo assim, anuiu com a respiração ruidosa, uma concordância silenciosa, mas igualmente válida.

Berthany aproximou os lábios dos dela, mas não os uniu, não os tocou. Somente a torturou com aquele estado de tensão, de expectativa onde suas respirações se misturaram sensualmente.

Então ele deslizou o indicador pela linha do decote dela. Seus mamilos gritaram reclamando por atenção, cruéis centímetros abaixo do toque íntimo que se aprofundou no vale de seus seios. Entre os dois montes pálidos que se uniam, firmes pelo espartilho.

Quando achou que fosse finalmente beijá-la, o marquês levou o mesmo dedo aos lábios e o chupou como se o gosto do suor e da pele dela fosse refinado demais para ser desperdiçado.

Aquilo era definitivamente melhor que ler um romance erótico.

— Entrarei em contato — declarou em tom de despedida, se afastando.

— Que Deus tenha piedade de você, Lucinda Dabley, porque eu não terei.

Lucinda tentava em vão acalmar a própria respiração.

A sensação era que havia feito um pacto com o próprio diabo.

Capítulo 6



— Estou vendo que vou virar uma solteirona, Lucy.

A voz de Dione a despertou de seus pensamentos quando saíram do baile dos Grashal. O ar frio da rua beijou seu rosto como uma surpresa agradável.

Ao seu lado, a prima estremeceu um pouco. Não a culpava. O único motivo por apreciar a mudança brusca de temperatura era o fato de que algo, qualquer coisa, precisava apagar o fogo aceso dentro dela naquela sala, com Berthany.

— Não seja precipitada, meu bem — aconselhou com paciência. — É só o primeiro baile de sua primeira temporada.

— Eu lhe disse, Dominique! — a duquesa ralhava. — Paciência é fundamental na escolha de um bom partido, mas não seja lenta demais ou as outras levam todos os bons homens e você ficará com os que sobram.

Lucy ficou tentada a perguntar se a lady dispunha de um dicionário de nomes em casa porque parecia de propósito eram o nome de todas as meninas. Incluindo o dela.

Ao que parecia, Dione era Dominique em definitivo já que já fazia quase três anos que a chamava assim e a duquesa fingia não escutar quando a corrigia. Era como se seus ouvidos perdessem tal capacidade quando lhe era conveniente.

Engoliu o comentário pensando que não era muito sábio irritar a duquesa, não quando em breve ela descobriria que o homem que tanto estava se empenhando em afastar de Lucinda lhe faria a corte. A velha dama iria matá-la lentamente. Talvez enfiasse a odiosa bengala em sua goela e assistisse enquanto engasgava.

— Não sei onde meu futuro marido está, mas sei que ele não estava aqui neste salão de baile — Dione insistiu.

— Temos tempo para isso — Lorde Graivil a tranquilizou. — Não precisa se casar nessa temporada se não quiser.

— Está falando sério, querido primo?

O conde sorriu, os olhos verdes e os cabelos loiros brilhando com a luz dos postes.

— É claro que estou — garantiu.

— Jamais a obrigáramos a se casar com ninguém, Dione — reforçou a condessa com a mão no braço do marido.

— Que discurso encantador. — A duquesa revirou os olhos. — Ainda bem que Dominique tem a mim. Você pode viver uma fantasia romântica, menina. Mas a verdade é que a cada temporada suas opções vão diminuir e a dificuldade vai aumentar. O tempo está correndo. Tic-tac, tic-tac.

— Com o perdão da ousadia, Sua Graça — a jovem debutante empinou o queixo — a senhora sabe ser uma megera quando quer.

— Decepcionante. — Mostrou-se entediada. — Sempre acreditei que era uma megera o tempo todo.

Dione soltou um suspiro audível e avançou em direção a carruagem. Lucy percebeu o desastre pouco antes de acontecer, pois a prima tropeçou e ia lindamente cair de cara no chão não fosse por um homem alto e forte de tez bronzeada que a amparou segurando em seus ombros. O sorriso dele deu a Lucinda uma sensação de familiaridade. Ele parecia muito com...

— Peguei você — disse o cavalheiro de colarinho e lenço desalinhados, os cachos escuros revoltos.

Dione estava encantada demais para responder qualquer coisa. Ao que parecia o futuro marido de sua prima acabara de aparecer.

— Quem o senhor acha que é para se aproximar de minha protegida sem uma apresentação formal? — Lady Limett se impôs de pronto, tendo se aproximado junto com família.

— Milady quis dizer: Como eu ousar salvar essa adorável dama de se estatelar no chão diante de uma parte substancial da sociedade londrina?

Lucy olhou para os lados e constatou que de fato havia um número substancial de pessoas saindo da mansão dos Grashal e um tombo não seria nada bom para a reputação da prima. Ainda assim, aquele homem, fosse quem fosse era ousado para dizer isso a duquesa. Talvez ele também não soubesse com quem estava falando.

— Não está me reconhecendo, Lady Limett?

A duquesa espremeu os olhos. Aparentemente o jovem sabia quem ela era.

— Somente uma família seria assim tão audaciosa — constatou a dama.

— Leonard Vann, quando você saiu da Inglaterra para vagar pelo mundo como um renegado ainda cheirava a leite.

— Também é um prazer revê-la, Vossa Graça. — Sorriu novamente.

Leonard Vann. Então ele só podia ser o irmão de Sebastian. Ali estava o mesmo charme, o mesmo olhar e a mesma beleza. E ao que parecia, Dione e ela tinham um gosto similar para homens, pois a mesma ainda se encontrava boquiaberta com a mão dele segurando a dela.

Lady Limett deu um tapa na mão do lorde que riu e soltou a de Dione.

— Vamos embora — a lady ordenou. — Vamos, vamos...

— Obrigada por salvar minha prima, Milorde. — Lucy se adiantou.

— Foi um prazer, senhorita...

— Lady Dabley — o cumprimentou regamente. — Essa é minha prima a Srta. Dione Horiden e meus primos o Conde e a Condessa de Graivil.

— Vann. — Benedict soou seco e isso acendeu um sinal de alerta em Lucy. — Agradecemos por seu cavalheirismo. Infelizmente estávamos mesmo partindo.

— É claro, Milorde.

Lucy olhou para trás uma última vez antes de entrar na carruagem.

Lorde Howard tinha acabado de sair do portão principal e a encarava com um olhar de quem estaria vigiando cada movimento seu. Acabou por concordar com Benedict e Lady Limett.

Era mesmo hora de partir.

— Não entendi porque tanta indelicadeza com o pobre rapaz. — Lucy comentou, dividindo a carruagem da duquesa com ela e Dione.

O conde e a condessa iam atrás na carruagem deles. Realmente queria acompanhá-los, mas a dama fez questão que fossem as três na mesma carruagem.

— Há muitas coisas que vocês não entendem, Luiza. Por isso precisa de mim.

Dione não reagiu a conversa, olhando para a própria mão como se tivesse acabado de surgir em seu corpo.

— Minha mão formigou, meu coração disparou e minha respiração... — ela sorriu, empolgada. — Sabe o que isso significa?

— Que comi muito no jantar e certamente está com indigestão — Lady Limett interviu. — Uma noite tranquila de repouso deve resolver.

— Ela está se apaixonando — Lucy constatou. — Não é bom que Dione sinta atração por alguém de berço e boa família?

A prima havia jurado que jamais seria cunhada de Charlotte, mas aparentemente o belo Leonard fizera tal objeção desaparecer.

— Ele é um nômade, para quieto em lugar algum e não é o mais responsável dos homens. — A dama foi direto ao ponto, mas Dione não pareceu se importar. — Ver você com o marquês de Berthany seria uma confusão menor que Dione com o irmão dele.

— Engraçado Milady ter mencionado isso. — Torceu os lábios buscando uma melhor forma de colocar. — Por que por acaso, o marquês demonstrou certa inclinação em me cortejar.

— O marquês de Berthany.

Lucy assentiu.

— Quer cortejar você.

— Ao que parece... — Seu estômago deu um nó e ela viu a prima sorrir.

— Luiza, eu sou uma velha e você acha que eu nasci ontem? — Ergueu uma sobrancelha ameaçadora. — Aquele homem de fato quer muitas coisas com você e nenhuma delas é casamento.

— Como a senhora pode... — sentiu as bochechas queimarem — Bom, ele expressou anseios bastante respeitosos e honestos para comigo.

"...eu vou beijá-la, tocá-la e torturá-la como você me torturou e só quando eu cansar desse joguinho, quando a vir completamente no limite, implorando para que eu me enterre bem fundo em você, então eu vou possuí-la de um modo que nunca esquecerá." Realmente anseios bastante respeitosos e definitivamente honestos.

— Isso é o que veremos Luiza. — Bateu a bengala no chão da carruagem em movimento. — Se alguma de vocês terminar a temporada arruinada quem irá ter uma guerra com os Vann serei eu.

Lucy estava na mesma posição de todas as noites lendo o último romance de Madame Seraphine. O mais erótico de todos eles, de colocar fogo em Soldier's House somente por ousar abri-lo, mas ainda assim... não consegui prestar atenção em nenhuma palavra.

O casal estava fazendo amor de uma forma bastante extravagante em um casebre abandonado. Era o tipo de cena que ela adoraria ler, mas ao invés disso seus olhos passavam pelas linhas narrando a forma que o ferreiro pegou a jovem nobre pelo traseiro, enquanto sua cabeça se perdia na imagem de Sebastian chupando se indicador. Sentindo o gosto dela.

Fechou o livro e soltou um urro de frustração.

— Entre — disse ao ouviu as batidas na porta.

Surpreendeu-se ao ver que era Dione e não Diana entrando no quarto e se apressou em guardar o livro proibido na gaveta do criado mudo. Dificilmente uma de suas primas, que não a mais velha, entrava em seu quarto no meio da noite para dizer algo.

— O que está lendo? — a prima perguntou curiosa.

Os cabelos castanhos presos em uma trança com fitilhos branco, tal qual os loiros de Lucy.

— Nada de interessante. — Naquela noite não estava mesmo interessante. Talvez porque coisas verdadeiramente interessantes haviam acontecido, obscurecendo a graça de todo o restante. — Está sem sono?

A prima torceu os lábios e se deitou de costas ao seu lado. Os olhos preocupados no teto.

— Estou com medo de virar uma tola apaixonada como Dafne, mas eu de fato senti alguma coisa com Lorde Vann. — Virou seu corpo para encarar a prima. — Foi como estar diante de um livro de contabilidade com dezenas de contas para resolver.

— *Argh!* — Colocou a língua para fora com nojo. — Deve ter sido asqueroso então.

— Pare — soltou uma risadinha atirando-lhe uma almofada. — Sabe que eu amo números. Mês passado consegui achar um erro na contabilidade que o administrador de Benedict não havia percebido. Foi excitante!

— Tão excitante quanto Lorde Vann?

Dione considerou a pergunta.

— Talvez um pouco menos.

Lucinda riu, animada com a possibilidade que sua prima pudesse encontrar o amor de uma forma mais fácil do que ela.

— Vim falar com você porque sei que compreende. Sei que está apaixonada.

Lucinda abriu os lábios pronta para discordar da prima e tentar dissuadi-la daquela ideia, mas não lhe deu tempo.

— Você e o marquês não disfarçam tanto quanto acham que sim, sabia? Está estampado na cara de vocês.

— E o que você sabe disso, hein? Sua menininha abusada!

Esticou os braços e fez cócegas na prima como quando era criança e a ouviu gargalhar.

— Pare — pediu sem fôlego. — Pare Emily.

E ambas pararam, o sorriso sumindo de seus lábios e dos da prima.

— Perdoe-me, Lucy. — Negou com a cabeça. — Eu me lembrei de quando éramos crianças e então escapou.

— Tudo bem. — Seus lábios forçaram um sorriso triste. — É que meu passado resolveu me perturbar um pouco hoje. Estou sensível.

— Sente falta do tio e da tia? — questionou, o olhar preocupado de uma adulta.

Quando foi que sua prima havia crescido tanto?

— Algo desse tipo — mentiu.

Suas primas menores não sabiam sobre Lorde Howard. Aconteceu quando ela se fechara em seu próprio mundo. Foi um noivado discreto no interior após a temporada, pronto para ganhar opulência assim que a mãe do lorde melhorasse, pois estava muito doente.

Difícil mesmo era lembrar que um homem daquele tinha uma mãe e não era fruto do próprio inferno.

— Pode dormir aqui se quiser.

A verdade era que queria que ficasse. Precisava desesperadamente de companhia. Para seu alívio a prima assentiu e se aninhou em baixos dos cobertores.

— A duquesa disse que os pretendentes devem fazer fila pela manhã. — Dione soltou uma risadinha malandra. — Não vou mentir. Estou ansiosa por isso.

— Acredite, meu bem. — O rosto de Berthany surgiu novamente em seus pensamentos. — Até eu estou.

Capítulo 7



Sebastian não era o que se podia chamar de devoto fervoroso, mas havia sido apresentado a Bíblia Sagrada quando criança e se lembrava bem da parábola do filho pródigo. O suficiente para saber que estava vivendo algo extremamente parecido. Bem ali, diante de seus olhos.

— Faremos um baile na semana que vem, vou pedir que comprem o dobro do vinho que você gosta! — exclamou a marquesa viúva.

— Ah, Leonard! Estou tão feliz que esteja de volta! — Charlotte sorriu de forma espontânea. — Meus anos anteriores foram um caos completo. Preciso de você desesperadamente.

O irmão mais novo teve a audácia de olhar para ele e sorrir. Convencido do próprio grau de importância no mundo e naquela família. Sebastian tinha um semblante tão sério que parecia esculpido em pedra.

— Por que está tão sério irmão? — questionou, zombeteiro. — Será que o marquesado acabou com seu bom humor?

A mãe e a irmã riram. Até mesmo Robert arriscou o riso curto, mas percebendo a tensão no ar disse que iria ver as filhas no quarto das crianças. Sábio da parte dele.

— Por que voltou para casa? — O tom era falsamente calmo.

— Sebastian! — a mãe o censurou. — É assim que recebe seu irmão?

— É mais do que ele merece. — Não desviou os olhos do rosto bronzeado de Leonard.

Bronzeado porque esteve se divertindo enquanto o irmão carregava o fardo de manter uma família sozinha ouvindo que não era bom o suficiente. Enquanto Leonard, o pobre jovem atormentado que precisava de novos

ares, pobre rapaz. Ele não tinha culpa de nada e certamente tinha mais habilidades do que Sebastian para gerir um marquesado.

— Certo, irmão, você está exagerando. — Charlotte tentou rir, mas não era o momento. — Leonard acabou de chegar e...

— Ele é um homem adulto. Não precisa que ninguém o defenda.

Ou não deveria, mas ainda assim tinha o péssimo hábito de agir como se fosse um menino indefeso.

— Vai se esconder nas saias de nossa mãe como sempre fez ou irá agir como homem e conversar comigo em meu escritório?

— Mas que humor infernal, Sebastian! — a irmã resmungou. — Ele acabou de chegar, não pode...

— Está tudo bem irmã — Leonard garantiu dando tapinhas carinhos em seu ombro. — Vou ver o que Sua Graça deseja.

A leve ironia no pronome de tratamento não lhe passou despercebido, mas optou por não retrucar. E sim, a irmã estava correta quando disse que estava com um humor infernal. Tudo que o impedira de socar o rosto do irmão quando o viu foi Lucy.

A sensação da ponta de seu dedo contra a pele macia de seus seios era o que brincava com sua sanidade e ao mesmo tempo o impedia de enlouquecer.

Quando entrou no escritório outras lembranças o invadiram. O dia que ela invadiu seu escritório em Greit, o dia em que lhe ameaçou e lhe deu um tapa no rosto. Foi ali que Lucinda Dabley se tornara uma deliciosa maldição na vida dele.

Passou a procurá-la em cada maldita mulher com a qual dormiu. Sonhava em tê-la sob seu corpo, cavalgando nele... A verdade é que em sua imaginação depravada ele e Lucy já haviam feito todas as posições sexuais já inventadas.

E agora, graças a motivos absurdos que não sabia ao certo quais eram, a pequena loira caíra em seu colo e era dele pelas próximas semanas. Aproveitaria cada segundo daquele acordo. Cada mísero milésimo tocando aquela mulher seria desfrutado como deveria porque havia esperado muito tempo por isso.

Só que no momento ele não poderia ir até Soldier's House para tocá-la e aproveitar sua companhia. Porque Leonard resolvera aparecer em Londres como que por encanto e agora estava no escritório dele esperando que lhe oferecesse uma bebida.

— Por que voltou? — certos assuntos não permitiam rodeios.

— Não posso sentir falta de minha família?

Sebastian soltou um riso sem qualquer humor.

— Você foi embora no pior momento possível — expôs os fatos mesmo sabendo que não eram desconhecidos. — Não venha tentar me convencer que se importa com a família.

— Suponho que só pedir desculpas não adiantará.

— Supôs corretamente. — Cerrou o punho querendo acertar algo ou alguém.

— Eu mudei, Sebastian. — Suspirou fundo com a mão nos bolsos. — Não sou o mesmo menino irresponsável que viu partir. Vim para reencontrar minha família, sossegar e arrumar uma esposa.

O marquês não disse absolutamente nada. Somente o encarou, sondando cada respiração, expressão e tentando captar seus pensamentos.

— Não acredita em mim. — Era uma constatação clara.

— Por que eu deveria?

— É justo. — Assentiu calmamente. — Eu provarei a você que mudei.

— Isso — o fuzilou com o olhar — é o mínimo que pode fazer por mim.

Na manhã seguinte quando subiu os degraus da Soldier's House estava com um humor muito melhor. Ainda que soubesse que teria que enfrentar o conde — e que seu amigo não ficaria nada feliz com a suposta corte deles —, a possibilidade de ver Lucinda o deixava realmente feliz.

No entanto, o caminho para os melhores tesouros possui os maiores obstáculos, pois assim que estava prestes a entrar pela porta da sala, quando sentiu o cheiro de biscoitos recém-assados, algo na altura de seu abdômen o deteve.

— Alto lá, meu jovem! — Sorriu para Lady Limett e sua bengala abençoada. — Você tem o que é preciso para ver minha protegida?

— Flores e chocolates? — questionou mostrando ambos.

— Boas intenções.

Olhou para o ramalhete de rosas brancas resmungando que ele era um homem um tanto previsível.

— As melhores intenções possíveis, Lady Limett, eu lhe garanto.

Deu um sorriso de lado que não fazia muito por melhorar sua reputação. Aliás, supunha que tinha acabado por piorá-la com a aparência sacana.

— Sou uma mulher geniosa, Milorde, e um tanto difícil de se conviver. — Como se ele não soubesse. Como se toda sociedade não soubesse. — Que Deus o ajude, pois estou encarando o matrimônio dessas jovens como uma conquista pessoal e tenho uma mente muito criativa para puni-lo caso acabe com as chances de minhas meninas.

— Estou quase a desobedecendo de propósito por curiosidade.

Deu outro sorriso provocativo, ela franziu mais o cenho o reduzindo a um menino medroso.

Sebastian pigarreou e endireitou a postura.

— Não tenho a intenção de arrastar o nome de nenhuma delas na lama, Lady Limett.

Não era mentira. Ele seria discreto com Lucy. Além disso, a moça lhe confessara em particular que já estava arruinada, ainda que obviamente ruína não fosse pública. Não estava seduzindo uma mocinha virgem. Lucinda era uma mulher — de sangue quente se pudesse apostar — e ele um homem viril. Era o acordo perfeito. Só precisavam de exímia discrição.

— Sua mãe sabe que está aqui?

— Tenho trinta e um anos, Milady. Dê-me algum crédito.

A velha loba sorriu.

— Ela não faz ideia, não é?

— Não mesmo.

Depois da noite infernal que teve a última coisa que queria era lidar com os acessos de Charlotte e de sua mãe.

— E quer que eu acredite que não pretende arruiná-la.

— Tem minha palavra de cavalheiro. — Fez uma reverência.

A duquesa pareceu ter ideia do que aquilo significava saindo dos lábios dele. Não era do tipo que fazia promessas em vão.

— Você pode entrar — cedeu, mas suas sobrelhas indicavam advertência.

A verdade era que Lady Limett não tinha nada contra ele. Absolutamente nada contra. No entanto, ela sabia que permitir que ele e Lucinda passassem um tempo juntos era como aproximar a palha do fogo. As chances de incêndio eram imensas.

Somente por olhá-la, sentada ao lado da prima, a apoiando com os pretendentes que cercavam Dione, ele estava em chamas.

Lucy era linda. A luz solar vinda das janelas batia diretamente na lateral de seu corpo miúdo de seios pequenos e firmes. A nuca exposta pelo penteado estava guarnecida com um único cacho loiro solitário que brincava com sua sanidade. Queria soltar aqueles cabelos e segurá-los em suas mãos enquanto ele...

— Não se acha velho demais para a minha prima, Berthany? — questionou o conde com um semblante especulativo.

Olhando para os presentes em suas mãos, questionando claramente sua sanidade. Sebastian olhou para um senhor de no mínimo quarenta anos que recitava um poema para Dione e ergueu uma sobrancelha para o amigo.

— Eu sou velho? É sério, mesmo? — Não obteve resposta. — Não estou aqui pela Srta. Horiden. Estou aqui por Lady Dabley. Quero cortejá-la.

O semblante de Benedict era descrente.

— Quer cortejá-la ou levá-la para cama? — sussurrou o mais baixo possível.

— Não posso querer os dois?

Era uma pergunta justa já que uma corte bem sucedida era o que precedia um casamento.

— Seu rosto é muito bonito, meu amigo, mas se magoar a prima da minha esposa vou quebrar o seu nariz. — A ameaça não era nem um pouco vã.

— Primeiro Lady Limett, agora você. — Sacudiu as mãos com impotência. — Quem mais eu preciso convencer? Sua Majestade?

— Se convencer a mim já está bom.

A voz chegou até ele como uma calda de chocolate descendo pela garganta. Doce, quente e completamente deliciosa. Lá estava ela. Olhando com uma familiaridade que não deveriam ter, mas tinham.

— Essas flores são para Lorde Grivil?

— Rosas brancas, minhas favoritas — ironizou o conde.

— Espero que goste. Trouxe chocolates também — o marquês comentou, parecendo muito mais um jovem apaixonado que um libertino buscando por algo carnal.

— São lindas. Muito obrigado, Milorde — agradeceu com um sorriso doce.

Um criado se apressou em cuidar dos presentes os deixando livres para conversar um com o outro. O Conde fez um sinal claro de que ficaria observando. *Atentamente.*

— Pelo jeito teremos mais trabalho para sermos discretos do que supus — comentou assim que ocuparam um dos sofás da sala. Mais isolado.

— Eles são bastante protetores, mas ao menos eu não estou rodeado por pretendentes como Dione. — Soltou o ar de forma ruidosa.

— Por que não está? — questionou e a viu piscar os olhos como se a pergunta não fosse uma possibilidade para ela.

— Vieram alguns, mas eu posso ter deixado escapar que estava sendo cortejada pelo Marquês de Berthany. — Torceu os lábios um tanto tímida.

— Eles acabaram se lembrando que tinham compromissos urgentes.

Sebastian riu. Não resistiu ao riso completamente espontâneo.

— As vantagens de estar comprometida com um marquês — provocou e a viu inclinar os lábios para direita. Os olhos verdes cintilando em bom humor. — Outra vantagem desta corte. Teremos uma temporada de paz.

— Parece que resolvemos os problemas um do outro, de fato — e se sentia feliz por isso.

— Bom, a senhorita ainda não resolveu todos os meus problemas.

Deslizou sua mão no assento e deixou seu mindinho tocar o dela rapidamente como que por acidente. A respiração de Lucy oscilou brevemente. Ele adorou isso. O som claro de que ele mexia com ela. Que brincava com sua sanidade.

— Essa noite — verbalizou seu desejo e ela não parecia se opor.

— Pedirei a minha criada que deixe a entrada dos empregados destrancada — disse em tom agradavelmente baixo. — Venha às onze da noite e seja discreto. A maioria dos criados já foi se deitar nesse horário, mas às vezes o mordomo vaga pela casa de madrugada como uma aparição macabra.

— Serei silencioso como um ladrão — prometeu.

— Estou curiosa, Milorde, com o que exatamente virá roubar.

Ele tinha algumas ideias. Nenhuma delas poderia ser verbalizada em uma sala de estar de família.

Capítulo 8



— Ele não veio — Dione lamentou assim que o último pretendente se retirou. — Acha que ele não gostou de mim?

— Talvez ainda não tenha tido tempo para perceber o quanto é encantadora, meu bem. — Diana tentou consolá-la.

— Ou talvez Deus tenha intercedido por nós, sabendo que eu não suportaria dois Vanns na minha família — o conde resmungou esticando a mão para pegar um chocolate.

Daisy ocupava o outro sofá com Dafne e Dayenne. Voltaram de um passeio há pouco e George se encontrava animado. Latindo e correndo atrás do próprio rabo. A garota soltou um murmúrio de prazer quando colocou um dos chocolates na boca.

— Ao menos para isso eles servem — pontuou. — Lady Limett, eu mudei de ideia, ao invés de escolher meu marido na primeira semana acho que vou esperar um pouco mais para ganhar mais chocolates.

— Nunca pensei que diria isso, Dalila, mas acho que será a Horiden que me dará menos trabalho para se casar. — Ela conteve o sorriso de orgulho, mas todos sabiam que era a sua favorita.

— Então, Lucinda Dabley, futura marquesa de Berthany. — Dafne não resistiu a provocar. — Sabia que estavam apaixonados.

Lucy ouviu a duquesa soltar um resmungo. A mulher era inteligente demais para o próprio bem de Lucy e Sebastian. De alguma forma ela sabia as implicações daquele acordo. Tinha quase certeza disso.

— Nós apreciamos a companhia um do outro. — Foi o máximo que conseguiu dizer sem mentir.

Dafne soltou a respiração inconformada.

— Será que ninguém aqui além de mim pretende se casar por amor?

— Ei! Eu amo o meu marido! — Diana se adiantou prontamente.

— Vocês decidiram se casar por conveniência, Di. — Dafne lembrou bem. — O amor veio depois.

— Não é bem assim que eu me lembro — o conde provocou dando um sorriso para a esposa.

Ótimo, enquanto as atenções estivessem razoavelmente fora de Lucy ela conseguiria respirar com tranquilidade. Embora, tinha certeza que sua relação com Sebastian não saíra cabeça de alguns, como Lady Limett.

Se ela ficasse bem quietinha em seu canto fazendo carinho atrás das orelhas de George talvez se esquecessem dela.

Lucy não era nenhuma santa. Já tivera encontros clandestinos, mas isso não a impediu de sentir um frio na barriga ao descer os degraus de seu quarto para a cozinha. E se ele não viesse e fosse tudo uma mera zombaria? E se viesse e eles fossem flagrados juntos?

As possibilidades de tudo dar errado era real. A última vez que se encontrara com um homem na calada da noite sua vida teve uma reviravolta tão grande que nunca mais foi a mesma. No entanto, era um homem diferente, circunstâncias diferentes e sobretudo ela era uma mulher diferente e ainda que sentisse um frio descendo por seu ventre em espiral *queria* aquele encontro.

A cozinha era fria e silenciosa àquela hora da noite. As panelas se encontravam em uma desordem agradável. Algumas penduradas nas paredes, outras já aguardando sobre o fogão. A imagem a fez lembrar de como era uma péssima cozinheira. Das poucas vezes e catastróficas vezes que tentara fazer algo para suas primas comerem.

Antes do Conde de Graivil entrar na vida delas passaram por maus bocados. Criados eram um luxo que não podiam bancar e em alguns momentos sequer tinham muito *o que* cozinhar, que dirá *quem* cozinhar. Fizeram o melhor que podiam e estava grata por finalmente elas terem a vida que mereciam. Não permitiria que Lorde Howard acabasse com aquilo. Não mesmo.

Estava grata por Lorde Berthany existir. Ele não lhe fez muitas perguntas, ao menos por enquanto, e suas condições para continuar encenando uma corte não eram assim tão ruins. De qualquer forma, ela não pretendia se casar e não tinha nada a perder.

A não ser o controle de seu próprio coração.

— A última vez que entrei em uma cozinha ainda era um menino de calças curtas. — Deu-lhe um sorriso com as mãos no bolso.

E naquele momento seu sorriso era exatamente assim. Um sorriso de menino. Seu coração deu um salto e ela forçou sua razão a se lembrar que aquilo era temporário, que não duraria. Que não podia durar.

Quando seu olhar encontrou o dela, no entanto, o menino sumiu dando lugar ao homem que mexia com cada músculo de seu corpo.

Sebastian Vann era um libertino, um canalha inveterado, mas ela sabia, de alguma forma tinha absoluta certeza de que ele era muito mais que isso. Havia camadas no marquês que ninguém havia conseguido transpor e não seria ela a ousar fazê-lo. Não tinha tal direito.

— Nenhum encontro clandestino em cozinhas? — provocou, mas não aproximou seu corpo do dele. — Difícil de acreditar.

Sebastian caminhou até ela com a graciosidade de um gato e o sorriso arrebatador dos lábios.

— Há muitas maneiras para fazer amor em uma cama e é muito mais confortável.

Passou a mão lentamente pelo laço de seu penhorar, como uma carícia sedutora. O toque reverberou pelo seu corpo. Sua pele se arrepiou e os mamilos endureceram ansiosos pelo toque dele.

— Mas com você, docinho — aproximou seu rosto do dela, sua boca da dela — terei que ser criativo.

— Docinho? — Seus olhos reduziram em malícia. — De todos os apelidos que testou Milorde decidiu utilizar o mais estúpido deles?

— Não há nada de estúpido nesse apelido. Ele na verdade tem uma razão lógica de ser.

— Então me diga — implorou.

Tudo porque havia algo incrivelmente erótico na voz grave dele tocando a pele de seu rosto, uma vibração convidativa sobre seus lábios.

— Como um docinho você é algo agradável e pequeno que eu desejo com muita intensidade sentir em meus lábios. — Baixou ainda mais a voz. — Algo que quero chupar e morder.

Lucy abriu os lábios para responder, seu corpo ansioso pelo dele, mas a tensão sexual se dissipou e deu lugar a uma nova quando ouviram vozes próximas.

— Rápido! Na despesa! — disse em tom de completa urgência.

Lorde Berthany não hesitou nem por um segundo antes de segui-la.

Berthany já se aventurara em lugares diferentes para toques íntimos e relações sexuais rápidas, mas nunca em uma despensa. Preferia a boa e velha cama em termos de conforto, embora não dispensasse mesas e paredes.

Era bastante criativo em suas posições e gostava de explorar o corpo feminino de diversas formas. No momento, somente de ter tido um vislumbre de Lucinda de camisola já estava louco por ela. Agora que se fecharam em uma despensa escura ele temia ficar duro cada vez que sentisse o cheiro de queijos e salame só pela lembrança.

— O som está aumentando. Acho que estão na cozinha — Lucy disse tensa.

Não via seu rosto, mas sabia que charmosas rugas tinham se formado em sua testa.

— Você sabe o quanto é perigoso estar com um homem como eu em uma despensa escura?

O mais prudente era aguardar que eles se afastassem antes de tentarem qualquer coisa. O ideal era ficarem em silêncio, mas ele não suportou. Lucinda o atraía de forma inimaginável. Aproximou-se com cuidado, buscou seu rosto e então lhe deu um beijo na testa, descendo calmamente até seus lábios, capturando um suspiro.

Entendia completamente como ela se sentia. As sensações se multiplicavam no escuro. O toque das mãos dela em suas costas era uma das coisas mais excitantes que se lembrava de experimentar e quando se beijaram tudo o que parecia ter ficado para trás naquele beijo de três anos atrás retornara.

Estava além de sua capacidade ser gentil. Passara noites e noites imaginando aquele momento. O momento em que beijaria Lucy novamente, em que exploraria seu corpo sem limites ou preocupações.

Então desceu as mãos pelo seu traseiro e apertou com firmeza. Um gemido delicioso escapou dos lábios dela. Ela queria mais. Queria muito mais.

E ele lhe deu. Segurando em sua nuca e cintura a colocou contra a parede... ou melhor, contra as prateleiras. Seu corpo teve um breve momento no qual desfrutou da sensação de seu membro contra as partes macias de Lucy, antes dela ser atingida por algo de aparência cilíndrica bem no meio de testa.

Para sua surpresa não expressou raiva ou choque.

Enganava-se quem tomava Lucinda como uma moça mimada e fútil, ainda que sua postura confiante pudesse ser confundida com arrogância, ela estava longe de ser uma flor delicada cheia de minúcias. Havia muita força naquela mulher.

— Eu quase fui nocauteada por um salame.

— Quando disse que era perigoso ficar comigo em uma despensa não era isso que eu tinha em mente, docinho. — Foi seu jeito de se desculpar.

Lucy deixou escapar uma risada baixa sem se conter. Sebastian murmurou um som em seus ouvidos pedindo que se controlasse, pois claramente havia pessoas muito próximas dali. As emoções começaram bem cedo no caso deles.

— Eu ouvi um barulho na despensa. — Uma voz feminina irreconhecível disse do lado de fora.

— Você vive ouvindo coisas. Sua mente inventa — um homem resmungou de volta.

Sebastian não conhecia o criado, mas já gostava dele. Gostava de qualquer um que desacreditasse que a porta da despensa deveria ser aberta.

— E se for um rato? Eu não vou explicar para a cozinheira porque os queijos estão roídos.

— Dois ratos de fato — o marquês sussurrou no ouvido de Lucy sob os cabelos cheirosos presos em um coque. — Uma ratazana e uma bela camundonga.

— Foi a coisa mais encantadora que um cavalheiro já me disse. — Ela tentava conter bravamente o riso. — O sonho de toda mulher é ser comparada a um roedor.

— Fico feliz em ajudar — respondeu maliciosamente.

Suas mãos permaneciam nas curvas de Lucy. No momento na cintura dela, mas subiu lentamente até seus seios que afagou lentamente sobre a

camisola. Encaixados perfeitamente em sua mão como se ela fosse feita para ele. O que era um pensamento perturbador. Em todas as mulheres com as quais dormiu, jamais teve sequer um prenúncio de um pensamento de que foram feitas para ele.

Embora os suspiros contidos de Lucy fossem deveras graciosos e o toque delicado dela em suas costas e nuca brincasse com sua sanidade, sua atenção se desviou novamente para a conversa com os criados.

— Eu não vou matar o rato.

— Você é um homem grande e covarde com medo de um mísero ratinho.

— Se é assim tão pequeno não fará um estrago tão grande. — Provou seu ponto. — Por que não mata você então, já que está tão preocupada?

— Tenho pavor de ratos, mas não tento esconder ao contrário de certas pessoas.

— Ora sua...

— Mas que loucura toda é essa? — Uma terceira voz ainda desconhecida soou.

— Giuliana — Lucinda comentou e soltou um suspiro de alívio. — Minha criada.

— Há um rato na despensa. Nós ouvimos barulhos.

— *Ela* ouviu barulhos. Para mim está tudo sob controle.

— Isso é porque ele está com medo do rato.

— Como ousa me acusar de...

— Chega — Giuliana interrompeu. — Luzia me ajude com um copo de leite para a minha senhora e você Matias, vá dormir porque o Conde tem negócios a tratar amanhã bem cedo e talvez precise de você.

O homem se foi murmurando um agradecimento e Luzia pareceu se distrair do rato ou *dos ratos* na despensa.

— Giuliana merece um aumento — comentou com a Lady que murmurou em concordância. — Para nossa segurança é melhor permanecermos aqui até termos certeza de que todos já foram.

— De fato. — Não havia como discordar.

— Então acredito que não há mal em nós divertirmos mais um pouco.

Lucy começou o que parecia uma objeção, mas esta se diluiu em um murmúrio de prazer quando Lorde Berthany continuou a tocar seus seios inchados pelo contato. Seus dedos desfizeram o laço da camisola e a deixaram mais vulnerável ao toque dele.

Desceu os lábios lentamente pelo pescoço dela, colo e então tomou seu seio na boca, estimulando seus mamilos com lábios e língua. Subiu sua mão para tampar os lábios de Lucy contendo seus gemidos, os dedos finos dela se entrelaçavam em seus cabelos o puxando mais para perto como se quisesse fazer seus corpos se fundirem.

Ele a desejava e por muito pouco não abriu mão de seu plano absurdo de adiar o ato em si, mas não era o lugar nem o momento certo para fazerem amor.

Obrigou-se a subiu seus lábios e beijá-la mais uma vez, ainda mais profundamente. Era mais seguro que encerrarem a noite ali ainda que ambos não desejassem tal coisa. Quase foram pegos e não queriam abusar da sorte. Além disso, eles ainda tinham tempo.

— Teremos um baile nesse final de semana na Mansão Berthany — contou passando a mão pelo rosto dela que estava quente como fogo. — Venha e eu te darei mais disso.

— Pedindo assim — sua respiração ofegou —, não tenho como recusar.

Capítulo 9



Fazia algum tempo. Algum tempo que um homem não a tocava até ficar com as pernas parecendo dois membros inúteis que não obedeciam bem aos comandos do corpo. Para ser sincera, nunca havia sido daquela maneira. Prazer era prazer, como uma mulher prática acreditava nisso, mas com ele parecia um tanto... diferente.

Não, não, não! Não podia ser diferente, emocional ou qualquer tolice que fosse. Era somente um pouco de diversão e uma corte ensaiada para se livrar de Lorde Howard. Ela se divertiria, o marquês se divertiria e então no final da temporada tudo voltaria a ser como antes.

Suas chances de viver um amor se acabaram no dia de sua ruína, mas ao mesmo tempo ela ganhara liberdade. Liberdade que estava feliz em manter.

Tentava fazer o menor barulho possível para não alarmar ninguém da casa. O barulho de seus pés no assoalho se confundia com as batidas em seu coração disparado. Órgão estúpido que ainda se lembrava com exatidão de como era ser tocada por aquele homem.

Agora ela entendia bem. Entedia os sussurros no salão de baile, entendia a reputação do marquês.

Sebastian não era um libertino, era mais que isso. Ele não precisava tocar uma mulher para conquistá-la. Naqueles três anos que fingiram que eram completos estranhos eles não se beijaram sequer uma vez, mas o modo como ele a olhava, era como se fizesse amor com ela somente com os olhos. Era muito desconcertante.

Quase deu um berro ao sentir uma mão em seu ombro quando passou próximo do quarto da condessa. Sobressaltou-se com a mão no peito e se

virou para encontrar Diana.

— Desculpe — pediu envergonhada. — Não quis assustá-la. Só queria saber se está bem, já que está fora da cama.

Lucy poderia fazer a mesma pergunta à prima, mas o motivo estava claro. Liliana dormia em seus braços chupando um dos dedos.

— Fui beber um copo de leite — mentiu e rezou para que funcionasse.

Apesar de ser uma boa mentirosa, isso não incluía Diana. A prima geralmente conseguia ler seus olhos e a alma dela. No entanto, o sono da condessa parecia ter ajudado Lucy a encobrir sua indiscrição, pois essa acatou a resposta sem questionar.

— Lily está bem? — perguntou passando a mão no rosto da menina, um tanto suado.

— Com tosse e teve um pouco de febre. Conseguimos fazer a temperatura baixar há pouco com um banho frio — contou com um suspiro fundo. — Estava indo colocá-la na cama quando a encontrei, mas acho que deve ser um sinal. Vou deixá-la dormir comigo hoje.

— A Sra. Smith ficará horrorizada com isso — comentou com um sorrisinho.

— O que me deixa ainda mais tentada em fazê-lo — respondeu retribuindo o sorriso e bocejando em seguida.

A governanta tinha sérias objeções quanto ao tempo que a condessa passava com a menina. Acalmar e cuidar de um bebê doente também era tarefa da ama e da babá, mas a lady já deixara muito claro que ninguém a diria como criar a filha dela.

Lucy assistiu enquanto Diana com todo cuidado do mundo colocava a filha sobre os lençóis da cama grande e alta do quarto da condessa. Dificilmente a prima o usava. Geralmente ela e Lorde Graivil compartilhavam a cama, mas parece que naquele dia ela estava exausta demais para isso.

— Bom, Jesus! — exclamou negando com a cabeça. — Não sei se conseguiria.

— O quê?

A prima desviou seu olhar cansado, porém amoroso da filha para Lucinda.

— Ter uma criança — confessou. — Saber que há um ser tão pequeno que depende de mim me apavora.

Nunca conversara com ninguém sobre aquilo. Lucy amava crianças. Liliana era um anjinho lindo que Deus trouxera à terra, mas Liliana não era dela. Era de Diana.

— Bom, sei que ser mãe do herdeiro de um marquesado deve apavorar.

Arregalou os olhos em confusão ao ouvir a prima, mas logo escondeu o espanto. Para todos ela estava sendo cortejada pelo Lorde Berthany com total intenção de se tornar a mãe do futuro marquês. Nem mesmo Diana tinha a ideia que Lucy sequer tinha esperança de se casar, quanto mais de ter filhos.

— Mas não deixe que essa responsabilidade estrague a experiência de ser mãe para você. — Diana sorriu e tocou seu ombro com ternura. — Há dias difíceis, é verdade, mas mesmo os dias mais difíceis não voltam. Eu sei que haverá um tempo que Liliana não pedirá o meu colo quando estiver doente e tenho certeza que sentirei falta disso.

Lady Dabley sentiu a emoção tomá-la diante das palavras dela. Sabia que não devia desejar, que não devia olhar para a priminha e imaginar o filho dela ali, dormindo no lugar dela. Sabia que não deveria sequer fingir que era possível em alguma realidade ela e Berthany terem filhos.

No entanto, foi o que ela fez. Só por um momento. Ela se agarraria na esperança só por um momento.

— E se eu não souber ser mãe? E se eu me perder e criar meus filhos só para atender os desejos da sociedade? Eu — respirou fundo contendo o tremor em sua voz — não quero que meus filhos sofram por minha causa.

— Sabe, prima. Todos dizem que as mulheres nascem para serem mães, como se fosse um dom natural dado a nós, passado no ventre de nossas mães. No entanto, eu penso diferente. — Deu de ombros. — O filho de um marquês não nasce sabendo ser marquês, ninguém nasce sendo médico ou advogado, isso é aprendido. Se há em você o desejo de ser mãe, então eu sei que você será a melhor mãe que poderia ser.

Tinha orgulho de Diana. A mãe da prima era uma alpinista social como a dela. O que os outros pensavam era muito mais importante do que a felicidade dos filhos. Não era à toa que Lucy terminara na rua como se estivesse morta para ela.

Lembrava com exatidão do rosto pétreo de Lady Treimy quando o pai a obrigou a se vestir como uma criada e a colocou para fora somente com a roupa do corpo. Mais nada. Estava irreconhecível.

“— Você não é mais minha filha. Não usa as roupas que comprei ou meu sobrenome. — O pai dissera sem nenhum toque de tristeza ou arrependimento.”

Lucy não implorou por perdão, não implorou para que pudesse ficar, aquilo nunca foi uma opção para ela. O único pedido de Lucy foi por um cavalo. Um cavalo para partir. E quando o pai o negou ela recorreu à mãe, recorreu a mulher que lhe dera à luz com os olhos honestamente cheios de água.

“— Você teve energia de sobra para nos desonrar, Emily. Então tem energia para caminhar.”

E ela caminhou, então pediu carona para fazendeiros e caminhou mais um pouco. Conversou com estranhos que lhe deram comida em troca de tarefas e pela graça de Deus chegou ilesa à casa de Diana, exceto pelas bolhas nos pés. Mais uma boca para alimentar, mais uma jovem que não tinha nada além de problemas para oferecer.

Não escreveu para os pais, somente para seus irmãos. As primeiras cartas foram respondidas, mas nenhuma mais. Como se ela não mais existisse, como se estivesse morta. Então os pais lhe enviaram todas as suas joias e roupas e embora Lucy quisesse acreditar que aquilo significava que se importavam com ela, que haviam mudado de ideia era uma mensagem clara: “Não queremos nem mais uma lembrança sua na casa dos Treimy. As roupas são para que entenda que jamais a aceitaremos de volta. Não escreva mais.”

Então ela parou. Embora sentisse uma falta absurda de Abigail, Johanna e Philip não escreveu de novo. Aquilo só causaria mais sofrimentos a ela e a eles também.

— Você não é como sua mãe, prima, como eu não sou como a minha. — Seus olhos verdes, como sempre mostravam demais para Diana. — Nós erraremos com nossos filhos, isso eu posso garantir, mas serão nossos erros e não os delas.

Lucinda assentiu e deu um beijo na testa da prima com carinho.

— Sou realmente grata por você existir — confessou com uma sinceridade absoluta.

— Somos gratas uma pela outra, então — respondeu de volta.

“London Society Chronicles, 14 de abril de 1819,

Caros leitores,

Estamos felizes em dizer que o baile oferecido por Lady G. foi um tremendo sucesso. Por sucesso queremos dizer que esse evento foi palco de novidades um tanto surpreendentes.

Soubemos que Lady L. não pretende casar uma, mas duas pupilas nessa temporada.

A Srta. H. não prometia grande rebuliço, pois embora seja um bom partido e cunhada de Lorde G. é uma jovem de beleza comum e comportamento esperado. Já a segunda pupila, com a qual não contávamos, é um tanto misteriosa e se destaca no salão de baile.

Apesar da idade avançada e do passado obscuro, parece que os olhos verdes de Lady D. foram o suficiente para fisgar não só um homem, mas o solteiro mais cobiçado da temporada.

Soubemos de fonte segura que Lorde B. foi visto comprando rosas e chocolates e entrando pela porta da frente da S. House. A residência estava repleta de pretendentes para a Srta. H.

Como sabemos qual moça o nobre foi visitar? Bom, Lady D. deixou alguns corações partidos pelo caminho dispensando cinco jovens naquela manhã informando que já está sendo cortejada pelo Lorde B.

Como um solteiro tão convicto foi arrebatado tão facilmente? Bom, isso ainda iremos descobrir.”

— Isso é um absurdo!

O marquês tinha a esperança — ínfima, porém existente — de que a imprensa atrasasse em alguns dias o momento em que sua família descobriria que estava cortejado Lucinda Dabley. Ou fingindo cortejar. O que para eles não importava muito. O infernizariam de todo modo.

Ao menos, poderiam esperar pelo desjejum, mas sua mãe e irmã liam os jornais de fofoca antes mesmo de dar a primeira mordida em suas torradas. Era um hábito um tanto irritante. Como se as notícias fossem definir o tipo de dia que teriam.

— Eu vou matá-lo, Sebastian! — Charlotte fechou os punhos e deu um grito de raiva.

— Se importaria de me matar em silêncio, irmã? — Massageou as têmporas buscando evitar a dor que viria. — É meu último desejo.

— O que está havendo? — Leonard questionou com uma sobrancelha erguida, seu peixe defumado já pela metade.

— Aprendi a não perguntar. — Robert deu de ombros com um sorriso para o cunhado.

— Você a está cortejando! Dentre todas as moças da Inglaterra você teve de escolher justo ela?

Que Deus o abençoasse! Lucinda teria que compensá-lo e compensá-lo muito bem diante de todo aquele aborrecimento familiar. Charlotte o deixaria surdo, tinha certeza.

— Eu não a aprovo!

— Que sorte a sua que serei eu a casar com ela e não você — respondeu imperturbável.

Naquele momento ele desejou — realmente desejou que fosse verdade. Tentou convencer a si mesmo de que o motivo era somente irritar Charlotte, mas não foi bem sucedido.

— Ver uma jovem da qual mal se sabe a origem comandar a minha casa será uma reviravolta um tanto peculiar, Milorde. — A mãe se dirigiu a ele de maneira completamente formal o que dava indícios de que estava realmente zangada. — Ao menos conhece os pais dessa jovem?

— Ela prima de uma condessa e tem um parentesco distante com Lady Treimy.

Arrependeu-se das palavras assim que saíram de seus lábios.

— Você é um marquês e ela tem um “parentesco” com um conde? — debochou. — Uma verdadeira joia da coroa. Ao menos os jornais dizem que ela é bonita. Devemos nos apegar a isso e rezar para que seja o suficiente.

— Não tenho que justificar a minha escolha de esposa para ninguém — disse com o olhar fixo em seu ovo quente.

O pobrezinho estava com a casca tão quebrada por suas batidas incessantes pela irritação que poderiam esfarelar em breve.

— Está se ouvindo? — a irmã questionou. — Está dizendo que mamãe não pode opinar sobre sua esposa. A mulher que ocupará o lugar dela.

Berthany se levantou e bateu a mão na mesa. Um gesto motivado pela irritação pura e simples.

— Nunca impedi ninguém de opinar sobre absolutamente nada nessa casa. Pelo contrário, você e mamãe devem ser as mulheres que mais verbalizam opiniões em toda a maldita Inglaterra, mas eu não sou obrigado a concordar com elas.

Endireitou a postura e soltou um suspiro fundo tentando se acalmar.

— Elas só querem ajudar, irmão. — Leonard se manifestou e ganhou um olhar de advertência.

— Só estamos dizendo o óbvio, Sebastian. — O tom de voz de Charlotte voltou a ser controlado. — Você é o marquês e ela não é adequada.

— Enfim concordamos em algo, irmã. — Acenou com firmeza se sentando novamente. — Eu sou o marquês.

Charlotte ia retrucar quando o mordomo se aproximou de Lady Berthany.

— Milady, o quadro acabou de chegar.

— Graças aos céus! Ao menos uma notícia boa! Um alívio depois de Mittlefolk — exclamou a marquesa com a mão ao peito.

Falecera há três semanas um primo distante de sua mãe. Distante o bastante para que ela decidisse que usar luto e se ausentar da temporada social era opcional. Apesar disso, parece que Sebastian era o parente masculino mais próximo e herdara a propriedade.

A propriedade que era um problema ambulante. Negligenciada e cheia de dívidas e problemas. Pediu a seu administrador que avaliasse a situação e lhe dissesse quantos criados teria que realocar quando a vendesse. Já tinha problemas demais. Não precisava de mais nenhum.

— Tragam o quadro aqui.

— Quadro, mamãe? — Leonard questionou.

— Ah sim, querido! Você verá! — Seus olhos brilhavam em animação.

Lorde Berthany assistiu silenciosamente enquanto se aproximavam e pousavam ao lado da mesa de refeições um suporte com um quadro coberto por um tecido.

— Abram — ordenou aos criados que o fizeram revelando a obra de arte.

Bela, sem dúvida. Retratava uma mulher vestida de azul escuro e dourado, cabelos longos tocando a cintura, o semblante triste e distante. A dama melancólica estava à beira de um lago por entre as rochas com duas crianças com vestidos brancos e cabelos cacheados. As cores, as nuances, os contrastes, tudo na pintura remetia a segredos. Do tipo que despertava a

vontade de ficar a observando por um longo tempo até descobrir cada mistério que ocultava.

— Foi arrematado por uma pequena fortuna na França anos atrás, porém o dono estava endividado e decidi fazer uma oferta pelo quadro — a marquesa contou ao filho mais novo que mal piscava.

— Que tipo de oferta fez? — O marquês achou melhor perguntar.

— Do tipo irrecusável. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Não limpei os cofres da família se é isso que quer saber.

— Mas que alívio!

— Ora, irmão, não seja assim tão preocupado. — Charlotte sorriu. — É uma oportunidade de se exhibir para sua futura noiva.

Reprimiu o comentário de que os interesses de Lucy nele iam além do dinheiro.

— Quero que todos o vejam — a marquesa disse ao mordomo. — Não, não! Melhor. Destinem um cômodo especial a ele. A sala de estar azul do térreo deve servir. Vamos revelá-lo à meia-noite.

O marquês passara a apreciar o quadro ainda mais agora que este desviara o assunto da corte dele e da perturbação infernal sobre que noiva ele merecia.

— Bom, já que escolheu sua noiva, Sebastian. — Ao que parece o quadro caríssimo não era páreo para a vontade de ferro de Charlotte. — Acho adequado que eu a leve para um passeio no parque amanhã pela manhã com algumas amigas.

— Acho a ideia excelente, querida — a mãe ajudou bebendo o chá elegantemente. — Vocês precisam se conhecer melhor.

Charlotte esperava por uma resposta. O olhar fixo no dele com um desafio implícito. Se fosse contra a ideia porque aquele passeio nada mais era que um motim contra a pobre moça, então daria mais munição para que dissessem que Lucy não era adequada.

Lady Dabley daria conta de Charlotte. *Bom Deus!* Ele esperava que sim.

— Ela ficará encantada, tenho certeza.

O sorriso da irmã seria perfeitamente descrito como diabólico.

Capítulo 10



— Beleza comum e comportamento esperado?

Dione bufou e Lady Limett bateu a bengala no chão reprovando tal atitude.

— Não é à toa que Lorde Vann não quis me ver. Ele deve me achar um tédio como o jornal de fofocas.

As Horidens haviam se reunido na sala de estar preferida da condessa para receber Lady Limett. Essa não parecia mais feliz que o restante delas com o jornal de fofocas. Supunha que enquanto todas as pupilas não estivessem com o casamento marcado, a velha dama não teria paz.

Lucinda se sentia culpada por ter roubado a atenção da prima no jornal. Não exatamente de uma maneira positiva, mas ainda assim queria que as atenções estivessem em Dione e não nela. Pelo jeito, tinha fracassado.

Devia parar de desejar as coisas, pois tudo vinha acontecendo exatamente ao contrário do que queria.

— Eu sinto muito, Dione — Lucy pediu, sentada ao lado de Diana.

— Não precisa se desculpar, prima. Eles não foram gentis com você também.

— Ao que parece eu sou uma dama misteriosa de idade avançada. — Levou o chá aos lábios com um sorriso e tomou um gole. — Acha que me confundiram com a senhora, Vossa Graça?

— Acho que anda com a língua muito afiada para o seu próprio bem, Luiza — alertou.

A pose da duquesa foi por água abaixo quando George desviou a atenção da brincadeira com Dayenne — que o ensinava a correr em círculos — e

colocou as patas sobre seu colo.

— Sentado — ordenou em tom rígido, mas os lábios da dama logo se curvaram discretamente. — Muito bem. — E lhe recompensou com um biscoito que o cão devorou.

Se alguém tinha objeções quanto a cachorros comerem biscoitos, não demonstraram. Não era novidade. George fazia o que queria, tal qual a duquesa. E a velha dama o mimava diariamente.

Só não o mimava mais que Liliana, a bebê que herdara seu nome. A pequena menina tinha tantos brinquedos e roupas que não daria conta de usar todos durante a vida. A condessa levá-la discretamente alguns para sua instituição de caridade. “Estarão mais bem aproveitados lá”, dizia à Lucy.

— A verdade é que o que os jornais de fofoca dizem nunca é totalmente positivo. Elogios não vendem. — Diana deu de ombros e ganhou uma bengalada em alerta. — Ei! A senhora não precisa me educar, eu já estou casada.

— Não me interessa. Uma condessa não sacode os ombros.

— A verdadeira pergunta é o que uma condessa pode fazer — Lucy murmurou e ouviu Daisy rir baixinho.

— Como eu dizia — Diana enfatizou não dando margem para interrupções. — Elogios não vendem, críticas vendem. As pessoas gostam de ler coisas que depreciam outras. Isso faz com que se sintam melhores consigo mesmas.

— Você anda tão profunda, irmã — Dafne aprovou. — Andou lendo as poesias que indiquei?

— Ah! — Pareceu surpresa com a pergunta. — Algumas, meu bem.

Lucinda reprimiu o comentário de que a condessa nunca fora amante de poesia e duvidava que tivesse lido alguma.

— Vamos ao que interessa. — A duquesa juntou as mãos no punho da bengala, determinada. — Luiza já está comprometida com o marquês. *Correto?*

O olhar da nobre era deveras ameaçador. Se ela soubesse, se sequer imaginasse que aquela corte era falsa cozinha Lucy e Sebastian no mesmo caldeirão. *Com batatas*. Por isso tentou a todo custo se manter firme na resposta.

— Correto.

— Então o seu dever, Lucinda é garantir que um pedido de casamento seja feito antes do final da temporada.

Assentiu com uma tranquilidade que não tinha. Ela pensaria em algo até o fim da temporada. Um motivo plausível para romper a união sem manchar a honra do marquês ou a dela. Não queria sua desonra respingando nas primas.

— Ah! E não permita que ele tome liberdades com você. Nunca. Em hipótese alguma.

Bem, aquele pedido era um tanto impossível de se atender já que o acordo de Berthany incluía especificamente “tomar liberdades”.

Foi um esforço hercúleo não corar pensando no ocorrido na dispensa.

— O que é “tomar liberdades”? — questionou Dayenne, subitamente curiosa.

— É — nunca vira a duquesa sem palavras — algo que não pode permitir que um homem faça com você.

— Como podemos não permitir algo que não sabemos o que é? — Daisy achou por bem perguntar.

— Não faça perguntas difíceis, Dalila — repreendeu Lady Limett e a menina resmungou. — E quanto a você. — Apontou para Dione. — Risquei alguns nomes na lista ontem. Ficamos com uma lista de três. Dance com todos, mas se concentre neles.

— Não quero nenhum dos três — lamentou. — Quero Lorde Vann.

— E eu quero paz e sossego, mas nem sempre podemos ter o que queremos.

De fato, paz e sossego não era algo que se podia ter com frequência e os de Lucinda haviam voado pela janela. Ali, em meio a bandeja de prata que o mordomo lhe estenderá após pedir licença estava um convite. Um convite que queria poder recusar.

— Você está pálida, menina. — A Duquesa franziu o cenho contrariada. — De quem é?

— A Sra. Frub teve a gentileza de me convidar para um passeio no parque com suas amigas. — Sorriu com ironia. — Ela não é gentil?

— Vou com você. — Diana ofereceu. — Charlotte me detesta, será nossa vingança pessoal para o que quer que tenha planejado contra você.

— Não — Lady Limett interferiu. — É uma armadilha, um desafio claro para que você a enfrente e prove que é digna do irmão dela. Não se engane, ela vai tentar te derrubar.

Não precisava de alertas quanto a isso. Não restava nenhuma dúvida que era essa a intenção de Charlotte. Apesar disso, a Duquesa tinha razão. Levar

a prima ou quem quer que fosse seria covardia e covardes eram alvos fáceis para valentões.

— Diga que eu aceito o convite — respondeu ao mordomo que meneou a cabeça mostrando que tinha entendido.

— Ah! Isso é tão romântico! — Dafne suspirou fundo. — Vocês são como Romeu e Julieta com famílias rivais.

— Bom. — Diana inclinou a cabeça ponderando — Eu espero mesmo que o final dessa história não seja tão trágico quanto o da original.

Lucy engoliu em seco. Ela também esperava.

A língua de sua criada muitas vezes tinha seus benefícios. Giuliana fez a tensão dissipar de seu corpo com seus comentários afiados acerca de Charlotte que a faziam rir. Além disso, ela e Giu eram mais aliadas do que nunca agora que ela provara sua lealdade a salvando de ser pega em uma despesa aos beijos com Lorde Berthany.

— Nunca gostei dela, Milady. — A ajudou a colocar o chapéu por sobre os cabelos louros lindamente moldados. — Parece que tem o rei na barriga. Achei que ela melhoraria depois que casou com o Sr. Frub. Ele é um homem comum. — Ela baixou a voz. — Dizem até que já foi um criado.

Lucy não sabia muito sobre o marido de Charlotte, só sabia que fora um casamento forçado. A jovem queria ser pega em uma situação comprometedor com o Conde de Graivil — atual marido de sua prima — e acabara presa na própria armadilha.

O orgulho da Sra. Frub, no entanto, excedia seu status social e agora que seu marido auxiliava o marquês nos negócios com a burguesia e donos de grandes indústrias, ela realmente se gabava disso. De ser casada com um homem de negócios.

— Ela falava aos quatro ventos que era vergonhoso um homem falar sobre trabalho e agora se gaba de ser casada com um trabalhador — a criada resmungou ajeitando o vestido da patroa.

— Não a julgo por ser hipócrita. A maioria da sociedade o é e eu tenho preguiça de julgar tanta gente — respondeu fazendo a criada rir.

— A senhorita é uma santa.

Lucy negou avaliando o vestido creme com fitas rosas e pequenos bordados coloridos espalhados pelo tecido. Fresco, agradável e adequado

para um passeio no parque. Não era o momento para chamar tanta atenção para si, já que obviamente grandes batalhas a esperavam.

— Acho que no fundo, bem no fundo, quase atingindo as profundezas do oceano, Charlotte é uma boa pessoa. — A criada soltou um resmungo com sua benevolência. — Ninguém é tão desagradável assim do nada.

— Pode ser que Milady tenha razão. — Ponderou e então deu um sorrisinho. — Mas não gosta de pensar que não importa quão mesquinha ela seja o marido dela trabalhará para o seu marido?

Lucinda cedeu a um gargalhada. Mesmo sabendo que as chances daquela realidade se concretizar eram inexistentes, não resistiu ao riso.

— Sim, Giuliana. Devo admitir que é mesmo impagável.

Cinco minutos no parque ela retirava qualquer coisa que tinha dito sobre Charlotte ser uma pessoa boa no fundo. Porque talvez sua bondade fosse tão subterrânea que sequer podia provar sua existência.

O marquês lhe devia uma explicação sobre aquilo. Devia-lhe desculpas por ter que passar por tal coisa sem um aviso formal. Ela teria prazer em esganá-lo na próxima vez que o visse e não seria agradável. Nada agradável.

Era um dia perfeito para passear no Hyde Park. Estavam caminhando ao lado do lago que refletia a luz do sol e o céu claro. Não estava quente, ou frio demais e embora a quantidade de transeuntes fosse substancial, não chegava a incomodar.

Havia muito para se olhar ao redor. A natureza chamava com sua beleza e os sons das pessoas interagindo era uma agradável distração. No entanto, a Sra. Frub não estava nada distraída e fixava seu olhar nela de forma perturbadora.

Suas três amigas — que Lucy achava mais adequado chamar de lacaias, discípulas ou seguidoras — caminhavam silenciosas, porém atentas. A Srta. French tinha um parentesco distante com um conde, a Srta. Crowd era filha de um comerciante rico e a terceira, a Srta. Guilles era uma prima distante dos Crowd.

Para quem antes andava com filhas de duques e marqueses, o ciclo social de Charlotte havia decaído, mas Lucy não era do tipo que julgava alguém pelo título. Somente adotará “Lady Dabley” e não “Srta. Dabley” para

tentar obter um pouco mais de respeito. Para que a sociedade a deixasse em paz.

Naquela tarde, tal estratégia não estava funcionando muito bem.

— Eu agradeço por ter aceitado o convite, Lady Dabley. — A voz da Sra. Frub era doce demais para inspirar confiança. — Mesmo eu o tendo enviado tão em cima da hora. Peço que me perdoe por isso.

— Foi um prazer vir.

Seria um prazer ir embora.

Sua vida era baseada em mentiras, então o que era uma mentira social só pela educação?

— Então, já que agora seremos praticamente irmãs. — Lucy sentiu o almoço voltar. — Eu gostaria muito de saber mais sobre você.

— É claro. — Assentiu com graça.

Escondendo com perfeição o caos que varrera sua cabeça naquele momento com várias mini Lucys vasculhando cada trecho de sua memória em buscas das mentiras perfeitas para contar para Charlotte. Expor a verdade era impensável. Para alguém que queria desesperadamente destruí-la parecia dez vezes pior.

— Conte-me sobre sua família.

— A senhora já conhece minha família — respondeu imperturbável.

A jovem de cachos escuros ao lado dela franziu o nariz muito brevemente ao ouvir sua menção indireta às Horidens.

— Bom, mas a senhorita tem pais, eu imagino.

— Meus pais estão mortos.

Não era mentira. Seus pais estavam mortos para ela e não ressuscitariam tão cedo. Nunca para ser mais exato.

— Eu sinto muito. — As condolências pareceram honestas, mas não barraram sua curiosidade. — Eles eram parentes das Horidens por parte de pai ou de mãe?

— De mãe.

Aquilo era verdade e saiu de seus lábios com naturalidade. Ainda que pudesse alegar o contrário não o fazia, pois agora que o lado paterno das Horidens tinha um conde a linhagem do pai de Diana seria investigada. Tinha que se contentar com meias verdades ao invés de mentiras que seriam facilmente refutadas.

— Qual o grau de parentesco?

Em nome do todo poderoso! Ela não ia desistir. Não ia desistir mesmo.

— Distante. — Soou propositadamente vaga.

— O quão distante?

— A perder de vista. — Deu um sorriso debochado. — Eu poderia me casar com um irmão de Lady Grivil se ela tivesse um.

— É mesmo? — O ar intrigado não a enganou nem um pouquinho. — Desculpe pela insistência é que sou obcecada com árvores genealógicas. Explique melhor o grau de parentesco entre você e as Horidens.

Obcecada por árvores genealógicas, pois sim. Talvez ter caído em desgraça fora a melhor coisa que lhe acontecera porque não suportava os rodeios da sociedade. A falsidade em não dizer o que se pensava pelo decoro e o treinamento para escolher cada uma de suas palavras para não ser levada ao ostracismo.

Não era à toa que odiava temporadas sociais.

— Minha avó que Deus a tenha era prima do bisavô do primo do avô da condessa.

Lucy não tinha ideia se aquilo fazia sentido, mas contava que Charlotte não fosse de fato obcecada por árvores genealógicas. Do contrário suspeitaria que ela não fazia ideia de que diabos que estava falando.

A Srta. French repassava a informação contando nos dedos e tentando compreender a confusão do que Lucy verbalizara.

— É curioso que mesmo sendo um parentesco tão distante você e suas primas tenham uma ligação tão forte. — Semicerrou os olhos.

Francamente! Aquela jovem merecia um crédito. Poucas pessoas conseguiam ser tão determinadas a acabar com a paz de outro ser humano.

— A ligação vai além do sangue, Sra. Frub.

— É claro. — Sorriu nem um pouco satisfeita.

Não ousou pensar que o passeio não poderia ficar pior. Isso foi acertado da parte dela, já que Lorde Howard estava caminhando no parque e desviou do próprio caminho para ir em direção a elas.

Mais uma vez o estômago de Lucinda revirou e um “corra” ressoou dentro de sua cabeça. Não obedeceu. Não poderia obedecer em um parque lotado com sua adorável não futura cunhada em seus calcanhares. Aquilo seria vergonhoso para toda a sua família, além de patético.

— Senhora, senhoritas — ele fez questão de cumprimentar Lucy por último para demorar o olhar nela —, Milady.

— Lorde Howard — respondeu seca.

— Como vai vossa corte, Lady Dabley?

— Melhor impossível. Obrigada por perguntar. — Sua expressão não se alterou.

Charlotte estava com o olhar fixo nela como que esperando que sua expressão denunciasse algo, qualquer coisa que pudesse usar como munição contra ela.

— De onde conhece, Lady Dabley, Lorde Howard?

— Nós dançamos juntos no baile de Lady Grashal depois de Lorde Howard ter me confundido com outra dama.

— Não é engraçado como há pessoas parecidas no mundo mesmo sem nenhum grau de parentesco? — a Srta. Crawd perguntou com ingenuidade.

— Hilário. — A expressão de Charlotte não continha humor algum, mas sim curiosidade. — Uma pena que também conheça Lady Dabley há pouco tempo, Milorde. Estou tentando descobrir mais sobre minha futura cunhada, mas esta é deveras misteriosa.

— Um pouco de mistério atrai os homens, Lady Dabley, mas em excesso pode afugentá-los. — As palavras deslizaram pela boca dele de forma perversa e repugnante.

As imagens evocadas em sua cabeça eram cruéis demais para suportar. Queria desesperadamente fugir.

Onde estavam os cavaleiros de armadura brilhante quando se precisava deles? Lucinda jamais tivera um. Sequer sabia se realmente existiam. Deviam estar nos livros e somente neles.

— Não sei o que seria de mim sem sua vasta sabedoria, Milorde. — A ironia era tênue o bastante para que somente o homem a detectasse.

— Sempre um prazer ajudar. — Acenou com a postura de um cavalheiro que não combinava com ele.

A Sra. Frub esperou o homem se afastar e observou Lucy por um longo momento.

— Senti que a presença de Lorde Howard a incomodou, Lady Dabley. — A falsa preocupação enganaria um desavisado. — Tem certeza que o conhece há tão pouco tempo?

— Há algumas pessoas que não precisamos de muito tempo para formar uma opinião, Sra. Frub. Não necessitei de mais que cinco minutos para decidir que não gostava de Lorde Howard.

Era a verdade nua e crua dessa vez. De fato, a antipatia veio subitamente, mas há anos atrás.

— Ora, Lady Dabley, não é nosso dever cristão não julgar a pessoa antes de conhecê-la a fundo? — Piscou os olhos de cílios negros de forma inocente.

Ela estava prestes a explodir, foi quando ele chegou. Seu cavaleiro de armadura brilhante. Sem a armadura, sem o cavalo, sem brilho e atrasado, mas estava lá. E era realmente lindo.

De repente Charlotte virou uma mosquinha irritante zumbido, pois sequer se importava com sua presença mais.

Aparentemente, olhar para o marquês colocava à prova sua dignidade, pois mesmo sabendo que não podia tê-lo estava rendida por aquele homem. Completamente. Mesmo que preferisse morrer a admitir tal coisa.

— Bom dia, graciosas damas — saudou a todas tocando na ponta da cartola que repousava com graça sobre os cachos escuros.

Apesar de ter se dirigido a todas, apesar das amigas de Charlotte terem soltado risos afetados com sua aparição, seus olhos estavam fixos nela. Lucy sentiu seu peito lutar por ar.

— O que faz aqui Sebastian?

Charlotte nem de perto estava tão feliz quanto ela ao ver o irmão. Aborrecida, sem dúvida, por alguém ter interrompido sua sessão de tortura.

— O tempo está ótimo para andar pelo parque, não acha? — questionou provocativo para a irmã. Eu vim esperando encontrá-las. Tinha a intenção de perguntar a Lady Dabley se quer caminhar um pouco comigo. A não ser que pretenda monopolizá-la o dia todo.

Não mesmo! Mas um minuto com Charlotte e iria enlouquecer a ponto de imitar uma galinha em praça pública.

— Nós estávamos no meio de uma conversa. — Torceu os lábios rosados, contrariada.

— Mas teremos outras oportunidades de conversar a perder de vista. — Lucy se apressou em garantir para a frustração dela.

— Maravilhoso. — Sebastian sorriu com cumplicidade — Vamos então?

Lucy assentiu e então acenou com graça para as mulheres, se despedindo. Charlotte a surpreendeu a puxando para um abraço como se a considerasse uma irmã querida que não podia passar um instante longe.

— Quem é você, Lucinda Dabley? — sussurrou em seu ouvido, entredentes. — Diga a verdade.

— Não está claro? — Ela se afastou com um sorriso irônico. — Sou a futura noiva de seu irmão.

Capítulo 11



Lucinda não se considerava uma dama vaidosa, mas também não era uma beata que havia jurado jamais cometer nenhum dos sete pecados capitais. No momento estava de fato com o ego inflado.

Não havia ninguém, homem ou mulher que não passasse os olhos por eles ainda que brevemente. Era uma farsa, mas eram um belo casal de fato.

Estava caminhando com o solteiro mais cobiçado da temporada. Quem poderia culpá-la por gostar disso?

— Então você é um cavaleiro de armadura, afinal — comentou, a mão deslizando levemente pelo braço dele.

Sebastian subiu os olhos negros até ela. Um brilho pecaminoso reluzia neles. Como lhe era característico.

— Eu não iria tão longe, mas sabia que estava em apuros.

Lucy suspirou ruidosamente em uma mistura de alívio e más lembranças. A manhã fora um pesadelo.

— Ela estava prestes a me enlouquecer. — Sabia que não era lá uma boa ideia falar mal da própria irmã para ele, mas não resistiu. — Porque Charlotte é assim?

— Ela não era — seu rosto era de quem momentaneamente viajava no tempo —, mas não importa. Achei que era uma boa ideia a sociedade nos ver juntos. Nos encontrarmos em lugares diferentes de dispensas com salames assassinos para variar.

Lucy controlou o riso bravamente, mas ao que parecia ele queria que ela sucumbisse, pois se aproximou discretamente e murmurou:

— Por sua culpa tenho uma ereção sempre que sinto cheiro de salame.

Não controlou o riso. Aquilo era absurdo e inadequado em tantos níveis. Nenhum cavalheiro que se presasse dizia a uma dama tal coisa, mas Berthany não era exatamente um cavalheiro. Era um canalha com um título.

Ainda assim, não podia dizer que não gostara de ouvir. Para sua vergonha era estranhamente prazeroso arrancar comentários obscenos do chefe de um dos marquesados mais tradicionais da Inglaterra.

— Acho uma excelente ideia darmos um jeitinho de nos verem em público.

Não era desavergonhada a ponto de comentar algo sobre salames e membros eretos.

— Estão falando de nós nos jornais, então é bom dar-lhes um pouco de assunto.

Seu sorriso perverso era de quem amava brincar um pouco com a sociedade.

— Mas não comemore ainda, Milady. Isso não substituiu nossos encontros íntimos — a última palavra deslizou por sua língua — que ficarão cada vez mais íntimos com o tempo.

Lucy simplesmente curvou os lábios como se ele tivesse comentado sobre o clima, ou os chapéus exagerados das damas que passavam.

— Se está tentando me assustar, não está funcionando — cantarolou sarcasticamente.

— Você gosta, não é? — instigou em tom baixo, cumprimentando seus pares que passavam. — Do meu toque, de ser o objeto dos meus mais vis desejos?

Maldição! Que pergunta era aquela? Quer dizer? Que mulher não gostaria?

— O senhor que está dizendo.

— A Dama se recusa a admitir. — Assentiu com um sorriso enviesado.
— Interessante.

— Seu ego já é demasiado imenso, Lorde Berthany — declarou a mais pura verdade. — Se eu fizer ou disser algo para aumentar tenho medo que ele não caiba no mundo que vivemos.

O marquês jogou a cabeça para trás em uma gargalhada, impossibilitado de negar tal constatação. Sua atitude atraiu ainda mais atenção dos que passavam. Não que precisassem de muito esforço para isso.

— Tenho que dizer, Milorde que é muito mais agradável que sua irmã.

— Ficaria profundamente ofendido se só sugerisse o contrário. — Com a mão direita tocou a dela repousava em seu braço. — Sobre o que conversaram?

— A Sra. Frub estava determinada a desenhar minha árvore genealógica — disse imperturbável, muito embora tenha se sentido perturbada e muito.

— E conseguiu?

Lucinda inclinou a cabeça, ponderando.

— Aparentemente sou uma mulher muito misteriosa.

Pelo olhar dele, apreciava tal característica.

— Não gosto de falar sobre meu passado — confessou. Era mais do que ela havia dito sobre isso em anos. Ao menos para alguém que não fosse suas primas.

— Pessoas que não falam de seu passado ou se envergonham por este ser incrivelmente monótono ou tem muito a esconder.

— E qual tipo de pessoa acha que eu sou? — instigou mirando a sombra agradável que a cartola fazia sob os olhos dele. Sérios e penetrantes no momento.

— Não consigo imaginar uma só coisa na senhorita que seja monótona.

Lady Dabley tentou não sorrir, mas Lorde Berthany era agradável demais para o bem de seu bom senso. Não havia como não se render a ele.

Desviou o olhar para o lado e percebeu que haviam se aproximado do Serpentine. Berthany se adiantou providenciando um barco para dividirem.

— Ah, não! Nem pensar — disse para o lorde em negativa, esse pareceu absolutamente intrigado. — Voltemos a caminhar. Não entrarei nesse barco com o senhor.

— Com medo de uma volta pacífica de barco, Milady? E eu que achava que era uma mulher corajosa.

— Não é isso.

Baixou o tom de voz percebendo que mais uma vez as atenções estavam neles. Em meio a carruagens estacionadas e tendas com mesas e cadeiras dispostas, a sociedade inglesa aguardava pelo próximo escândalo. Lucy já fora protagonista de um escândalo ao longo da vida. Isso lhe parecia mais que suficiente.

— Minha avó e meu avô se conheceram aqui — contou em tom baixo. Ele se inclinou para ouvi-la. — Ela dizia que quando uma dama e um cavalheiro compartilham um barco no Serpentine ficam ligados para sempre.

— Achei que já estivéssemos ligados. — Ele levou a mão ao peito com semblante entristecido. — Assim parte meu coração.

— O senhor é inacreditável — censurou com semblante fechado.

O marquês lhe estendeu a mão enluvada como um convite claro e amigável.

— Somos adultos completamente racionais. Não vamos ficar apaixonados por conta de um passeio de barco.

Lucy soltou o ar de seus pulmões e lhe deu a mão coberta por uma luva de renda com pequenas pérolas como botões. A sensação de estar aceitando algo mais sério do que um contrato de casamento.

Não era dada a superstições, mas acreditava no poder dos locais e dos momentos. Quando o barco oscilou sob seus pés, Lucy desequilibrou e encontrou firmeza nos braços do marquês para não cair. O braço forte enlaçando sua cintura e os olhos escuros fixos nos dela.

Bom Jesus! Poderia a matriarca dos Treimy e antiga — e verdadeira — Lady Dabley estar certa?

Sebastian engoliu em seco. A proximidade de Lucinda trouxe seu aroma de baunilha fresca. “Docinho” o apelido parecia se encaixar nela com maior perfeição a cada momento. Assim como o corpo dela encaixava no dele.

Lucy estava linda naquela manhã, muito embora ele faria algumas mudanças se pudesse. Começaria por aquele chapéu branco com rendas e pequenas flores em rosa claro o adornando. Queria vê-la com o sol sobre a pele. Ver seu suor escorrer se misturando ao aroma de baunilha e prová-lo com a língua.

— Milorde? — arqueou uma sobrancelha o analisando.

O marquês percebeu um pouco tarde demais que suas mãos estavam estáticas nos remos quando deveria movimentá-los.

— Perdão — assumiu seu olhar sacana os colocando finalmente em movimento — é que está acontecendo.

— Acontecendo?

— Acho que sua avó estava correta. Meu coração já está sentindo os efeitos do Serpentine, minhas veias estão possuídas pela ânsia sublime de tê-la em meus braços como minha esposa, docinho! — exclamou

teatralmente e a viu reprimir o riso. — O que fazer agora que minha felicidade se fundiu a tua e que não vejo um futuro que não ao seu lado?

— O senhor é um porco. — Não conteve a ofensa, contendo uma gargalhada com esforço.

— Não se preocupe, Milady, se ficarmos aqui mais alguns instantes tenho certeza que em breve o lago fará sua mágica sobre a senhorita. — Inclinou a cabeça a analisando. — Se eu a jogar na água talvez o efeito seria mais imediato.

— O efeito imediato seria eu o puxar junto.

O lorde não conteve o riso ao qual ela se juntou. Apesar das brincadeiras, das zombarias, não podia deixar de pensar que um casamento real com Lucy seria deveras agradável.

Ela era bonita, inteligente, tinha senso de humor e muito fogo debaixo das saias. Em resumo, era exatamente o tipo de mulher que escolheria.

Todavia, tinham um acordo selado que não envolvia casamento, somente prazer em troca de proteção. O que não impedia em hipótese alguma que ele se divertisse.

Poderia passar o dia com Lucinda observando a forma que seus braços tencionavam conforme remava.

Podiam questionar os escrúpulos e honestidade de ambos com aquele teatro, mas a atração mútua não podia ser negada. Estava fascinado pela maneira que o corpo delicado dela se acomodava no assento de estofado cor de vinho do barco reservado para as damas. Até que seu rosto tensionou desviando sua atenção.

— O que foi? — indagou percebendo que os olhos dela estavam fixos em algum ponto nas costas dele.

— Não acreditaria se eu contasse — e fez um sinal com a cabeça na direção indicada.

Com receio se virou para trás para encontrar Charlotte reunida com as amigas na beira do lago. Sua irmã usava binóculos e estava literalmente os bisbilhotando.

— O que exatamente ela pretende? — resmungou por entre os dentes.

— Será que ela lê lábios?

A pergunta saiu séria a princípio, mas logo Lucy se deixou levar por uma gargalhada que o contagiou.

— Ela não descansará enquanto não achar um motivo que me afaste de você.

— Ela terá que se esforçar muito — acrescentou o marquês.

As bochechas de Lucy coraram com o modo como ele a olhou. Aquilo fez seu corpo esquentar e o lorde considerou se jogar do lago para um banho frio.

— Uma pena que esse lugar seja tão público — lamentou. — Poderia fazer tantas coisas com você nesse barco, docinho.

— Não seja obcecado —, mas parecia contente dele o ser. — Tenho certeza que se cansará de mim antes que a temporada termine.

— Eu duvido muito — seu semblante era o mais sacana possível — e espero que esteja animada para o baile em minha casa. Onde conheço cada um dos esconderijos onde um casal pode se esgueirar para se divertir.

— Onde já levou suas trezentos e cinquenta amantes?

Não eram tantas, mas entendeu a provocação. Ele era um devasso. Nunca fizera nada para esconder tais hábitos. Todavia, desde seu acordo com Lucy não procurara outras mulheres e dispensou as que o procuraram. Talvez ela estivesse com a razão. Estava obcecado.

— Com ciúmes por ser a número trezentos e cinquenta e um, docinho?

— De forma alguma, Milorde. Quando estiver velha e solteirona escandalizarei a sociedade inteira contando que fui uma das seiscentas amantes do marquês de Berthany. — Pegou um leque e se abalou levemente.

— Seiscentas? Acha que terei tantas amantes assim?

— Confio em seu potencial.

— Sua confiança me comove, mesmo sabendo que dirá atrocidades ao meu respeito no futuro. — Levou a mão ao peito, fingidamente emocionado. — Destruirá a reputação de nós dois. Que má a senhorita é.

— Homens como o senhor são praticamente inatingíveis quando se trata de reputação e eu estarei tão velha que não terão coragem de me censurar e farei as mocinhas corarem com minhas histórias obscenas.

— *Minha filha, não se aproxime de Lady Dabley, ela é uma velha indecente* — ele imitou uma matrona insuportável.

— *Aquela velha louca diz que dormiu com o marquês que Berthany, já ouviu tamanha insanidade?* — ajudou com uma voz irritante.

Sebastian sentiu o peito leve com uma risada. Ele era um homem alegre. Realmente era, mas dificilmente encontrava uma mulher tão parecida com ele, que gostasse tanto de zombar da vida e dos absurdos dela.

— No que está pensando? — instigou como se pudesse ler sua mente.

— Que quando a vi naquela primeira visita a Graivil em Greit a considereei uma bela mulher, porém imaginei que fosse como as outras. — O olhar dela era intrigado. — Recatada e desinteressante.

— É isso que pensa das damas? — Recostou no estofado, se divertindo. — Criaturas enfadonhas e desinteressantes?

— Em sua maioria. Donzelas me entendiam.

— O senhor não me parece entediado comigo. — Passou a se abanar com mais vigor como se estivesse ficando com calor. — Talvez por que suspeite que não sou uma donzela?

— Ou pode ter a ver com o fato de ter me dado um beijo há três anos que ficou grudado em minha cabeça até os dias de hoje.

— E um tapa — provocou. — Não se esqueça disso.

— Como eu poderia?

Lucy resistira de forma bastante vigorosa quando perguntou se gostaria de ser a amante dele com um belo e forte tapa no rosto.

— Sempre peço que as mulheres me estapeiem. É quando me apaixono.

Lucy aguardou até que se afastassem de um barco ocupado por um casal muito jovem antes de falar novamente. O que só o fez ficar mais curioso sobre o que tinha a dizer.

— Talvez eu devesse estapeá-lo no traseiro na próxima vez — murmurou com o rosto tão inocente que com um pouco mais de barulho duvidaria se estava delirando.

Ele soltou um muxoxo.

— Mal sabia que tinha conhecimento de uma palavra tão baixa, Lady Dabley.

— Ora, o senhor tem um traseiro e eu tenho um traseiro. — Bateu o leque fechado algumas vezes na mão esquerda. — Não vejo porque não podemos mencionar isso.

— Eu vejo. — Assentiu calmamente e antes de ser tomado como puritano comentou: — Agora eu estou em um local público demais para agarrar seu traseiro, docinho. E eu adoraria fazê-lo ainda nesse barco.

— O senhor não tem escrúpulos.

— A senhorita me provoca.

Ela mordeu o lábio inferior. Ao que parecia seus argumentos tinham se findado.

Estava se preparando para provocá-la mais uma vez quando viu.

Dione Horiden com seus cabelos escuros bem moldados sob o chapéu caminhando com Leonard que fingia muito bem ser um cavalheiro. Lady Limett seguia atrás deles na companhia de Dayenne e George.

O pequeno *Charles Spaniel* parecia a mais orgulhosa das criaturas, mas não foi isso que chamou sua atenção. Leonard e Dione pareciam se entender demasiadamente. O marquês franziu o cenho sem se conter.

— O que há?

Lucy não esperou que ele respondesse virando o corpo para ver por si mesma. Quando se voltou para ele deu um sorriso satisfeito.

— Creio que minha prima e seu irmão estão se entendendo.

— Isso não pode continuar.

Seu maxilar estava tenso, a expressão fechada, a testa franzida. A pura concepção de um homem furioso e irritado.

— O quê? — Arqueou uma sobrancelha, confusa com o seu grau de irritação.

— Peça que sua prima se afaste de meu irmão.

O tom duro a fez recuar contra o encosto, em defesa.

— Não posso fazer isso. — Soltou um riso sem humor. — Já pensou que ela pode ter se afeiçoado a ele?

— Não me importa se ela o ama. Não permitirei que esse casamento aconteça. — Percebeu tarde demais o quanto suas palavras tinham sido rudes.

Lucinda olhou furiosa para a água como se considerasse atravessar o *Serpentine* nadando. Não demorou muito para que constatasse que era uma completa insanidade. Se o que ela queria era não meter a família em escândalos, nadar diante da sociedade londrina não era um bom caminho.

— Encoste o barco, por favor. — Um esforço foi necessário para que fosse educada.

— Lucy...

— Encoste o maldito barco — disse por entre os dentes.

— Não antes de me deixar explicar — e cruzou os braços deixando claro que não moverá um centímetro sequer a embarcação.

Lady Dabley olhou para os remos e ameaçou tomar posse deles antes que o marquês os afastasse, os tomando para si.

— Não vou deixá-la remar.

— Quem disse que eu queria remar? — questionou com arrogância. — Queria era acertá-lo com um dos remos.

Ele fechou os lábios um contra o outro buscando controlar o ímpeto de continuar as provocações. Ela estava irritada demais para aquilo se tornar amigável e divertido como antes.

— Posso me explicar?

— Explique, Milorde. — Cruzou os braços com os lábios tortos em desgosto. — Explique porque considera minha família tão inferior a ponto de não enxergar um futuro de seu irmão com minha prima. Explique porque diz que é diferente de sua irmã e está agindo exatamente como ela e se puder também me explique porque somos inferiores para casar com um Vann, mas ainda assim eu sou altamente qualificada para ser uma amante. Não lembro de o senhor ter perguntado sobre minhas origens quando disse ansiar por se enfiar entre minhas pernas.

— Por que não me importo, inferno! — exaltou o tom de voz chamando o olhar de alguns pares próximos.

Sebastian passou a mão pelo rosto e soltou um suspiro fundo em frustração.

— Leonard não é homem para a sua prima — afirmou com o semblante fixo no dela. — Não vou me prolongar no assunto porque não cabe a mim falar mal de minha própria família. Ele jura que mudou, mas eu não acredito. Se ela realmente tem interesse nele, peça que tome cuidado. Há cavalheiros mais adequados.

— Desculpe eu... — engoliu em seco um tanto desorientada. — Não quis julgá-lo mal. Fomos humilhadas tantas vezes que acho que construí um escudo em volta de mim. — Voltou-se para ele com semblante entristecido. — Elas são a única família que eu tenho.

— Eu sei. — Seu olhar era como uma carícia na pele do rosto dela. — Por isso peça à menina que tome cuidado.

— Farei isso. — Assentiu, ainda melancólica. — Obrigada.

— Disponha.

Não queria que o coração de uma jovem dama se partisse por um moleque sem escrúpulos. Sabia que o de Lucy se partiria junto com o da prima e em mil anos essa era a última coisa que ele queria que acontecesse.

Por que o estado do coração de Lady Dabley era tão importante para ele? Isso ainda estava para descobrir.

Capítulo 12



A fala de Lorde Berthany a respeito de seu irmão ainda martelava em sua cabeça. Lucy buscou um bom momento para conversar com Dione, mas nunca parecia ser a oportunidade perfeita.

A prima estava feliz como nunca vira. Não chegava a ser um amor arrebatador, mas ela realmente sentira algo para com Leonard Vann. Dentre todos os pretendentes era o mais agradável aos olhos e ao coração da prima. Detestava ter algo a dizer contra isso. Detestava ser a pessoa que estilhaçaria seus planos.

— Vai permitir que ele a corteje? — questionara à Duquesa em particular no dia chegara do lago.

— Ora, Luiza, não achei que se importasse com o que acho — resmungou. — Ao menos ela sente afeição por ele, é um começo. Ele tem uma boa família, um sobrenome e bom de se olhar. Se seria minha escolha? Não. Mas terei menos trabalho consertando esse rapaz do que convencendo sua prima a escolher outro. Vocês são teimosas como mulas.

Olha só quem falava! A duquesa só fazia o que queria e insistia em suas ideias até o fim!

Não satisfeita, conversou com Diana e até mesmo com o Conde, mas receberam respostas similares. Que apesar de não estarem exultantes de felicidade com a escolha de Dione preferiam ficar atentos ao desenrolar do que proibir uma relação que sequer sabiam se realmente daria certo.

Em resumo, sua tentativa covarde de esperar que alguém alertasse a prima se frustrara o que a fazia se sentir ainda pior sobre o assunto.

Não podia adiar aquilo novamente. O baile dos Berthanys seria na próxima noite, onde certamente se encontrariam. Precisava alertá-la antes disso.

— Sabe onde está minha prima, Clarence? — questionou ao criado pessoal do conde.

Devia ter cerca de setenta anos. Cabelos brancos, corpo esguio e forte e olhos castanhos vivos que tudo enxergavam. Mais do que um criado, o homem era como se fosse da família tamanha lealdade que tinha com seu patrão e com Diana. Além disso, era extremamente carinhoso com Liliana. A enchia de mimos sempre que tinha tempo livre para isso.

Ele e Lady Limett disputavam quem amava mais a criança.

— Ajude-me, Milady. — Deu um sorriso agradável. — A qual das quatro se refere?

Era outra coisa que apreciava em Clarence. Ele tinha senso de humor.

— Dione.

— Na biblioteca com a Srta. Dafne.

Lucinda assentiu em agradecimento. Ela estava acompanhada. Isso complicava um pouco as coisas, não poderia negar, mas não recuaria naquele momento.

— Clarence — chamou novamente e ele se virou, atento.

— Sim, Milady.

— Você é um homem influente.

Ele achou graça da alegação.

— Sou um mero criado de quarto.

— Que tem o respeito de outros criados e que sempre sabe de tudo. — Alimentou sua vaidade, mas não mentia. — Preciso saber das informações de alguém.

— A senhorita supõe que eu haja como uma matrona fofoqueira? — indagou demonstrando indignação. Lucy somente ergueu uma sobrancelha em resposta. — Basta me dizer de quem se trata e descobrirei os segredos mais sórdidos para a senhorita.

Lucy não conteve o riso.

— Leonard Vann.

Se Berthany não queria lhe contar, então ela descobriria por si mesma a sujeira que a família Vann escondia, mesmo tendo a própria para varrer para baixo do tapete.

— Se você e Lady Limett fossem ambos aristocratas não quero imaginar o caos que esse mundo seria.

— Deus não dá asas à cobra, Milady — respondeu simplesmente, a fazendo rir.

Caminhou até a agradável biblioteca dos Graivil. O Conde fazia questão que mantivessem a biblioteca organizada e atualizada. Normalmente lia coleções inteiras sobre assuntos específicos que lhe trariam algum conhecimento nos negócios.

Para Lorde Graivil literatura não era um passatempo, mas fez questão de ter uma grande área das prateleiras de carvalho repleta por romances para sua esposa e primas. Lucinda lia um ou outro, mas preferia os mais picantes como os de Madame Seraphine. Esses com toda a certeza o conde é a condessa não aceitariam na biblioteca deles.

Dione estava sentada na grande escrivaninha de mogno do conde e rabiscava algo em seu caderno de cálculos. Dafne, por outro lado, estava esticada em um sofá próximo da janela com um livro nas mãos. A posição era perfeita para que os raios solares garantissem a luz necessária para a leitura.

Patrick, o criado que atendia as necessidades pessoais da condessa, estava de pé ao lado de Dafne que retirava um papel dobrado do meio das páginas do livro.

— É um dos meus preferidos, acho que ela vai gostar muito — disse lhe passando o papel que Patrick guardou como se fosse de importância vital.

— Obrigada, Srta. Horiden. — Fez uma mesura respeitosa.

— Disponha — respondeu com seu olhar doce característico. — Espero que tenha sucesso com sua amada, Patrick.

Ele a reverenciou mais uma vez com as bochechas coradas e cumprimentou Lucinda antes de deixar a biblioteca.

— O que foi isso? — Lucy quis saber.

— Patrick está apaixonado — contou a jovem sacudindo os pés. Amava ler, mas ainda assim precisava de algo que consumisse sua energia. — Suspeito que pela criada de quarto de Daisy, mas ainda não temos certeza. Daisy a está sondando.

Pobre Abigail! Com Daisy em seu encalço. Não gostaria de estar em seu lugar. Que Deus a abençoasse, que sua prima não enlouquecesse sua própria criada antes do fim do ano.

Mas não podia perder tempo com tais trivialidades. Era com Dione que viera falar e esta parecia alheia ao que conversavam. Rabiscando um pedaço de papel sem parar.

— O que está fazendo, meu bem? — sondou com curiosidade mal disfarçada.

— Se vendermos a propriedade de Greit a prestações com juros...

— Vamos vender a propriedade? — questionou alarmada e mesmo Dafne virou um pouco as orelhas, atenta.

— Não. — Fez um gesto de dispensa com a mão. — Primo Benedict e Diana gostam demais de lá para isso e nós também. Só estou fazendo cálculos para me distrair e não... pensar.

— Em Leonard Vann? — A prima respondeu com um murmúrio — Dione, não sei como lhe contar isso, mas — fechou os punhos em busca de um melhor jeito — conversei com o marquês há alguns dias. Ele tem reservas quanto ao irmão.

— Eu sei. Leonard me contou — respondeu com uma calma desconcertante.

— Contou?

Lucy piscou os olhos repetidas vezes em surpresa. Fora assim tão fácil?

— Sim. — Dione assentiu. — Lorde Vann me disse que era um tanto imaturo no passado e acabou por decepcionar sua família, mas que está disposto a recomeçar.

— Bom, fico feliz em saber.

Ao que parecia o homem podia ter seus defeitos, mas os reconhecia. Era um grande passo. Não podia condená-lo por erros do passado, também tinha os dela. A questão era porque Sebastian era tão duro com o irmão. Mero orgulho ferido?

— Acho que ele gosta de mim — a prima deu de ombros — e te confesso que escolher alguém e terminar com essa loucura da temporada seria uma benção. Sei que acabo de estreitar, mas não tenho dormido bem com toda essa agitação.

— Está mesmo com uma sombra sob os olhos. — Entortou os lábios. — Deveria pedir a Mirtes que faça um chá calmante para que durma melhor essa noite.

A prima assentiu graciosamente. Era certo que faria o que fosse preciso para ter a atenção de Lorde Vann.

Lucinda se voltou para Dafne novamente para perguntar como estava, mas essa sequer piscava.

— O que de tão interessante está lendo? — Semicerrou os olhos em sua direção.

A prima sacudiu o volume de forma despretensiosa.

— Os romances da biblioteca estavam me deixando entediado, então peguei um dos seus. — Lucy arregalou os olhos. — Está muito interessante. O mocinho já a beijou duas vezes e ele ainda pegou em seus sei...

— Dafne! — Lucinda praticamente pulou na direção da prima e arrancou o livro de suas mãos. — Isso não é para você.

— Mas que ciumenta! — Cruzou os braços em censura. — Eu sou cuidadosa! Não ia estragá-lo!

— Pelos céus, prima! — exclamou com as bochechas queimando em pudor. — Esse livro é muito avançado. Não é adequado para uma moça solteira.

— Mas você é uma moça — Dafne acusou.

— E é solteira — Dione ajudou a completar.

Por um instante abriu os lábios sem saber o que responder ao certo.

— Mas sou uma sem vergonha e vocês não deveriam seguir o meu exemplo.

— O que exatamente tem nesses livros? — Dafne exigiu saber.

— Beijos! — adiantou-se. — Como você bem disse.

— Duvido muito — a menina resmungou.

— Acha que Leonard me beijaria? — Dione questionou para a irmã.

— Vocês poderiam se esgueirar pelo jardim, quando ninguém estivesse olhando.

— Ou você pode se comportar e deixar as coisas correrem naturalmente.

— A sugestão de Lucinda não as animou nem mesmo um pouco.

— Você às vezes é uma chata, Lucy — Dione disse, embora em tom afetuosos.

— Ah! Querida prima, acredite, quando a questão é agir por impulso eu sou especialista no assunto — lamentou.

Só esperava que o baile corresse de forma tranquila. Agora que a prima com Leonard não parecia mais uma preocupação, já que o jovem fora honesto com ela, voltou sua atenção para os próprios problemas.

Antes tinha que fugir só de Lorde Howard. Agora teria que fugir dele e de Charlotte Frub.

Quem mesmo achou que era uma boa ideia voltar a Londres?

Viera vestida para a guerra. Só que sem as lanças e armaduras. Somente um vestido de noite deveras espetacular. Geralmente resistia a aceitar mais dinheiro do conde que o necessário, mas Lorde Graivil fora duro daquela vez.

Preocupava-se com ela. Além do mais, o modo como se vestia era fundamental para causar uma boa impressão para Dione e deixá-la apta para se casar. Tentava usar algo simples para que Dione brilhasse, mas a própria prima insistiu naquele modelo e se havia um lugar onde queria brilhar era no baile dos Berthanys.

Por isso, o vestido champanhe com bordados em dourado, dava a impressão de que o próprio sol o agraciado com sua luz. Tinha que estar esplêndida. Tudo tinha que correr perfeitamente, mas assim que desceu da carruagem e notou o lacaio da que estacionara ao lado quase tropeçou.

Ela reconheceria aqueles cabelos avermelhados e olhos escuros em qualquer lugar. Ele não ousou retribuir o olhar dela, em seu lugar também não o faria.

— Lucy? Está tudo bem? — Dione questionou instigando porque estava parada.

— Claro. — Assentiu calmamente. — Eu só...

Olhou ao redor. O local estava lotado. Damas e cavalheiros saíam de suas carruagens a todo instante. Falar com um criado chamaria muito atenção. Teria que torcer para reencontrá-lo em outra ocasião.

Concentrou-se em caminhar ao lado de sua família até a entrada principal da Fox's House, seus pés tocando os degraus e a coragem lhe dominando um pouco por vez.

Houve um tempo em que aquele mundo era dela, que se sentia em casa em um evento de tal natureza. Muito mudara. Ela mudou.

— Vá na frente. — Ouviu o conde orientar a esposa que sorriu em resposta. — Lady Dabley, se importaria?

Lucinda ficou surpresa com a interrupção pouco antes de entrarem. Ela e Graivil se aproximaram muito quando o orientou em como conquistar Diana, mas a interrupção a surpreendeu. Ele não era um homem muito falante.

Os dois voltaram a descer os degraus e se posicionaram a ponto de não atrapalhar a entrada e ela aguardou com o estômago borbulhando de ansiedade.

O Conde estava bem vestido como sempre naquela noite. Com um colete verde esmeralda abaixo do casaco preto que destacava seus olhos e os cabelos loiros bem penteados. No entanto, aquela cicatriz que tinha no rosto era o que deixava as mulheres rendidas. Um lembrete de que era um herói de guerra com um título concedido por Sua Majestade, embora jamais contasse como a conseguira.

— Não tenho o direito de lhe dizer como viver a vida ou a quem escolherá como noivo.

De fato, ele a respeitava como uma adulta e jamais lhe disse o que fazer. Havia uma linha tênue que o faria interferir que era a linha do que colocaria suas cunhadas em risco, mas Lucinda jamais a cruzara. Ao menos, não publicamente.

— Mas se está com Berthany por preocupações com seu futuro, então peço que esqueça isso.

Seu semblante era sério como sempre, mas ela sorriu com o carinho dele. O Conde era uma boa pessoa. Pena que seu exterior taciturno não mostrasse isso muitas vezes.

— Quero que saiba que cuidarei de você como cuido de minhas primas e que não é um fardo para mim de forma alguma.

Lucy queria abraçá-lo, mas seria escandaloso. Então somente sorriu e fez uma reverência.

— Obrigada. — Não havia uma palavra melhor para encaixar ali. — Mesmo.

O Conde abriu os lábios para responder antes de serem interrompidos.

— Ora, Graivil, então é você que monopolizou Lady Dabley e me fez buscá-la aqui fora?

— Sempre encantador, Vossa Graça. — Havia um bocado de ironia na forma que o Conde se dirigiu ao amigo.

Como um homem tão sério e um libertino se tornaram tão próximos ainda era um mistério. Sabia, no entanto, que ambos se conheceram devido a Charlotte. Ela servira para algo, afinal.

— Não mais do que você, meu amigo. — Devolveu a ironia. — Adoraria fumar um charuto mais tarde, mas no momento tenho uma bela dama para exibir.

— Como o suporta? — o conde questionou a ela que cedeu a uma risadinha conforme aceitava o braço do marquês.

— Ele é bom de se olhar — cedeu com um sorriso.

Sua mãe perderia horas falando sobre o tanto que o salão de baile estaria perfeito naquela noite. Um pouco irritante, de fato, mas tinha que admitir, também bastante correto.

Os grandes arcos das portas foram decorados com flores brancas, as cortinas eram douradas e exuberantes. O lustre tinha cada uma das velas acesas, bem como os candelabros. Os tapetes usuais foram retirados revelando o brasão milenar dos Berthanys e arabescos que se difundiam no piso polido com cera de abelha.

Mas nada se comparava a Lucy.

Ela estava linda. Um perfeito diamante e ele se encontrava completamente envaidecido por poder exibi-la pelo salão como sua convidada, a mulher que estava cortejando. E, constatou, estava se perdendo em sua própria mentira.

Quando a mão de Lucy pousou em seu braço mesmo com as camadas de tecido entre a pele deles, ele sentiu seu toque como brasa que ardia. Queria que fosse real. Queria que pudesse ser real, mas Lucy tinha um passado misterioso e ele era um marquês. Além disso, era somente um acordo para ela. O que tinham era carnal. Era tudo pelo prazer.

Dançaram uma vigorosa quadrilha que a fez ruborizar levemente. Quando se inclinou para falar-lhe o aroma de Lucy chegou às suas narinas e o preencheu. Ameaçando deixá-lo tonto.

— Tenho que dançar com outras damas essa noite, mas em breve nos encontraremos de forma muito mais agradável que em uma dança.

Lucy assentiu com um leve sorriso malicioso e ele tentou tirar aquela imagem de sua cabeça enquanto vagueava pelo salão em busca de uma jovem que não fosse insossa.

Ele não queria dançar com outras e aquilo era perturbador. Gostava de desculpas para tocar mulheres que considerava atraentes, mas no momento só havia Lucy. Só ela e a vontade de arrastá-la para um quarto. Tornara-se um homem deveras primitivo e sabia que isso deveria ser remediado o mais breve possível.

Todavia a imagem parecia cravada em seus pensamentos. Juntamente com as que sua cabeça resolvera criar como a de Lucinda em sua cama com o mesmo maldito sorriso.

“Tenho que dançar com outras damas essa noite.” Claro que tinha. Ele era o anfitrião e era demasiado rude e escandaloso se dançassem juntos mais de uma vez. Daria margem para falatórios.

Soltou um suspiro fundo imaginando que teria certo trabalho no resto da noite, pois teria que aceitar algumas danças. Foi quando um criado lhe entregou um bilhete discretamente.

Como presumia, não fora a única a reconhecê-lo e muito menos a única a considerar que depois de tudo que tinha acontecido precisavam conversar. Ela podia passar despercebida para pessoas que lhe viram em um salão de baile algumas vezes, mas não por ele.

Conheciam-se de formas que não havia como esquecer. Além disso, ao contrário dos outros, sabia muito bem que não estava em um convento em Devonshire.

Logo depois que foi expulsa da casa dos pais, ela mandara um bilhete lhe avisando onde estaria e pedindo perdão.

Nunca obtivera uma resposta.

Discretamente, sem alarde, Lucy saiu do salão e caminhou para o oeste, uma área escura e calma.

O cheiro de tabaco saía da sacada do andar de cima como uma névoa espessa. Imaginou se seria Berthany e o conde a fumarem naquele instante. A ideia de que ele poderia ter desistido de dançar com outras damas a agradava, mas não havia tempo para isso. Andava rente à mansão, o mais imersa possível na escuridão até ouvir alguém chamá-la.

Em meio ao muro de horas estava Eric, visivelmente ansioso e temeroso por estar se encontrando com ela. Sabia o que colocava em risco ali. Sabia que o já colocara em risco no passado.

— Perdoe-me, Milady. Tinha que ter certeza de que era você.

Aquela voz, aquela voz reconfortante fez com que ela o abraçasse com força. Não havia mais o fogo que um dia os abraçou, mas eles eram amigos. Desde muito jovens eram amigos e — lembrou bem — ela o destruíra.

— Eu peço perdão — e se afastou para olhar diretamente em seus olhos.
— Anos atrás, eu não tive a intenção de desgraçar sua vida, ou a minha. Eu só queria...

— Eu sei. — Assentiu, compreensivo. — Não me arrependo. Minha mãe ficou furiosa comigo por ter perdido o emprego, por ter ido embora sem nenhuma carta de referência e com péssima fama. Ela me proibiu de responder o bilhete e me chamou de idiota algumas vezes.

Lucy respirou fundo e colocou os dedos nos cantos dos olhos para não sucumbir ao choro. Suas mãos tremiam e ela ainda não acreditava que os caminhos dela e de Eric se cruzavam novamente.

— Mas conseguiu um emprego.

— Consegui — confirmou. — O Barão estava falido e precisava de um laçao experiente que aceitasse trabalhar praticamente de graça. Ele se casou e ascendeu socialmente logo depois. Então, aqui estamos. — Apontou para seu uniforme.

— Eu sinto tanto — disse novamente. A culpa ainda a atravessando sem aviso.

— Não sinta. — Apertou suas mãos com carinho. — Marquei esse encontro porque precisava lhe avisar. O barão é perigoso.

Infelizmente aquela informação não era novidade para ela. Conseguia ver a loucura nos olhos dele.

— O homem ficou completamente louco quando descobriu que foi para um convento. Não quis acreditar em seus pais e disse que a procuraria até no inferno.

— E no inferno ele me encontrou — lamentou porque aquela temporada não estava nada agradável. Exceto por Lorde Berthany que era o que a tornava mais leve.

— Tome cuidado, Lucy — pediu com o olhar carinhoso, o olhar de um amigo.

— Você também — pediu. — Minha pele não é a única que ele vai querer.

— Ele não sabe que fui eu. — Negou com a cabeça. — Desconfia que foi pega com um empregado, mas não sabe qual. — Virou a cabeça ouvindo um ruído de risadas ao longe. — Não podemos nos ver mais. Seria um desastre sermos pegos juntos outra vez.

Lady Dabley sacudiu a cabeça concordando e então deu um passo na direção dele e beijou seu rosto com ternura.

— Fico feliz que está bem — disse de todo coração. — Espero que tenha uma boa vida. Você merece mais do que ninguém.

— Espero que encontre o amor, Lucy. — Deu um sorriso. O sorriso de menino que um dia fizera seu coração disparar no peito. — Tivemos muito trabalho para afugentar aquele homem de você.

Ela riu enquanto Eric se afastava para voltar ao seu posto. A ideia não era exatamente afugentá-lo, muito embora fosse o seu desejo. Lucy queria um sonho roubado antes de se ver presa a um casamento sem amor e na época seu amigo lhe dera isso.

Quando o jovem se afastou era como ver seu passado, seu lado menina se afastar também. Como se parte dela se perdesse, mas não uma parte qualquer. Uma parte que ela precisava deixar para trás há muito tempo.

Infelizmente seu passado era complexo demais para partir assim, pacificamente, sem que ela precisasse lutar para se livrar dele. Enquanto Eric sequer pensou em considerar que o que um dia tiveram não se findara, Lorde Howard tinha ideias absolutamente diferentes.

O homem era completamente obcecado por ela e firme na ideia de que estavam noivos.

Ela o encontrou no caminho de volta ao baile, na porta do salão. Sentiu o estômago revirar quando lhe lançou um olhar similar ao de um marido desconfiado, como se ela o pertencesse e temesse estar sendo traído.

Era tão completamente absurdo. Ela não pertencia a ninguém, nem mesmo ao homem

— Uma dança, Milady? — sugeriu olhando para o cartão que pendia em seu pulso.

Ah? Aquelas regras sociais estúpidas! Ela não poderia recusar a menos que tivesse um bom motivo. E embora Emily Treimy o tinha, Lucinda Dabley conservava apenas uma antipatia súbita pelo homem que conhecia.

Estava em um tabuleiro de xadrez, era uma das peças do jogo. Um passo em falso e ela poderia ser engolida junto com todas as suas primas.

— Claro. — Sorriu com graça e postura.

Mesmo sentindo um asco imenso pelo homem que a acompanharia na valsa.

Capítulo 13



— Eu já mencionei ao senhor que tenho um gato?

Somente cento e cinquenta vezes.

— Creio que sim, Srta. French — disse com toda a paciência que conseguiu reunir.

Não era muito já que Lucinda estava naquele momento dançando com outro homem e ele com uma das amigas de Charlotte que obviamente acreditava haver esperança dele mudar de ideia quanto a Lucinda e declarar seu amor por ela.

— Ele é adorável. Adoraria que o conhecesse.

Por Cristo! Ele preferia se casar com o gato que com tal dama. Não que não fosse bonita. Tinha uma beleza clássica e agradável, mas não lhe despertava sequer uma faísca. Lucinda por outro lado...

Ele a buscou em meio ao salão e percebeu de imediato seu desconforto. Achou que Howard era um mero inconveniente para ela, mas ao que parecia ia além disso.

Sentiu que precisava interferir, então pediu desculpas a Srta. French que pareceu deveras frustrada quando ele a deixou assim que a música terminou.

Achou que o homem a deixaria em paz, que a respeitaria por estar sendo cortejada por ele, mas ao que parecia Howard era muito mais ousado do que poderia presumir.

Somente um homem atento perceberia, mas o marquês tinha olhos de águia e observou o exato momento em que escorregou os dedos levemente em seu punho. Uma carícia que a fez puxar a mão com brusquidão.

— Quanto tempo mais você e o marquês irão fazer esse jogo?

Lucy manteve a postura, mas ele percebeu que sua garganta oscilava. Quem aquele sujeito achava que era para questioná-la?

— Algum problema aqui? — Não se preocupou em ser educado.

Quando pousou a mão dela em seu braço em uma atitude aparentemente possessiva, ouviu seu suspiro fundo de alívio.

— Milorde — Howard acenou com a cabeça. O semblante impassível. — Problema algum.

— Acho bom mesmo — acrescentou, o tom mais grave que o habitual.

Lucy fechou os olhos e respirou ruidosamente assim que ele se foi. Berthany lhe ofereceu uma taça de champanhe que ela virou de forma pouco elegante. Não era comum que perdesse a pose. Algo muito sério acontecera.

— Uma palavra sua e acabo com ele aqui mesmo neste salão de baile — disse por entre os dentes.

— Sujaria suas luvas brancas de sangue por mim? — Tentou colocar humor em tais palavras, mas não fora bem sucedida.

— Sujaria meu corpo todo se isso fosse deixá-la feliz.

Queria acariciar seu rosto, abraçá-la, mas ali não era o local apropriado. Precisava tirá-la do salão e daquela vez não para luxúria e sim para consolá-la. Para entender o que estava acontecendo e do que precisava.

— Vossa Graça — um dos criados se dirigiu a ele com uma mesura respeitosa —, sua mãe pede que anuncie o quadro, vamos abrir a sala para os convidados.

— Conversaremos depois — garantiu para Lady Dabley que assentiu.

Mas que completo absurdo! Com tantos problemas a tratar todos estavam parados diante de um quadro velho que alguém decidira que tinha um valor obsceno. Talvez estivesse de mau humor demais para apreciar a beleza da arte porque no momento não tinha qualquer vontade de estar ali.

Era o que acontecia quando mexiam com a garota dele. *Mas que tolice!* Lucy não era a garota dele.

— Poderia passar a noite o olhando — Lucinda confessou, com os olhos fixos na obra de arte.

Uma multidão havia se aglomerado em volta do quadro, mas ele garantiu que tivessem um local privilegiado e o mais importante, bem longe de Howard.

— A beleza dele...

— Fala de mim ou do quadro, Milady? — provocou a fazendo sorrir.

— De ambos — cedeu —, mas amo a arte. Música, pinturas, literatura, estúpidos os que as encaram como trivialidades. Elas são as que trazem meus sentimentos de volta ao equilíbrio e acalmam meu coração.

Sebastian se arrependera de ter desdenhado do quadro. A verdade era que apreciava a arte, mas suas preocupações o cegavam para qualquer beleza no momento que não fosse a de Lady Dabley.

Era evidente que havia algo de errado com ela. O ocorrido com Howard não lhe saía da cabeça. Havia mais com aquele homem do que lhe contara.

Sua postura era digna, perfeita, mas uma pequena ruga em sua testa demonstrava que pensamentos ruins rondavam sua cabeça e ele queria esvaziá-la o quanto antes. O sofrimento dela o destruía.

— Gosta tanto assim dele porque não teve de desembolsar uma quantia obscena para tê-lo. — Voltou ao assunto do quadro.

— E que quantia obscena eu precisaria desembolsar para ter o senhor? — devolveu o gracejo o fazendo rir baixinho.

— Saindo pela porta à sua direita vire à esquerda, conte quatro portas no lado direito do corredor — disse baixo. Levemente inclinado próximo de seus ouvidos. — Irei na frente e prometo não cobrar um *penny* sequer.

Lucinda se sentiu uma criança passando a mão pelo papel de parede do corredor e pelas portas. Contando mentalmente: uma, duas, três, quatro... girou a maçaneta e entrou.

A imagem do marquês sentado em uma poltrona próxima da lareira era pecaminosa demais para sua mente confusa. Um cacho de seu cabelo escuro caía sobre o olho direito e ele sorria. Como o próprio Hades — deus grego do inferno — pronto para abocanhar mais uma alma, pronto para devorá-la.

— Feche a porta, docinho e se sente ali. — Apontou para outra poltrona idêntica diante da dele.

Lady Dabley obedeceu sem hesitar. O barulho da tranca fez um calafrio perpassar seu estômago. Não deveria estar gostando tanto daquilo, mas

estava.

Acomodou-se na poltrona de couro marrom e olhou em volta. O ambiente era essencialmente masculino. Tons escuros, carvalho envernizado, cinzeiros e garrafas de bebidas, uma mesa de xadrez e uma pequena estante de livros. Era como entrar na alma do marquês. Como se ele estivesse mostrando parte de seu mundo.

Deu um sorriso para o lorde que mantinha a postura relaxada a encarando.

— Vai me oferecer um charuto, Milorde?

— Não ousaria alterar o gosto de seus lábios com tabaco, mas você pode beber uísque se quiser. — Indicou o copo ao lado dela, em uma pequena mesinha de apoio.

— Agradeço, mas estou bem assim.

Já beberá champanhe naquela noite. Mulheres embriagadas ficavam vulneráveis e embora ela confiasse em Lorde Berthany não podia dizer o mesmo dos outros homens. Era uma perturbação ter de tomar tais cuidados, mas era necessário.

— Muito bem. — Acenou com tranquilidade, mas não fez menção de se mexer.

— O senhor me prometeu luxúria, Vossa Graça — instigou curiosa — e não temos a noite toda.

— Temos tempo. Todos estão olhando para o quadro idiota de mamãe.

Abriu os lábios para falar em defesa da arte, porém se calou quando ele prosseguiu:

— Não tocarei em você essa noite, docinho. — Demorou-se de propósito nas palavras. — Quero que se toque para mim.

Lucinda ficou sem palavras por um momento. Aquilo era de longe o que de mais obsceno ele lhe pedira.

— Eu a choquei. — Não era uma pergunta, mas ela assentiu mesmo assim. — Que bom.

Ah! Aquele canalha ardiloso é completamente lindo!

— Você pode ir embora se quiser, mas seria divertido.

Com certeza seria. Divertido e constrangedor, mas ainda assim divertido.

Lady Dabley baixou as mangas do vestido o quanto foi possível e com um movimento delicado passou os dedos pelo decote até o seio direito.

Berthany — o maldito diabo — fez um som de reprovação.

— Não seja ingênua, docinho.

Ele não poderia estar sugerindo que... não poderia achar que ela...

— Passe uma perna por sobre cada braço da poltrona.

Sim! Ele estava de fato sugerindo tal coisa e quando ela o fez a posição a deixou bastante exposta para ele. A saia de seu vestido e a chemise se acumularam em sua cintura. A fenda de sua calçola estava aberta o bastante para que ela pudesse se tocar e para que o lorde visse cada detalhe de sua intimidade.

O ambiente à meia luz tinha velas o suficiente para que nenhum detalhe lhe escapasse e ele estava atento. Absolutamente atento a ela.

Com as bochechas queimando desceu a mão entre suas pernas lentamente e passou a se estimular. A situação, a sedução e o modo como o lorde a olhava fizeram com que estivesse úmida o bastante para tornar tudo ainda mais prazeroso.

Não era a primeira vez que se tocava. Em algumas noites, antes de dormir ela cedia ao desejo de acalmar seu corpo com carícias lascivas até alcançar o ápice do prazer e adormecer. No entanto, jamais o fizera diante de alguém.

Tentava não olhar para ele, mas suas tentativas se frustraram, pois o olhar dele a chamava, a corrompia. Mergulhara naquela imensidão escura conforme o indicador e dedo médio entravam nela e em seguida friccionaram o botão de seu prazer.

— Você já se tocou pensando em mim? — A pergunta a envolveu, a seduziu de uma forma que não poderia não responder. Não poderia mentir.

— Mais vezes do que posso quantificar — confessou com voz rouca, entorpecida.

O marquês não se levantara. As únicas alterações em sua postura foram o oscilar da garganta, a respiração mais ofegante e as mãos que segurara os braços da poltrona com mais força para resistir.

Mas em sua imaginação, sua mão se tornara a dele. A esquerda desceu e apertou sua coxa próximo da virilha enquanto a direita a estimulava mais e mais. Seus olhos se fecharam, gemidos baixos escapavam de sua boca e sua coluna arqueou contra o sofá.

O constrangimento sumira como que por encanto conforme seu corpo se perdia em meio ao prazer, até esse estilhá-la em mil pedaços, parti-la e obrigar que se entregasse ao abandono.

Abriu os olhos lentamente, mas a poltrona diante dela estava vazia. Surpreendeu-se ao vislumbrar a figura do marquês entre suas pernas pouco

antes de sentir o toque molhado da língua por sua feminilidade inchada e castigada pelo prazer recente.

— Outra vez, docinho — pediu introduzindo um dedo em sua fenda apertada.

— Não, consigo, eu... — ofegou sentindo seu corpo pulsar. — Nunca aconteceu duas vezes antes.

— Ah! Mas hoje acontecerá — garantiu, pousando pequenos beijos em sua coxa. — Goze para mim.

— É uma ordem? — Seus olhos verdes o desafiaram.

Os lábios sedutores dele se curvaram em um sorriso.

— É um pedido amigável, mas pode se tornar uma ordem se isso excitar você.

Para Lucinda pouco importava o nome que dariam àquilo. Lorde Berthany beijava seus lábios de uma forma que a arrebatara, portanto não se surpreendeu ao perceber que com seu sexo não fora diferente.

E sim, ela sabia que já estivera na cama com diversas mulheres, mas não agia de forma padronizada, sem emoção.

Estava atento a ela. A cada respiração, cada tremor e gemido. Se havia aprovação ele repetia, ia mais além, era mais ousado. Determinado a fazê-la desfalecer novamente, a perder a razão.

A mistura da pressão de seus dedos dentro dela com os movimentos experientes com os lábios e língua dele eram algo além do que já experimentara.

Sua voz grave ecoava em sua cabeça a chamando de docinho. O detestável apelido que aprendera a amar unicamente porque vinha dele. Entremeio seus dedos nos cachos escuros dele e o puxou mais para si, praticamente obrigando-o a continuar. Ordenando que lhe desse prazer.

Ele a sugou com mais força. Lucy gemeu. Os dedos dele se moveram dentro dela em uma provocação clara enquanto a língua de movia em uma sincronia maliciosa e então aconteceu. O prazer extremo pela segunda vez naquela noite.

Lucinda moveu-se na poltrona tentando se recompor. O marquês a ajudou a organizar suas saias e propositadamente ela se deixou escorregar até estar ajoelhada no chão como ele, de frente para ele.

Seus lábios tocarem os dele com mais ternura que desejo agora que estava saciada. Seu beijo tinha o gosto salgado de seu próprio sexo que não

se incomodou de sentir. Berthany retribuiu se esforçando para controlar o próprio fogo que só crescera naquela sala, com tal encontro.

Baixou o rosto e sentiu o momento em que ele pousou os lábios em sua testa com carinho, a mão passeando por suas costas.

Ela decidiu perguntar. Sabia que ele seria honesto e lhe importava muito saber. Depois de tudo que havia passado *precisava* saber.

— E se em um dos nossos encontros eu lhe pedisse para parar? — questionou com voz baixa, o coração disparando no peito. — Se eu lhe dissesse que não o quero?

O marquês tocou seu queixo e o ergueu para que o olhasse. Estava claro que entendera a pergunta.

— Eu iria embora, ainda que seu corpo dissesse o contrário.

Diante da resposta dele, Lucy o abraçou com força e deixou um suspiro fundo escapar.

Junto com uma lágrima ou duas.

Capítulo 14



— **R**oubados! Nós fomos roubados! — A voz estridente da mãe o fez sair do quarto usando apenas um roupão.

— O que em nome do criador está havendo aqui? — o marquês esbravejou.

Sua mãe ainda vestia a camisola com penhoar e tinha os cabelos amarrados por pequenas fitas brancas. Comportava-se como se um filho tivesse sido arrancado de seu ventre à força.

— O que há, mamãe? — Charlotte saiu do quarto com vestimentas similares.

Seu cunhado a acompanhava com o camisolão que parecia ter sido vestido às pressas. Ele realmente não queria saber as circunstâncias do porquê Robert deveria estar nu há poucos minutos. Preferia imaginar que ele dormia nu. Era mais agradável assim. Há certas coisas que um irmão não deve pensar.

— Fui olhar para o quadro nessa madrugada, sabe para conferir se estava tudo bem...

Ela estava obcecada. Completamente obcecada pela pintura.

— E ele não estava lá!

Seja qual fosse a divindade que regia o mundo, não gostava muito de Sebastian.

— A última vez que o vimos foi naquele momento do baile em que o mostramos para os convidados — contou em absoluto desespero. — Depois disso a sala foi trancada e não o vimos mais.

— Bom, escreva uma carta à polícia — o marquês avisou se preparando para voltar ao quarto. De onde não gostaria de ter saído

— Escreva uma carta à polícia? É tudo o que tem a dizer? — levantou a voz para ele, mesmo não tendo tal hábito.

Que feitiçaria havia em tal pintura?

— É madrugada. Não posso sugerir que vá até a delegacia em uma hora dessas — justificou-se.

— Eu quero todos os criados reunidos na sala de jantar agora! — ordenou Lady Berthany. — E todos vocês também.

— O que está havendo aqui? — Leonard com aparência de que mal começara a dormir saiu do quarto para complementar a festa.

— Roubaram o maldito quadro — Sebastian contou com cara de poucos amigos.

— Nunca vou perdoá-la por isso — disse a Robert com os braços cruzados. Referindo-se à mãe.

— O piquenique dos Graivil deve se estender no máximo até às dezoito — o cunhado o tranquilizou. — Terá tempo para descansar depois.

— Não falo disso. Falo de mamãe ter me obrigado a ver a Sra. Julies de camisola. — Negou com a cabeça. — Estou quase arrancando meus olhos.

A governanta dos Berthany's estava no cargo há trinta e dois anos e trabalhava para eles há quase quarenta. Era magra como uma vareta, tinha os cabelos sempre esticados em um coque rígido e o semblante das bruxas descritas em contos infantis. Sendo amarga e extremamente rude, era a eficiência que a mantinha no cargo.

Estava completamente de acordo com mantê-la na casa, mas com certeza não queria vê-la vestindo uma camisola com o dobro de seu tamanho e seus cabelos presos em uma trança disforme.

Percebeu que Robert soltava uma risada estranha pelo nariz.

— Essa mulher me dá calafrios — confessou.

Sebastian olhou para o cunhado e sorriu genuinamente.

— É estranho que no momento você possa ter se tornado a pessoa de minha família que mais aprecio depois de minhas sobrinhas? — indagou com os olhos semicerrados.

— É uma honra, Milorde. — Fez uma reverência após pigarrear em nervosismo.

— O quadro não pode ter sumido por mágica, ou pode?

Se o olhar de Lady Berthany fosse dirigido a uma criança certamente essa já estaria se urinando nas calças. Os criados, no entanto, permaneciam em fila, impecáveis e com uma postura que não condizia com os trajes de dormir.

Sua mãe convocara desde a arrumadeira ao mordomo. O Sr. Edwin Cresby também estava hilário em seu camisolão. Os cabelos brancos em uma confusão absoluta e o nariz adunco com pelos escapando pelas narinas. Desde criança que o marquês queria cortá-los ou arrancá-los com uma pinça. Davam-lhe calafrios.

— Alguém tem alguma explicação para isso? — a marquesa continuou.

Mesmo Charlotte parecia entediada com a pequena Georgina no colo, bocejando. A menina sugava o polegar sem parar. Sua irmã tentava tirar-lhe o hábito, mas sem sucesso. Também pudera, ela mal tinha um ano de idade.

— Quem ficou responsável por trancar a sala do quadro? — Leonard tentou ser útil.

Sebastian ainda queria afogá-lo em um vaso de plantas. Estava disposto até a se casar com a Srta. Horiden só para que o irmão não o fizesse. Dione era uma boa menina. Merecia mais do que um homem que não valia um *penny* furado.

— Bem lembrado. — A marquesa viúva assentiu em aprovação. — John, você foi o último a ver o quadro.

— Creio que não, Milady. — O jovem negou. — O ladrão foi o último.

Charlotte revirou os olhos. Sebastian se conteve para não rir. O garoto de no máximo vinte anos não estava de todo errado.

— Você foi o último a vê-lo *com a minha autorização* — a lady o corrigiu por entre os dentes, claramente irritada. — Onde ele está?

— Sinto muito, mas não faço ideia, Milady. — O jovem de aparência adoentada se manifestou. — Eu tranquei a sala e entreguei as chaves imediatamente ao Sr. Cresby.

— Sr. Cresby...

— Ah! Já chega disso! — Sebastian interrompeu a mãe. A paciência lhe escapando pelos dedos como água. — John você roubou o quadro?

— Não, Milorde — respondeu com os olhos arregalados.

— Sr. Cresby?

— Jamais, Vossa Graça — garantiu.

Ele repetiu a pergunta a todos os trinta e oito criados restantes que responderam um categórico não.

Sebastian se voltou para a família abrindo as mãos em um gesto claro de “problema resolvido”.

— Não foi nenhum deles, caso encerrado.

— Mas que desempenho brilhante, irmão. — Charlotte não perdeu a oportunidade de caçar dele. — Já pensou em se candidatar à polícia? Você seria um membro valioso na resolução de crimes.

— Bom Jesus, Lotte! — exclamou com os olhos fechados. — O criado contratado mais recentemente já tem três anos de serviço. Não contratei ninguém novo exatamente porque confio na equipe e não queria problemas. — Olhou para a mãe com censura já que a culpava pelos problemas recém-criados. — A Sra. Gordon limpou seu traseiro quando era bebê e agora está duvidando deles?

Sacudiu as mãos para a equipe. A antiga babá de Charlotte que agora trabalhava como babá de Georgina e Elizabeth corou com a defesa dele.

— Irmão — Leonard teve a audácia de rir — as pessoas são ardilosas, não seja ingênuo.

— Eu não sou ingênuo e não confio facilmente nas pessoas, mas eu confio nos meus empregados.

Seu tom soou firme e reverberou pelo salão de baile já que os móveis ainda não haviam sido reorganizados, tornando a acústica notável.

Ele se voltou para a equipe.

— Dispensados.

— Muito bem. — A marquesa acenou com a cabeça. — Se os empregados não roubaram o quadro — estava claro que não acreditava nisso e somente seguia sua linha de raciocínio —, então quem foi?

— Algum convidado? — Charlotte sugeriu e então um sorrisinho brotou em seus lábios rosados. — Lady Dabley estava fascinada pelo quadro e desapareceu por um tempo razoável no baile.

— O que quer dizer? — O marquês franziu o cenho deixando claro que não estava para brincadeiras.

— Nada. — Deu um passo para trás como quem queria se defender. — Estou apenas constatando um fato. Ela sumiu por tempo suficiente para roubar o quadro. Não estamos aqui falando de suspeitos?

— E por que ela faria isso? — questionou o marquês furioso andando na direção da irmã.

Robert, pensando em deixar Georgina fora daquele embate, a segurou no colo e a embalou para que voltasse a dormir.

— Eu não sei. — Deu de ombros. — Vingança.

— Vingança? — Deu uma risada irônica. — Você deve se achar muito importante para considerar que Lady Dabley perderia tempo planejando algo contra você.

— Dinheiro então. — Sugeriu com os braços cruzados para ele.

— Dinheiro? Lotte está se ouvindo? — Passou a mão pelos cabelos em desespero. — Ela vive sob a proteção de um conde! Um Conde que sabemos que *não está falido* paga todas as contas dela.

— Talvez ela queira ser independente. — Deu de ombros.

Lorde Berthany massageou suas têmporas. “*Pai, veja a encrenca que o senhor me deixou*” reclamou com o falecido marquês em pensamentos. Como sempre, o velho não se deu ao trabalho de responder ao seu chamado.

— Já chega, eu vou dormir — avisou em pose de impotência.

— Como pode ter tanta certeza da inocência dela? — A marquesa fez a pergunta como um dardo que acerta o alvo. — Estava com ela?

Sebastian hesitou. Se dissesse que sim seria poupado daquele inferno, mas Lucinda foi categórica. Nada de escândalo. Pelas primas. Por Dione e pelas que ainda viriam a debutar. Não podia dizer que estava com ela.

Sua irmã e mãe eram uma caixinha de surpresas. Elas poderiam guardar o segredo ou expô-lo nos jornais. Não tinha certeza de nada.

— Sebastian estava comigo — Leonard mentiu. — Fomos fumar um charuto e tentar resolver nossas diferenças.

— No meio de um baile? — Lotte não parecia convencida. Nem um pouquinho de nada.

— Muito barulho e pessoas entretidas. — Leonard deu de ombros de um jeito relaxado, seus lábios curvados em um sorriso. — Consegue ver uma ocasião melhor para isso?

— Escreva para a polícia, Milorde. — A mãe permaneceu concentrada no foco. — Mas mantenha os jornais longe disso. Vou falar diretamente com a Sra. Julies para que pergunte aos criados se viram mais alguém sumir no baile de ontem. Vou recuperar o quadro, nem que seja a última coisa que eu faço.

Sebastian sentiu que o pouco de paciência que tinha já se esvaíra e era a hora de se recolher. Iria para seu quarto e dormiria mais um pouco, então iria para o piquenique dos Graivil. Impecável como sempre.

Bastava de quadros, intimidação de criados e todas aquelas loucuras. Só queria um pouco de paz.

Por sorte a reputação de Lucy permanecia intacta já que Leonard a salvara. Contra tudo que havia ocorrido, contra o que pensava nele, Leonard agira como um cavalheiro. Como alguém que lhe dava orgulho.

Nunca pensou que faria tal coisa, não tão cedo.

Todavia, deu um aceno respeitoso para Lorde Vann que o retribuiu aceitando seu: “muito obrigado”

— Será cedo para que eu escolha um marido? — Daisy questionou enquanto a criada modelava cachos em seus cabelos. — Queria já deixar alguém reservado para daqui três anos.

— Homens não são bolos para serem reservados, meu bem. — Diana deu um sorriso para a mais nova. — Ele pode estragar até sua temporada se o guardar.

— O bolo ou o homem?

Dayenne parecia deveras curiosa com o assunto.

— Ambos — Diana definiu.

Lucinda não conteve o riso. Já estava pronta para o piquenique no jardim dos Graivil. Era certo que muita diversão as aguardava naquele dia.

Como conde, Graivil deveria oferecer um baile para a sociedade. Era de bom tom. No entanto, um baile era impróprio para meninas muito jovens. Por isso, buscando que as meninas se divertissem teve a ideia de um piquenique no jardim para os convidados. Já que aquele evento incluiria todas. Tendo debutado na sociedade ou não.

A duquesa não apreciara a ideia em nada. Disse que expor as meninas antes da hora era uma ideia péssima e poderia acabar com as chances delas antes mesmo de terem idade de debutar.

Lucinda sempre achou ridícula a ideia de que um passo em falso, somente um passo em falso, poderia desgraçar uma mulher.

Por isso estava grata por Sebastian ser um homem discreto. Ninguém poderia desconfiar que tinham encontros para lá de eróticos.

As lembranças luxuriosas, pecaminosas da noite anterior ainda rodeavam sua cabeça e a mera lembrança da língua dele seu centro pulsava pedindo atenção dele novamente.

Ele viria, obviamente. Toda a família aceitara o convite e estaria lá.

Estava ansiosa por vê-lo novamente ainda que aquele evento não fosse tão cheio e a oportunidade de fuga era remota. Uma conversa com ele seria o suficiente para deixar seu dia melhor.

Maldição! Ela estava perdendo o foco. *Pare de ser idiota Lucy!*

— O que disse, prima? — Dione perguntou com os olhos piscantes.

Só aí percebeu que poderia ter dito em voz alta.

Sorriu passando a mão por seu rosto com carinho.

— Que você está linda.

De fato, todas estavam. Cada um vestindo uma cor diferente. Todas bem arrumadas e penteadas. O fato de se reunirem no quarto da condessa para se arrumarem evocava lembranças de um passado não tão distante.

Outrora, ela e Diana dividiam um quarto. Dione ficava com Dafne e Daisy com Dayenne. E não tinham condições de manter criadas antes de Lorde Graivil lhes assumir a tutela. Por isso era tão importante para ela ver as primas se divertindo.

A pequena Dayenne estava graciosa, com os cabelos presos somente na frente moldados em cachinhos adoráveis. Ela segurava uma boneca nos braços que chamava de Seraphina.

Seraphina que tinha alguns fios de cabelos faltando. Obra de George que também gostava de brincar com a boneca, bem do jeito dele.

Daisy — contra todos os avisos da irmã — estava deitada de bruços na cama ignorando que isso poderia amassar seu vestido ou desalinhar o penteado.

Dafne arrumava a flor de seu chapéu querendo sua aparência perfeita, adiantando uma boa impressão para sua temporada que estava por vir. Diana e Lucy tentavam acalmar Dione que parecia prestes a vomitar nos próprios sapatos em nervosismo.

— Vai conquistar o homem que quiser hoje — Lady Graivil assegurou.

A jovem deu de ombros entortando os lábios. Incerta sobre algo ou alguém.

— Susan diz que ele gosta de mim, eu também acredito nisso. Talvez ele peça para me fazer a corte hoje.

— Susan é muito romântica — Daisy disse agitando as pernas dos joelhos para baixo. A saia e chemise se acumulando nos joelhos de forma um tanto escandalosa. — Não devia dar ouvidos a ela.

— Ela é minha amiga, Daisy! — censurou inconformada — Como pode dizer isso se só falou com ela uma vez?

— Você acha que está apaixonada por um homem que só viu uma vez. — Arqueou uma sobrancelha com um sorriso vitorioso.

— E o que você sabe sobre estar apaixonada, sua diabinha? — Lucy retrucou à prima.

— Não é paixão, é só... — ponderou o melhor termo para colocar ali — eu acho que ele é o homem certo e é gentil comigo. Não é você que diz que quer escolher um homem de forma prática?

— Lady Limett não gosta dele — Daisy pontuou uma verdade enrolando uma mecha dos cabelos castanhos nos dedos. — Isso deve significar alguma coisa.

— E desde quando você se importa com o que Lady Limett acha?

— Desde que percebi que essa busca por maridos é tão chata como bordar. — Entortou os lábios — Se não tiver um bafo tenebroso e for uma boa pessoa, então eu aceitarei quem ela sugerir.

Lucy se virou para a condessa e deu um sorrisinho conspiratório.

— Ainda bem que estou aqui. Não acreditaria nessa conversa se me contasse sobre ela.

— Minhas irmãs são deveras inacreditáveis — e soltou uma risadinha.

Batidas na porta a deixaram em alerta. Enquanto Diana autorizava a entrada de quem quer que fosse, Lucy colocou as pernas de Daisy para baixo e puxou seu vestido para evitar um escândalo. A menina continuou de bruços apoiando a cabeça nas mãos de forma meiga.

— Milady. — A governanta fez uma reverência. — Alguns, ah... convidados chegaram mais cedo e Sua Graça está discutindo com eles na sala principal. Milorde pediu que eu não a chamasse, mas como a discussão está acalorada achei melhor intervir antes que...

— Fez muito bem, Sra. Quircley. — Diana acenou com paciência. — Eu irei até ele.

— Farei companhia às meninas — Lucy ofereceu.

A criada pareceu contrária quanto à decisão.

— Ah, é melhor que Lady Dabley desça também.

Lady Graivil olhou para Lucy tão confusa quanto ela, mas ambas assentiram. A Sra. Quircley não era de caprichos ou do tipo exagerada. Se ela via a necessidade de que descesse, então tal necessidade de fato existia.

Conforme as primas avançavam para o andar de baixo — deixando quatro meninas e criados curiosos para trás — a voz do Conde ficava mais nítida e o estômago de Lucy embrulhou conforme o motivo da confusão ficava claro.

— Eu vou repetir só mais uma vez. — Ele soava deveras impaciente. — Não há nenhuma Emily Treimy sob meu teto.

— Ela está aqui — insistiu uma mulher de cabelos castanhos e olhos verdes, levemente curvilínea. A postura perfeita e arrogante. Exatamente como Lucy se lembrava. — Eu sei que está!

— A senhora é surda? — o conde se exaltou.

— Cuidado em como fala com minha mulher, Lorde Graivil. — O homem de cabelos loiros, alto e com abdômen avantajado retrucou.

— Cuidado o senhor — retrucou furioso. — Está em minha casa perturbando minha família, Visconde. Em uma festa para a qual não os convidamos.

— Mas que ultraje...

— Emily! — exclamou a mulher finalmente olhando para a porta onde Lucy e Diana estavam embasbacadas.

A viscondessa a abraçou, mas Lucy não retribuiu, se desvencilhando do contato assim que pode. O olhar gélido e penetrante para a Lady.

— Explique a esse homem que é a minha filha, querida. — Apontou para Lorde Graivil, mas não tirou os olhos de Lucinda.

A jovem olhou para o visconde, para Lorde Graivil e então para três outras pessoas sentadas no sofá da sala. Mortalmente quietas.

Abigail, Philip e Johanna eram muito maiores e mais velhos do que ela se lembrava.

Que sabia, somente Johanna ainda estava solteira. Todos seguiram com suas próprias vidas e a olhavam com uma mistura confusa de melancolia e alívio por reencontrá-la. Seu peito doeu. Trazer os irmãos dela ali era um golpe baixo, dos piores, mas ao mesmo tempo nenhum deles se dera ao trabalho de lhe escrever nos últimos anos.

— Sinto muito, Milady — proferiu com frieza. — Meus pais estão mortos.

— Emily! — o visconde censurou espantado. A expressão de Lucinda não se alterou. — Lady Graivil, faça-a voltar à razão.

— Querida sobrinha — a viscondessa iniciou, mas se interrompeu ao ver o rosto de Diana.

— Poupe-me de seus carinhos tardios, titia. — A última palavra foi proferida com certa ironia.

Lucy não tinha ideia do que se passava na cabeça da prima, mas ela se lembrava. Lembrava-se de cada dia que ela e Diana dormiram com fome para que as meninas tivessem o que comer. Lembrava que sua mãe tirara cada centavo que lhes dava de presente quando aceitara abrigar a filha desonrada. Que as tratara como se estivessem mortas.

— Isso é ridículo, somos todos pares da sociedade. — O visconde gesticulou. — Somos uma família.

— Querida — havia lágrimas represadas nos olhos de sua mãe, seu estômago embrulhou diante disso —, você já teve sua cota de rebeldia. Já desfilou por aí com o sobrenome da mãe de seu pai o suficiente. Nós a perdoamos. Apesar de tudo você se tornou uma bela mulher e agora irá se casar com um marquês.

Lucy soltou um riso sem humor. Agora ela era uma rebelde? Realmente queria tentar inverter uma situação tão óbvia.

— Então é disso que se trata. — Negou com a cabeça. — Voltei a ser interessante agora que posso me tornar uma marquesa?

— Vamos embora, mamãe. — Abigail se levantou o semblante sério de quem está incomodada — Não é necessário tamanha humilhação.

— Finalmente concordamos em algo — o conde se manifestou.

— Emily Treimy é minha filha! — Lady Treimy levantou a voz.

— Meu nome é Lucinda Dabley — e jamais o dissera com tamanha convicção. — E meus pais estão mortos. Se querem participar do piquenique, então que seja, mas não me chamem de filha outra vez. Vocês me pediram que eu os esquecesse e usasse outro sobrenome e foi o que fiz.

— Se não fosse uma desviada, nada disso teria acontecido — Abigail respondeu abraçando a mãe pelos ombros.

Abigail. A irmã que outrora brincava com ela com os pés descalços pela casa e dormiam abraçadas. O mundo girava e as pessoas mudavam de forma absolutamente assustadora, ou simplesmente revelavam quem sempre foram.

— Já chega, Abby! — a pequena Johanna se manifestou. — Se não podem se comportar como pessoas civilizadas, eu prefiro ir embora.

— Vocês pediram que ela se esquecesse do passado. Não podem julgá-la por tê-lo feito — Philip ajudou com semblante sério.

Ele era um homem. Um homem que mudara tanto no último verão e agora estava noivo.

— Nós ficaremos — o visconde decidiu — e esperamos que volte a razão.

— Eu nunca estive tão lúcida — determinou.

— Ouçam — o conde de Graivil disse em tom de encerramento e pouca paciência. — Uma palavra sobre a origem de Lucinda Dabley, uma palavra sobre ela não ser quem diz e eu não destruirei vocês sozinho. Eu pedirei ajuda a Lorde Berthany que o faça junto comigo para que não haja qualquer chance de exibirem o rosto em sociedade novamente.

Os pais de Lucy abriram os lábios e os fecharam novamente diante do rosto de Philip que negava, sério.

Lucinda ainda tentava controlar as próprias emoções quando o visconde e a viscondessa deixaram a sala com semblante nada amigável, Abigail os seguiu sem sequer olhá-la, Philip lhe deu um sorriso fraco, levemente constrangido e Johanna se jogou em seus braços antes de ir. Um abraço silencioso que teve prazer em retribuir.

— Eles não dirão nada — o conde garantiu, sério.

— Perdoe-me, deveria ter lhe contado.

O arrependimento de Lucy era genuíno. O Conde a defenderá mesmo diante da surpresa da descoberta. Era mais do que ela ousaria pedir.

— Todos temos nossos segredos. — Foi tudo que disse antes de sair.

Pelo sorriso compreensivo de Diana o conde guardava um segredo maior do que qualquer um poderia supor.

— Talvez seja melhor eu não ir. Johanna é idêntica a mim, Di — lamentou, aflita. — Se as pessoas repararem e ligarem as coisas...

— Ora, mas que tolice, estamos na Europa — resmungou ajeitando os cachos dourados da prima sob o chapéu. — Há muitos homens e mulheres loiros com olhos claros. Se fugir daí sim vão suspeitar.

Lady Dabley assentiu, concordando. Parece que estava prestes a encenar seu papel de parente distante da forma mais difícil possível: fingindo ser indiferente às pessoas que a rejeitaram quando mais precisava delas.

Capítulo 15



Lorde Berthany não sabia ao certo o que esperar do piquenique dos Graivil. Eles moravam próximos um do outro — mais precisamente atravessando a rua — e ele percebera a agitação na Soldier's House.

Mesas e cadeiras foram alugadas e a nata da sociedade compareceria. Não parecia um evento tão pequeno quanto imaginou.

Combinando com os narcisos amarelos que enfeitavam o belo jardim da propriedade, as toalhas de mesa eram brancas com detalhes em dourado. As cadeiras estavam dispostas pela grama para os mais velhos, mas várias toalhas de linho se derramavam no chão para a alegria dos mais jovens que procuravam o melhor lugar.

Lucinda se acomodara em um dos cantos com as primas menores enquanto os anfitriões rondavam a área externa cumprimentando a todos.

Lady Dabley estava diferente. Parecia triste e um tanto aérea, embora sorrisse e tecesse alguns comentários às primas. *Maldição!* A jovem estava passando por tantos infortúnios, como Charlotte podia acusá-la de roubo?

Leonard se adiantou indo até as jovens para cumprimentá-las. Sobretudo Dione a quem destinou um de seus sorrisos fáceis e sedutores. Um mal e um talento dos Vann que provavelmente herdaram do pai, já que a mãe era séria demais para ser simpática, que dirá sedutora.

O falecido marquês era do tipo que roubava a atenção de seus pares por onde passava. Embora até onde sabia o pai fora fiel a esposa, utilizava seus dons de sedução em outros campos, para vantagens sociais e políticas. O que Edward Vann queria, ele conseguia sem grandes dificuldades.

Os pensamentos nostálgicos acerca do homem em que se espelhava foram interrompidos pelo som ritmado de uma bengala contra o piso da

varanda térrea.

— Aqui, Dimitry. — Indicou com a ponta do objeto de apoio.

— Ah, meu nome é Deric, Milady. — O criado de no máximo dezesseis anos pousou a cadeira de madeira estofada exatamente onde lhe fora ordenado. — Se não precisar de mais nada.

— Pode ir, Dimitry. — Ela acenou com a mão se acomodando.

Sebastian observou o jovem entrando sem insistir em corrigi-la mais uma vez.

— Milady faz isso de propósito — acusou com um sorriso de lado.

— Não sei do que está falando. — Ela manteve o semblante arrogante voltado para o jardim.

Os convidados tinham que desviar de sua cadeira conforme iam para o local do piquenique já que essa se encontrava exatamente no meio da varanda.

— Detesto dizer isso, Vossa Graça, mas temo que sua cadeira esteja em um local um tanto inconveniente. — Não resistiu a provocá-la. A duquesa era uma oponente a altura e simplesmente amava isso.

A velha águia se voltou para ele com os lábios em um sorriso. A mão enrugada apoiada sobre o cabo da bengala.

— Eu sou uma Duquesa e uma velha, logo *eu posso* ser inconveniente, Lorde Berthany. É uma das muitas vantagens da velhice.

— Por que aqui? — Semicerrou os olhos a desafiando.

— Porque posso ver todo o jardim.

Fez um gesto semicircular com a bengala e acertou um cavalheiro desavisado bem no meio dos joelhos. O homem soltou um gemido de dor, mas a senhora não teve a decência de se desculpar. Continuava concentrada na pergunta que lhe fizera.

— Daqui eu posso ver os gaviões mal intencionados que se aproximam das minhas ratinhas.

Lorde Berthany divertiu-se.

— É isso o que Lady Dabley é? Uma ratinha?

— O senhor me entendeu muito bem. Não se faça de tonto.

Sacudiu a bengala em sua direção. Deu um passo para trás para proteger seus joelhos e bem... outras partes, já que a Duquesa não tinha nenhum limite que fosse de seu conhecimento. O marquesado precisava de filhos.

— Estou com os olhos bem abertos para o senhor e seu irmão.

— Achei que estivesse convencida de minhas boas intenções.

Ela soltou um som engasgado. Meio uma risada, meio um resmungo.

— Acha que eu nasci ontem menino. Você e Luiza são fogo e palha.

Sebastian inclinou a cabeça ponderando. Não é que a velhota estava correta?

— E seu irmão. *Há!* — Bateu o monóculo na mão esquerda e olhou para o lorde através dele. — Nem mesmo o senhor confia nele.

Lembrou-se do modo como o irmão lhe dera um alibi para o momento que estava com Lucinda. Para proteger a honra da moça.

As pessoas mudam o tempo todo. Talvez Leonard finalmente tivesse amadurecido e devesse lhe dar uma segunda chance. Todos mereciam o benefício da dúvida.

— Talvez ele tenha mudado.

Outra vez a estranha risada da Duquesa que agora acariciava George que se acomodava ao lado de suas saias como um bom menino.

— Bobagem. — Descartou em um gesto claro com a mão. — As pessoas não mudam com o tempo. Só mostram quem verdadeiramente são. — Ela espremeu os olhos cor de esmeralda para Leonard e Dione de mãos dadas caminhando pelo jardim. — Será que seu irmão é um canalha fingindo ser bonzinho ou sempre foi bonzinho e fingiu ser um canalha?

— Como Vossa Graça deve presumir, eu não faço a mais remota ideia.

Fez uma reverência e deixou a Duquesa rindo e tocando o terror com sua arma de azevinho com uma borboleta entalhada no punho. Ela seria capaz de matar um homem com tal objeto perigoso. Quem duvidava disso era um completo tolo.

Circulou cumprimentando os convidados com os quais ainda não tinha cruzado até chegar ao lugar que realmente queria ocupar. Próximo das Horidens e de Lucy.

— Bom dia, senhoritas. — Ele tocou a ponta da cartola em cortesia.

Elas responderam o cumprimento quase que em uníssono.

— Milorde — Lucy o cumprimentou mais lentamente.

Ele estava mesmo tentando não lembrar das aventuras lascivas dos dois no dia anterior. Não seria nada apropriado.

— Já conhece minhas primas.

— Milorde não conhece a Seraphina.

A pequena Dayenne lhe mostrou a boneca com tufos de cabelo faltando.

— Ela também é uma dama — a menina de cabelos castanhos assegurou.

— Milady. — Ele fez uma cortesia bastante realista para Seraphina se sentando na toalha ao lado de Lucy.

Não teve muito tempo para formular um assunto trivial para conversar, já que as Horidens tinham muito a dizer.

— Milorde, o senhor considera a poesia algo fundamental para o amor? — questionou Dafne como uma perfeita erudita, os olhos saindo de seu caderno apenas por um instante.

— Eu espero que não, Srta. Horiden, pois meus versos afugentariam uma dama ao invés de conquistá-la.

— E o que um homem que não é versado em poemas usa para conquistar uma mulher?

Lucy corou suavemente com a pergunta da prima. Como que lembrando exatamente o que ele fazia para conquistá-la. Muito mais eficiente que qualquer texto já escrito em verso ou prosa.

— Flores? — Lady Dabley atalhou rápido com uma sugestão.

— Doces. — Dayenne sorriu apertando a boneca contra seu corpo.

— Beijos.

A sugestão de Daisy fez o marquês engasgar com a limonada da qual se servira.

— Dafne é melhor parar de fazer perguntas — Lucinda orientou tão perturbada quanto.

— Sinto muito, Milorde — pediu sinceramente. — Não era minha intenção ser inconveniente, mas quero saber como os homens agem quando estão apaixonados. Do contrário, como saberei se algum cavalheiro se apaixonar por mim na próxima temporada?

— Ah! Acredite. — Assentiu com tranquilidade. — A senhorita saberá. Os homens dificilmente são criaturas discretas. Se temos interesse em uma dama, vamos direto ao ponto.

— O senhor foi direto ao ponto com Lucy? — Dafne perguntou.

Ah! Ele com certeza foi direto ao ponto, mas era melhor que ninguém soubesse o quanto aquilo era verdade.

— Daff, não acha que chega de perguntas por hoje?

— Mas ele é o homem mais próximo que eu conheço além do primo Benedict — lamentou com os olhos castanhos lacrimosos em súplica.

— E o que Lorde Graivil lhe disse sobre os homens e suas artimanhas?

Sebastian estava curioso. Estava realmente curioso em saber o que um homem taciturno como o conde tinha a aconselhar sobre técnicas de

sedução.

A jovem cruzou os braços como se a lembrança já a deixasse um bocado zangada.

— Ele disse para que eu aproveitasse esse ano para brincar de bonecas e que me preocupasse com os homens depois.

— E é um excelente conselho — Lady Dabley reforçou. — Dos melhores mesmo.

— Vá por mim, não somos tão interessantes — o lorde garantiu.

— Milorde — a condessa o cumprimentou se juntando a eles no chão.

— Lady Graivil — levou a mão dela aos lábios —, fabulosa como sempre.

— Então é assim que ele conquista as damas — Dafne sussurrou para Daisy com os olhos semicerrados.

— Não diga bobagem, Diana é casada com o melhor amigo dele — respondeu também baixinho.

— Parem de cochichar vocês duas! — Dayenne resmungou, zangada por se sentir excluída.

— Acho que vocês deveriam dar uma volta pelo jardim — a condessa sugeriu para o casal, um olhar de censura leve desviado para as irmãs. — Eu fico com elas. — Fez um gesto com as mãos os incentivando.

Mesmo sabendo que não precisavam realmente de muito incentivo.

Não poderia mentir. O piquenique se tornará mais agradável depois que o marquês aparecera. Contra todos seus ideais independentes, ela queria se jogar nos braços de Berthany e pedir que ele lhe desse carinho ou que tocasse seu corpo até esquecer cada maldita preocupação que a assolava.

— Então, Milorde, onde vai me arrastar para a perversão? — provocou bem baixinho. — No meio dos arbustos?

— Não hoje. — Soltou um suspiro fundo de decepção. — Digamos que precisamos ser um casal perfeito e certinho hoje. Melhor até que pensem que estamos apaixonados.

— O que aconteceu?

Ele olhou ao redor para ter certeza de que não havia ninguém atento de propósito.

— Roubaram o quadro de minha mãe.

— Mas que lástima. — Levou a mão ao peito.

Realmente gostava do quadro. Era uma pena que fora roubado tão cedo. Ao menos na casa dos Berthany algumas pessoas poderiam apreciá-lo. Agora, nas mãos de um ladrão golpista não tinha ideia do destino que teria a obra. Provavelmente acabaria com quem pagasse mais por ela.

— Foi um completo pesadelo. — Estremeceu ao lembrar. — Minha mãe convocou os criados em meio a madrugada e eu tive que ver nossa governanta de camisola.

Lucy apertou os lábios um contra o outro reprimindo o riso.

— Achei que gostasse de ver mulheres de camisola, Vossa Graça. — Se abanou com o leque de forma travessa. — Estou chocada com seu recato pela pobre mulher.

— Não é recato. — Ele fez um som de quem estava profundamente ofendido com tal alegação. — Eu sequer um dia senti tal coisa. A questão é que gosto de ver mulheres *atraentes* de camisola. Não governantas mal-humoradas.

— E pensar que o meu sonho era ser uma governanta mal humorada. — Soltou um muxoxo — Estou magoada.

— Você nunca para de me provocar, docinho? — questionou afanando um sanduíche da bandeja de um dos criados que passou por eles.

Colocou o pão pequeno inteiro dentro da boca. Não sabia ao certo porque, mas a imagem evocou nela lembranças da boca e língua dele bem na sua...

— Conte-me — pediu com um semblante sacana.

— O quê? — indagou com uma sobrancelha erguida.

— Seus lábios se entreabriram e suas bochechas ficaram sutilmente rosadas — enumerou as mudanças ocorridas. — Você estava pensando em algo obsceno.

Lucinda ergueu o queixo em certa arrogância.

— Para quem tem tantas amantes, o senhor presta muita atenção em mim.

— Quem disse que tenho muitas amantes? — A pergunta dele a fez erguer uma sobrancelha. — Certo, eu tinha de fato muitas amantes.

— Disse “tinha”? — sondou desconfiada.

Um criado passou com uma bandeja de frutas da qual se serviram.

— Eu gosto — o marquês colocou um morango na boca e o mordeu de forma completamente erótica — de focar em uma mulher por vez.

Ela lhe deu um sorriso sarcástico.

— Estou lisonjeada.

— Não seja ciumenta, docinho. — Devorou o morango e fez questão de lambar os dedos. Ela queria ser aquele morango. — Você sabe que eu não presto, do contrário faria um acordo comigo que fosse mais... permanente.

O semblante de Lucinda era de quem não estava nem de perto intimidada com o debate.

— Se estiver perguntando nas entrelinhas se quero ser sua amante...

— Eu nunca pergunto nada nas entrelinhas.

— Saiba que isso não acontecerá — completou ignorando sua interrupção. — Só me arriscarei em algo assim depois que Dayenne se casar e até lá provavelmente o senhor também estará casado.

— E se a minha proposta for outra? — Ganhou sua curiosidade. — Casamento?

— Então além de um perverso, Milorde também é louco. — Agitou o leque. Daquela vez porque estava realmente com muito calor. — Sabe que somos errados um para o outro.

— A senhorita pareceu muito certa para mim quando eu a lambei...

— Ah! Milorde! Estou chocada que o senhor também apreciava Byron^[2]!

— Bateu com o leque em seu ombro com um tom de voz afetado.

Ela seguiu discretamente um grupo de três mulheres com o olhar.

— O que foi isso? — Sua mudança de comportamento não lhe passou despercebida.

— Essas três — indicou as solteironas ligeiramente com a cabeça — tem ouvidos com habilidades assustadoras. Não queria arriscar um escândalo.

— Ah! Falando em escândalos...

— Sim, estava falando sobre o quadro e eu permiti que o senhor me distraísse. Perdoe-me.

Conversavam por sussurros, mas como para todos se tratava de um casal trocando flertes, não estranharam o tom de voz baixo.

— Eu a distraí?

— Não me culpe. — Soltou um resmungo. — É bonito como o diabo antes da queda, o que esperava?

Ele não conteve o riso.

— Prossiga sim?

— Depois que minha mãe dispensou os criados, já que os conhecemos há anos, começamos a nos perguntar se o ladrão poderia estar entre os

convidados.

— É bem possível.

Ainda que em uma sociedade repleta de injustiças a culpa sempre caísse primeiramente sobre os menos afortunados, imaginava realmente que os criados de Berthany não haviam feito tal coisa. Ele tinha criados leais se lembrasse bem.

— Então começaram a tentar lembrar quem estava fora da festa depois do momento em que o quadro foi revelado.

— Mas que... — Reprimiu um xingamento, já imaginando o que estava por vir.

Estava por um triz. Alguém descobriu o escândalo e ela foi desmascarada?

— Seu nome foi citado — já imaginava — como suspeita.

Os olhos de Lady Dabley se arregalaram em total espanto.

— Me acusaram de roubo?

Fez um esforço gigante, imenso, hercúleo para não fazer a pergunta gritando.

— Charlotte — respondeu com uma mistura de preguiça e cansaço.

— Sua irmã acha que sou uma ladra?!

Aquilo era ultrajante de tantas maneiras que sequer poderia dizer o que estava sentindo.

— Charlotte não acha que você é uma ladra. — Passou a mão pelo rosto em um gesto nervoso. — Só está tentando comer meu juízo.

Lucinda agora entendia a conversa sobre serem discretos por aquele dia. Não sabia se todos os olhos estariam neles, mas os de Charlotte e Lady Berthany certamente estavam.

— Temos que criar um álibi para você — comentou com uma tranquilidade que não enganava a ninguém. — Por sorte Leonard conseguiu um para mim. Disse que estávamos fumando charutos juntos. Se minha irmã descobrir do nosso caso fará de tudo para expor o escândalo porque sabe que isso respingará nas meninas e em Lady Graivil.

— Francamente, ela ainda não superou isso? — indagou um tanto irritada. — Quer dizer, ela parece feliz com o marido e... espere. Disse que Leonard te ajudou? — Piscou os olhos, surpresa.

— Acredite se quiser. — Anuiu com um sorriso discreto. — Também fiquei surpreso. Talvez meu irmão não seja tão canalha quanto aparenta.

A menção de Leonard Vann fez com que seus olhos se desviassem para o cavalheiro em questão que caminhava com Dione segurando em seu braço. A jovem sorria, radiante e corada e Lucy achava bom que Leonard tinha mudado, do contrário ela o esganaria com as próprias mãos por iludir a prima dela.

— Então o plano é sermos o casal mais recatado deste piquenique. — Lady Dabley acho melhor resumir de forma absolutamente eficiente.

— Exato — concordou, mas em seguida olhou para cima.

Lucy estava prestes a perguntar o que via quando a primeira gota atingiu seu nariz. A próxima sua testa e logo o jardim virou uma festa de pingos grossos.

Parece que a chuva acabou com os planos de atividades ao ar livre, mas certamente o evento continuaria, só que debaixo de um teto.

— Parece que temos um problema, docinho — sussurrou em seus ouvidos enquanto caminhavam apressadamente para dentro. — Será mais difícil resistir a você em uma casa com quartos a disposição.

Capítulo 16



Era impressionante o que uma equipe de criados eficientes poderia fazer em pouco tempo. O salão principal não estava organizado para a ocasião, então até que fosse, os convidados foram acomodados em salas.

Uma parte dos homens foi para a sala de jogos que o conde também utilizava para recepcionar alguns amigos. A condessa reuniu as mulheres na sala de música onde Dafne demonstrava — para orgulho da duquesa — tudo que havia aprendido no piano.

Havia uma terceira sala, mais distante das demais onde alguns jovens se reuniram para jogos de salão como mímica, charadas e outros mais.

— Eu vou fumar um charuto — Lorde Berthany avisou para ela que assentiu.

Como não se considerava exatamente jovem, Lucinda estava mais do que disposta em se acomodar confortavelmente na sala de música para ouvir as primas tocando 1ª Sonata de Beethoven, a Sonata nº 38 de Haydn e as demais composições muito apreciadas no ciclo social londrino. Talvez até mesmo ela arriscasse alguma música em seguida, já que tinha alguma habilidade com o instrumento.

Foi quando Dione se aproximou, alterando seus planos. A prima se pendurou em seu ombro e lhe confessou algo ao ouvido que a fez arregalar os olhos em espanto.

Não teve muito tempo para uma reação antes de Dione sumir em direção a sala de estar dos jovens, a terceira área de atividades.

Caminhou o mais tranquilamente possível até a porta da sala dos homens e localizou Berthany. Próximo à cornija da lareira, apoiado de forma

displicente e maliciosa conversando com Lorde Graivil.

Não haveria meio de chamá-lo sem que eles virassem o centro das atenções. Para ir até ele teria que passar por todos os outros homens. Aquilo estava fora de questão.

Quando um criado estava prestes a entrar, no entanto, foi o seu trunfo, pois pediu que o chamasse o mais discretamente possível chamando seu olhar imediatamente para ela. Ótimo. Problema resolvido.

O marquês confidenciou algo ao conde antes de caminhar até a porta. Até ela. O andar despreocupado e sedutor de um gato que andava por telhados alheios à meia-noite.

— Achei que estávamos sendo discretos, docinho.

Imaginava que era isso que se passava em sua cabeça. No entanto, ele parecia mais envaidecido do que irritado por ela tê-lo solicitado. Era como disse antes, o ego de Lorde Berthany era gigante demais para ser mensurado.

— Milorde terá que vir comigo. — O cenho dele franziu diante da alegação feita.

— O quê? — questionou em confusão percebendo que ela o puxava discretamente para longe da sala repleta de vozes graves e homens que conversavam entre si. Assuntos enfadonhos e cotidianos em sua maioria.

— O senhor pode me agradecer depois.

Tinha certeza que Sebastian estava entediado e clemente por alguma interrupção. Por que ele era uma criatura que se entediava com muita, muita facilidade.

— Aparentemente alguém organizou um “Beijo na Alcova” ao invés dos jogos de salão inocentes — disse em voz absoluta baixa. — Precisamos ir agora.

Sebastian deixou seus lábios se inclinarem em malícia.

— Está assim tão ansiosa para me beijar?

Lucinda revirou os olhos, embora um rubor tivesse tomado conta de seu rosto.

— Minha prima estará lá e seu irmão também.

Lorde Berthany estava começando a entender a questão. Ainda que não fosse de bom tom interromper a brincadeira, ficar de olho nos dois para que não se excedessem e o mais importante, para que não fossem pegos. Não podiam permitir tal loucura sem supervisão.

— Se não for comigo irei sem o senhor — avisou determinada a mera hesitação dele.

O marquês, com os lábios retorcidos. deixando claro que considerava tais diversões um tanto inocentes demais para o gosto dele, assentiu.

Parece que pela primeira vez ela iria participar do famoso jogo de salão e para sua sorte o único homem que queria beijar estaria com ela.

“Beijo na Alcova”. Uma diversão não muito inocente para solteiros que poderia arruinar toda a reputação deles. O que poderia dar errado?

— Entrem. — Um jovem lorde na porta os instigou para dentro antes de fechar a porta. — Não ficaria surpreso se a duquesa resolvesse dar uma passada por aqui. Precisamos ser discretos. Temos alguns minutos para um pouco de diversão.

Lucinda viu o momento em que os olhos dos dois irmãos se encontraram. Apesar da trégua, estava explícita a montanha de assuntos mal resolvidos entre eles.

— Para quem não conhece as regras, o jogo é simples. — O mesmo jovem que ela não demorou a reconhecer como St. Gregory começou a explicar com algumas fitas nas mãos. — O casal deve ficar de costas um para o outro, de mãos dadas e amarrados. Eles precisam se beijar para se libertar, mas só vale se for na boca.

— Estou velho demais para isso — o marquês sussurrou em seus ouvidos. — Por que não se beijam de outras formas?

— Bom, as damas não tem muita possibilidade de sair por aí na libertinagem, Milorde — respondeu, astuta.

— Algumas saem sim — proferiu a provocação.

— Bom, é melhor se controlar porque hoje devemos nos contentar com jogos de salão.

O grupo consistia neles mais nove pessoas. Cinco homens e quatro mulheres. Uma delas, uma amiga de Dione, tinha o rosto rubro e fez um sinal para ela que só ia assistir. Garota sábia aquela.

A prima caminhou até St Gregory junto com Leonard para se unirem.

A sala era ampla, um local onde as Horidens costumeiramente se reuniam para o chá. Sofás estofados em verde água com detalhes em prateado, grandes janelas retangulares abertas permitindo que o ar entrasse

por entre as cortinas em cinza claro. Um local aconchegante sem dúvida alguma. Ainda que a situação não fosse muito aconchegante.

Um dos rapazes, Lorde Devon, o filho mais velho do Visconde Devon, se ofereceu para ficar de vigia na porta. Seu rosto dizia que estava tão animado quanto o Marquês e Lady Dabley para tal brincadeira, ou seja, nem um pouco.

— Mais um casal para a nossa diversão? — St Gregory sugeriu.

Um dos rapazes deu uma piscadela para Susan, confidente de Dione, mas ela baixou os olhos e enrubesceu. Os demais jovens também pareciam aguardar até que a primeira rodada começasse para entender melhor como o jogo funcionava.

— Acho que aquele rapaz piscou para mim. — Lucinda não conteve a provocação.

Se o marquês ainda hesitava, com certeza o ciúme o motivou. Sebastian caminhou com ela até St Gregory com um suspiro resignado e resmungou algo como *“só vai ser amarrada com outro sobre o meu cadáver”*.

Lucinda reprimiu o comentário de que para um libertino ele era ciumento demais.

Homem tolo. Ela jamais brincaria daquilo com outro homem quanto estava sem cortejado por ele. Toda aquela encenação e as liberdades tomadas eram para evitar um escândalo, beijar outro homem estando praticamente noiva de um marquês seria um prato cheio para de jornais de fofoca.

Alheios a seus pensamentos sérios, as damas soltavam risinhos afetados com tal escândalo e os cavalheiros olhavam com curiosidade e diversão, almejando sua vez. Lucinda se sentiu uma jovem debutante sendo amarrada ao cavalheiro que roubou seu coração.

Mas que patética ela era! Uma mulher adulta deixando suas pernas tremerem diante de um homem que já a tocara com intimidade e já beijara. Tudo por conta de uma brincadeira infantil.

A proximidade de Berthany sempre mexera com ela. Seu cheiro masculino de colônia tornou-se familiar, reconfortante e ao mesmo tempo fazia um frio de ansiedade se apossar de seu estômago.

Precisava controlar melhor suas emoções. Sobretudo, quando estava em uma sala com outras pessoas. Que ninguém abrisse a porta e os visse, do contrário tanto ela quanto a prima se meteriam em apuros.

Ainda não estava certa sobre Leonard ser o homem certo para Dione e *sabia* que ela e Sebastian não eram certos um para o outro, ainda que se encaixassem com perfeição quando trocavam carícias. Ainda que suspeitasse que se encaixariam bem inclusive na cama.

— No que está pensando, docinho? — O marquês virou a cabeça para sussurrar. — Posso sentir as engrenagens de sua cabeça funcionando atrás de mim.

— Estou pensando que beijá-lo será impossível — reclamou tentando disfarçar. — Vou destroncar o pescoço antes de conseguir encostar os lábios nos seus.

— O casal perdedor paga uma prenda! — St Gregory anunciou. — Só vale se for na boca.

Lucinda estava com o olhar fixo na prima e em Lorde Vann que se contorcia como uma minhoca no sol para tentar roubar um beijo dela.

— Ande com isso. — Lorde Berthany a apressou. — Vire a cabeça para o lado direito.

— A sua direita ou a minha direita? — questionou em tom provocativo.

— Se eu tiver que passar pela humilhação de brincar de “Beijo na Alcova” e de pagar uma prenda no mesmo dia você vai se ver comigo Lady Dabley — respondeu e ela conteve o riso se esticando na direção dos lábios dele. — Isso, assim...

— Pare — sussurrou baixinho. — Está me fazendo pensar bobagem.

Sebastian soltou um riso grave e baixo.

As mãos e braços de Lucy tentavam se mover, pois conforme virava a cabeça o corpo queria acompanhá-la. Suas mãos estavam agarradas a do marquês e seus pensamentos a traíam com lembranças da sensação das mãos dele no corpo dela.

Os músculos que iam do pescoço ao ombro gritaram, mas finalmente seus lábios tocaram os dele rápido e de forma desengonçada.

— Empate! — St Gregory anunciou seguido por palmas dos presentes.

— E agora? — o Lorde perguntou por entre os dentes.

— Agora você finge que está feliz pelo nosso “primeiro” beijo e eu vou dar um jeito de ruborizar.

Não era difícil. Bastava lembrar dos momentos que passara com Berthany ou tentar imaginar o que se passava na cabeça dele naquele exato momento. Certamente algo bem escandaloso.

Por sorte, enquanto ela tentava parecer constrangida, eles foram desamarrados rapidamente, pois outros casais também queriam participar da brincadeira.

— Posso finalmente fumar o meu charuto?

O lorde perguntou com um sorriso sacana massageando os próprios punhos. Os cachos escuros levemente bagunçados em sua cabeça como se ele sempre tivesse uma mulher os tocando e deixando fora de ordem.

— Vá com Deus e leve seu irmão com você — orientou, o fazendo rir.

Capítulo 17



Eventos sociais podiam ser enfadonhos, sobretudo se acompanhados de uma dose de inquietação. O jardim já não era uma opção, já que a grama estava úmida demais para abrigar toalhas de piquenique.

Lucy retornara à sala de música e agora estava um tanto inquieta. Sua mãe e irmã mais velha a observavam em um canto tentando fingir naturalidade, porém sem sucesso. Nem mesmo a brincadeira descontraída com Berthany conseguira lhe afastar totalmente de tais lembranças.

O reencontro com sua família fora tão ruim quanto ousara imaginar. Tão ambiciosa quando a mãe de Diana, a dela passaria por cima de qualquer escândalo se isso pudesse fazê-la ter um marquês como genro.

Estava óbvio que a decisão irredutível de Lucy a frustrara, mas o que elas esperavam? Que ela confessasse que usava o segundo nome dela e o sobrenome de solteira de sua avó paterna?

Lucy afundaria seu nome da lama pelas pessoas que amava com todo prazer, mas não faria tamanho sacrifício para ter o afeto de quem a desprezou e renegou na primeira oportunidade. Tampouco fingiria que tudo não passara de um capricho de uma jovem temperamental, porque aquela era uma mentira que não queria carregar. Era injusta demais.

— Você está bem? — Diana perguntou pousando a mão em seu joelho.

— Claro. — Apressou-se em afirmar. — Só um pouco agitada.

Tentou focar novamente na habilidade de Dione no piano. Apesar de treinar exaustivamente até seus dedos doerem quando mais jovem, Lucy jamais dominara o instrumento com precisão. A mãe insistiu tanto que aprendesse que pegou foi raiva do piano.

Sua prima, no entanto, o tornava glorioso e quase a fazia esquecer de seu ressentimento do instrumento de cordas. Ele não tinha culpa de ter nascido em uma família insana. Mais uma vez se viu imaginando se não arriscaria uma melodia, uma bem pequena.

— Você aprontou com Lorde Berthany, não aprontou?

Lucy sentiu suas bochechas esquentarem e o rosto corar levemente.

— Foi só uma brincadeira tola — sussurrou de volta.

Os lábios da condessa se inclinaram lentamente para cima. Embora Diana se mostrasse provocativa e animada diante de uma brincadeira infantil, certamente ficaria chocada com tudo que Lucinda já fizera com o marquês. Ficaria escandalizada.

— Os melhores casamentos começam com frases dessa natureza. — Tornou a falar bem baixinho.

Lucinda torcia para que o volume da música e das conversas fossem o suficiente para abafar a delas. Pois, precisava muito discorrer um pouco sobre o assunto. Não sobre o assunto “brincadeiras tolas”, sobre o assunto “Ela e Berthany”.

— Não romantize isso, cara prima. — Deu um sorriso de lado. — Desde que se casou com Lorde Graivil está procurando migalhas de amor em qualquer lugar, inclusive entre pessoas práticas como eu e Berthany.

Diana abriu os lábios para retrucar sua linha de pensamento, porém não houve tempo.

— Lucy, por que não lê um poema para nós? — A voz de Dafne chamou sua atenção.

A prima insistia que ela tinha uma boa dicção e dizia amar seu modo de declamar poemas. Ela não utilizaria de modéstia daquela vez. Não em meio a um evento social.

— Claro. Eu já volto.

Levantou com uma postura impecável tentando não se ater aos olhares que recebeu de Lady Treimy e Abigail. Quanto mais demonstrasse seu nervosismo, mais vulnerável ficaria. Tornar-se-ia um alvo fácil.

Acontece que embora fugisse de tal conclusão, parte de Lucy já estava vulnerável. O acordo que fizera com o marquês era prazeroso, mas já estava alcançando proporções que a perturbavam.

Tudo que ela queria naquele momento era que ele a abraçasse e a deixasse chorar. Queria contar sobre seus pais, seu passado, sobre quem ela

era. Queria ao menos uma vez se permitir dividir o fardo com um homem sem culpa ou receio.

Subiu as escadas apressada e caminhou pelos corredores até as alas privadas, até seu quarto.

Em meios as paredes de tons de creme do caminho que levava aos aposentos dela e à suíte principal do conde e da condessa lá estavam os retratos de família. Inclusive do Sr. Horiden, pai do atual Conde.

“— Você deve amá-lo muito para tê-lo colocado tão próximo de seus aposentos. — Lucy se lembrava de comentar com Lorde Graivil.

— Eu o desprezo — respondeu com os olhos no homem de cabelos castanhos e postura arrogante. — Ele está aí para me lembrar todos os dias de que não quero ser igual a ele.”

Lucy engoliu em seco. Não julgava o conde por tal sentimento. Diana não lhe dera detalhes, mas ao que tudo indicava o falecido havia maltratado muito a Sra. Horiden.

Para Benedict era Clarence, seu criado, a melhor figura paterna que teve. Às vezes os via tão próximos que Lucinda desconfiava que não era a única a guardar segredos naquela casa.

Ouviu um barulho estranho de uma porta que pareceu se fechar pelo vento. Franziu o cenho e seguiu o som. O mais provável era que alguma criada estivesse limpando os aposentos dos patrões, mas era estranho levando em conta que a criadagem em peso fora destinada para o evento social.

Lady Dabley se surpreendeu ao encontrar Leonard Vann com a mão na maçaneta do quarto dela. Sua testa suava e ele parecia nitidamente nervoso.

— Posso ajudá-lo, Lorde Vann? — Ainda que a proposta fosse gentil, seu tom estava longe de ser.

A intenção era envergonhar, colocar contra a parede e descobrir que diabos o homem fazia aí.

— Perdão, Lady Dabley. — Apressou-se em dizer. — Precisava — engoliu em seco — isso é indigno de se compartilhar com uma dama — reclamou.

Lucy continuou com os olhos presos nos dele. Exigindo uma explicação indigna ou não. E logo.

— Tinha que usar o quartinho, mas o do andar de baixo estava ocupado, então vim aqui para procurar e...

— Milorde chegou bem longe e como vê este é o meu quarto. — Tinha certeza de que já perceberá.

— Perdoe-me, não tive a intenção. — Suas bochechas queimavam em rubor.

Havia duas possibilidades claras relacionadas a Leonard Vann. Ou ele era um ordinário mentiroso ou um completo idiota. Nas duas hipóteses ela não o queria para a prima dela.

— Há outros quartinhos para utilizar no andar de baixo, Lorde Vann. Sugiro que peça a ajuda de um criado da próxima vez.

Não era nem de longe uma sugestão amigável. Era uma ordem a ser seguida.

— É claro, Milady. — Meneou a cabeça com elegância e deu o tal sorriso encantador que fazia com que qualquer ser humano sobre a terra o perdoasse. — Obrigada por ser tão compreensiva.

Lucy assentiu, mesmo sabendo que “compreensiva” era o que menos definia seu estado de espírito.

— Se tiver a bondade de não contar isso a ninguém.

— Acho que não tenho vontade alguma de espalhar por aí que o irmão de meu pretendente invadiu meus aposentos. — Ela o fuzilou com o olhar e o viu engolir em seco. — Mesmo que *acidentalmente*.

A última palavra deslizou por sua língua dando indícios de que não tinha ideia de qual era o caso.

Lucinda talvez fosse cética quanto ao caráter das pessoas, mas preferia isso a ser ingênua. Encontrar Lorde Vann justamente na porta de seus aposentos fora uma coincidência perfeita demais e ela não acreditava em coincidências.

Assim que o Lorde se afastou ela entrou para avaliar o ambiente. Sua cama estava com a colcha em tom rosê bem alinhada. O dossel em tecido fino e claro estava exatamente como o deixara. Desarrumado no canto inferior direito. Na mesa de cabeceira seu livro de poemas descansava ao lado uma flor já murcha que Dayenne colherá para ela no dia anterior.

Abriu a gaveta e tudo também estava no lugar que se lembrava. Mas nada lhe tirava da cabeça que Vann estava ali por um motivo. Seria a mando de Charlotte para tentar desmascará-la? Estaria em busca de provas?

Se fosse o caso ele morreria frustrado. Fora sua proximidade com Diana, Lucy fora bastante cuidadosa em apagar qualquer indício de sua ancestralidade. As cartas e tudo que continha o brasão dos Treimyr viraram cinzas há muitos anos.

— Milady. — A voz de Clarence chamou sua atenção e a fez fechar a gaveta.

— Sim, Clarence. — Apressou-se até a porta. — O que descobriu?

Os olhos do homem de cabelos brancos percorreram o corredor como que para ter certeza que estavam sozinhos.

Ao que parecia, nem sinal de uma alma viva e depois do ocorrido, tinha certeza que Leonard Vann estava bem longe.

— Quando o antigo marquês faleceu e Lorde Berthany assumiu o marquesado, o irmão pegou sua parte da herança e saiu pelo mundo afora viajando. Dizem que mal esperou o corpo do homem esfriar.

— Ele o abandonou quando mais precisava. — Não era à toa que Sebastian não tinha muito ou nenhum apreço pelo irmão.

— Sim, Milady. Com uma mãe e uma irmã de luto e um marquesado nas costas — completou o criado que pelo olhar reprovava as atitudes do mais novo dos Vann.

— Obrigada, Clarence. — Acenou pensativa. — Já pensou a sério em trabalhar para polícia?

— Sou necessário aqui, Milady — abriu um sorriso acolhedor —, mas é gentil de sua parte sugerir.

Lucy sorriu para o criado e finalmente fez o que pretendia desde o início. Pegar o livro de poemas para levar até a sala de música.

No entanto, algo dentro dela havia mudado. Se antes ela queria ser acolhida pelo marquês, agora só queria uma oportunidade de fazer isso por ele.

Capítulo 18



“O frio gelava seus ossos. Seu sangue parecia ter se convertido em pequenos fragmentos de gelo que rasgaram suas veias por dentro. No entanto, o que estava realmente gelado era sua alma.

Ele se fora. Sem alarde, sem aviso. Acometido por uma gripe leve das quais até um idoso debilitado sobreviveria.

Em um dia o Marquês de Berthany, seu exemplo e o melhor homem que que conhecera estava vivo e no outro, fechara os olhos para sempre.

Sebastian não fora racional. Não tivera um começo promissor em sua nova posição na qual o título o colocava. Sua primeira atitude foi sacudir o médico que cuidava de sua família há gerações e perguntar como diabos não percebera que seu pai estava morrendo.

Morto. Enrolado dentro de uma mortalha em um caixão na sala principal da propriedade deles em Greit. Vê-lo daquela maneira corroía seu espírito.

Um soluço o retirou de seu torpor. Charlotte, sua caçula, tinha deixado escapar um soluço alto e a mãe acariciava o ombro dela de forma distraída. O olhar perdido no corpo do marido por sob o véu preto.

Sua mãe não havia derramado uma lágrima desde que acontecera. Pedira que seus pertences fossem retirados do quarto principal e que o quarto do marquês fosse arrumado para Sebastian.

Fora prática, mas o filho sabia que estava triste e que estava com medo. Como ele também estava.

Como poderia não estar? Ele não era nenhuma criança, mas recebera em um só dia um título, terras e a responsabilidade de cuidar da mãe e da

irmã. As conversas com seu pai, os treinamentos, a sensação era que tudo virara geleia em sua cabeça. Não tinha ideia de por onde começar.

Mas ele tinha Leonard. O irmão do meio certamente lhe daria uma luz frente aquilo. Era difícil pensar com clareza quando um dos homens mais importantes de sua existência era arrancado de seu peito, mas talvez juntos eles pudessem tornar aquilo mais fácil.

Olhou ao redor em busca de irmão. Parecido com ele, porém mais jovem e com um ar de rebeldia no rosto.

No entanto, embora procurasse pelo Vann tudo o que vida eram convidados vestindo negro dos pés à cabeça. Parentes, amigos da família, mas nada de Leonard.

— Suan — abordou um criado —, onde está meu irmão?

— No andar de cima, Milorde — respondeu com o respeito que o momento exigia.

Pediu licença a algumas matronas e subiu as escadas da forma mais elegante possível. Mesmo querendo correr. Não estava com um bom pressentimento.

Não sabia o que encontraria, mas algo acendeu nele a sensação de urgência. Estaria Leonard tão triste que preferiu se isolar porque a mera imagem do pai o dilacerava? Não o julgaria se fosse o caso. Deus sabia que ele queria um momento para se sentar em um canto e chorar um pouco.

Ao que parecia, aquilo ia muito além do que ousou imaginar. Porque seu irmão do meio com pressa e nenhum cuidado enfiava roupas e os documentos de sua herança em uma mala de tamanho médio.

— O que acha que está fazendo?!

Tentou ser gentil, porém estava com pouca paciência para lidar com qualquer coisa naquele dia. Ele iria enterrar seu pai em poucas horas — Pelo amor de Deus!

— Não consigo fazer isso, Sebastian. — Os olhos de Leonard eram de puro pânico. — Estou apavorado.

— Do que está falando? — Levantou a voz, a emoção, o desespero falando por ele. — Acha que eu não estou? Eu sou o marquês, Leonard! Marquês! — Apontou para o peito tentando esconder a rouquidão em sua voz derivado da vontade de chorar. — Eu que não sei nem como manter uma planta viva, que dirá mamãe e Lotte. Acha que não estou com medo?

Ouvir o barulho do estalo do fecho da mala revirou seu estômago. Era como se uma porta fosse fechada bem em seu rosto e o deixasse sozinho em uma sala escura. O ar de seus pulmões deu a impressão de se esvaír lentamente devido ao desespero.

— Você é o primogênito. Nasceu e foi treinado para isso.

Apertou a mão na alça da mala e os lábios um contra o outro. As roupas negras de viagem não escondiam sua intenção. Um pesado casaco e um cachecol de lã enrolado em seu pescoço indicavam um longo caminho pela frente.

— Você ficará bem.

— Repita isso para sua consciência. — Saiu por entre os dentes. — Você é importante para elas, inferno! Se ainda fossemos uma família complicada eu entenderia, mas você teve de tudo, sempre o tratamos bem...

— Eu sinto muito, irmão. — Sequer teve coragem de olhar em seu rosto enquanto dizia. — Sinto mesmo, mas preciso ir embora.

Assistiu um tanto paralisado Leonard andar até a maçaneta da porta e a girar.

— E quando a mim? — era mais uma pergunta desesperada do que qualquer outra coisa.

— Você vai conseguir, eu sei que vai — disse o mais novo sem olhar para trás.

— Espero que saiba do que está abrindo mão se for embora agora.

O tom frio e cortante do mais novo marquês fez a coluna de Leonard se arrepiar. No entanto, isso não o impediu de fechar a porta mesmo ciente do que deixava para trás. Ciente que estava perdendo o respeito e o amor do irmão.

Sebastian ficou sentado na cama por um tempo e se permitiu chorar pela primeira vez desde que seu pai fechara os olhos.

Um choro nada elegante para um lorde que assumirá um dos mais antigos marquesados da Inglaterra. Soluços escaparam pelas mãos que colocara no rosto no mais completo desespero.

Não sabia quanto tempo se passara até se levantar, ir até o lavabo e esfregar o rosto com água fria. Encarou-se no espelho e franziu o cenho, obrigando-se a se mostrar forte e decidido como um marquês deveria ser.

Caminhou em direção às escadas com o semblante mais neutro que conseguiu encontrar para esconder que chorara. Só não contava em encontrar a mãe e irmã pelo caminho.

— Viemos chamá-lo, Milorde. — A maneira formal que sua mãe o tratou quase o fez vomitar nas próprias botas. — É hora de levar o caixão.

— Claro. — Assentiu imperturbável, solene.

— Também procuramos Leonard, mas não o vimos em parte alguma — Charlotte ergueu seu olhar inocente até ele. — Sabe onde ele está, irmão?

O maldito devia ter usado a saída dos criados. Claro que usava. O desgraçado sequer tinha a dignidade de se despedir da mãe e da irmã e além de abandoná-los ainda o deixara com a função de informá-las.

— Leonard decidiu que era uma boa hora para sair em uma viagem — respondeu com os olhos fixos na mãe.

Não seria covarde como ele. Não seria.

— O quê? — A voz de sua irmã oscilou, claramente abalada.

— Mas como assim partiu? — A mãe parecia tão chocada quanto.

Sebastian sentiu os dedos formigarem no impulso de abraçá-las, até que a próxima fala da mãe o barrou.

— Milorde, não o impediu?

Sebastian deu um riso sem humor.

Como sempre. Ele era o mais velho, era um fato, mas mesmo Leonard obtendo a maior idade, ao que parecia ele continuava o responsável por cada desgraça que resolvesse aprontar.

Não era culpa dele se tinha um irmão irresponsável e o mais triste era que por muito tempo acreditara que sim.

— Milorde é o marquês agora. — Lady Berthany manteve o tom de censura. — Tem que garantir que seus irmãos estejam em segurança.

O olhar furioso e sanguinário que lançou a mãe era autoexplicativo, mas mesmo assim verbalizou:

— Acredite. No momento, a melhor forma de manter Leonard seguro é o deixando longe de mim. Se eu o vir, vou matá-lo.”

A lembrança passará por ele tal qual um furacão quando olhou para o irmão, do outro lado da sala. Caminhando até ele com tranquilidade carregando um copo de uísque.

— Até que a chuva não foi de todo ruim — comentou com um sorriso levemente malicioso.

Sorriso que ele mesmo já dera várias vezes, mas por alguma razão o incomodou.

— Estou tentando acreditar que você obteve alguma noção de responsabilidade enquanto perambulava pelo mundo, Leonard. — O tom saiu firme, porém baixo. — Mas se partir o coração da Srta. Horiden juro que partirei a sua cara em duas.

— Por Deus, irmão! — exclamou como se estivesse ofendido. — Por acaso nutre algum sentimento pela senhorita e quer me afastar dela?

— Que ideia mais estapafúrdia! — Olhou ao redor absorvendo a interação entre os homens.

Risadas, conversas altas e bebidas. Não se via com muito humor para coisa alguma para ser absolutamente sincero.

— Estou cortejando Lady Dabley como bem sabe — e cada dia mais desejava que aquela corte fosse verdadeira.

A mera ideia de que ele e Lucy romperiam no final da temporada e que no próximo ano ele teria que encontrar uma dama sem graça para si lhe dava arrepios.

Procurar uma esposa era de todos os deveres de um marquês o que mais o perturbava. Pensar que poderia passar o resto da vida preso a alguém que não lhe causava nada além de tédio era a sua noção de pesadelo mais clara.

— Achei que seus interesses em Lady Dabley eram outros.

O irmão soou calmo. Não era um insulto, ou uma provocação, só um mero comentário, mas mesmo assim sua cabeça quase destroncou do pescoço com a rapidez que ele o olhou.

— Nunca mais repita isso.

Não era um pedido. Era uma ordem clara já que insultos a Lucy jamais seriam tolerados por ele. Sim, eles fizeram um acordo, mas que inferno! Ao menos ele protegeria a moça como ela merecia. Ao que parecia, não teve muitos homens com culhões ao seu redor que o fizessem por ela.

Sebastian se afastou somente quando Leonard engoliu em seco. Ótimo. Estava claro que ele entenderá o recado.

Capítulo 19



“London Society Chronicles, 19 de abril de 1819,

Falemos hoje sobre o poder do mistério de uma dama. O mistério desperta o interesse principalmente se acompanhado de uma beleza estonteante.

A questão é que não se sabe o que esperar de uma dama tão misteriosa. Isso tanto é bom quanto ruim. Afinal, gentil senhor, teria a coragem de desposar uma dama de origem e sobrenome tão enigmático que não conseguimos encontrá-la em nenhuma árvore genealógica?

Pode, é claro, ter sido um erro. Deus sabe que nem todas as famílias são cuidadosas o bastante com seus registros. No entanto, o melhor é aguardarmos o desenrolar dessa história.

Poderia um homem de um título tão antigo e fortuna de saltar os olhos ignorar todo o enigma que envolve sua escolhida? Será que tal dama lhe inspira tamanha confiança?

Vejamos se o amor sobrevive aos segredos mais sombrios ou apenas é forte o bastante para ignorá-los.”

— O nome de nenhum de vocês foi citado. — Diana tentou apaziguar a situação tão logo o jornal chegou à Soldier’s House.

Mesmo o conde que considerava os jornais de fofocas uma perda de tempo, não gostara nada daquele em especial. Prova disso era que o ouvia

— da janela da sala que dava para a varanda — resmungar feito Lady Limett.

— Não foi necessário nomear ninguém — Lucy resmungou jogando uma bolinha para George que corria e arfava em animação. — Está claro e cristalino como água que se trata de nós.

Tinha sorte por ter feito aquele acordo com um homem como Berthany. O marquês não dava a mínima de ser o centro das atenções. Ousava dizer que ele gostava disso. Era um alívio para Lucy não precisar sentir culpa ao menos naquele quesito.

Ela e Diana estavam acomodadas na varanda voltada para o jardim dos fundos tentando respirar um pouco e aproveitar para queimar as energias do pequeno cão que comera o sapato favorito de Daisy. A jovem estava bicuda com Dayenne desde o dia anterior. Mesmo a caçula dizendo que isso era injusto já que não fora ela que mastigara o sapato e sim George.

— Às vezes me pergunto como você consegue, querida prima. — A Condessa agitava o leque contra o rosto tentando se refrescar.

— Como consigo o quê?

— Respirar com toda essa loucura. — Torceu os lábios grossos quando virou em sua direção. — Titia vindo querer voltar às boas, os jornais lhe azucrinando, Charlotte sendo, bem... Charlotte. Como consegue lidar com tudo isso?

— Não sei. — Foi honesta. — Acho que tento me apegar às coisas boas e as pessoas que amo como você, as meninas e...

— Lorde Berthany? — Diana deu um sorriso experiente e a viu jogar a bolinha babada de George com mais força. — Não tente esconder. Sei que está apaixonada por ele e não é como se esse sentimento tivesse surgido ontem.

— Não é tão simples, Di.

— Acha que eu não sei? — Deu um sorriso maroto. — Quando conheci Benedict tudo que queria era acertar a cabeça dele com uma frigideira. E ele me deu vários motivos para isso.

Lucinda riu se lembrando. A troca de farpas entre eles lhe rendera muitas gargalhadas no começo do relacionamento.

Sendo ambos turrões, as brigas não cessaram depois do altar, mas ao menos agora eles aprenderam a ceder e fazer as pazes. Um alívio já que Liliana não merecia dois pais malucos.

— Estou achando que terei que contar a ele. — A alegria de Lucy murchou um pouco assim que constatou aquilo.

— Contar sobre o quê? — A Condessa arqueou as sobrancelhas.

— Sobre as implicações de minha árvore genealógica e Lorde Howard.

— Espere. — Negou com a cabeça tentando ativar seu racional o mais rápido possível. — Está me dizendo que Lorde Berthany está lhe fazendo a corte e não sabe absolutamente nada sobre você?

— Ele sabe que não sou mais virgem — sussurrou bem baixinho.

— Prefiro não perguntar como ele sabe disso.

Lucinda corou.

— Não foi desse jeito que está pensando — defendeu-se.

— O homem vai casar com você, pelo amor dos céus! — Bateu o leque fechado em uma das mãos. — Eu entendo esconder essas coisas de Charlotte, mas Lorde Berthany será seu marido e...

Lady Dabley engoliu em seco.

— Ele será seu marido, certo? — Soou ameaçadora.

— Esse é o plano. — Não mentiu, disse que era o plano, mas não disse que era dela.

— Lucinda Dabley — censurou. — Se estiver escondendo algo de mim irá se arrepender. Escute o que digo.

Abriu os lábios para se defender, porém suas duas primas Dafne e Dione saíram da casa acompanhadas de Susan ou mais apropriadamente Srta. Bramy. Sussurrando confidências. Nem todas apropriadas.

— Ele tem lábios macios — Dione contou em meio a risadinha.

— Quem tem lábios macios? — a Condessa indagou fazendo as moças corarem.

— Não achamos que a varanda estava ocupada — Dione desculpou-se.

— Por mim, vocês podem ficar — Lucy respondeu sentindo as patas de George em seu colo com um ganido, pedindo a bola de volta. — Só assumam a função de divertir o pequeno, sim?

Dafne franziu o cenho levemente quando a bola com a saliva viscosa de George repousara sobre sua palma.

— Também vou indo. — A Condessa se levantou. — Já fiquei longe de Liliana por tempo demais.

As meninas voltaram aos risos e sussurros conforme as primas entravam na casa de braços dados.

— Que história é essa de lábios macios? — Diana arqueou uma das sobranceiras para Lucy.

— Não faço ideia — mentiu se lembrando bem do beijo na alcova —, mas mesmo uma senhorita de respeito pode experimentar as coisas certas vezes.

Lorde Graivil olhava desconfiado para a dupla que trocava sussurros. Fingindo não estar nem um pouco interessado. No entanto...

— O que tanto conversam? — exigiu saber.

— Sobre beijos e escândalos — a condessa respondeu com um sorriso malicioso. — Deseja participar?

Lucy engoliu o riso com a reação do Conde.

Diante da resposta espontânea de Diana, Graivil arregalou os olhos e suas bochechas ficaram levemente coradas.

— Não teria nada de relevante para acrescentar. — Pigarreou disfarçando a timidez.

Diana parecia concordar com a alegação e estava pronta para atormentá-lo por sua curiosidade, quando caiu na mesma armadilha logo em seguida.

— Vossa Graça. — O mordomo se dirigiu ao conde lhe entregando o que parecia ser um convite.

— O que é? — A condessa esticou os olhos até o papel.

Benedict ergueu uma sobranceira loira e sorriu.

— Quem está curiosa agora? — provocou, mas quando a Condessa cruzou os braços e o encarou resolveu que era muito prudente revelar logo o conteúdo do convite. — A marquesa viúva nos convida para jantar.

— Lady Berthany? — Lucy pareceu surpresa.

— Deve estar tentando abafar os falatórios dos jornais mostrando que há algo realmente sério entre você e Berthany — a prima sugeriu a fazendo ponderar.

Não poderia dizer que tal convite viera em uma hora ruim. Precisava falar com Sebastian e ainda que um jantar em família não fosse a melhor ocasião para privacidade teria de servir.

— Aquela mulher me dá arrepios — o Conde confessou pousando o convite na mesa de centro.

— Ora, e o tenente, herói de Inglaterra, tem medo de uma simples dama?

Lucy deu um sorriso de lado. Se um dia se casasse ela com certeza iria querer um casamento nada entediante como o de Diana e Benedict. Um

homem com o qual poderia trocar farpas o tempo todo. Um homem exatamente com Lorde Berthany.

— Você já olhou para ela? É assustadora.

— Quem é assustadora? — Dafne que passava pela sala carregando seu caderno de poemas não deixou de demonstrar sua curiosidade.

— Lady Berthany, aparentemente — contou Lucinda, o olhar repleto de diversão.

— Convive com Lady Limett desde muito novo e tem medo de Lady Berthany? — Diana questionou. — Nunca entenderei você, meu marido.

O Conde soltou um som de ultraje.

— Eu não tenho medo dela. Só disse que me causa arrepios, são coisas absolutamente diferentes.

— Não acho a duquesa assustadora. — Dafne ponderou dando de ombros. — Eu a acho uma velhinha adorável e cheia de personalidade.

— Velhinha adorável? — Lucy achou graça de como a prima se referiu a uma das duquesas mais poderosas de toda Inglaterra. — Eu a desafio a dizer isso na cara dela.

Dafne abriu os lábios, pensativa.

— Melhor não fazer isso, meu bem. — Diana ponderou. — Ela faria esforço para demonstrar que está absolutamente equivocada e não seria nada agradável.

— De fato — o Conde concordou. — Bom, parece que teremos um jantar. Estejam prontas às seis e, Lucy...

— Sim?

— Case-se logo com Berthany — pediu. — Tê-la como nova marquesa faria um bem enorme aos meus nervos.

Lucy não conteve o riso, mesmo com uma ponta de culpa à espreita.

Capítulo 20



— Inacreditável que a polícia ainda não tenha encontrado o meu quadro — Lady Berthany lamentou alisando a frente de seu vestido verde claro. — Deveria levar essa pauta à Câmara dos Lordes, Sebastian. Eles já foram muito mais competentes.

— É chocante! — expressou o marquês. — Quem poderia imaginar que eles teriam outras coisas como prioridade? Quer dizer assassinato e sequestro são tão triviais perto de uma obra de arte.

A mãe lhe deu um sorriso desprovido de humor.

— Fico feliz que esteja animado o suficiente para trocar de mim.

Ela estava com aquele olhar. Aquele olhar que o fazia considerar se mudar para França sem perspectiva de retorno.

— Convidei sua noiva e os Graivil para jantar. Suponho que eles trarão aquela menina também, como é o nome dela, Leonard querido?

— Dione — o irmão respondeu e deu um sorriso malicioso.

Lorde Berthany tinha ideias excelentes de como tirar aquele sorriso do rosto do ordinário, mas não ousou interromper o momento de Elizabeth com o tio. Sabia que em breve a babá a levaria para o andar de cima.

— Por que as convidou? — Embora não achasse uma ideia ruim, desconfiava completamente de suas motivações. — Pelos burburinhos dos jornais?

— Claro, por que mais seria?

Mas a mãe parecia saltitante e feliz demais para quem só fizera um convite com motivos inocentes. Estava com medo de descobrir suas verdadeiras motivações

Soltou um suspiro fundo. Para variar Charlotte e Robert estavam atrasados. Por algum motivo absurdo sua irmã e seu cunhado gostavam demais da companhia um do outro e acabavam se distraindo antes dos jantares ou dos almoços. Ou às vezes de ambos.

Não podia dizer que isso não o deixava feliz. Haja vista que obrigara a irmã a abafar um escândalo há três anos se casando com o homem teria problemas com sua consciência se este lhe causasse asco.

— Essa não — Leonard murmurou quando Elizabeth acordou e começou a testar toda a força de seus pequenos pulmões. — Pode chamar a ama? Deve ser fome.

— Ela mamou não tem nem meia hora — Sebastian comentou indo até o irmão. — Nem sempre é fome. Dê-me aqui essa pimentinha.

O marquês acomodou a pequena em seu colo que ainda continuava chorando um pouco, porém se acalmara com os tapinhas que o tio dava em seu bumbum.

— Desde quando você é bom com crianças? — o irmão indagou com desconfiança.

Ele deu de ombros.

— Desde que Georgina nasceu. Depois veio a Elizabeth aqui. Ela é um anjinho inocente no meio de tanta bagunça. Não é pequena? — A bebê fungou, sentida. — Bom, vou passear um pouco com ela pelo jardim enquanto os convidados não chegam.

O irmão assentiu, sem nenhum esforço para discordar. Ao que parecia, Leonard ainda não se encontrava na fase de querer bebês, embora tivesse certeza não se importaria de praticar o ato de fazê-los.

Lucy sabia que certas oportunidades só aparecem uma vez e naquele momento sua melhor chance era agarrá-las.

Seus pais reapareceram, os jornais começaram as especulações. Coincidências demais para não ser o universo querendo passar uma mensagem a ela. Um claro incentivo para que contasse para Lorde Berthany suas origens. Ele merecia saber a verdade.

— Não fique tão nervosa. É só um rapaz.

Lucy estava pronta para responder Diana, quando percebeu que estava falando com Dione e não com ela.

— Eu sei, só... — Soltou um suspiro fundo. — Vou soar tola, mas já olhou para uma pessoa desde a primeira vez e pensou: Meu Deus! É ela?

— Não — o conde e a condessa responderam ao mesmo tempo.

— Sim — Lucy confessou baixinho, mas não o suficiente.

A Condessa deu um sorriso malicioso. Graças aos céus ela foi a única a reparar no que dissera.

Eles se reuniram próximo do hall para trocar as últimas palavras de incentivo antes de atravessarem a rua para o jantar dos Berthanys. Talvez ela se aproveitasse disso para absorver alguns conselhos dados à prima, já que claramente precisava de todos eles.

— Quando olhei para Diana eu pensei: é ela, a mulher que vai me enlouquecer até cair cada fio de cabelo já nascido em minha cabeça.

— E eu pensei: — ela levou a mão ao peito — Meu Deus! É ele que vai nos botar para fora de casa ou vai ser tão desagradável que sairemos por conta própria.

Os quatro não contiveram o riso.

Sim, o primeiro encontro de sua prima com Lorde Graivil não fora nem de longe romântico e amigável como poderiam imaginar. Ou o segundo. Para ser mais exata eles demoraram um bocado para se entenderem mesmo depois que seus sentimentos um pelo outro ficaram claros.

— E você, Lucy, o que pensou? — Dione sondou a observando com uma atenção minuciosa.

Lucy tinha algumas opções diante daquela pergunta. Não responder. Mentir. Ou, ser honesta mesmo que isso significasse ficar vulnerável e ter seu coração partido.

Seu grau de discernimento já fora melhor, pois escolhera a mais arriscada das opções.

— Queria tê-lo conhecido em outro momento, antes de tudo mudar. Você é a pessoa certa, no momento errado e por isso somos destinados a viver separados.

— Uau! — a prima mais nova exclamou.

— Uau mesmo! — Lady Graivil enfatizou. — Anda lendo histórias dramáticas demais cara prima. Não seja tão fatalista com relação ao amor. Ele sempre dá um jeito de acontecer.

— Bom, vocês estão quase noivos mesmo que considerasse esse amor proibido. — O conde achou por bem enfatizar. — Até as histórias mais dramáticas podem ter finais felizes.

Estava correto, é claro. Todos mereciam seu final feliz, seja em conjunto ou separados.

Sabia que alcançaria a felicidade. Seu verdadeiro medo era que não fosse acompanhada pelo homem com a qual quisesse compartilhá-la.

E as coisas se tornariam ainda mais difíceis para ela, pois quando finalmente saíram da Mansão dos Graivil para atravessar a rua a carruagem dos Treimy estacionava diante da Mansão dos Berthany.

Lucy sentiu que poderia perder o controle das próprias pernas. Aparentemente eles não foram os únicos convidados para o jantar e presumia que aquilo não era um acidente. Lady Berthany devia suspeitar de algo e ela estava em pânico.

— Ninguém vai julgá-la se voltar para casa agora — Diana garantiu segurando com firmeza no braço de Lucy.

— Não. — Negou com a cabeça. — Só — mirou os olhos verdes na prima — por favor, providencie um momento entre mim e Sebastian antes do jantar. Quero que ele saiba a verdade por mim.

A Condessa assentiu. Era o justo.

— Tenha cuidado, Milady — Lorde Graivil orientou, pensativo.

— Não se preocupe, Milorde. Não pretendo ser pega em um escândalo.

— É com seu coração que pedi para tomar cuidado.

De repente o conselho do conde fez muito sentido.

Sebastian murmuravam uma canção embalando a bebê Elizabeth enquanto olhava as estrelas do lado de fora do jardim. O ar da noite era fresco. O céu escuro completamente pontuado de estrelas brilhantes. A pequena apertava um botão de seu casaco com os dedinhos afoitos enquanto os olhos lutavam contra o sono.

— Bom Deus! Você só pode estar brincando.

Virou-se ao ouvir a voz de Lucinda e lhe deu um sorriso arrebatador.

— Você tem a audácia de me receber com um bebê nos braços, é isso mesmo, Milorde?

O marquês acenou para os demais membros da família que responderam de longe querendo lhes dar mais privacidade.

— Elizabeth, Lucy. Lucy, Elizabeth.

Ela esticou os dedos e passou com delicadeza pelos cabelos escuros e finos do bebê.

— Bonito e bom com crianças, como posso resistir a você assim? — A provocação o atingiu tão logo ela a proferiu.

Estava cada vez mais difícil dar andamento aquele acordo estapafúrdio. Seu corpo ardia pelo de Lady Dabley, mas o perigo é que parecia ter se viciado nela. Parecia querer muito mais que o que tinham. Parecia querer absolutamente tudo com ela.

— Vou lhe confessar um segredo que lhe roubará o encanto. — Ela se aproximou só um pouco para ouvir seus sussurros. — Não conheço nenhuma canção de ninar, então murmuro canções obscenas de taverna para a pobre bebê, mas jamais com suas letras. Preciso preservar seus inocentes ouvidos.

Ela sorriu enviando um calor agradável por seu corpo. Definitivamente Lucy mexia com ele. De uma forma que suas antigas amantes sequer chegaram perto de fazê-lo.

— Há algo que preciso lhe contar antes de continuarmos com isso, Milorde — disse em uma só respiração. O corpo e rosto tensos.

Então ela fez um sinal para a condessa que se apressou na direção deles enquanto o conde e Dione adentraram a mansão.

— Muito bem.

A condessa estendeu seus braços para o bebê e o segurou. A pequena pareceu estranhar a princípio, mas logo relaxou com a voz calma da lady que cantarolava.

— Podem conversar à vontade. Estou há poucos passos daqui, mas muito, muito distraída.

Berthany sorriu e puxou Lucy para um local mais reservado. Para um perfeito refúgio entre os fundos da casa e uma árvore grande. Com a iluminação tênue não havia como serem vistos da rua.

— O que está afligindo o meu docinho? — Colocou um fio de cabelo loiro atrás da orelha dela.

Lady Dabley usava um vestido de decote baixo naquela noite. Teve vontade de mergulhar seu dedo entre os seios dela e os estimular sem pudores, mas a angústia escrita em seus olhos sinalizava que não era o momento.

— Bom, acho que considerando o tanto que tem me ajudado com tudo, acho que merece saber a verdade sobre mim.

— Aparentemente o roubo de seu quadro é a única coisa que assusta a minha mãe. Os outros crimes são absolutamente irrelevantes. — Pousou um beijo em sua testa. — Qual foi o seu crime, docinho?

E era exatamente essa a expressão. De quem acreditava ter cometido um crime ou ao menos algo tão cruel quanto. Queria, precisava tirar tal ideia da cabeça dela e o primeiro passo era escutá-la.

— O meu crime foi querer mais. Querer — hesitou por um longo instante, mas ele a esperou — o amor — confessou e estava claro que não era um assunto que abordava com frequência. — Ousei desejar mais, ousei amar e por isso eu perdi meu sobrenome, minha linhagem.

— Então você ama alguém.

Por algum motivo absurdo seu coração se apertou no peito a ponto de explodir. Imaginar um homem, qualquer homem preenchendo a vida de Lucy a ponto de fazê-la perder tanto era completamente perturbador. Mesmo sabendo que ela não o pertencia e que talvez nunca o pertenceria.

— Não, quer dizer... — Negou como se não quisesse revelar mais.

— Diga o nome do homem que roubou seu coração — ordenou, a testa franzida em desagrado. — Diga ou eu — trincou os dentes — acabarei com nosso acordo.

— O quê? — indagou, preocupada. — Por quê?

O motivo era perturbador demais para ser verbalizado. Perturbador demais até para que ele o compreendesse. Então se escondeu atrás do papel que interpretava tão bem, o de canalha.

— Sou possessivo com minhas amantes, docinho. — Passou os dedos pelo rosto dela, um sorriso sacana nos lábios. — Não quero que outro homem tome seu corpo, seus pensamentos, seu coração.

Lucy semicerrou os olhos o analisando e estudando.

— Você não é possessivo com suas amantes, Milorde. — Entortou os lábios levemente divertida. — Ouvi boatos de que já realizou coisas bem pecaminosas com as amantes de outros homens enquanto eles faziam o mesmo com as suas.

— Boatos. — Ele os descartou com a mão, embora fosse a mais pura verdade.

— Ah, maldição! Você está com ciúmes de mim! — acusou, em choque.

Ele não esperou que se recuperasse antes de tomá-la nos braços em um beijo febril e profundo que a fez se derreter junto ao corpo dele.

Mãos femininas e afoitas deslizaram por seu corpo.

O marquês tocou as costas dela com o mesmo desejo e subiu uma das mãos até a nuca de Lucinda. Seus lábios grudados em sua testa e suas respirações voltando ao normal.

— Eu quero que seja minha. Quero deitá-la em minha cama, beijar cada centímetro de seu corpo e saciá-la até que grite de prazer em meus ouvidos. Mais do que isso. Quero saber que você estará lá para mim no próximo dia, e no outro, e no outro...

— Não se apegue a mim — pediu em tom choroso. — Há um motivo para nosso caso ter data para terminar. Sou uma fraude.

— Você parece tão real para mim — sussurrou em seus ouvidos e desceu seus lábios para beijar o pescoço delicado com sedução e luxúria.

— Meu sobrenome, meu honorífico, meu grau de parentesco com as Horidens tudo é uma mentira.

Ele não parou de tocá-la, de beijá-la. Não porque não a ouvisse, não porque quisesse calá-la, mas porque queria deixar claro que nada importava.

Ele conhecia Lucinda. Mais do que conhecera qualquer mulher em sua vida.

— Você não sabe quem eu sou, o que eu fiz e quando souber — fechou os olhos em completo desespero — então toda sua admiração por mim irá por água abaixo.

Suas mãos delicadas seguraram o rosto dele e tomaram seus lábios. Como uma despedida antes de lhe contar a verdade.

— Eu sei quem você é. — Ela negou com a cabeça, descartando. — Eu conheço você. Não estou falando sobre o maldito nome, sobrenome ou título. Eu te conheço, Lucinda. De todas as formas que importam.

Soltou um suspiro fundo com os olhos fechados. Podia ver seu coração esmagado no peito.

— Meu nome é Emily — confessou. Os olhos verdes subindo até os dele de forma custosa. — Sou Emily Lucinda Treimy.

— Treimy? — Ele estranhou o sobrenome. Realmente estranhou. — Treimy como um parente distante do Visconde Treimy?

— Treimy como a filha do Visconde de Treimy — engoliu em seco — e proibida de usar seu sobrenome.

Abriu os braços em impotência como alguém que enxergava a derrota diante de seus olhos, mas não sabia como fugir dela. Como alguém que via

as esperanças da vida se desfalecendo, mas que já passara tantas vezes por tal coisa que não mais se importava .

Ele odiou isso. Odiou o fato de que a mulher diante dele tinha conhecido a decepção, o sofrimento, a tristeza, quando tudo que deveria permear sua vida eram coisas boas. Porque Lucy, Lucy era a própria luz do sol.

E quando olhou para ela, para aqueles olhos verdes tão marcantes, ele se lembrou.

— Mas que inferno! — praguejou tentando não erguer o tom de voz, embora se sentisse tentado. — Minha mãe os chamou aqui. Você — negou inconformado com a armadilha na qual se meteram — quer que eu a leve daqui?

— E para onde você me levaria? — deu um sorriso fraco, mas já era um começo.

Ele passou o nó do indicador em sua bochecha, cedendo a um sorriso doce de lado.

— Para onde você quer ir?

— Eu daria tudo para fugir para qualquer lugar com você — confessou beijando seu queixo. — Mas já fugi por tempo demais. Não vou deixar de frequentar o lugar, de ver pessoas porque eles estão lá. Se querem jogar esse jogo, então me tornarei mestre nele.

— Se isso fosse xadrez você seria a rainha.

— E quem você seria, Milorde? — indagou passando a mão por seu peito.

— O rei que vira um completo inútil sem sua rainha. Com possibilidades mínimas de sucesso.

Despertou um sorriso nela com o galanteio. Ele era canalha sim, já seduzira muitas mulheres ao longo da vida e sabia que Lucy não era imune a ele.

A questão — que ficava mais clara a cada momento — era que havia um fundo de verdade naquela informação.

Talvez não um completo inútil, mas não seria o mesmo sem Lucy. A puxou para os seus braços em um aconchego doce antes de enfrentarem o caos. Não seria o mesmo nem de longe.

Capítulo 21



Quando finalmente entraram no salão e foram recebidos, ela segurava o braço de Lorde Berthany com tanta força que o pobre homem não escaparia nem que quisesse.

Sua cabeça estava um turbilhão. Seu estômago retirava sem parar e ela tentava com muito esforço se comportar normalmente, mas simplesmente não conseguia.

Deu graças a Deus quando se sentaram no opulento salão dos Berthanys. Quem sabe em tal posição suas pernas entendessem que não era o momento adequado para sair correndo. O que era, absolutamente, a sua vontade.

— Soube que há um parentesco entre vocês e achei que era a oportunidade perfeita para nos reunirmos todos. — A anfitriã permanecia ativa na ponta da mesa.

Por algum motivo aquilo a lembrou de Lorde Graivil e do seu comentário sobre a marquesa lhe dar arrepios. Aquilo, mesmo em um momento difícil a fez querer rir. Imaginando se o conde estava tenso como ela.

— Se tem tanto interesse em reunir famílias, Milady. — O marquês fuzilou a mãe com o olhar da outra cabeceira da mesa. — Deveria ajudar crianças órfãs ou desaparecidas.

Dione por pouco não engasgou com a sopa que tomava.

— A Condessa trabalha com algo nesse sentido, não é mesmo Lady Graivil?

Diana ficou mais que agradecida em poder auxiliar na mudança necessária de assunto providenciada pelo marquês.

— Sim, administro um abrigo junto com minha sócia a Srta. Pearl — contou olhando principalmente para os Treimy's. Tentando, realmente tentando manter a postura neutra e calma. — Abrigados crianças e mães solteiras. São filhos bastardos em sua maioria.

— Eles têm sorte por tê-la, irmã. — Dione assentiu com doce aprovação.

— Acredite, eu tenho sorte de tê-los — corrigiu. Os olhos brilhantes como sempre quando tocava no assunto de seu abrigo.

— Quantas crianças Milady atende? — Johanna questionou, curiosa.

— No momento, estamos com cerca de cinquenta crianças. — Fez um meneio delicado para o criado que lhe servia mais vinho. — Mas Pearl ainda me enviará o relatório atualizado.

Lucy voltou os olhos para a refeição. Um belo cordeiro ao molho a aguardava, mas seu estômago estava tão embrulhado que mal conseguia comer.

— Acho que falo por todos os homens que instituições como a sua são fundamentais para a nossa sociedade, sobrinha. — Lorde Treimy se manifestou.

Era certo que o conde não estava nada feliz com o grau de familiaridade do homem, mesmo sendo o tio de sua esposa. Não o julgava. Tinha certeza que até o pai terminar seu raciocínio ela já estaria desejando acertá-lo no meio dos olhos. Se o desejo já não estivesse nela.

— Cometemos erros em nossa juventude e precisamos de lugares como seu abrigo para evitar que eles impactem em nossa vida e de nossas famílias.

— E quanto ao impacto de vossos erros na vida de uma criança? — Só percebeu que a voz saía de seus lábios quando se ouviu falar.

Não pôde se calar. Foi mais forte que ela. Se não verbalizasse tão coisa diante de tamanho absurdo, enlouqueceria.

— Algumas crianças não deveriam vir ao mundo, Lady Dabley — ele enfatizou as últimas palavras com certa irritação.

— Bom, elas não pediram para vir — retrucou vendo a mãe e Abigail torcerem a boca em desgosto. O marido desta parecia um tanto chocado com sua ousadia. — Se os homens não conseguem administrar bem seus desejos, então o mínimo é assumir a responsabilidade por seus atos.

— Perdoe-me — pediu com leve sorriso de deboche. — Não deveria ter tocado no assunto. Não tinha a intenção que chegasse a termos tão claros. Somente aponte a importância de tais instituições.

— Agradeço o seu apoio, Milorde — Diana tentava manter a serenidade —, mas a instituição foi criada para apoiar as crianças e mães que não têm para onde ir e não para ser um depósito para pais que resolveram se divertir.

— Não consigo imaginar Elizabeth ou Georgina em tal situação — Charlotte a surpreendeu com sua intervenção, sobretudo por estar apoiando Diana em seu ponto de vista.

Robert pegou na mão da esposa e a levou aos lábios como se a consolasse.

— E nem deve, Sra. Frub — verbalizou Lady Treimy. — Mulheres corretas que se guardam para o casamento não precisam se preocupar com tal coisa.

O olhar enviesado para Lucinda não lhe passou despercebido. Seu coração se apertou com a rejeição clara e cristalina diante de seus olhos.

Seus pais não a perdoaram por seu comportamento, só a consideravam interessante demais para não ser uma Treimy. Não agora que estava praticamente noiva de um marquês.

Ah! Se eles ao menos soubessem.

Lorde Berthany sentiu sua aflição e apertou a mão dela por sob a mesa, depois deslizou por seus joelhos e a acariciou de forma mais carinhosa do que lasciva.

A conversa da mesa virou um borrão em sua cabeça. Uma completa confusão de palavras sem sentido. Os criados traziam mais comida e levavam seus pratos intocados. Um deles trouxe um bilhete a Lorde Vann que o leu com expressão contrariada. Ou talvez estivesse vendo coisas.

Não seria uma surpresa. Já que embora a comida não lhe descesse bem, continuava esvaziando a taça de vinho e pedindo que a enchessem. Queria anestesiar aquele momento. Queria ignorar que as pessoas que tanto a desprezavam agora a pressionavam para reintroduzi-las em sua vida.

Queria principalmente silenciar aquela parte dela que desejava ver o rosto dos pais quando rompesse o compromisso com Berthany. Queria silenciá-la porque sabia que naquele exato momento seu coração se quebraria em mil pedaços. Nenhuma vingança ainda que subconsciente valia perder o homem que mais amara em toda vida.

— Devagar, docinho. — A voz suave do marquês foi o suficiente para lhe impelir o choro.

Sua garganta ardeu e as lágrimas esperaram no canto de seus olhos enquanto ela se lembrava daquela menina expulsa de casa sem

absolutamente nada para chamar de seu. Sequer seu nome.

“Lucy sentia-se suja, usada e confusa. Sua cabeça tentava se convencer de que nada ocorrera, que era fruto de sua imaginação, mas ainda assim não poderia continuar com aquilo. Pensar nele fazia querer expulsar seu desejo.”

— Mamãe — chamou na porta do quarto.

Lady Treimy estava ocupada demais. Imersa demais no próprio reflexo como sempre parecia ser.

— Emily! — Ela franziu o cenho em reprovação. — Mas que vestido é esse?

— Ah! — Ela olhou para baixo, as bochechas chorando. — É aquele que escolhi o tecido, mamãe. É verde e ressalta os meus olhos.

— É ridículo — disse simplesmente. — Está parecendo uma pobretona, mas não dê ouvidos a mim, espere todos troçarem de você no salão de baile. Não diga que não avisei.

O tecido era caro, a cor e o modelo estavam na moda. Só havia uma coisa contra aquele vestido: fora Lucy e não sua mãe que o escolhera. E nada que não tivesse um dedo dela estava bom o bastante.

— Se troque e então conversamos — orientou. A escova passando por seus cabelos compridos e brilhantes.

— Mãe, na verdade serei breve — respirou profundamente em busca de coragem. — Não quero me casar com Lorde Howard.

— O quê? Por quê? — Virou-se na banquetta estofada da penteadeira. — Ele é um barão, é verdade, mas é muito rico.

— Ele é — desviou o olhar em busca da melhor palavra — rude.

— Claro que não, Emily. — Bufou revirando os olhos. — Está imaginando coisas.

— Ele força suas atenções com as criadas.

— Boatos. — A viscondessa dispensou com a mão.

— Não são boatos. Eu vi! — insistiu, chocada. — E ele... ele — sua boca amargou — me tocou de forma imprópria hoje.

— Ah, minha filha! — Soltou um muxoxo de desagrado. — Os homens são assim. Eles sofrem com muito desejo. É o fardo deles.

O fardo deles? Eles sofrem? Sua mãe estava mesmo tratando os avanços de Lorde Howard como se ele não pudesse evitar? Como se os impulsos

fossem uma doença que o coitado não poderia controlar? Aquilo era absurdo. Completamente absurdo.

— Nosso fardo é resistir aos impulsos deles. Se está considerando isso um problema, devia ver na minha época. Aquilo sim era difícil. Eu era desejada por muitos homens. E muitos deles tentaram tomar liberdades para comigo.

Lucy torceu a fita do vestido nas mãos tentando não dizer o quanto aquele tipo de pensamento de comparação a irritava. Cada vez que a mãe vinha com ‘na minha época’ para minimizar as dores dela sentia seu coração diminuir um pouco mais. Sentia-se mimada e insignificante.

— Depois que me casei e tive você as coisas mudaram, é claro — Suspirou fundo, nostálgica. — Eu deixei de ser a dama mais bela da temporada e virei a mãe mais bela, mas isso não importa. Estou muito feliz sendo sua mãe e você me dará um orgulho imenso ao se casar com Lorde Howard.

Ela se voltou para o espelho como que dando o assunto por encerrado, mas no peito de Lucy não estava. Não podia estar.

— Não quero me casar com ele.

— Mas que tolíce — tornou a escovar os cabelos — é claro que quer.

— Não, mamãe. Não quero — insistiu. — Desculpe, mas se a senhora pudesse ao menos me deixar escolher alguém e focar em outras coisas por esse ano. Como nas obras de caridade.

— Emily, não acredito que está fazendo isso.

Ela se voltou para ela. Com o olhar quase choroso, os lábios levemente torcidos.

— O quê? — a confusão a acometeu.

— Logo você, minha primogênita. A filha que eu tanto papariquei. — Sacudiu a cabeça negando. — Não havia nada que eu não fizesse por você e você tem a coragem de insinuar que eu sou uma desocupada?

— O quê? Eu não disse nada disso.

E era odioso, porque naquele momento ela realmente se questionou se dissera algo assim sem perceber.

— Disse que eu me ocupe com as obras de caridade, como se eu fosse uma mulher de coração de pedra.

— Ah, meu Deus, mamãe! A senhora está distorcendo tudo — avisou com desespero.

Como sempre, se arrependia de contrariar a mãe. O final nunca era bom, mas será que deveria passar a vida sempre fazendo suas vontades, cuidando de seus interesses e se anulando para ser somente a filha perfeita? Será que não havia uma forma de dar orgulho à mãe sem abrir mão da própria felicidade.

— Inacreditável. — Deu um suspiro fundo como quem continha o choro. — É melhor você sair, eu preciso de um momento para me recompor.

— Claro — balbuciou com voz mirrada se virando para deixar o quarto.

— Ah! — exclamou fazendo com que olhasse para trás. — Mas mesmo você me magoando profundamente ainda quero vê-la no almoço amanhã. Não podemos desagradar seu noivo.

Abriu os lábios em choque. Ignorada. Como sempre ignorada.

Foi naquele momento que Lucy soube que tinha que fazer alguma coisa. A começar por procurar um homem que confiava o bastante para apagar as lembranças de Lorde Howard. Ela não iria para o altar. Não antes de conhecer ao menos um pouco do que era o amor.”

— Qual parentesco disse que tinha com Lady Treimy mesmo, Lady Dabley? — indagou Lady Berthany. — É tão parecida com milady que bem podia ser uma filha.

Percebeu que o marquês prendeu a respiração ao lado dela. Seus irmãos mais jovens a olhavam com aflição. Já os pais e Abigail queriam mesmo era que ela escorregasse e admitisse o parentesco. Como explicariam que uma filha deles usara um outro nome por tanto tempo ainda lhe era um mistério, mas tinha certeza que seriam bem criativos, tudo para garantir um genro marquês.

— Quem me dera ter tal privilégio. — Sua voz soou imperturbável e ela forçou um sorriso. — Que eu saiba a filha mais velha dos Treimy está em um convento e como podem ver... eu estou aqui.

— Eu acho que é a hora de dizer que... — a viscondessa iniciou com postura altiva, mas o marquês a interrompeu, se levantando.

— Eu quero propor um brinde. — Levantou a taça de vinho com um sorriso nos lábios. — A encontros inesperados e mulheres tão extraordinárias que perduram em nossa memória mesmo depois de anos.

Lucy tinha os olhos fixos nos dele, o coração repleto de ternura e gratidão. A mente tentando entender onde aquilo iria chegar enquanto o vinho tocava seus lábios.

— Lady Dabley.

Um sorriso surgiu nos lábios bem desenhados. Lucy prendeu a respiração. “Por favor, não faça isso, por favor não faça.”

— Sou um homem diferente desde que coloquei os olhos na senhorita. Faça-me o homem mais feliz do mundo aceitando a minha mão?

Lucy abriu os lábios então os fechou.

Por fim, fez o que qualquer dama na situação dela faria.

Com a graça de uma perita fingiu um desmaio.

— Você sabe como levar uma mulher ao delírio, Berthany. — O Conde não resistiu a zombar dele.

— Alguém precisava parar aquele circo — resmungou por entre os dentes.

Diana continuava abanando o rosto de Lucy que estava suando devido a quantidade de vinho que tomara. Os demais convidados estavam dispersos pela casa com os anfitriões, mas ele não sairia dali até ter certeza que ela estava bem.

Sim, sabia que seu desmaio fora completamente ensaiado, mas também sabia que não estava bem por outros motivos. O excesso de vinho comprovava isso. Nunca vira uma mulher beber tanto.

— Podem me dar um momento com minha noiva? — questionou para o conde e a condessa.

— Na realidade, ela ainda não respondeu o pedido, logo não podemos afirmar que ela seja...

— Não lhe dê ouvidos, Milorde. — A Condessa se adiantou passando o leque de Lucy para ele. — Vamos, querido, vamos dar uma palavrinha com os Treimy e garantir que eles fiquem com a boca bem fechada.

— Podemos ameaçá-los com a bengala de Lady Limett — o conde sugeriu fazendo a esposa gargalhar no corredor.

— De fato isso iria detê-los sem muito esforço.

Berthany caminhou até a *chaise longue*^[3] e deu um sorriso para Lucy se acomodando na beira do móvel. Voltado para os olhos verdes semicerrados e os lábios levemente curvados em um sorriso. Uma visão um tanto inusitada dela.

— Sei que devo ser uma visão patética para você agora, mas não vou me levantar — disse com a voz um tanto entorpecida. — Sinto que vou vomitar em seus sapatos brilhantes se o fizer.

O marquês deixou escapar um riso baixo e passou a abaná-la.

— E o servo abana sua rainha enquanto ela está prostrada pensando nos desafios de ser a mulher mais poderosa que já existiu.

Soltou uma risada irônica.

— Você é inacreditável. — Estranhamente sabia que ela diria isso. — Mas eu o agradeço. Sei que era a melhor chance de interromper a conversa do jantar.

— Bom, agora terá que responder o meu pedido — murmurou passando a mão livre pelo braço dela de forma preguiçosa.

— Sabe que terei que romper o noivado depois, não sabe?

Sim, pois um homem jamais poderia fazê-lo.

Era aceitável que uma mulher rompesse o compromisso, mas não um cavalheiro. As damas tinham a chance de mudar de ideia, porém os motivos não eram os mais lisonjeiros. Diziam que eram seres volúveis e por isso precisavam da chance de voltar atrás com suas decisões.

— Vão chamá-la de louca — provocou. — Quem resistiria a um homem como eu?

— Já lhe disseram que o seu ego é o que há de maior em você?

— Na verdade não é bem isso que apontam como “o que há de maior em mim”.

Ela soltou um riso incontido. Mais agradável e calmante que o canto dos pássaros. Ele poderia viver ouvindo aquela risada todos os dias. Seria um presente. Mas, lembrou bem, as chances eram remotas, pois Lucy se mostrava irredutível quanto ao futuro dos dois.

— Você pode romper o noivado, ou — ergueu uma sobrancelha — podemos nos casar.

— Mas que vergonha. — Semicerrou os olhos o encarando. — Milorde está se aproveitando de uma dama embriagada para fazer tal sugestão.

— Você me parece bastante sóbria — gracejou.

Então deixou os dedos passearem pelo rosto dela levemente molhado pelo suor.

— Eu costumo beber vinho escondido, às vezes — confidenciou baixinho. — Fico um pouco tagarela quando bebo.

O lorde sorriu.

— Eu nem percebi — ironizou. Pronto para se divertir um pouco mais com sua tagarelice. — Por Deus! Você precisa casar comigo! — exclamou com um sorriso sacana. — Onde encontrarei outra mulher tão perfeita?

— Não zombe de mim. — Deu um tapinha no braço dele. Um sorriso preguiçoso em seus lábios.

— Não estou zombando.

Definitivamente era uma preocupação séria. Onde conseguiria uma mulher que se encaixasse nele com tanta perfeição? Como se contentaria com outra depois de Lucy?

— Pense nisso, docinho. Seríamos bons juntos. Você me faz feliz, é linda, tem traquejo social — segurou em seu queixo por um instante — e eu tenho certeza que nos entenderíamos muito, muito bem na cama.

A respiração de Lucy ofegou e ele continuou a abaná-la.

— Parte de mim quer agarrá-lo desesperadamente — confessou com um leve sorriso. — Mas a parte racional sabe que isso seria completamente insano e que deve se casar com alguém com o passado menos complicado.

— Detesto essa parte racional — resmungou, contrariado.

— Não a deteste. — Negou soltando o ar de seus pulmões. — É ela que me protegeu e permitiu que minha vida fosse tolerável todos esses anos. Você é um marquês. Sou a mulher errada para você.

— Então porque parece tão certa, docinho?

Era a pergunta que andava atormentando sua cabeça e se pudesse arriscar, a dela também. Parecia tão bom, tão certo.

Sim, ele vinha de um marquesado com anos de história e ela tinha o passado manchado por um escândalo a ponto de ter que mudar de identidade para conseguir frequentar a sociedade, mas tudo isso parecia pequeno perto do que ela era. Do que o fazia sentir.

— É só prazer. — A mentira podia ser detectada em seu tom de voz junto com a angústia. — Fizemos um acordo que foi se tornando mais complicado. Eu lhe pedi socorro para a minha vida caótica e forneci um pouco de paz à sua. Tudo isso regado de prazer. Te pedi um tempo e você me deu. Não quero o resto da sua vida.

As palavras eram balbuciadas lentamente por conta do vinho, mas cada uma repleta de consciência. Então as lágrimas dela escorregam pelo rosto uma após a outra sem controle. Como se sua armadura fosse sendo derrubada aos poucos.

— Não chora, amor — pediu se aproximando do rosto dela.

O marquês beijou cada trecho de seu rosto que fora permeado pelas lágrimas que caíam. O gosto salgado em seus lábios trazendo uma sensação de que estava absorvendo também as emoções dela, dividindo-as. Tornando-as mais leves.

Quando desceu seus lábios até o pescoço dela, por sobre a veia sensível, o gemido de Lucy quase foi a sua ruína. Então o desbravou com a língua por um momento, até que...

— Perdoem-me! — Uma versão muito assustada de Dione os olhava da porta do cômodo.

— Eu que peço desculpas. — O marquês se afastou, perturbado.

Sim, já fizera muito pior — ou muito melhor — com a prima dela, mas isso não vinha ao caso. Não era o momento para tais intimidades. Primeiro no jardim, depois em uma sala da mansão. Estavam ficando descuidados. Ele para ser mais exato estava pensando com... não estava pensando.

— Vim para saber se Lucy está bem — explicou, as bochechas do rosto em formato de coração coradas.

— Um pouco tonta, mas estou bem, Di. — Lucy lhe deu um sorriso.

Lucy era a típica pessoa que repetia que estava bem incontáveis vezes mesmo com o mundo desabando sobre sua cabeça. Dos problemas que aquela moça de pouco mais de um metro e meio estava enfrentando, os efeitos do vinho eram o menor deles.

— Eu vou deixá-las para que conversem — ele levou a mão de Lucy aos lábios e a beijou com carinho.

Então sorriu para Dione. Antes de se retirar.

— Acho que só bebi um pouquinho mais do que devia.

Um pouquinho não era exatamente fiel ao seu exagero. Com sua família na mesa? O que ela estava pensando?

Seu coração estava batendo muito forte, mas isso podia ser culpa de Sebastian e ela começava a ficar com muito, muito sono. Amortecida pela bebida e toda a loucura que fora aquela noite.

— Quer que eu a deixe? — questionou com preocupação.

— Ah! Não. Por Deus, me faça companhia. — Buscou a mão da prima com carinho. — Com toda a loucura dessa noite preciso urgentemente de

uma distração e com certeza não quero ficar sozinha. Ao menos até conseguir me levantar sem dar de cara no chão.

Dione soltou uma risadinha juvenil.

— Sabia que gostava do marquês, mas não a ponto de desmaiar com um pedido de casamento dele.

Ao menos das pessoas que compartilhavam a mesa com ela, convencerá uma. Não dava para dizer que não era alguma coisa.

— Foi súbito — respondeu rezando para não precisar dar mais explicações.

— Estou feliz por vocês.

Seu estômago embrulhou.

Eles enganaram a sociedade. Lorde Howard. Seus pais e irmãos, mas também enganaram a família que tanto amava. Fazer isso com suas primas partia seu coração, mas depois de tanto penar naquela temporada para sustentar tal enganação era o melhor a ser feito. O mais prudente.

Ainda assim, doía demais falar sobre. Muito mesmo.

— E como está com Lorde Vann?

Mais que uma pergunta para dispersar era uma pergunta que realmente queria a resposta. Preocupava-se com Dione.

Sobretudo no momento das privações, mas também depois que elas se aproximaram muito. A ponto de se tornarem amigas, confidentes até.

Lucy tivera o contato com os irmãos barrado pela família, mas tinha outras cinco irmãs do coração que mesmo não tendo o mesmo sobrenome eram tão próximas que pareciam partilhar a mesma alma.

— Ele é gentil e tem um beijo bom — confessou com um sorriso tímido.

— Lábios macios, não é? — provocou a fazendo rir.

— Então estava escutando.

— Eu nasci com os ouvidos habilidosos de uma matrona fofoqueira, mas sou preguiçosa demais para seguir carreira. — O humor falou por ela pouco antes de deixá-la ser dominada por preocupações. — Ele está sendo bom para você, Di?

Assentiu, mas havia hesitação em seus olhos. Mordeu o lábio inferior e desviou o olhar, como que se perguntando se deveria falar.

— Se algo a está perturbando, então divida comigo.

— Ele é incrível quando está presente, mas às vezes parece que não está lá, sabe? — Deu de ombros com timidez. — Quando dá aquele sorriso,

parece que não é ele mesmo. Não sei se o conheço de verdade. Isso faz algum sentido?

— Faz sim. Talvez ele ainda tenha medo de se envolver. — Como alguém que o tinha, isso ela poderia entender.

Poucas coisas são tão perturbadoras e recorrentes na vida quanto à razão e emoção em conflito. Mas não estava certa quanto às emoções de Leonard. Como a prima, ela não o conhecia. Não tinha ideia de onde seu coração estava. Sequer tinha certeza se o lorde tinha um.

— Lucy, por que está com essa expressão? Sabe de alguma coisa?

As memórias vieram até ela sem esforço. Leonard no dia do piquenique que acabara de forma súbita. Do exato momento em que foi buscar seu livro de poemas.

— Não quero encher sua cabeça, mas o vi saindo de meu quarto no dia do piquenique.

Dione franziu o cenho, intrigada.

— Foi tão estranho.

— Ele lhe deu uma justificativa?

Sentia-se mal em ser a pessoa que colocava os sentimentos da prima em xeque, mas ela merecia saber. Não queria colocar coisas em sua cabeça, mas não se perdoaria por deixá-la na ignorância.

— Disse que procurava a toalete. — Cedeu a um bocejo. Seu corpo implorando por uma boa noite de sono induzida pelo vinho. — Ele parecia envergonhado.

— Acha que ele está interessado em você ao invés de mim?

Lucy balançou a cabeça o que lhe custou uma leve tontura.

— Com certeza não. Tire isso da cabeça.

Sua prima disse algumas coisas mais, mas as palavras não faziam nenhum sentido para ela. Não, definitivamente Lorde Vann não tinha interesse nela. A pergunta era no que ele tinha interesse.

Não conseguiria chegar a uma conclusão tão cedo. Sua mente já não funcionava como deveria e foi se apagando até adormecer.

Capítulo 22



— Embriagada! Completamente bêbada, Luiza! — Lady Limett censurou a caminho do jantar dos Worths. — Será que você só sabe se meter em encrencas, menina?

— Acredite, eu tenho me feito muito essa pergunta — reclamou com uma alta dose de auto reprovação. — E se está tentando me punir, o vinho já fez isso.

Tivera pesadelos naquela noite. Fruto do álcool, provavelmente. Nele, sua identidade fora revelada para toda Inglaterra e para proteger as primas ela não teve escolha a não ser subir na carruagem com Lorde Howard e se casar com ele.

O que era um completo absurdo porque entre casar com Howard e tornar-se uma mulher solteira que tinha que trabalhar para sobreviver, certamente escolheria a segunda hipótese. Já passara por privações uma vez e não morreria. Preferia sofrer com falta de recursos que com a perda de sua dignidade.

Mas a cereja do bolo realmente foi acordar com uma dor de cabeça infernal e tanta sede que era como se tivesse engolido areia do deserto.

— Não me interessa. — A mulher decidiu batendo a bengala no chão. — Anunciaremos esse noivado hoje.

— A senhora anda muito mais rabugenta desde que Livia se casou — Lucy resmungou baixinho, mas foi completamente ignorada.

De propósito, já que a audição da duquesa era perfeita.

Ainda deveria ser doloroso para ela. A moça era uma companhia constante em seus dias, mas foi por iniciativa da duquesa que partira para

seguir com a vida e encontrar o amor. Livia era uma menina doce e com certeza merecia encontrar o amor.

Até o momento, a nobre não fizera qualquer movimento para procurar outra dama de companhia. Quem andava fazendo tal papel era o cãozinho de Dayenne.

George, era sequestrado com frequência para a mansão ducal e não se importava nem um pouco haja vista que era tratado como um rei lá e ganhava inclusive carnes de primeira qualidade servidas em um pires de porcelana.

— E você, Dominique? — questionou para Dione, que estava bem distraída. — Como vão as coisas com Lorde Vann?

— Nos entendemos.

A senhora soltou um resmungo.

— Você está com sorte. É mais do que a maioria dos casais pode dizer.

Lucinda tinha que concordar. Como parte de uma família cujos tios e pais meramente se suportavam, ela sabia bem do que a duquesa falava.

— Eu às vezes acho que falta paixão — Dione contou, frustrada. — É como se ele estivesse comigo por interesse.

— Não seja tola criança — a Lady entrevistou. — Todos nós casamos por interesse. Seja em poder, dinheiro, status social, ou...

— Quero que ele tenha interesse em mim — resmungou batendo a mão nas coxas ritmadamente, em nervosismo.

— Ainda assim, seria um tipo de interesse.

— Creio que falo por minha prima quando digo que invejo sua naturalidade ao tratar de tais assuntos, Vossa Graça — Lucy afirmou.

Talvez aquele fosse o futuro dela. Sem um marido, rabugenta, de língua afiada e com animais de estimação pela casa. Não era uma perspectiva ruim. Ela gostava de cães.

— Vocês complicam as coisas, isso sim.

— Mas a senhora amava seu falecido marido, Milady. — Dione achou por bem pontuar. — A senhora mesma disse.

— Mas que impertinência. — Sacudiu a bengala de forma alarmante dentro da carruagem. — Eu não sou o assunto aqui. Se se preocupassem mais com seus homens e não com o meu passado já estariam casadas — e soltou um resmungo revoltado.

As primas trocaram um sorriso conspiratório. Com aquela reação a Lady respondera à pergunta muito mais do que gostaria.

Tinha que dar um jeito. Tinha que encontrar uma forma para que seu passado não mexesse tanto com ela mesmo que estivesse diante de seus olhos.

É fácil dizer que o passado está no passado quando pouco se tem contato com quem lhe traz lembranças antigas. No caso de Lucy, infelizmente seu passado ainda tinha poder sobre ela. Ele a fazia perder a razão, ficar sem ar e até mesmo negar o único homem que fez seu coração disparar no peito.

No entanto, a desculpa que usava era que não era por medo. Era por ele. Ele merecia mais. Merecia alguém melhor e mais adequado para o marquesado. Ela não era essa mulher.

Estavam na sala onde as mulheres se reuniram para conversar e ouvir a filha mais nova da anfitriã tocar arpa. Enquanto isso, os homens bebiam e fumavam na sala ao lado, antes que o jantar fosse servido.

Balançou a cabeça em negativa quando um criado lhe ofereceu uma bebida.

Não descontaria na bebida. Não daquela vez. Ainda assim, precisava de um momento. Tinha a sensação de que as paredes se fechavam ao seu redor e sua respiração ofegava.

— Você está bem? — Diana perguntou com preocupação.

— Mais ou menos — confessou, pois era custoso e fadado ao fracasso mentir para a prima.

— Está um pouco pálida.

— Só preciso de um instante — garantiu. — Vou arrumar uma sala para descansar um pouco.

— Quer minha companhia?

Era tocante saber que mesmo tendo um marido, uma filha e outro a caminho Diana tinha tempo para ajudá-la. Que ainda era seu porto seguro.

— Obrigada, querida prima, mas preciso ficar sozinha. — Acenou com a cabeça em gratidão.

A toalete não era o melhor lugar para ter privacidade. Se bem conhecia as damas da sociedade, muitas delas se aproveitavam dos minutos antes do jantar para ajustar o penteado e estarem perfeitas para a ocasião.

Um jantar em meio a temporada poderia ser uma ocasião tão importante quanto um baile. Sobretudo, quando o número de damas e cavalheiros

estava equilibrado. Dependendo de com quem desse sorte de se sentar, poderia ser uma noite promissora. Ou, uma completa catástrofe.

Pediu a duquesa que solicitasse discretamente a anfitriã para colocá-la ao lado de Berthany se possível com a desculpa de que estavam noivos.

A verdade é que a última coisa que queria era um lugar ao lado de Lorde Howard. Aceitaria qualquer outro acompanhante, até mesmo um que não cheirasse bem. Preferia passar a noite com o estômago embrulhado com mau cheiro que com más lembranças.

Soltou um suspiro fundo e abriu uma porta próxima da toalete. Graças a Deus só um cômodo comum. Uma sala de música vazia.

Não podia dizer que era muito elegante entrar em um cômodo sem ser convidado. Com as suspeitas do sumiço do quadro dos Berthany tudo que ela não precisava era ser pega invadindo salas ainda que não se tratassem dos cômodos comuns da família, mas precisava desesperadamente respirar.

— Só alguns instantes. Somente alguns instantes — prometeu a si mesma.

O corpo encostado em uma das paredes. Os pulmões buscando o ar profundamente e os lábios o soltando com lentidão tentando se acalmar. O som da harpa chegava suave até ali e ajudaria seus nervos a relaxarem.

E não era da harpa a melodia celestial tocada pelos anjos? Quem sabe um deles resolvesse descer e lhe dar uma ajudinha em seu dilema?

— Eles não me controlam — murmurou, as palavras suaves, porém com um poder imenso. — O passado não tem poder sobre mim.

— Engraçado você dizer isso, Milady.

Lucy espalmou as duas mãos na parede para tentar se manter em pé.

Quando pediu que a harpa lhe trouxesse um anjo não se referia a Lúcifer, mas olhando para aquele homem era como se o próprio diabo estivesse diante dela.

Não tinha ideia do quanto de bebida estava sendo servida na sala dos lordes, mas aparentemente Lorde Howard acabara com boa parte do que foi oferecido.

Ele estava entre ela e a porta. O hálito fétido de álcool fermentado saindo de seus lábios. Sinceramente ele devia ter vindo bêbado para o jantar. Não acreditava que poucos minutos já o deixaram em tais condições.

— Milorde. — Acenou com graça tirando forças de onde nem sabia que tinha. — Se me der licença, preciso voltar para minhas primas e esse encontro é muito irregular.

Ele riu. Absolutamente desprovido de humor.

— Sabe o que é irregular, Milady? — Aproximou-se mais a passos rápidos e segurou em seu pulso. — Bigamia.

— Solte-me, senhor.

Queria gritar. Realmente queria, mas gritar não teria só implicações para ela e sim para todas as suas primas.

Se chamasse a atenção e fosse pega em flagrante com Lorde Howard não perguntariam se ela estava em apuros. Se fora coagida. Ela seria lançada ao ostracismo de novo e daquela vez publicamente, em definitivo e injustamente. Pior que sofrer pelos pecados que cometeu era sofrer pelos que lhe foram impelidos. Não permitiria que acontecesse.

— Você é minha noiva e agora é noiva dele. — Franziu o cenho em reprovação o aperto da mão se intensificando. — Mas por que estou surpreso? Você é uma vagabunda que se deita com criados e com todos que se mostram interessados. Então, é justo que faça o mesmo comigo.

Lucy tinha um tempo limitado para agir. Sim, a desonra de suas primas seria completamente triste, mas ela poderia ir para o interior e trabalhar em qualquer lugar que a dissociasse das Horidens. O fato era que não poderia deixar aquele homem tocá-la. Era mais do que poderia suportar.

— Não se preocupe, querida — Deu um sorriso perverso e esticou a mão para tocar o rosto dela. — Você vai gostar. — Lucy agarrou a mão dele e segurou com toda a força da qual se dispunha.

— Não vou pedir de novo, Milorde. — Soou baixo, porém letal. — Vá embora.

— Eu irei, depois que usá-la até que perca os sentidos.

Quando se aproximou dela, no entanto...

— Afastede-se dela.

Lucinda arregalou os olhos. Se o próprio rei viesse defendê-la, não ficaria tão surpresa. Estava realmente sem palavras.

Charlotte Vann, a mesma mulher que jurou detestá-la por toda eternidade. Que instigara seus segredos disposta a descobrir todos eles, que a acusara de roubo, a estava salvando e evitando um escândalo?

— Estamos em um encontro aqui.

Lorde Howard tentou convencê-la.

— O inferno que estão.

E não fora bem sucedido na tentativa.

— Minha cunhada não é burra. Saia de perto dela agora ou vou destruir você.

O lorde engoliu em seco dando um passo muito discreto para trás. A mão afrouxando no punho dela.

— Você não tem poder algum Sra. Frub — desdenhou de sua influência social. Para a surpresa de Lucy, sequer se mostrou abalada. — Não passa da esposa de um trabalhador. O que faria comigo?

— Tenho o sangue dos Berthansys, Milorde — reforçou para o caso dele ter se esquecido. — Meu irmão é um marquês que pode destruir você. Solte Lady Dabley agora mesmo.

— O nome dessa prostituta não é...

Bastava. Realmente chegou ao seu limite. Havia algumas coisas que mesmo uma dama não deveria tolerar com apatia. Então fechou o punho e desvencilhava-se do aperto do nobre. Quando ia socá-lo na boca do estômago, no entanto, a Sra. Frub foi mais rápida.

Batendo em sua cabeça com...

— Um castiçal de velas? — Lucy piscou algumas vezes.

— Ele estava falando demais — retrucou com arrogância.

Lucinda não conteve o sorriso passando pelo homem desacordado. Seu coração ainda disparava pelo susto. Só a possibilidade, a mera possibilidade de não escapar, de expor suas primas ou de ter de se sujeitar a Howard. A possibilidade revolvava seu estômago com intensidade.

Estava aliviada. Aliviada e levemente desacreditada. Olhando para a irmã de Berthany com seu típico olhar arrogante e seus cachos escuros bem moldados como se jamais a tivesse visto antes na vida.

— Por quê?

Charlotte olhou para ela sem nenhuma surpresa pelo questionamento. Como se compreendesse sua incredulidade. Era uma pergunta justa. Embora estivesse completamente grata, não imaginava que logo ela a ajudaria.

— Quando fui pega com Robert você foi uma das únicas a se preocupar com a minha segurança — lembrou apoiando o castiçal no aparador. Exatamente onde o encontrara.

“Apenas me assegure que ela não será abandonada.” Lucy ainda se lembrava das próprias palavras ao marquês quando a moça fora pega beijando o atual marido em um quarto escuro. Na ocasião, pensando se tratar de Lorde Graivil.

Lembrava também porque as havia dito. Por mais desagradável que a moça pudesse ser, as duas tiveram suas vidas modificadas de forma absurda por um escândalo. Ainda que Charlotte tivesse procurado o dela haveria quem dissesse o mesmo de Lucy. Não gostaria que ela fosse abandonada, porque sabia o quanto doía.

— Sei que não deve ter sido fácil para você. — Entortou os lábios. — Ainda mais pensando que o homem que estava beijando era Lorde Graivil.

Charlotte deu um sorriso malicioso como se ela fosse uma menina inocente.

— Não achei que fosse o Conde.

— Perdão? O quê? — questionou Lucy com o cenho franzido, completamente estupefata.

— Ora, Lady Dabley, eu era inexperiente, mas não tola.

Lucy a seguiu quando deixaram a sala, fechando o homem vil e desacordado do lado de dentro.

— Então por que...

— Por que não sai correndo ao constatar o engano? — assentiu confirmando que era essa a questão em seus pensamentos. — Nunca havia me sentido daquela forma antes e me convenci de que se eu aproveitasse só um pouquinho, bem rápido, daria tempo de não ser pega. Nesse ponto, sim, fui absolutamente ingênua ou, o mais provável — deu um sorriso de lado — não estava pensando direito. Eu estava alguns minutinhos adiantada, quem poderia imaginar que a duquesa seria tão pontual? — Soltou um muxoxo.

— Mas — as revelações ainda não lhe faziam nenhum sentido — você odiou, você desprezava seu marido.

— Ah! — Soltou uma risadinha baixa. — Eu fiquei muito zangada ao ser pega. Não tinha a intenção de me casar com um estranho e claro, ao descobrir a origem humilde de Robert fiquei ainda mais infeliz. Além disso, eu queria a todo custo me vingar do conde e da condessa e meu plano foi por água abaixo.

— E ainda quer?

Ela deu de ombros parando no corredor próximo a sala das damas.

— Ter Georgina e Elizabeth me ensinou que coisas como a vingança são banais. — Inclinou a cabeça ponderando. — Não vou lhe dizer que não perdure em mim certa antipatia, mas...

— Eu entendo.

A antipatia, as rugas, a mágoa ainda latentes eram as armas de Charlotte. Era uma de suas barreiras contra o mundo e devia presumir que se pedisse desculpas, se se redimisse estaria dando razão aos que perdoavam.

Sabia que aquela conversa já era um passo imenso.

— Você não sabe onde o quadro está, sabe?

— Não — enfatizou. — Claro que não.

Ela soltou um suspiro fundo e frustrado.

— Imaginei — lamentou. — Em uma casa com tantos criados não é estranho que ninguém tenha visto um quadro grande sair?

— Minha prima Dione é bastante analítica — contou. — Perguntarei a ela o que pensa disso.

— Faça isso — concordou em um tom de ordem que decidiu ignorar para o seu bem. — Ah, e Lucy...

— Sim?

— Faça meu irmão feliz. Ele é um bom homem e isso é o mínimo que espero de você.

Lucy assentiu sentindo o coração se apertar diante das palavras de Charlotte. Sabia que ela estava com a razão. Berthany era um bom homem. Só não era o homem para ela.

Capítulo 23



Não gostava de Howard. Se por algum motivo — absurdo ou não — Lucinda não queria ficar perto dele, queria evitá-lo a ponto de iniciar aquela corte encenada para mantê-lo distante, então o homem não era boa coisa.

De fato, não lhe cheirava bem seu jeito arrogante e o modo como agia. Como olhava para os outros. Com ares de superioridade.

Quando se aproximou dele, pelo modo de andar estava claro que bebera além da conta. Apoiava uma mão na cabeça e apesar de não ter tropeçado ou trombado com nada, suas pernas estavam lentas e quase se cruzavam quando caminhava.

Graivil não estava perto para salvá-lo. Lamentavelmente. Então, parecia que lhe restava juntar toda a paciência existente e tentar tolerá-lo por alguns instantes.

— Sua Graça. — Reverenciou de forma tão patética que não rir demandou esforço.

— Barão. — Mostrou-se entediado.

— Aquela maldita mulher. Ela já lhe contou? — questionou com um sorriso ébrio. — É claro que contou. Mais do que isso, ela deve ter lhe mostrado.

— Não sei do que estava falando, Howard, mas eu o aconselho a baixar o tom de voz ou poderá ter problemas.

— Eu estive perto. Bem perto de colocar as mãos naquele traseiro macio. — Fez um gesto sugestivo, os lábios salivando. — Mas então ela preferiu se enroscar com um empregado. Um mero lacaio. Rolando no feno de um celeiro imundo.

O marquês não estava com um bom pressentimento sobre onde aquele assunto os levaria. Embora quisesse com todas as forças acreditar que Howard não estava sugerindo o que estava, ficava cada vez mais difícil acreditar nisso.

Para piorar, os homens embora tentassem disfarçar desviavam sua atenção para eles. Interessados no desenrolar da conversa, já que o homem bêbado não cuidava em moderar o tom, mesmo depois de seu alerta.

Dizer que fofoca era coisa de mulher era um erro comum, porém crasso. Homens ficavam como abutres sobre um escândalo ou informação nova. No momento ele estava rodeado por várias delas. Atentos para espalhar uma fofoca tal qual folhas no vento.

Precisava encerrar o assunto. Fazê-lo se calar e rápido, pois sabia que tudo só pioraria.

— Suas aventuras com suas prostitutas não me interessam.

— Mas não estou falando das minhas prostitutas, Berthany. — Deu um sorriso malicioso. — Estou falando da sua. Será que ela geme mais nos seus braços ou nos de seus empregados?

Seu punho acertou em cheio o rosto do homem antes dos braços de Graivil o segurarem com força na região do peito.

— Lave a sua boca antes de falar dela, seu desgraçado! — cuspiu as palavras com irritação.

O homem havia cambaleando e lhe deu um sorriso preguiçoso enquanto limpava o sangue de seus lábios com a manga do paletó.

— O golpe da sua irmã doeu mais, Milorde — debochou.

— Minha irmã? Mas que diabos!

O marquês se debatia nos braços do amigo querendo se soltar para acabar o que havia começado. Os homens se acumularam ao redor como se fossem movidos a violência e torcesse por mais caos e sangue. Um completo absurdo.

— Você ouviu a minha pergunta, Berthany?

— Está caluniado uma dama.

— Você sabe que eu digo a verdade, por isso está tão fora de si — acusou.

— Eu vou te matar, seu verme! — Agitou os braços com fúria.

— Pare com isso, Berthany — Lorde Graivil ordenou em tom militar da época que fora tenente. — Está dando o que ele quer.

— Estou é querendo esmurrar esse miserável! — rosnou para o rosto vil do homem.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, Vossa Graça. Com quem sua doce Lady Dabley se diverte mais?

— Enfie sua pergunta no rabo, Howard — lançou irritado e deu uma cotovelada em Graivil para que ele o soltasse.

O amigo soltou uma exclamação de dor, mas não afrouxou os braços.

— Tire-o daqui! — o anfitrião, buscando apaziguar a situação que já fugia do controle ordenou aos criados que assistiam a tudo sem saber o que fazer. — Agora!

— Isso não vai ficar assim, Berthany, ela era minha! — o homem gritou conforme o arrastavam para fora.

— Espero que esteja sóbrio o bastante para entender isso, Howard — o marquês gritou. — Eu o desafio...

— Cale a boca, Berthany! — o amigo tentou impedir, mas...

— Para um duelo!

Como ele ousava? Como podia insinuar que Lucinda, a sua Lucinda era uma prostituta? Como ousava dizer que era dele?

Sabia porque Graivil o tinha segurado. No estado que se encontrava ele bem poderia socar tal homem até matá-lo.

Assim que o homem saiu de seu campo de visão, Graivil finalmente o soltou. Com um rosto de quem queria ele próprio esmurrá-lo até a exaustão.

O marquês puxou o casaco para baixo com irritação, finalmente livre do aperto.

— O que está havendo aqui?

A duquesa em pessoa e rugas entrou na sala batendo no chão com sua bengala com mais força que o habitual.

— Houve um desentendimento, Vossa Graça, mas já está tudo sob controle — Lorde Worth disse em tom de desculpas.

Ela sondou o ambiente com seus olhos de águia até fixar o olhar justamente no marquês. Notando sua agitação.

— Lorde Berthany — sacudiu a bengala em sua direção —, porque todas as vezes que há uma confusão o senhor está envolvido?

O conde e o marquês caminharam na direção da porta. Ambos sérios perdidos em seus próprios pensamentos.

— Howard ofendeu a honra de Lucinda para quem quisesse ouvir — contou o conde a Lady Limett. — Ele não teve escolha.

Pouco antes de saírem do aposento, o marquês ouviu o que parecia uma ameaça de Lady Limett a integridade física do homem, mas não voltaria para ter certeza.

Não quando o amigo estava tão furioso que o puxou para o primeiro cômodo aberto que encontrou. Uma sala confortável para receber visitas que cheirava às flores que a filha debutante dos Worths deveria ter ganhado na última semana. Não que eles se importassem.

O conde não parecia se importar com nada quando fechou a porta. Estava furioso.

— Vai atentar contra a minha virtude? — Berthany tentou buscar humor dentro de si, se é que tinha algum.

— Se ao menos ainda lhe restasse alguma. — O Conde deu de ombros, mas deixou o riso para o marquês. — Um duelo, Berthany? Perdeu o maldito juízo?

— Está sendo hipócrita — acusou com semblante fechado. — Você já duelou por uma mulher, com espadas ainda. Confessou-me isso quando estava bêbado.

A cicatriz no rosto do Conde que muitos imaginavam ser ganha em batalha era na verdade fruto de um duelo pela honra de uma senhorita que conheceu antes de Diana. Só que as pessoas que tinham tal informação poderiam ser contadas nos dedos de uma só mão.

— Lembre-me de jamais ficar bêbado perto de você outra vez — pediu.

— Você sabe que não tive escolha. Ele foi longe demais. Se não duelasse o que ele disse não seria reparado. No fundo você sabe disso.

— Sei — admitiu com um suspiro frustrado. — Eu teria proposto um duelo se você não o fizesse, mas hesitei por Liliana e pelo bebê.

— Bebê? — o marquês franziu o cenho.

— Diana está grávida de novo. — Lamentavelmente não era um bom momento para discorrer sobre o assunto. — Não importa. Eu sei porque fez aquilo.

— Então por que todo aquele espetáculo? Por que não me deixou socá-lo?

— Porque me preocupo com você, inferno! — explodiu gesticulando com as mãos sem parar. — Você não pode sair por aí espancando homens mesmo que eles mereçam e duelos são ilegais. Você pode ser preso por isso e até... — Fechou o punho em irritação. — Maldição! Howard está tão fora de si que eu não duvide que se esqueça de atirar para cima.

Sebastian soltou uma risada curta, despreocupada.

— Eu sou um marquês. Ele não é louco de atentar contra a minha vida.

— O homem ofendeu sua futura noiva diante de vários homens. Não sei ao certo se está lúcido o bastante para seguir as convenções de um duelo.

Berthany deu de ombros como se não se importasse.

— Talvez eu também não respeite as convenções e atire nos miolos daquele filho de uma...

— Tente se acalmar, Berthany, mas que inferno! — censurou embora ele mesmo não estivesse calmo. — Vá para a casa, durma e coloque a cabeça no lugar. Terá que estar alerta ao amanhecer.

— Minha vontade é de beber até cair. — Bufou, irritado.

Haviam ofendido Lucinda! A mulher dele... quer dizer, ela não era exatamente mulher dele. A corte deles era de fachada. Era tudo uma mera encenação, mas se empenharam tanto em enganar a sociedade que o maior enganado fora ele.

Queria Lucinda. Muito além do que no sentido carnal ele queria poder tomá-la nos braços e protegê-la. Jamais sentira aquilo por ninguém. Era um homem simples que se relacionava com mulheres por prazer até quando elas lhe interessavam, mas com Lucy era diferente. Ela era diferente. Era única.

— Isso beba, Berthany. — Mexeu os braços com irritação. — Chegue trançando as pernas no duelo e pegue em uma arma. É uma excelente ideia! Das melhores mesmo.

O marquês soltou um resmungo.

— Você consegue ser mais chato que os meus professores de Eton.

— Bem, alguém tem que puxar sua orelha. — Deu de ombros com tranquilidade. — Vou pedir para aprontarem sua carruagem.

— Será meu padrinho? — perguntou assim que Lorde Graivil virou de costas para saber.

— Isso já não estava definido?

O marquês soltou uma gargalhada. Graivil podia ser um chato insuportável, mas não lhe faltava lealdade. Gostava dele. Tinha sorte de tê-lo como amigo.

Lady Limett falava quatro idiomas: inglês, francês, latim e “resmungos”. Por isso, Lucinda não ficou nada surpresa quando a Duquesa entrou na sala de visitas resmungando consigo mesma.

— O que houve? — Lucy tocou no joelho da prima e sussurrou.

— Tenho medo de descobrir — a prima admitiu, mas foi atrás da Lady anfitriã mesmo assim.

Lucinda observou enquanto as duas conversavam. O olhar de Diana parou nela por tempo suficiente para deixá-la nervosa. Sinceramente! O que diabos estava havendo?

Não era possível que Charlotte a tivesse salvo para depois difamá-la. Passara os últimos minutos com os olhos fixos na jovem. Não, ela não fizera aquilo, mas será que Howard...

Seu estômago revirou com violência.

As mulheres começaram a fofocas entre si sem parar e Lucy claramente era o centro das atenções. Não gostava disso, definitivamente não gostava.

Dione estava sentada ao lado de Susan que lhe sussurrou algo. A prima também não conteve o olhar que parou nela.

Lucinda se levantou e caminhou com postura altiva até Diana e Lady Limett. O semblante de uma mulher determinada que não tinha nada a temer. Quando, na verdade, poderia enumerar uma lista bem longa sobre seus medos. Em ordem alfabética.

— Miladys têm um minuto para me explicar o que está havendo aqui.

— Lucy, é melhor irmos para casa — Diana disse com semblante maternal segurando na mão dela.

— Lorde Berthany. — Um nó subiu em sua garganta. Será que Howard havia atentado contra a vida do marquês? — Algo aconteceu com ele?

— Não seja tola Luiza. É com você que deveria estar preocupada.

Lucinda franziu o cenho em confusão.

A duquesa indicou Diana com a cabeça.

— Vá com Deméter — ordenou em tom firme.

Lucy chegou à conclusão que naquele momento obedecê-la era uma questão de sobrevivência.

Caminhou apressadamente de braços dados com sua prima pelo corredor. Dione a seguiu perguntando se ela estava bem. Não tinha forças para responder. Sua cabeça tinha virado uma confusão tão gigante que as palavras não faziam sentido.

Somente seguia com os olhos fixos no chão, caminhando rumo à saída, rumo ao ar puro. Deus sabe o quanto ela precisava de um pouco de ar puro. Desesperadamente.

Após o corredor que parecia infinito finalmente desciam a escadaria principal, mas no meio do caminho, a atrapalhando estava Abigail. Sua irmã a analisou dos pés à cabeça com um sorrisinho.

— Por que está fugindo? Por que o barão disse a verdade sobre você ser uma prostituta?

Diana prendeu a respiração. Estava claro que não era daquela maneira que ela queria que soubesse. Não era da maneira que contaria a prima.

— De prostitutas você entende, prima, já que seu marido se deita com tantas. — O tom de Diana saiu tão cortante que a jovem corou dos pés à cabeça e olhou ao redor para ver se havia alguém atento à conversa das três.

Lucy mantendo o semblante sério, contornou a irmã e continuou a caminhar. Não se importava com os burburinhos e as atenções indesejadas. Ela — ainda que em circunstâncias absurdas — cometera erros que a levaram para aquele desfecho, mas Dione... A jovem era inocente. Jamais se envolvera em um escândalo.

O máximo de escândalo que a garota experimentara foi o beijo em Leonard durante um jogo de salão. Sua prima não podia virar uma pária na sociedade por causa dela. Não podia pagar pelos erros dela.

Quando viu o conde próximo a carruagem quase pediu que o chão se abrisse e a engolisse. Estava mortalmente envergonhada e culpada por ter estragado a vida das primas.

O nobre a manteve sob seu teto sem demonstrar nenhuma gota de julgamento ou qualquer indício de que não era bem-vinda. Ele a tratava como família e a retribuía assim? Levando o nome da família para a vala?

Os quatro se acomodaram na carruagem. Lorde Graivil parecia impaciente arrumando o casaco, mas todos permaneciam absolutamente silenciosos.

Dione e Diana não sabiam o que dizer ou talvez como dizer, mas Lucinda sabia. Se as primas não tinham coragem para isso, ela o faria.

— Assim que chegarmos em casa vou fazer minhas malas — anunciou com uma determinação fria. — Podem dizer a quem perguntar que me expulsaram.

— Lucy! Não! — Dione respondeu arregalando os olhos e a abraçando pelas costas. — Você é da família.

— Isso é loucura — Diana afirmou, colaborando com o discurso da irmã mais nova. — Você não vai a lugar algum. Eu não permitirei que vá.

— Minha honra foi comprometida.

— Não — Diana respondeu furiosa. — As palavras de um homem imbecil não são o suficiente para destruir honra alguma.

— Mas são o suficiente para começar uma onda de comentários que eu não quero que Dione enfrente. — Soltou um suspiro frustrado. As mãos mexendo na fita do vestido nervosamente. — Não posso dizer que ele mentiu. Isso é o mais triste.

— É claro que ele mentiu — Dione se manifestou, discordando da prima. — Você não é nada disso e não quero que vá embora.

— Não é preciso muito para destruir uma mulher nesse mundo em que vivemos. — Lucy deu um sorriso melancólico. — Nossa reputação, nossos sentimentos, nossa família, a sociedade sopra como folhas secas esperando que vá para onde determinam. Howard sabe disso. — Um toque de resignação passou por sua face. — Minha reputação não existe mais.

— Sua reputação foi defendida — o conde disse ainda sério. Os olhos na janela. — Nem tudo está perdido.

— O quê? — Lucy murmurou sendo possuída pela confusão.

— Howard foi desafiado para um duelo.

— Não! Lorde Graivil! Você tem uma filha, estão esperando um bebê! — Lucinda exclamou chocada. Diana parecia tão surpresa e preocupada quanto. — Não vou permitir. Se algo lhe acontecer, como vou explicar a Liliana que...

— Não fui eu que o desafiei. — O tom de voz do Conde estava ainda mais grave. Os olhos verdes mais escuros e compenetrados. — Mas eu o faria. Perdoe-me, querida — pediu tocando na mão de sua Condessa —, mas eu o faria.

— Claro que faria. — Diana lhe sorriu com orgulho e afeto.

Enquanto o casal trocava olhares, Lucinda tinha a sensação de que sua alma sairá do corpo para dar uma volta. Os olhos catatônicos estavam presos em algum lugar entre seu colo e o chão da carruagem.

— Se não foi o primo Benedict que defendeu a honra de Lucy, então quem...

— Berthany. — Lady Dabley soltou em um murmúrio triste, mas logo a raiva tomou seu lugar. — Aquele idiota!

Não havia motivo para que ele defendesse sua honra. Não podia estar se sacrificando por ela. Ah! Ele era inacreditável! Como ele podia depois de um acordo tolo desafiar um homem para um duelo por causa dela?

Se ele tivesse ousado — Lucinda mordeu o lábio inferior para conter a vontade de chorar — se ousasse se apaixonar por ela o esganaria.

— Ah! Eu vou matá-lo.

— Está com medo que ele morra no duelo e por isso quer matá-lo? — Dione indagou com um sorrisinho fraco. — Não é por nada prima, mas não faz muito sentido.

— Atualmente os duelos são somente de fachada, prima. — Diana tentou intervir e tranquilizá-la um pouco. — Não precisa se preocupar. Os dois atiraram para cima e fim da história. Howard não é louco de...

— É nessa parte que temos certas dúvidas. — O conde expôs a contragosto. — O homem ofendeu uma jovem sob a proteção de um conde, que está sendo cortejada por um marquês. Não tenho certeza se foi somente pela bebida ou se este não é muito são mentalmente.

— São e Lorde Howard definitivamente não cabem na mesma frase — Lucinda lamentou profundamente. — A não ser que a frase seja: “Lorde Howard *não* é são.”

— Não acho que ele atiraria em um marquês. — Diana negou com a cabeça enfatizando. — Sabe que irá direto para a cadeia se o fizer.

— A questão é se o desgraçado se importa com isso. — Lady Dabley levou as mãos ao rosto com desespero.

Se lembrava nitidamente da fala de Eric. *“O barão é perigoso. O homem ficou completamente louco quando descobriu que foi para um convento. Não quis acreditar em seus pais e disse que a procuraria até no inferno.”* Seria louco o bastante para atentar contra a vida de um marquês? Infelizmente não tinha a certeza quanto a resposta.

— Howard é um maldito obcecado. Se algo acontecer com Berthany jamais irei me perdoar.

— Eu estarei lá. Serei o padrinho — anunciou o conde tentando trazer um pouco de ordem e calma. — Não permitirei que nada aconteça a ele.

Lucinda assentindo se mostrando mais calma, porém por dentro ela ainda se encontrava uma confusão disforme. Como se pequenos duendes resolvessem pular dentro de sua cabeça todos ao mesmo tempo. Estava enlouquecendo.

Berthany a defendera, intimara Howard para um duelo, agira como se o coração dele a pertencesse. Agira como um homem apaixonado, rendido.

Precisavam conversar sobre isso. Gastara muito tempo para se convencer de que não o amava. Não permitiria que viesse com tal história reacender o fogo da paixão que sempre queimara dentro dela.

Ele não ousaria.

Semicerrou os olhos, mas não compartilhou seus pensamentos com os demais que continuavam curiosos e preocupados com ela.

Seus planos eram obscenos demais para serem compartilhados. Ela iria até a casa de Berthany de madrugada dormiria com ele e repetiria todas as luxúrias que lia nos livros.

Isso o lembraria que aquilo era um acordo. Lembraria a ela mesma que o que tinham era somente carnal. Que os sentimentos que pensara ter eram completamente infundados.

Sim, contra toda a lógica ela dormiria com um homem para convencê-lo de que não o amava. Tinha certeza que muitas pessoas o faziam pelo motivo oposto.

Mas que diabos! Talvez só estivesse arrumando uma desculpa para ter aquele homem viril dentro dela. A prova foi que seu corpo estremeceu em reconhecimento somente por imaginar.

Capítulo 24



Era loucura. Ela sabia disso. Já reconstruíra sua reputação de minúsculos caquinhos uma vez e não tinha qualquer vontade de repetir a experiência.

No entanto, não tinha ideia do protocolo que envolvia agradecer um homem que se oferece para um duelo em nome de sua reputação, mas o mínimo era olhar no fundo de seus olhos e dizer...

— Berthany, seu idiota — xingou para o próprio reflexo no espelho.

Puxou o capuz da capa sobre o rosto com determinação. Ela caminharia até o outro lado da rua e entraria pela ala dos criados. Não podia ser tão difícil.

Todos já dormiam. Ela teve a decência de checar para uma fuga mais segura. Quando virou a maçaneta, no entanto, havia um homem esperando por ela.

Lucinda arregalou os olhos no momento em que ele fechou a porta de seu quarto e saqueou seus lábios com desejo cru, puro e simples.

Seus lábios eram macios, molhados, experientes e a faziam sentir um desejo descendo por seu corpo em espiral. Uma chama se acendendo em sua feminilidade e...

Estava zangada com ele. Muito zangada. Não podia deixar que um beijo mudasse isso, mesmo que fosse um beijo completamente arrebatador.

— Eu quero esganar você e então dar seus restos mortais para George comer — resmungou segurando no casaco dele.

— Excelente escolha de palavras para uma recepção, docinho. — Seu sorriso malicioso era o bastante para suas pernas tremerem. — Você fica muito sensual quando me ameaça de morte. Por favor, continue.

— Eu — a mão deslizou sobre o peito dele, seduzida pela dureza sob o tecido das roupas. — Nada disso! — censurou a si mesma. — Pare de me distrair. Tenho uma pergunta para te fazer.

— Uma só? — Jogou o capuz dela para trás e passou a mão por seus cabelos. — Tenho muitas.

— Uma. — Bateu o pé no chão decidida, as mãos se afastando dele. — De onde tirou a ideia de desafiar um homem em um duelo por mim. Você enlouqueceu?

— Isso não te excita docinho? — Tornou a provocá-la — Eu me sacrificando por você como um cavaleiro medieval?

Ele tentou tocá-la, ela não permitiu.

— Pare — disse taxativamente. — Pare de tentar me fazer rir disso. Eu não consigo. Que inferno, Sebastian!

Era a primeira vez que o chamava pelo nome de batismo e foi completamente visceral e furioso. A voz ligeiramente embargada pela emoção completamente intensa.

— Duelos são ilegais e ainda que hoje sejam de fachada um acidente pode acontecer. — Fitou sua expressão chocada.

— Eu não tive escolha, Lucy — murmurou em tom sério. — Você não estava lá. Não viu como foi.

Se ela estava inclinada a perdoá-lo, não demonstrou.

— Que inferno, Lucy! — exclamou passando a mão pelos cabelos em desespero.

Deixava claro que o bom humor de outrora era meramente uma estratégia para esconder o quanto estava furioso. A ponto de matar Howard com as próprias mãos.

Talvez houvesse mais ali do que já sabia. *“Por que está fugindo? Por que o barão disse a verdade sobre você ser uma prostituta?”* Talvez ele de fato tivesse dito aquilo com todas as letras, ou talvez tivesse dito mais. Seria o suficiente para tirar o marquês do sério, tinha certeza.

— O que ele disse?

— Eu não vou repetir.

— As palavras eram sobre mim, Milorde! — Levantou um pouco a voz. — Não acha que tenho o direito de saber quais são?

— Não quero que as escute dos meus lábios.

— Sei que não são suas. — A proteção dele fez seus olhos lacrimejarem.

Sebastian deixava claro o quanto maltratar uma mulher, ofender Lucinda, o perturbava em demasia. Odiava o que Howard dissera para ela. Odiava o fato dele ter de ser quem as repetiria.

Ele a respeitava e a defendia como nenhum homem o fizera. Não de forma tão intensa. Ela queria beijá-lo por isso.

— Ele a chamou de prostituta e insinuou que poderia estar dormindo com um criado meu. — Baixou os olhos em um misto de tristeza e revolta. — Você entende agora o porquê não poderia me calar?

Lucinda encarava a barra de seu vestido. Ficou assim por um minuto inteiro. Perguntando-se como e onde encontraria forças para encará-lo novamente.

— Ele não mentiu. — Sua voz saiu mais mirrada que nascente de rio em período de seca.

— Do que está falando?

— Já me deitei com um criado e tenho — engoliu em seco, a vergonha a consumindo — desejos que uma dama de família não deveria ter. Leio livros obscenos e me toco a noite pensando em você.

Apesar de ter confessado como se fosse o maior dos crimes, uma dose de desejo passou como que por encanto nos olhos do marquês.

— Conto os minutos para os nossos encontros. Talvez eu seja uma prostituta como Howard alega.

Berthany a encarou por um momento um tanto consternado e deu de ombros para sua surpresa. Como se não se importasse com as alegações. Com absolutamente nenhuma delas.

— Então também sou.

Lucinda piscou os olhos tão rápido que parecia que seus cílios foram convertidos em leques.

— O quê?

— Bom — coçou o queixo um tanto pensativo —, eu já dormi com criadas. Em minha defesa todas de muita boa vontade e isso foi antes que eu assumisse o marquesado quando adquiri juízo. Também já li livros eróticos, muito embora aprecie estímulos mais visuais e com toda certeza já me dei prazer a noite pensando em você e espero avidamente por nossos encontros. Então se é uma prostituta, Lucinda Dabley, eu também sou.

Lucinda não acreditava que estava sorrindo e chorando ao mesmo tempo, mas quando cedeu a um beijo do marquês as emoções se misturavam dentro dela como um furacão.

— O que ele fez com você, docinho? — questionou colocando uma mecha loira de seu cabelo atrás da orelha.

— O que ele iria fazer — corrigiu buscando os olhos do nobre. — Sempre quis me casar por amor, então recusei uma série de propostas de casamento. Um dia meu pai perdeu a paciência e me apresentou Howard somente me informando que seríamos um casal.

O cenho franzido de Lorde Berthany era de quem desprezava seu relato.

— Ele era um barão, mas era muito rico, isso fez com que minha mãe o aprovasse. — Solto um riso sem humor. — Não tive a mesma simpatia pelo homem. Algo nele. Não sei dizer o que me alarmou — confessou se lembrando de cada ponto que narrava. — Sabia que havia mais que a personalidade polida que ele usava diante de meus pais. Então um dia eu o vi. Tentando forçar suas atenções com uma criada e ignorando a negativa da moça.

Os punhos do marquês se fecharam em ira.

— Foi quando eu decidi. Se fosse me casar com aquele homem não permitiria que tirasse minha virgindade. Ele não era digno. Eu não a entregaria a um homem que me trataria com brutalidade. — Negou com a cabeça. — Logo pensei em Eric. Éramos amigos e já tínhamos trocado carinhos algumas vezes. Eu propus a ele uma noite e nada mais. — Fechou os olhos em uma expressão amarga. — Não contava que seríamos pegos e eu arruinaria a vida dele e da minha.

Deixá-lo para trás sozinho, para enfrentar as consequências do que tinha feito, perturbara seu sono por muitas noites seguidas. Era grato por tê-lo reencontrado. Vê-lo novamente e saber que estava bem lhe dera um alívio impossível de quantificar.

— Por fim, me expulsaram de casa só com as roupas do corpo. Eu adotei um novo nome, uma nova vida. Não tive muita escolha.

Lucinda sentiu um calafrio se apossar de sua coluna. O marquês a encarava sem dizer uma palavra que fosse e ela temeu que expondo toda a verdade para ele — aquele segredo que nem mesmo Diana sabia por completo — o perderia.

Ele era um nobre, um cavalheiro que merecia uma mulher respeitável e virgem. Ela sabia disso. Sempre soube disso. Sempre soube que ela era para Berthany um corpo quente para o acordo que fizeram, mas pensar que poderia passar a ver isso estreito no olhar dele a apavorada.

Saber que ele poderia naquele exato instante estar pensamento “ainda bem que ela não é nada mais que sexo para mim” a destruía por dentro. Há tempos Lucy não se sentia tão quebrada por dentro. Em mil pedacinhos impossíveis de serem recolhidos sem a devida paciência.

Sim, ele sabia que não era pura, embora não lhe dissesse com todas as letras. Mas saber e ouvir dela com tantos detalhes e implicações era diferente. Temia que ele a julgasse.

— No que está pensando? — mal reconheceu a própria voz. Hesitante e mirrada como se não tivesse forças para fazê-la soar.

— Que Howard tem sorte dos duelos hoje em dia serem proibidos e de fachada, do contrário eu teria prazer em atirar no rabo dele. — Tinha a impressão de que nunca o vira tão absolutamente furioso — Ele tocou em você?

Ela desviou o olhar para as luvas que colocara nas mãos para proteger-se da noite fria. Havia certas lembranças que ela enterrara tão fundo em sua alma que eram enevoadas. Sequer pareciam reais.

Depois da conversa que teve com a mãe, quando lhe contara tudo e pedira para romper o noivado ela se convencera de que estava imaginando coisas. Que a cena que virá entre Howard e a criada era o que de pior tinha contra ele. Mesmo quando este a tocara novamente fazendo seu estômago se revoltar, as lembranças pareciam presas demais para virem à tona. Fundas demais para a superfícies

No entanto, era a primeira vez que perguntavam a ela sobre aquilo. Diana só sabia que esteve noiva, mas ela não partilhara detalhes acerca daquele noivado.

Diana tinha problemas demais para ouvir suas queixas e quando a vida da prima ficará menos complicada já se passara tanto tempo que pensou ser inútil compartilhar tal coisa.

— Houve uma vez — passou a confessar. — Meu cavalo machucou a pata enquanto cavalgávamos na propriedade de meus pais. Então dividi a sela com ele.

Fechou os punhos tentando se livrar da raiva que queimava dentro dela. Raiva de sua ignorância que decidira ignorar e encarar tal coisa como normal.

— Ele me puxou para perto de seu corpo além do que era preciso e estava — soltou o ar ruidosamente pelo nariz — excitado. Eu tentei afrouxar o aperto, mas este calmamente tentou me convencer que era para a

minha proteção e pediu desculpas pela inconveniência. Conteí à minha mãe e ela me convenceu de que estava imaginando coisas. Por muito tempo acreditei. Quis acreditar.

O marquês andou de um lado para o outro passando a mão pelo rosto, a completa concepção de um homem fora de si.

— Fale comigo, Milorde — implorou com um nó em sua garganta.

— Estou aqui me perguntando quanto tempo de cadeia eu pegaria se de fato atirasse. Óbvio, se não fosse condenado à força...

— Não — disse séria se colocando à frente dele com as mãos em seus ombros. — Não estou lhe contando isso para que vire um cavaleiro em busca de vingança. É só para que me conheça por completo e para que entenda porque não deveria duelar por mim.

Podia ver o fogo da ira crepitando em seus olhos. Fogo combinava com ele. Ela já o vira queimar por outros motivos até se transformar nas chamas.

— Você está lutando para proteger uma reputação que está maculada há anos.

— Docinho — pegou em seu rosto com as mãos grandes e macias — mesmo que tivesse dormido com cem homens, ainda assim eu a protegeria até do próprio diabo.

Um soluço escapou de seus lábios e duas lágrimas desavisadas rolaram de seu rosto.

Ele não se importava. Não se importava com os boatos, com seu passado caótico. Não dosava seu valor pelo que a sociedade pensava sobre ela e sim pelo que conhecia dela. E Lucy, antes preocupada e envergonhada com seus desejos, agora queria admiti-los, saciá-los, gritá-los. Porque desejava tanto aquele homem que chegava a doer.

— Como pôde fazer isso comigo?

Ele franziu o cenho em completa confusão tentando entender que mal causará a ela. Não o deixou na ignorância por muito tempo.

— Um maldito duelo? Tem ideia de como eu ficarei se algo acontecer a você?

Capítulo 25



A declaração dela o surpreendeu.

Não imaginava que Lucy era indiferente a ele. Só um idiota pensaria isso, mas um sentimento forte o bastante para reagir com tanta fúria ao mero perigo voltado para ele. Não imaginava tal coisa. Foi visceral, quase como...

Sua reação furiosa diante do comentário idiota de Howard.

— Há algo — ela engoliu em seco passando a mão por seu peito — preocupante e odioso acontecendo aqui, Sebastian. Acho... — subiu os olhos lacrimosos até ele. — Acho que me apaixonei por você e tudo que quero é cavalgar em você até perder os sentidos. Quem sabe assim eu me esqueça desse absurdo e me lembre que isso, nós, sempre foi tudo pelo prazer.

Berthany a puxou para um beijo quente, profundo. Com os lábios prendendo os dela e a língua a explorando, dominando. A massageando até senti-la estremecer contra seu corpo afoito.

— Acho que seu plano não vai funcionar, docinho — provocou contra seus ouvidos. — Sinto lhe dizer isso, mas todas as mulheres que vão para a cama comigo se apaixonam.

Lucy curvou os lábios para cima em um sorriso sacana. Nenhum pouco intimidada.

— É quase uma maldição, sabe?

— Pobre homem amaldiçoado — lamentou soando um muxoxo. — Acho que está inventando isso. E acho que o está inventando porque está com medo.

— Do quê? — instigou em profunda curiosidade.

— De se apaixonar por mim.

A resposta do marquês foi um sorriso e o toque de sua mão deslizando por seus cabelos e nuca.

Ah se ela soubesse! Se ao menos tivesse ideia do porque não estava preocupado.

Era estupidez temer algo que já acontecera. Lucy estava arraigada em seu coração há tempo suficiente para que se apaixonar por ela deixasse de ser uma preocupação e se tornasse um fato consumado.

Seus lábios tomaram os dela novamente até ambos ficarem ofegantes. A mão deslizou até seu traseiro a puxando para si. Precisava dela. Desesperadamente e quase enlouqueceu quando Lucy deixou escapar um gemido de satisfação.

“E se em um dos nossos encontros eu lhe pedisse para parar? Se eu lhe dissesse que não o quero?”

Eu iria embora, ainda que seu corpo dissesse o contrário.”

Agora a pergunta dela naquela noite ficava mais clara do que nunca. Pensar que aquele corpo precioso, lindo e curvilíneo já fora tocado sem respeito, contra a sua vontade teimava em destruí-lo por dentro.

— Quero que saiba, caso não tenha ficado claro, que pode me dizer não quantas vezes for necessário — murmurou com os olhos fixos nos dela que sorriu.

— Obrigada por dizer isso, mas não tenho qualquer intenção de dizer não a você.

A frase da lady foi a sua ruína. Seu controle, suas defesas que eram baixas com Lucy se transformaram em inexistentes. Fora reduzido a um rapazote tolo que teve prazer em virá-la nos braços, retirar sua capa e abrir lentamente cada fecho de seu vestido.

Seria a primeira vez que a veria nua. Aqueles encontros rápidos o estavam matando. Seu membro cada vez mais impaciente o perturbando com perguntas acerca de quanto tempo demoraria até tê-la de uma vez por todas.

As mãos dele deslizaram o vestido pelos ombros a deixando somente com a chemise fina. A curva de seu traseiro pequeno e delicado nitidamente à mostra o deixou duro como pedra.

— Como você vai querer, docinho? — soprou nos ouvidos dela. As mãos ao lado de seu corpo ainda sem tocá-la.

O rosto de Lucy ruborizou e seu calor parecia sair através do tecido fino.

— Você mesma disse que lê livros obscenos.

Segurou no tecido da frente da saia de seu chemise e deslizou a mão pelo tecido lentamente. De modo que apenas as ondulações deste tocassem sua pele e não a mão dele propriamente.

— O que eles fazem por lá que te excita pensar em repetir?

— Só quero que seja agradável. — A voz saiu trêmula e rouca.

— Não minta, docinho. — Os dedos habilidosos desfizeram o lado do chemise sem pressa. — Disse que queria cavalgar em mim. O que mais você quer?

A mão do marquês deslizou para dentro de seu decote sentindo seu mamilo entumecido lhe dando as boas-vindas. Seus seios pequenos e duros sumiam sob sua palma e ele conseguia abraçá-los completamente.

— Quero senti-lo dentro de mim. — Solto um murmúrio de aprovação. — Tão fundo que me impeça de respirar. Que me faça esquecer desse maldito duelo infernal.

Berthany empurrou a chemise para baixo e então deu um sorriso depravado ao virá-la novamente para si.

— Estou aqui para servi-la, Milady.

Embora a provocação fosse feita de forma bem humorada, o desejo o perturbava completamente. Sua boca ficou seca com a beleza do corpo dela.

Delicado, mas tão deliciosamente feminino e doce. Guiou-a com gentileza até a cama e a pousou ali para que ficasse sentada o observando enquanto se despia.

Sebastian não era um homem tímido. Nunca fora. Já se despira para suas amantes antes, mas ali, para Lucy foi diferente.

Não se tratava de mero exibicionismo como das outras vezes. Era mais como: Estou aqui para você. Meu corpo é seu. Unicamente para o seu prazer.

Os olhos verdes da Lady se mantiveram fixos nele, mal piscando. Linda, gloriosa em sua nudez o olhando como se fosse uma iguaria saborosa a ser provada.

Logo depois que a camisa saiu, o lorde se despiu dos calçados e da calça. Ficando total e completamente nu.

— Eu sou um homem cheio de defeitos, mas procuro ser justo — disse levando a mão até sua ereção e a agarrando com firmeza. — Você se tocou

para mim e agora é a minha vez.

Maldição! Quem disse que o marquês era um libertino depravado certamente o conhecia.

Lucinda estava chocada, perplexa com a beleza daquele homem. Ela queria beijá-lo. Não nos lábios, mas exatamente na parte íntima que ele estimulava em movimentos de vai e vem a encarando sem nenhum pudor.

Aquele gesto a fez se sentir sensual, poderosa, bela e valiosa o bastante para ser digna da atenção do marquês e do desejo que queimava em seus olhos.

Era uma depravada, mas algo lhe dizia que ele gostava disso. Para o inferno com a sociedade que a condenaria por ter desejos como qualquer ser humano, pois ela o queria.

— O que você quer, Lucy? — O apelido deslizando pela língua dele lhe causou arrepios de prazer dos pés à cabeça.

Ele se aproximou da cama a passos lentos ainda com a mão deslizando por sua ereção sem nenhuma pressa ou cerimônia.

Então tocou o braço dela com carinho. Um arrepio transpassando todo seu corpo.

Ele estava tão perto que Lucy podia sentir seu gosto. Tocou a mão dele com delicadeza o fazendo parar e Berthany não se opôs. Depois de ter perdido tudo por ter escolhido sentir prazer em sua primeira noite, Lucy tinha se controlado pelo bem dela e das primas.

Tudo o que acontecera em seu passado só contribuía para reforçar a noção do que a sociedade tentava impor goela abaixo. Sexo era errado, sujo, algo para se esconder. Para fazer entre quatro paredes e fingir que desconhecia. Mesmo se for uma mulher casada.

Então a noite Lucy lia. Se escondia em meio às páginas naquele mundo onde ela podia ser mulher, podia desejar, podia ter e quando o desejo crescia de forma insuportável ela se tocava. Sem nenhum pudor, regra ou inibição até que seu corpo explodisse de desejo.

Ela era culpada do crime de ser humana. De gostar de sentir prazer e era culpada por dentro todos os homens decidir que o marquês era o que queria.

Nenhum outro a deixava à vontade para ser ela mesma, mas com ele, sentia-se livre. Podia sentir prazer sem ser vista como uma mulher fácil sem

valor algum. Poderia desejar sem que ele a julgasse.

Com ele, ela *podia*.

Por isso o escolherá dentre todos para sua cama. Por isso o olhava no fundo dos olhos enquanto deslizava a mão por seu membro rijo de toque quente e aveludado.

O prazer escorria pelos olhos do lorde. Não era o olhar só de um homem excitado. Ele a queria. Ela e mais ninguém.

Inclinou seus lábios e lambeu a extremidade de sua ereção fazendo com que soltasse um palavrão baixo.

— O que está fazendo, docinho? — questionou com voz rouca. — Está tentando acabar comigo?

— Você falou sobre justiça. — Continuou o tocando em movimentos ritmados. — Você já fez isso por mim antes.

E lembrava-se com exatidão do prazer que sentira nos lábios dele. Esperava poder retribuir nem que fosse uma porcentagem ínfima daquele prazer quando o engoliu.

A sensação fora estranha no início, mas os sons de satisfação que ele emitia a guiaram e excitaram de tal forma que tudo se obscureceu. Não havia limites. Só havia prazer.

Sebastian tocou em sua nuca e se retirou da boca dela.

— Poderia passar a noite sentindo os seus lábios, mas não quero que a noite termine antes de eu estar dentro de você. — Passou o polegar por seu lábio inferior de forma sedutora. — Foi o que me pediu.

Com um sorriso, Lucy se esparramou na cama. Observando-o com riqueza de detalhes enquanto se deitava ao lado dela.

— Quem diria que o Marquês de Berthany um dia estaria ao meu dispor. — Não conteve a provocação.

Sebastian não respondeu. Seus lábios pecaminosos desceram até seu mamilo e o lambuzaram com sua língua enquanto a mão grande e macia descia para encontrar sua feminilidade.

Sentiu seus dedos a abrindo, espalhando a umidade que ele mesmo criara e seu corpo se arqueou enquanto seus lábios proferiam um gemido.

— Quem está ao dispor de quem, Milady?

Lucy não suportaria a provocação sem reagir e então o empurrou para o lado. A surpresa roubou sua resistência e o fez deitar de costas.

— Já vamos descobrir, Milorde — proferiu com um bocado de malícia.

Pouco antes de montar nele como dissera antes.

Aquilo era o paraíso. Lucinda Dabley cavalgando nele era sem dúvida algo que o marcaria para sempre. Quando ela o recebeu pela primeira vez soltou um gemido e o ar fora roubado de seus pulmões com a intensidade do prazer que o percorreu.

Lucinda era linda e gloriosa. A luz das velas iluminava seus cabelos dourados, a barriga reta e os seios pequenos, porém firmes. E ela subia e descia com o rosto contorcido em prazer. Linda como nunca a vira antes.

Sua feminilidade doce deslizando por seu membro repetidas vezes tentando transformá-lo em um homem irracional.

— Está se divertindo cavalgando em mim? — gemeu ao vê-la morder os lábios enquanto balançava os quadris.

— Definitivamente, estou.

Sua voz era sedutora como o mel e o excitou ainda mais.

— Sua mulher perversa — disse por entre os dentes.

Cada vez que seu corpo ondulava contra o dele queria explodir. Cada vez mais próximo do ápice ele a puxou para baixo e saqueou sua boca enquanto descia a mão para segurar em seu traseiro firme.

O corpo de Lucy, a mulher que era a dona de seus desejos mais obscuros e sórdidos, ainda se movia. O botão de seu prazer se esfregando contra o corpo dele.

Não resistiu. Em um movimento preciso rolou com ela na cama e tomou a posição de controle. Esperava que o perdoasse, mas precisava disso. Precisava saber a sensação de estar sobre o corpo dela a possuindo enquanto beijava seus lábios, seu pescoço e enquanto a tocava.

— Sebastian — balbuciou ofegante. — Preciso... — engoliu em seco quando este mordiscou na região da clavícula — Preciso de mais.

O marquês reuniu toda a força dentro de si para não se derramar dentro dela naquele instante. Aquele pedido, a sinceridade e o desejo cru seriam a sua ruína.

— Vire de bruços, docinho e então se apoie nas mãos e nos joelhos.

Lucy o obedeceu, o presenteando com a visão magnífica de suas costas e de seu traseiro pequeno e firme.

Sebastian ajoelhou atrás dela e por um tempo somente a avaliou. Aquele corpo magnífico e sua entrada tão doce, quente e úmida por causa dele. O aguardando pacientemente.

— Isso não me parece muito dign...

Uma estocada lenta e precisava a interrompeu e Lucy se diluiu em miado de prazer.

— Lamento, docinho, mas você é ainda mais deliciosa do que imaginei — continuou entrando e saindo dela, cada vez mais profundamente. — Receio que nossa primeira vez não durará tanto quanto eu gostaria.

— Sebastian — gemeu desamparada. — Só não pare.

Jamais pararia. Não diante de um pedido dela.

Puxou o corpo dela para perto do seu deixando os dois ajoelhados na cama. Buscou o botão de seu prazer e o estimulou precisamente enquanto a penetrava cada vez mais rápido. Cada vez mais fundo.

Lucy ameaçou gritar. Ele subiu sua mão de seus seios para a boca dela e a tampou.

— Ah Lucy... — ronronou no ouvido dela e foi o estopim.

O corpo magro estremeceu em seus braços fortes, seus músculos femininos apertando o membro dele que estocou mais três vezes antes de se derramar dentro dela.

Antes de virarem dois corpos imersos na mais profunda exaustão.

Ele deveria voltar para a Mansão dos Berthanys. Ser pega com um homem era uma situação desagradável que não desejava repetir.

Ainda assim, o corpo de Berthany era o travesseiro duro mais confortável no qual sua cabeça já repousara. Poderia ficar para sempre na cama com ele. Abraçados, somente apreciando a companhia um do outro e pensamento no sexo delicioso que acabaram de fazer.

— Isso nunca aconteceu. — Seu peito vibrou com a voz grave. — Nunca terminei dentro de uma mulher.

Lucy piscou os olhos algumas vezes. Estava tão imersa no momento e no prazer que sequer pensara naquilo.

A ideia de que aquela noite poderia lhe gerar uma criança não lhe assustou tanto quanto imaginaria. A pergunta era o que ele pensava daquilo. Já que era fato que se tal criança fosse concebida, teria uma existência complicada no mundo. Todo bastardo o tinha.

— Parece que cai na minha própria armadilha, docinho. — Sorriu passando os dedos em uma leve carícia na curva da cintura dela. — Disse

que se apaixonaria por mim se dormíssemos juntos, mas parece que eu me apaixonei por você.

Lucy deixou um sorriso curvar seus lábios e então capturou os dele com um carinho quente. Um misto de ternura e desejo.

— Esqueça esse duelo — ronronou contra o corpo dele. — Vamos passar a noite aqui e que Howard vá para o inferno.

Sebastian soltou uma risada baixa e rouca.

— Sequer sei dizer o quanto isso é tentador. — Roçou seus lábios nos cabelos dela. — Depois de tê-la nos braços ir até um parque de madrugada para olhar para a cara feia de Howard e brincar de duelo é a última coisa que quero fazer.

— Então não faça. — Aconchegou-se mais nele, meio chorosa. — Não vá. Não suportaria se se ferisse.

Ele virou ambos para deitarem de lado na cama. Suas mãos indo acariciar seus cabelos com ternura para que relaxasse.

— Por favor, Sebastian.

Contra tudo que acreditava estava implorando. Era caso de vida ou morte. Ainda que o duelo se tornara um mero teatro havia uma arma e não queria o marquês nem remotamente próximo dela.

— Tudo bem, querida. — Deu um beijo em sua testa. — Agora relaxe e durma. Ficarei aqui até adormecer.

Capítulo 26



Dione segurou as duas pontas do xale contra o peito. Estava frio. A chuva caía na rua logo abaixo com uma velocidade assustadora e era como se cada gota gelada atingisse seu coração.

O frio de Londres não se comparava ao que sentia dentro de si. Olhou para a lareira apagada da sala e deu um suspiro fundo. Sua vela jazia solitária na mesa ao lado do sofá perto da janela. A chama tremulava no pavio como o fogo que ardia em seu coração.

Algo estava errado. Sentia dentro de seus ossos que algo estava errado. Mesmo não sendo uma romântica como Dafne, sua razão lhe alertava que seu coração estava prestes a se partir.

Será que todos sentiam tais avisos e o ignoravam? Ou será que era algo dela? Analítica demais para não perceber todos os sinais de seu corpo.

— Vinte e dois, vinte e três... — contava as gotas da janela até que uma delas escorresse e a obrigasse a recomeçar.

O quadro da Mansão Berthany fora roubado na noite do baile.

— Vinte e quatro, vinte e cinco...

Ninguém o vira sair da casa.

— Vinte seis, vinte e sete...

Nenhum dos convidados teve acesso aquela sala ou sabia onde a chave ficava.

Uma gota escorreu pelo vidro.

— Um, dois, três...

Mas os Berthanys sabiam.

— Quatro, cinco...

Charlotte não iria tão longe por respeito à mãe. A marquesa viúva odiava escândalos. O marquês era o mais incomodado com a situação toda.

— Seis, sete...

“Não quero encher sua cabeça, mas o vi saindo de meu quarto. Foi tão estranho.” A voz de Lucy ainda soava em seus ouvidos.

— Oito, nove...

“O senhor me pagará o que me deve. Seu tempo está se esgotando. A oferta ainda está de pé, dê-me o que eu quero e não precisará me pagar mais um xelim sequer.”

O bilhete irritado que Lorde Howard enviou no jantar da marquesa, o rosto lívido de Lorde Vann o lendo durante a refeição. Howard queria dinheiro e queria...

— Lucy.

A prima murmurou e um trovão cortou o céu como se abençoasse sua conclusão lógica.

O quadro não foi visto saindo da mansão porque nunca saíra dali. Ainda estava sobre o mesmo teto da marquesa e se podia apostar diria que o larápio que o afanara também.

Dione levantou-se e olhou para a rua com mais atenção. Para a Mansão dos Berthanys do outro lado, com sua fachada imponente como o sobrenome e título da família.

— Onde você está? — questionou se referindo ao quadro.

Então franziu o cenho e se aproximou mais da janela. O sol estava prestes a nascer e a carruagem de Lorde Berthany ia em direção ao *Hyde Park*.

Duelos — ela bufou. Tradições de honra para conter os impulsos assassinos dos homens e para e enlouquecer suas damas.

Caminhou até os aposentos da prima. Ela jurou que não permitiria que ele partisse. Que o faria desistir do duelo e agora deveria estar arrasada.

Bateu duas vezes na porta e entrou. Imaginava encontrá-la aos prantos, mas Lucy espreguiçou na cama como um gato e se mostrou confusa quando percebeu estar sozinha.

Não demorou muito para que Dione presumisse o que aconteceu e quando a prima se sentou na cama notavelmente descabelada e nua — cobrindo seus seios com o lençol — soube com certeza que o marquês estivera ali.

— Dione? Há algo errado? — os olhos sonolentos mal focavam nela. A voz ainda era preguiçosa e seu rosto estava pegando fogo com o flagrante.

— Perdoe-me — pediu envergonhada. — Sua Graça acabou de sair para o duelo e achei que...

— Ah! — exclamou calma, entendendo mal a prima. — Alguém deveria avisar Lorde Graivil que não precisa ir até o parque. O marquês me garantiu que desistiria de duelar.

— Lucy — não sabia ao certo como contar —, não foi Benedict que saiu. Quer dizer, ele deve estar saindo nesse instante também, mas — viu os olhos verdes da prima se arregalaram subitamente — foi carruagem de Lorde Berthany que vi sair em direção ao parque.

— Maldição! — xingou sem se importar com o decoro.

Lucy se enfiou rapidamente nas roupas que usara no jantar. A prima a ajudou lembrando a época nas quais tinham que se virar e vestir umas às outras.

— O que pretende fazer?

— Vou atrás dele e parar esse duelo — respondeu enfiando alguns grampos na cabeça para evitar que seus cabelos a atrapalhassem na cavalgada.

— Já estou vestida — comentou. — Vou com você.

— Mas Dione...

— Não me impeça — advertiu. — Coloquei esse vestido estúpido por pura ansiedade de ver Lorde Vann e acabei de constatar que ele não vale a pena. Então para algo o vestido terá que servir.

Lucy pegou em sua mão e sorriu diante de sua determinação.

— Então vamos logo.

A Srta. Horiden assentiu. Impedir um duelo em meio a chuva não era exatamente o tipo de distração que gostaria, mas teria que servir.

Frio e chuva. A natureza tinha muito senso de humor, realmente. Não podia negar. Era quase poético que em um dia daquele estivesse chovendo.

Como que para castigá-lo ainda mais foi o tempo de se ajeitarem para o duelo e a chuva parou dando lugar a um vento frio de gelar os ossos e fazer os dentes trincarem.

Seria castigo divino por ter prometido a Lucy que desistiria do duelo? Em sua defesa não dissera com todas as letras tal coisa. Só disse que estava tudo bem e para que ela dormisse. Pensar assim era uma mera tentativa para se sentir um pouco melhor.

Era irônico que depois de zombar tanto de Graivil por ser um homem de honra ele saísse de casa com aquele tempo para duelar. Para proteger sua lady.

Não se arrependera de sua decisão.

Certamente teria problemas ao rever Lucy, mas com que rosto a encararia se permitisse que o homem que ousou difamá-la ficasse impune?

— Você está pronto? — questionou Graivil com semblante preocupado para o amigo.

Sebastian assentiu e pegou a pistola oferecida. Aquilo acabaria logo. Os dois atirariam para cima e o assunto estaria resolvido. A menos que o barão continuasse abrindo a boca. Nesse caso o faria desaparecer do mapa em um estalar de dedos.

O homem lhe deu um sorrisinho de deboche. Era conhecido por ser um bom atirador. Se quisesse acertar o marquês, ele conseguiria. Só que ele estava bêbado, notavelmente bêbado. Se isso afetaria sua mira ou somente seu bom senso não saberia dizer.

As palavras dele questionando a honra de Lucy, perguntando se já se deitara com seus criados martelava em sua cabeça o tentando a fazer uma tolice. O barão não era o único perturbado com aquele confronto. Ambos sabiam o que tinham a perder se deixassem suas emoções tomarem o controle.

Sebastian tentava com muito, muito empenho manter a cabeça no lugar.

Ao sinal do juiz juntou suas costas as de Howard com a arma apontada para cima e deu os dez passos solicitados.

Tentou se acalmar pensando em sua noite com Lucy. Não funcionou. A lembrança doce dela em seus braços, o modo como questionou seu próprio valor só serviu para irritá-lo.

Lucinda era bela, inteligente e tão incrivelmente forte que não poderia colocar em palavras. Ela entrara em seu coração não com a graça e postura que costumava ter, mas o invadindo sem pedir licença. Dominando seus pensamentos e desejos. Fazendo com que conhecesse cada nuance dela, o toque e o cheiro alucinante ainda em seu corpo.

— Um...

Berthany apontou a pistola para cima. O barão ainda a mantinha apontada para ele.

— Dois...

— Howard, não faça nenhuma besteira. Sua vida vai acabar se me matar — disse com tom firme.

A mão de Howard estava trêmula, como se nem mesmo ele estivesse certo do que faria e aquele momento pareceu durar uma eternidade porque havia mais em jogo naquele momento que sua vida miserável. Lucy podia estar grávida. Sua semente podia estar crescendo dentro dela naquele instante e se perdesse a vida naquele duelo jamais saberia. Jamais conheceria o rosto de seu filho.

Ao que parecia, fora tolo em esperar prudência do barão e já pensava em abaixar a própria arma.

— Três...

— Parem! — Um grito feminino cruzou o parque.

Então o tempo que passava lentamente se acelerou de uma forma assustadora.

Howard, imerso no medo e na bebida assustou-se com a interrupção e acabou por se virar na direção das damas e puxar o gatilho sem ter a intenção.

O barulho do tiro e os cavalos imediatamente empinaram. A jovem caiu no chão com um baque firme, o sangue se espalhando por seu vestido.

— Dione! — o grito de sofrimento profundo saiu do fundo da alma de Lucy como se acabasse de ser completamente dilacerada.

Dos lábios do Conde de Graivil para Sebastian apenas uma frase soou:

— Pegue-o.

Não sabia se era uma ordem, mas ficou mais do que feliz em atendê-lo.

Um líquido amargo lhe subiu pela garganta e Sebastian passou a mão pelos cachos úmidos mais uma vez.

Os criados de Graivil tiveram a bondade de acenderem a lareira para que sua roupa secasse. Ele preferia que não o tivessem feito. Não era digno de um pinga de compaixão depois do que acontecera.

Por sua culpa uma jovem inocente tinha levado um tiro. Jamais se perdoaria por isso. Se ouvisse Lucy, se desistisse daquele duelo absurdo,

então Dione não teria se ferido.

Deixara Howard na delegacia e prestara depoimento. O homem ficaria preso até que os danos fossem averiguados e a sentença estabelecida. Provavelmente com a justiça miserável que tinham seria solto e convidado a se exilar no interior com o pagamento de uma considerável quantia à justiça. Ao menos ele ficaria longe deles, longe de Lucy.

Estranhamente, isso não o deixava melhor. Podia amenizar sua consciência, mas a culpa ainda o corrói e supunha que continuaria dessa forma. Ao menos até ter notícias de Dione.

As Horidens estavam reunidas nos sofás próximos da poltrona que ocupava. Mortalmente silenciosas como que diante de um velório. Algo incomum para jovens tão felizes e expressivas.

Até mesmo George, o cãozinho, estava quieto, com o queixo apoiado sobre a bota do marquês como se soubesse que precisava de apoio.

Lucinda e Diana estavam no quarto com o médico pelo que parecia uma eternidade. Sendo assim, quando a condessa saiu do aposento, Berthany se levantou em um rompante assustando o pobre cão, mas a lady só fez chamar o marido e retornou para dentro.

O marquês sentou-se novamente. Rezando para que Deus ao menos lhe concedesse a dádiva de que Lady Limett permanecesse na ignorância pelas próximas horas. Tudo que não precisava era de uma duquesa histérica dizendo exatamente o que já sabia. Era tudo culpa dele.

A imagem de sua bela dama não ajudou a apaziguar sua consciência.

Lucinda saiu do quarto da prima com os olhos vermelhos pelo choro. Levantou-se novamente. Angustiado. Queria pegá-la nos braços e consolá-la, mas temia. Temia que ela jamais quisesse olhar em seus olhos novamente. Temia que não suportasse olhá-lo.

— Ela está bem — Lucy anunciou e viu as primas se levantarem, todas falando ao mesmo tempo. — Podem entrar, mas tentem não se agitarem muito. Ela precisa descansar.

As meninas assentiram seguindo para dentro do quarto e deixando Lucy a sós com ele. Como uma alma perdida, ele aguardou a punição daquele anjo de cabelos dourados e olhos verdes, mas ela não veio.

Arregalou os olhos em uma agradável surpresa quando Lucy se jogou nos braços dele e o apertou contra ela como se sua vida dependesse disso.

— Foi tudo minha culpa. — De todas as coisas que achou que ela diria não imaginou que seria logo aquilo. — Não deveria ter permitido que me

seguisse. Eu...

— Não — Sebastian negou erguendo o queixo dela com carinho. — Se eu não insistisse nesse duelo...

— Você não tinha como saber.

— Nem você — enfatizou para acalmá-la.

Ignorando a intimidade excessiva do gesto — que seria escandalosa se mais alguém os visse — ele a acolheu novamente em seus braços e beijou o topo de sua cabeça.

— O tiro atingiu o quadril — contou com voz chorosa. — Ela vai mancar desse dia em diante.

Lorde Berthany engoliu em seco e a puxou mais para perto.

— Eu me pergunto como serão as próximas temporadas para ela. — Continuou preocupada, a cabeça apoiada no peito dele. — Nada mudará para nós como família, mas a sociedade é rápida em excluir as pessoas.

— Não permitiremos que aconteça — o marquês decidiu passando a mão pelas costas dela com carinho. — Obrigarei Leonard a desposá-la.

— Não acho que ela irá querer. — Lucy negou com a cabeça. — Parece que está zangada com ele.

— O que ele fez?

Lorde Berthany sentiu as pernas amolecerem e o coração disparar no peito. Vindo de Leonard ele só esperava pelo pior.

— Isso ela ainda não me disse.

Sabia que fosse o que fosse não gostaria de ficar sabendo. Boa coisa não seria e Dione Horiden era munida de um senso lógico e de honra impressionantes, portanto, se deduzira algo certamente tinha um fundo de verdade em tal teoria. Se não tudo.

— Meu desejo permanece o mesmo do início da temporada. Que Dione encontre um bom homem que a trate como ela merece. — Lucy soltou um suspiro fundo. — A sociedade é cruel e ela precisa ser protegida.

Lorde Berthany sentiu o coração se apertar no peito. Diante do altruísmo de Lucy de pensar nas chances de casamento da prima mesmo com a confusão que era seu passado, com o bocado de problemas que andava enfrentando.

A culpa de dizer o que precisava duplicou. Mas era o necessário.

— Perdoe-me — pediu negando, um tanto cabisbaixo.

— Não é culpa sua — ela reforçou negando.

— Não, querida — negou com semblante aflito. — Estou pedindo perdão porque se isso ocorresse um mês atrás eu não pensaria duas vezes em pedir a Dione em casamento.

O tiro não fora dele, mas sentia-se em dívida com a Srta. Horiden como se tivesse sido. Se as circunstâncias fossem outras, não pensaria duas vezes em pedi-la em casamento. Ele lhe daria a proteção de seu nome, uma vida confortável e garantiria que a sociedade a tratasse com o respeito devido à uma marquesa, mas naquele momento — ainda que Dione fosse uma jovem excelente — não era uma opção.

— Agora, no entanto, não posso fazer isso — lamentou, o olhar fixo nos olhos verdes e lacrimosos de Lucy. — Não sabendo que pode estar esperando um filho meu. Não depois de descobrir o quanto eu a amo.

— Sebastian. — Sua voz saiu embargada. — Você é um marquês. Já conversamos sobre isso. Você sabe quem eu sou. — Negou veementemente com a cabeça. — Não tenho nada a lhe oferecer além de meu coração.

— Seu coração é tudo o que eu quero.

O rosto esperançoso e ao mesmo tempo receoso de Lucy era a coisa mais linda que ele já vira.

— Não sou boa o bastante para você.

— Você, Lucinda Dabley é perfeita para mim. — Segurou o rosto dela com as duas mãos. Acariciando sua pele macia com os polegares. — Nunca mais se passará um dia sem que eu a lembre do seu valor. Não me importa seu sobrenome, seu passado. Eu quero ser o seu futuro e quero que seja o meu porque eu amo você, Lucy. — Ela sorriu por entre lágrimas. — Desde que invadiu meu maldito escritório.

— Eu o amo, Sebastian Vann — garantiu tocando o rosto dele com carinho. — Desde que coloquei os olhos em você sabia que não mais poderia ser de outro homem.

Então veio o som de alguém fungando. Uma mulher, uma lady, uma *duquesa*.

Os dois desviaram o olhar para Lady Limett que disfarçava olhando para a tapeçaria com um bico teatral.

— Está tudo bem, Milady? — Sebastian não se conteve a provocar.

— O quê? — indagou como se não tivesse ouvido.

— Tive a impressão de ouvir um choro.

— Que disparte! — exclamou, ofendida. — Ah! Mas que confusão! Eu me atraso por uma hora e veja só! — Bateu a bengala no chão com

força. — Duelos, tiros e... — Ela olhou para o casal dos pés à cabeça através de seu monóculo. — Bom Deus, Luiza! Solte-o pelo bem do decoro!

Lucy ameaçou obedecê-la, mas o marquês a manteve nos braços dele. Como haveria de ser.

A duquesa revirou os olhos diante da desobediência e pieguice. Os olhos não davam qualquer indício de que cedera a emoção minutos antes. No entanto, Sebastian tinha certeza que a vira chorar.

— É bom você pedir essa jovem em casamento nesse instante, Lorde Berthany ou lhe darei uma bengalada bem no...

— Isso não será necessário — interrompeu engolindo em seco.

Deixou um de seus joelhos se apoiarem no chão e segurou a mão delicada de Lucy com carinho. Essa ainda que demonstrasse estar com o coração apertado, tinha um novo brilho no olhar.

Estava grato por isso. Por ser o homem que teria como missão acalmar seus demônios, confortá-la e fazê-la rir. Fazer seus olhos brilharem.

— Lucinda Dabley, sei que esse não é o melhor momento, mas diante do medo de perdê-la não posso adiar nenhum minuto mais. Você daria a honra de ser minha esposa e companheira até o fim dos meus dias?

A mão delicada apertou a dele. Um reconhecimento, um choque que somente dois amantes apaixonados experimentavam passou por eles.

— Sim — assentiu com doçura. — Não há nada que eu deseje mais.

Sebastian se colocou de pé com um sorriso para ela e ouviu um pigarrear. O conde, retornando para a sala observou o casal tentando esconder a satisfação ao vê-los juntos.

Havia muito a discutir com Lucy, mas no momento o marquês sabia que devia falar com o amigo. Com certeza lhe devia uma explicação e não hesitou.

— Graivil, tem um minuto? — adiantou-se, o tom expressando certa urgência.

— Claro, Berthany — assentiu com semblante sério, porém aliviado por Dione ter ficado bem apesar de tudo.

— Providenciarei um anel e uma licença especial — assegurou para Lucy levando suas mãos aos lábios antes de deixá-la.

— Licença especial! — Lady Limett resmungou indo ver Dione. — Prefiro não saber o que aprontaram.

O marquês trocou um sorriso com Lucy antes de seguir o conde para o escritório. Ele também preferia que Lady Limett jamais tomasse conhecimento de nada.

Capítulo 27



— Se for por Lucinda, você tem a minha benção.

O conde entrou em seu escritório um tanto transtornado derramando bem mais de dois dedos de uísque em um copo para beber. Sem perguntar se Berthany também queria a bebida, a serviu para ele, na mesma dose de exagero.

— Muito embora você não precise realmente da minha benção. Em tese, Lucy não está sob minha tutela. — Então acrescentou em tom baixo após dar um generoso gole na bebida: — A pobre moça não está sob a tutela de ninguém.

— Não, eu — resolveu que lhe faria bem beber um pouco — não quero insinuar que sua bênção não importa Graivil. Fico feliz que abençoe nosso casamento — viu o conde secar o copo sem nenhuma dificuldade —, mas vim falar de Dione.

Ao que parecia ele não era o único cuja consciência era atormentada naquele momento. Benedict sentou na cadeira da escrivaninha de madeira escura e escorou a cabeça nas mãos pouco antes de soltar um suspiro fundo.

— Eu tinha uma maldita missão simples. — Socou a mesa fazendo os papéis pularem sem controle. — Proteger essas meninas até que encontrem um pretendente adequado. Um homem que pudesse cuidar delas, mas eu falhei. Agora Dione está ferida e decidida a não se casar. Um inferno de missão simples!

— Você sabe que essa não é uma missão simples, Graivil. — Estava escrito em seus olhos que sim, porém isso não diminuiu sua angústia. — É

por isso que vim. Quero ajudar.

O Conde exalou o ar mais uma vez, exausto. Sebastian não pela primeira vez agradeceu por ter somente uma irmã.

— A menos que saiba voltar no tempo...

— Gostaria de poder dizer que sei — lamentou honestamente. — Mas quero ajudar, amigo. Deixe-me dobrar o dote dela.

— O quê? — Franziu o cenho em confusão, os olhos subindo até os do marquês. — Por que você faria isso?

— Porque — passou a mão pelo rosto frustrado — armei esse duelo miserável, Graivil. Não posso me casar com a moça, mas me deixe ao menos fazer alguma coisa por ela.

O conde recostou na cadeira apertando a ponte do nariz com os dedos.

— Odeio que parece que estamos comprando alguém para casar com ela.

— Não é isso que estamos fazendo.

Graivil ergueu uma sobrancelha, em sarcasmo.

— Ah! Pelo amor de Deus! O dote não é um suborno para que Dione se case com o primeiro idiota interesseiro que aparecer. Só facilitará que os cavalheiros se aproximem e quem sabe o cavalheiro certo esteja entre eles.

— O cavalheiro certo se aproximaria mesmo sem um dote.

— Tem razão. — O marquês não pode deixar de concordar.

Levou a mão até a garrafa de uísque e tornou a encher seu copo.

— Mas nesse caso, se todos forem completos idiotas, então ela pode escolher não se casar.

O Conde voltou a apoiar o queixo nas mãos e o analisou com uma calma calculada.

— Estou ouvindo.

— Dê-lhe uma escolha, Graivil — sugeriu com tom tranquilo, com o álcool o anestesiando. — Se ela decidir não se casar, então entregue o dote a ela e a deixe viver como queira.

O Conde assentiu. Mostrando-se mais sério do que nunca antes.

— Que seja, Berthany. Se quer dobrar o dote de uma das minhas primas, não vou me opor.

Aquilo, vindo de um homem orgulhoso como Graivil significava muito para ele. Acontece que seu amigo se deu conta que aquele dote não era somente para Dione, ou para as Horidens, era também uma forma ainda que superficial e risível de apaziguar sua consciência.

Isso o faria se sentir melhor, ou ao menos, era nisso que queria acreditar.

O marquês não era o único com a consciência pesada naquela manhã. Lucy se surpreendera ao ver Lorde Vann em pessoa os procurar, mas não sabia ao certo se fora realmente a consciência que o trouxera ali. Sim, ele tinha ficado de visitar Dione pela manhã se bem lembrava e Sebastian ainda conversava com o conde, o que indicava que não viera por obrigação. Isso tinha seu valor.

Será que ele já sabia do acidente?

— Perdoem-me a intrusão.

Trazia nas mãos um grande ramalhete de flores. O que a deixou em alerta. Lucy se lembrava com clareza do que sua avó dizia. *“Quanto maior o buquê, maior o erro que o homem que comprou quer esconder. Torça para não ganhar muitos durante a vida. Será sinal que seu marido não tem nada a esconder.”*

— Eu gostaria de falar com Dione, se for possível.

Lucy o observou. O rosto parecido com o do irmão, porém mais jovem, mais despreocupado. Enquanto Leonard crescera desprovido de responsabilidades, Sebastian se afogara nelas e isso estava nítido em sua postura.

— A menina está de cama e eles já começam a aparecer como abutres!
— a duquesa resmungou sem meneios tomando uma dose generosa de uísque.

— Sua lisonja me envaidece, Lady Limett — o jovem sorriu —, mas devo lembrá-la que meu interesse em Dione antecede esse evento traumático. — Uma dose de preocupação passou por seu rosto. — Eu só quero saber como ela está.

— Isso está fora de cogitação. — Lady Limett se encontrava um nível de mau humor impossível de descrever.

— Por que não deixamos que Dione decida isso? — questionou a condessa, o olhar parado no tapete do chão.

Estava aérea. Cansada e preocupada demais com a irmã para pensar em trivialidade como a visita de um lorde cuja índole era completamente questionável.

— Eu perguntarei a Dione se deseja vê-lo — Lucy ofereceu.

O lorde parecia esperançoso com uma resposta positiva. Ousava dizer que ele era o único.

Dione estava com a cabeça em um verdadeiro turbilhão. Em um momento, uma fração de segundos sua vida mudará completamente a sua vida. Ela não era dramática a ponto de dizer que sua vida acabara. Estava viva e respirando. No entanto, sua trajetória tomara um novo rumo.

A estrada de seu caminho fez uma curva quando descobriu o tipo de homem que era Vann e em seguida uma ainda mais brusca quando levou um tiro. Ela precisaria de uma bengala e mancaria para o resto de sua existência e tinha certeza que com o tempo isso se tornaria parte de seu cotidiano, mas naquele dia, naquela manhã ela choraria. Porque mudanças grandes provocam grandes emoções e ela não as reprimiria.

Só até terminar de receber suas visitas.

Se recusava a chorar diante de pessoas que ela amava e demonstrar o quanto estava angustiada, e com certeza não choraria diante dele. O homem que a vira como um meio para um fim.

— Estarei bem aqui, senhorita. — Sua criada avisou com um aceno indo se sentar em uma cadeira próxima a janela.

— Como você está, raio de luar?

Havia carinho e até uma leve preocupação no tom de voz dele. Aquilo conseguiu deixar tudo ainda pior. Ele continuava a se mostrar adorável e parte dela — a parte tola — queria acreditar nele. Realmente queria.

— Lorde Vann. Aqui em meu quarto, e trouxe flores. Que gentileza. — Deu um sorriso nem de longe tão brilhante. — Posso perguntar seus motivos?

— Fui consumido pela preocupação com a senhorita assim que soube do acidente — expressou dando um passo em sua direção. — Os criados me disseram que estava bem, mas eu quis ver com os meus próprios olhos.

George — deitado a seus pés — rosnou em advertência.

— Calma, George — pediu e o cãozinho sossegou, embora permanecesse alerta.

— Eu tenho um concorrente? — instigou olhando para o *Charles Spaniel*. — Ele parecia ciumento, espero que não tenha lhe trazido flores.

Ela teria rido se lhe restasse algum humor.

O Lorde deu mais um passo e com o típico sorriso sacana lhe entregou o buquê de rosas brancas. Inalou o aroma agradável e se questionou onde aquilo poderia chegar.

— São lindas — confessou sem querer ser muito amigável.

Ele sorriu, consumido pela vaidade de agradá-la. Então um silêncio invadiu o quarto por um minuto inteiro e Dione absorveu a aparência gloriosa de Leonard.

— Já sei o que fez, Milorde.

— Quero que case comigo.

Os dois disseram absolutamente ao mesmo tempo.

— O quê? — e repetiram o feito em seguida.

Dione se empertigou.

— Não me casarei com o senhor.

— Não precisa se fazer de difícil, raio de luar. — Seu tom de voz tentou seduzi-la. — Nós conversamos muito nessa temporada, temos bons temperamentos e até nos beijamos. Está claro que temos os mesmos desejos.

— Creio que o senhor se equivocou, Milorde. — Ajeitou suas costas nos travesseiros. Doíam como o inferno. — Eu jamais tive a intenção de usá-lo. Tolice a minha, mas realmente desenvolvi sentimentos pelo senhor.

— Do que está falando, meu bem? Eu realmente...

Ela ergueu a mão para que se calasse.

— É certo que Lorde Howard não ficará preso por muito tempo. Alguém pagará sua fiança e ele será condenado a viver no interior. Portanto, cobrará suas dívidas. Incluindo a que o senhor tem com ele.

— Dívidas? Ora, quem lhe disse tamanho absurdo?

— O senhor me viu como um alvo fácil, Lorde Vann, mas além de uma dama afoita para se apaixonar também posso ser puramente lógica.

Pousou as rosas na cama e o encarou.

— Já quebrou meu coração o suficiente, Milorde. Não venha até aqui e finja que se importa comigo.

— Não encare as coisas desse jeito — ele esticou a mão para tocar a dela que a retirou com rapidez. — Ouça, a senhorita é perfeita. É bonita, respeitável e também tem um bom dote. Pode me culpar por desejá-la? — Ele se inclinou na direção dela para acrescentar. — Eu precisava de uma esposa e você quase que literalmente se jogou no meu colo. Posso ser um canalha, Srta. Horiden, mas todos, absolutamente todos os casamentos são baseados em interesse.

Dione soltou um riso sem humor.

— O senhor julga as pessoas por seu próprio coração.

— Aí que está, raio de luar. — Colocou a mão nos bolsos e a encarou sorrindo. — Talvez eu não tenha um coração. O mundo é dos que gritam mais alto, dos que se priorizam, dos que agarram bons acordos. Esse seria um bom acordo, Dione. Para nós dois.

— Claro — deu um sorriso autodepreciativo. — Um canalha endividado e uma debutante manca. Eu resolvo o seu problema com o meu dote e você o meu com o seu sobrenome.

— Não precisa ser assim tão desprovido de romance. — Seus lábios, os mesmos lábios que um dia considerou absolutamente beijáveis se esticaram em um sorriso malicioso.

— Saia do meu quarto, Lorde Vann.

— Srta. Horiden — tentou novamente —, não seja ingênua.

— E o senhor, não seja petulante — retrucou sisuda. — Saia do meu quarto e assegure-se de nunca mais entrar nele novamente.

— Onde está a menina doce que conheci? — instigou, a voz suave com o leve toque de afeto que um dia a enganara.

— Morta — respondeu taxativamente. — Minha última boa ação será não contar a seu irmão tudo o que fez, Milorde. Se ainda tiver dignidade, o senhor mesmo o fará.

— Ora, querida. Eu não sou um homem mau, mas você não devia ter se apaixonado por mim — reforçou já indo em direção da maçaneta da porta. — Se mudar de ideia...

— Passar bem, Lorde Vann.

E quando a porta do quarto se fechou com o irmão do marquês do lado de fora, finalmente o choro a venceu.

Capítulo 28



Lucinda ainda rolava na cama de madrugada. Os eventos do dia foram perturbadores e conflitantes.

Estava triste pela nova condição de Dione. Ela enfrentaria desafios de adaptação agora que precisaria de uma bengala para se locomover. Ao mesmo tempo estava feliz. Absolutamente feliz pela prima estar viva, por Sebastian estar vivo e ela ter o privilégio de chamá-lo oficialmente de noivo.

— Milady — a voz sussurrada de Giuliana a fez sobressaltar e se sentar na cama —, a senhorita tem visitas.

— O marquês?

Não esperava uma visita de Berthany e ele sempre a avisava quando vinha vê-la. Além disso, imaginava não ser o melhor momento. Saudade poderia ser uma justificativa, mas não fazia tanto sentido agora que estavam há um passo de passarem o resto da vida juntos.

— Não, Milady — a criada apresou-se em refutá-la para que não alimentasse esperanças. — Vosso irmão e vossa irmã estão aqui.

O queixo de Lucy caiu em completo choque. Eles estavam ali? Não conseguia acreditar. Certamente a irmã em questão era Johanna, mas ainda sua presença lhe causava certa surpresa.

Por que estavam ali? Essa era a grande pergunta e considerando o histórico de família não tinha esperanças que fosse por um bom motivo. Más notícias era tudo que ela não precisava naquele momento.

A criada percebeu seu desconcerto.

— Devo dizer que a senhorita está indisposta? — sugeriu com preocupação.

— Não. — Sacudiu a cabeça para enfatizar. — Vou descer para recebê-los. Obrigada, Giuliana.

— Disponha, Milady. — Meneou com graça e postura. — Eles estão na sala principal de visitas.

Lucy assentiu.

Colocou o penhorar sobre a camisola e calçou os chinelos. Não cogitou a possibilidade de se trocar já que eles não apareceriam ali se não fosse importante. Algo estava acontecendo. Uma urgência pairava no ar e se tratando de seus irmãos mais amáveis isso lhe causava preocupação.

Haveria algo errado com eles?

Desceu as escadas apressadamente. Seus pés pisando nos degraus com uma velocidade no limite do que era seguro. Seu coração batia acelerado, mas culpava mais a ansiedade que o esforço físico.

Eles não pareciam mais calmos. Johanna andava de um lado para o outro torcendo as fitas do vestido com a mão. Coisa que Lucy também costumava fazer em momentos de tensão.

Philip, por outro lado, estava sentado no sofá passando a mão pelo rosto em nervosismo.

— Emily! — A irmã a abraçou com força e ela o retribuiu passando a mão por suas costas com carinho. — Desculpe, Lucy.

— Não — abriu um sorriso —, está tudo bem. Podem me chamar de Emily se quiser. — Então se voltou para o irmão, já de pé a fitando com franco desconcerto. — Está tudo bem?

— Vai ficar — garantiu com uma certeza admirável.

Philip era assim. Um homem tranquilo, mas firme. Um homem que inspirava a confiança dos outros, a confiança *dela*. Um homem muito melhor do que seus pais o criaram para ser.

— Mamãe e papai estão irredutíveis. — Soltou um suspiro fundo de frustração. — Mesmo com a conversa com o conde de que garantiu que a expor afundaria a nós todos e que ele garantiria pessoalmente que eles em especial fizessem uma viagem só de ida ao ostracismo... você conhece mamãe.

A boca de Lucy virou uma linha fina. Por muito tempo ela se culpou pelo alívio que sentiu ao perceber que não precisaria mais ter contato com a viscondessa. Aparentemente, o motivo estava claro.

— A ambição dela não tem limites — constatou. — Prefere colocar a reputação de toda família em risco, inventar desculpas, fazer com que os jornais engulam que eu sempre fui a filha da viscondessa.

— Ela quer apresentá-la como uma filha rebelde a quem deram tempo para brincar de adulta, mas que agora caiu em si e retornou à família.

As palavras de Johanna a fizeram bufar em irritação. Era isso então. Eles acharam que podiam impeli-la a um casamento, expulsá-la e depois admiti-la no rebanho novamente, esperando que ela fingisse que absolutamente nada acontecera. Queriam apagar os dias de sufoco, de privações e até mesmo de fome. Não toleraria tal coisa. Não mesmo.

— Tudo isso para ter uma filha casada com um marquês?

— Nossos pais passaram de todos os limites — Philip concordou.

Sentir que não estava sozinha era um completo alívio, mas ainda assim a situação era desesperadora. Será que eles não podiam vê-la feliz? Será que não havia nada que ela conquistasse que não quisessem para si?

Cada conquista, desde a primeira palavra dita, a primeira música ao piano, o primeiro baile... tudo que ela realizou fora mérito deles e não dela. Quando ela falhou a jogaram para fora e agora que iria se casar com o homem que amava — que por acaso também era um marquês cobiçado — eles a queriam de volta.

— Só quero viver a minha vida em paz — lamentou, a voz trêmula pelo nó em sua garganta. — Por que não me deixam seguir em frente como pediram que eu o fizesse?

— É para isso que viemos, irmã — Philip garantiu pegando uma carta do bolso do casaco e a entregando. — Minha vida em suas mãos.

Johanna continuava a abraçando pela cintura para apoiá-la e lembrá-la que não estava sozinha.

A cada linha escrita o choque tomava mais o corpo de Lucinda. As palavras se organizavam em sua cabeça em clara dificuldade.

— Não posso aceitar — devolveu negando.

Aquilo era demais. Ia além do que ela era capaz de fazer.

— Fique — o irmão insistiu. — Quero que tenha uma arma contra mamãe.

— Você não entende, Philip. — Tentou não levantar o tom de voz embora quisesse devido o espanto. — Eu nunca vou usar isso contra eles, porque isso atinge primeiro a você. Não colocaria meu irmão em perigo para me proteger. Jamais faria isso.

— Eu sei que não faria. — Um sorriso escapou dos lábios dele. — A questão é que nossos pais não sabem.

Lucy abriu a boca e então um sorriso deslizou pelos lábios dela.

— Vamos blefar — contou Johanna já mais animada. — Diremos que você tem provas que podem levar Philip e o futuro do viscondado à ruína e que pode usá-las se eles disserem algo sobre sua origem. Teoricamente não é mentira. Só sabemos que você não o faria.

Lucy limpou uma lágrima que escorria por seus olhos.

— Obrigada, eu... — Soltou um suspiro fundo. — Guardarei em um lugar seguro. Ninguém jamais a encontrará.

Ela a queimaria, mas não diria a ninguém. Aquilo era perigoso demais se caísse em mãos erradas e ela amava Philip. Jamais permitiria que acontecesse.

— Depois de tudo o que passou, era o mínimo que poderíamos fazer — o irmão afirmou.

Lucy levantou a carta por um momento.

— Sua noiva sabe?

Ele assentiu com tranquilidade.

— Ela sabe sim, mas me ama o bastante para não se importar.

Lucy se agarrou no pescoço do irmão e lhe deu um beijo, então se prendeu a ele em um abraço forte que há anos não dava. Lembrou de quando eram pequenos e os problemas também o eram. Infinitamente menores.

Queria voltar no tempo. Só por um instante.

— Obrigada por confiar em mim — agradeceu mais.

Pronta para queimar uma carta bastante íntima que confirmava que o irmão fora adotado em um momento de desespero quando a viscondessa temia não poder ter mais filhos. O papel se transformaria em cinzas assim que eles saíssem.

Capítulo 29



A questão daquele quadro já estava lhe dando nos nervos. Não porque tivesse qualquer apego por tal obra de arte, mas porque valorizava muito sua sanidade e sua mãe estava prestes a acabar com seu juízo.

Lady Berthany encontrara uma nova obsessão e não descansaria até que o quadro fosse encontrado. No momento ele tinha uma dúzia de policiais revirando a mansão à procura de qualquer prova do roubo.

E ele não havia dormido nada naquela noite. Tudo que ele queria era um bom banho e cama. Foi um dia difícil. Mas se ao menos descobrissem o paradeiro do maldito quadro poderia ter um momento de paz e riscar essa pendência da lista de preocupações que só crescia.

Tomava um gole de chá sem açúcar sentado na poltrona da sala principal. Sua irmã estava tão silenciosa que parecia um milagre e ela balançava a pequena Elizabeth em seus braços enquanto Georgina brincava de cavalinho no joelho de Robert.

Já a marquesa viúva parecia muito agitada. Aquele quadro parecia ter atentado contra sua paz de espírito também. O problema era que a mãe teve que replicar isso no restante da família. Com ele já conseguira.

— Como está a menina?

— Ela vai ficar bem. As Horidens são mulheres fortes.

— E quanto a Lady Dabley?

A pergunta vinda de Charlotte o surpreendeu completamente. Desde quando ela se importava com Lucy e ainda continuava calma ninando a bebê? Era como se não tivesse dito absolutamente nada de estranho. Bom, estava feliz por ter uma trégua, então não estava mesmo reclamando.

— Eu a pedi em casamento oficialmente hoje. Devemos nos casar dentro de — olhou para a mãe em busca de sugestões — digamos, um mês?

— Parece-me adequado — ponderou a mulher. — A menos que tenham motivos para acelerar tal união.

Na verdade, poderiam ter. Poderia ter uma linda sementinha crescendo dentro de Lucinda naquele instante e ele ficaria louco de alegria se a suspeita se confirmasse. No entanto, por ora não havia nenhuma necessidade de que qualquer pessoa soubesse disso.

— Não se preocupe, mamãe. — Foi seu jeito de não mentir.

— E quanto ao dote dela? Perguntou a Graivil de quanto é?

Sebastian se perguntou se era realmente necessário responder àquela pergunta de Lady Berthany. Ela não teve a paciência de aguardar que chegasse a uma conclusão.

— O dote, milorde, o dote — enfatizou.

— Não, não perguntei.

— Dote, dote... — A pequena Georgina repetiu tagarela mostrando os dentinhos branco perfilados para o pai.

— É, seu tio não se importa com o dote, porque é muito rico — gracejou o homem para a pequena.

— Pois deveria — a marquesa enfatizou. — Não me importa quanto dinheiro temos. O dote é dever da família da dama.

— Se o dote dela for um xelim ou milhares de libras eu ainda me casaria com ela. — Foi direto ao ponto.

A mãe abriu a boca chocada, pronta para passar-lhe um sermão. Foi quando o som de um vaso se quebrando chamou sua atenção.

— Os policiais estão investigando ou quebrando a casa?

A pergunta de Charlotte era justa, mas os policiais não eram os responsáveis pelo acidente e sim Leonard que acabara de chegar. Bêbado de trançar as pernas.

— Em nome de Deus, meu filho! De onde você saiu?

— De um barril de vinho — Robert zombou e só engoliu o riso ao contemplar o rosto sisudo da marquesa.

Berthany não resistiu ao sorriso diante do comentário, ainda que a situação não lhe agradasse em nada.

Eram duas da tarde e Leonard parecia ter consumido todo álcool das ilhas britânicas. Seu colete estava amarrotado, o lenço desamarrado e dois botões da camisa abertos. Os cabelos pareciam um ninho de ratos e seu senso de

equilíbrio era tão inexistente que foi uma surpresa ter se sentado no sofá e não no chão sobre o tapete.

— As coisas não foram bem com Dione, eu presumo.

O marquês não sabia dizer se estava triste ou feliz com o fato de a Srta. Horiden tê-lo dispensado.

— Rejeitar um homem como o eu, quem poderia imaginar? — zombou com a voz oscilando. — Mas não me importa. — Dispensou com a mão. — Eu posso me virar sem ela.

— E por que você precisaria dela, Leo? — Charlotte o sondou, intrigada. — Por acaso está apaixonado?

Nada tão simples, o marquês logo percebeu. O irmão estava suando e não negando tal afirmação. Negar seria o que um homem apaixonado que fingia não estar apaixonado faria. Leonard só parecia... em pânico. Apesar de manter o típico sorriso debochado no rosto, nada lhe tirava da cabeça que estava rindo de desespero.

— Milorde — o policial se dirigiu ao marquês cumprimentando os demais com um aceno respeitoso.

— Por que a polícia está aqui? — O rosto de Lorde Vann ficou lívido.

— Pedimos que fizesse uma busca na casa — a mãe contou ao filho do meio. — Já que ninguém viu o quadro sair, achamos que era sensato ver se o ladrão não o escondeu aqui para sair com ele no momento certo.

— Fizeram o quê? — O nobre levantou a voz.

— Encontraram algo? — o marquês questionou ao comandante, curioso.

Curioso acerca das informações que a polícia tinha e também a respeito do comportamento do irmão. O que será que o homem estava escondendo? Alguma coisa estava devendo, do contrário não agiria tão estranho.

— Sim, senhor.

— Onde?

— É melhor falarmos em particular, senhor.

O homem da lei não lhe dera uma resposta, mas por alguma razão o marquês já sabia qual era ela.

— Por quê?

Era tudo que queria entender e Deus sabia que ele aguardaria seu irmão voltar a sobriedade se lhe restasse alguma paciência para isso.

“Não acho que ela irá querer. Parece que está zangada com ele.” Agora tudo estava mais claro.

Duvidava que ele tivesse confessado a Dione o que fizera, isso só poderia significar que a jovem brilhante chegara a tal conclusão sozinha. O que fazia dela uma jovem muito inteligente ou dele um homem completo estúpido. Ou ambos.

— Precisava de dinheiro. — Deu de ombros.

Uma resposta honesta, mas nem de longe satisfatória.

— E roubou sua própria família.

Berthany estava se controlando para não acertar o belo rosto de Leonard com o punho. Estava se controlando há anos para não o fazer e quando o guarda lhe dissera que o quadro estava escondido em meio ao armário trancado de Lorde Vann aquela vontade só cresceu.

— Por que queria o dinheiro? — desafiou e o viu dar um sorriso malicioso.

Um projeto de homem sentado na cadeira diante da escrivaninha no escritório de cores sóbrias. A postura de quem não se preocupava com nada ou com ninguém.

Onde poderiam ter errado para que seu irmão se transformasse naquilo?

— Por que queria o dinheiro? — questionou, embora temesse a resposta.

— Estou com dívidas de jogo.

O marquês socou a mesa e soltou um riso sem humor. As coisas começaram a ficar absolutamente claras em sua cabeça.

— O inferno que você voltou aqui porque mudou. — Negou com a cabeça. O rosto franzido em reprovação. — Você queria me extorquir, mas quando viu que não o recebi de braços abertos como gostaria, então resolveu roubar de nós.

— Até que você demorou para reparar — zombou de forma atrevida. — Teoricamente, tudo aqui também é meu, então...

— O inferno que é! — xingou passando a mão pelos cabelos, francamente zangado. — Para quem está devendo?

— Você se acha especial, não é Sebastian? — questionou com escárnio.

— Não há nada de diferente entre mim e você além do título. Somos iguais.

— Sou um homem sensato que comete erros, Leonard. Você é um irresponsável que só pensa em seu próprio umbigo — declarou sem delongas. — Se tem algo que não somos é “iguais”.

O irmão somente soltou um riso curto e irônico. Foi necessária uma alta dose de paciência para não agarrar em seu pescoço.

— Para quem está devendo? — repetiu a pergunta.

— Lorde Howard.

— Mas que merda, Leonard! — enfureceu-se. — O que mais você fez?

— Pretendia tirar o quadro daqui e vendê-lo na soirée[4] que mamãe dará.

— Deu de ombros com naturalidade. Como se seu comportamento fosse aceitável. — Estariam distraídos.

— O que mais você fez? — perguntou por entre os dentes. A fúria transbordando dentro dele.

Sabia que havia mais. Algo nele lhe apontava que tinha que haver mais.

— Foi culpa de vocês se querem saber. O quadro quitaria a minha dívida de uma vez por todas, mas estavam obcecados com ele, então eu precisava de um plano reserva caso esse fracassasse. Lorde Howard me deu uma escolha. Ele perdoaria a minha dívida em troca de provas sobre a antiga noiva e eu — gesticulou com as mãos — tentei reuni-las.

— Você...

Não conseguiu controlar o impulso daquela vez. Berthany voou no pescoço do irmão. Uma mão segurando com firmeza em lenço e a outra fechada em punho, rente ao seu tronco, pronta para acertá-lo.

Leonard o encarou, ainda que vacilante. Um brilho no olhar que o fez lembrar do pai. Do falecido marquês e ele — *Maldito fosse!* — perdeu a coragem de esmurrá-lo.

Então o largou com brusquidão e se sentou junto à mesa do escritório. Respirando fundo. Tentando pensar com alguma coerência.

— Você irá para Mittlefolk. — Somente informou deixando claro que estava decidido.

— Mittlefolk? — ironizou. — A propriedade do primo de mamãe que está tão negligenciada que você queria realocar os criados e vendê-la?

— A própria. Terá muito trabalho por lá — e estava muito feliz com isso. — Uma casa caindo aos pedaços, arrendatários infelizes, mato de mais de um metro de altura para carpir... Estará tão ocupado que até vou pagar suas dívidas porque terá mais com o que se preocupar.

— Não pode me jogar no interior, Berthany. — Cruzou os braços reforçando sua recusa. — Sou seu irmão. E mamãe ficaria arrasada.

— Talvez — inclinou a cabeça, ponderando — ou talvez não, já que você roubou o quadro preferido dela. Mamãe está muito, muito decepcionada no

momento.

O irmão acreditou nele mesmo sem querer.

— Você terá uma ajuda de custo, claro. Precisa de algum dinheiro para levar aquela propriedade e fazê-la um lugar habitável novamente. — Foi a vez dele de sorrir. — Não será uma quantia muito grande.

Leonard levantou e negou com a cabeça inconformado. Os cachos escuros como os de Sebastian balançando pelo movimento. Finalmente caindo em si e a seriedade o tomando.

— E se eu me recusar a ir?

— Então prestarei queixa à polícia para que seja preso.

— Você não teria coragem.

O sorriso nos lábios do marquês era de quem tinha coragem de sobra.

— Arrume suas malas, Leonard e se prepare para se tornar um homem do campo.

Pela expressão ele não estava nada animado com a possibilidade. Depois de tudo, o marquês não dava a mínima para o que ele pensava.

Capítulo 30



— Se Lady Limett só desconfiar que eu a deixei ler meus romances proibidos, ela me matará sem possibilidade de clemência.

Virou a página do próprio livro assim que teceu o comentário. Dione deu um sorriso fraco.

Sua prima ainda estava abalada pelo acidente e também pela partida de Lorde Vann. O pouco que lhe contara foi o suficiente para compreender que o homem se aproximara dela por interesse. Não insistiu para que lhe contasse mais. Sabia mais do que ninguém que há alguns segredos que preferimos manter a sete chaves.

Emprestar seus livros proibidos foi um golpe de misericórdia. Depois de dias com Dione lendo duas páginas de romance ou poesia e bufando em um tédio melancólico ela decidiu dar algo que com certeza levantaria o ânimo dela. A curiosidade da prima se aguçou quando sugeriu a leitura e agora ela devorava exemplar por exemplar, com um interesse alarmante.

Lá estavam elas, duas primas e amigas que liam livros que com certeza não deveriam estar nas mãos de moças de família. Ora, o que as pessoas sabiam afinal?

Eles eram, na verdade, um passatempo excelente para madrugadas insones como aquela. Em breve o sol nasceria e não pregara o olho. Ora, ela iria se casar com o Marquês de Berthany. Não poderiam culpá-la por estar ansiosa.

— Você já pensou em algo assim? — questionou, os olhos ainda na página. — Quer dizer, está ansiosa para fazer essas coisas com Lorde Berthany?

Lucy engoliu em seco. Ela estava mais que ansiosa. Tanto que já fizera tais coisas com Berthany. A última coisa que queria, no entanto, era que a prima seguisse seu exemplo.

Sim, Lucy se entregara a ele antes das núpcias e não se arrependia nem remotamente por tal feito. Afinal, era o homem que amava. No entanto, Lucy sabia das implicações que era uma dama não conservar sua pureza.

O caminho de Lucy até o amor fora tortuoso. Ela cometera erros e ainda pagava por eles. O mundo era cruel com as mulheres que andavam na linha que dirá com aquelas que decidiam atravessá-la.

— Di, posso lhe dar um conselho?

Ela fechou o romance e se ajustou na cama para observá-la.

— Claro, prima — permitiu.

— Intimidades fazem parte do amor, mas a vida, o mundo, é difícil para uma dama que não conserva sua virtude para o casamento.

Brincou com a ponta da trança de Dione por um momento.

— Seria hipócrita da minha parte te pedir para ser puritana, mas se for se entregar a um homem — engoliu em seco — tenha certeza que valerá a pena porque isso mudará sua vida para sempre.

— Não se preocupe, Lucy — a prima deu de ombros. — Não é como se os homens fossem fazer fila para me beijar e fazer outras coisas comigo agora. Sou uma aleijada.

— Nunca mais diga isso. Não gosto dessa palavra — repreendeu beijando sua testa e então a trazendo para os braços. — Você é Dione Horiden. Uma mocinha linda de inteligência extraordinária que tem dons para números. Que por acaso também precisará de uma bengala para se locomover, mas só. Isso não muda quem você é, me ouviu?

A prima assentiu e deixou algumas lágrimas escorregarem por seu rosto.

— Achei que ele tivesse sentimentos por mim — confessou com voz mirrada. — Realmente achei que tinha encontrado um par. Eu senti. Será que podemos nos enganar tanto assim?

— Ah! Com certeza podemos nos enganar, meu bem — dizia com propriedade porque já se enganara muitas e muitas vezes. —, mas não tome as coisas como definitivas. Talvez você esteja destinada a outro alguém ou talvez o seu caminho se cruze com o de Lorde Vann mais uma vez. Quem somos nós para definir isso?

Dione desvencilhou dos braços da prima e ficou pensativa por um momento. Então se esticou e tirou um envelope da gaveta com uma prática

caligrafia masculina.

— Ele me escreveu antes de ir — contou com os olhos na missiva. — Não tive coragem de abrir, mas se não o fizer essa noite enquanto ainda está aqui, então não o farei mais.

Lucinda assentiu, incentivando para que ela abrisse, para que lesse. Assim que rompeu o lacre, Lucy segurou a mão livre de Dione entre as suas para lhe dar apoio.

— Leia comigo — pediu.

Talvez fosse mais fácil daquela maneira. Dividir o conteúdo e o fardo. Então mesmo não querendo invadir a privacidade da prima ela o fez. Linha por linha.

“Srta. Horiden,

Estou partindo para Mittlefolk, mas não escrevo para me despedir. Meus motivos são outros.

Sua prima, Lady Dabley corre perigo. Lorde Howard tem informações sobre sua origem e escândalo. O barão vai expô-la para os jornais antes de se exilar no interior.

Ainda há tempo de impedir que aconteça. O London Society Chronicles deve esperar até as vésperas do casamento dela com meu irmão para que o fato cause ainda mais reboliço.

Não considere essa carta uma tentativa de redenção. Os canalhas raramente a procuram até à beira da morte e algo me diz que estou bem longe de morrer.

Gostei de tê-la conhecido, raio de luar.

Lorde Leonard Vann.”

— Lucy...

— O jornal. Já deve estar sendo impresso. — Arregalou os olhos saltando da cama. — Pedirei que avisem Lorde Berthany.

— Prima — Dione chamou e lhe sorriu em incentivo. — Tudo vai acabar bem.

Berthany não tinha esperança que as coisas correriam calmas às vésperas de seu casamento, mas não esperava por aquilo.

Depois que o quadro foi encontrado e que Leonard foi para Mittlefolk ele sentia que uma calma começava a se ocupar de sua vida. Por um milagre do Senhor até mesmo sua mãe e irmã entenderam — ou ao menos respeitaram — sua decisão quanto ao destino do irmão.

Ele aprenderia da melhor forma que o mundo não girava ao seu redor. Tendo que trabalhar para obter seu próprio sustento.

Desde então o marquês tinha uma rotina estabelecida. Todas as manhãs ia visitar Lucy, então cumpria suas obrigações com o parlamento e o marquesado, comparecia a eventos sociais com sua noiva e tentava não enlouquecer com a vontade de tocá-la. Sim, davam pequenas escapadas vez ou outra, mas tentavam se manter mais comedidos, porque com a proximidade do casamento todos os olhares estavam neles.

Ao que parecia, sua calma tinha data e horário para terminar porque no momento ele e Lucinda corriam pelas ruas de Londres até o jornal que poderia mudar o destino de ambos.

— Deveria ficar na Soldier's House — disse ofegante. — Eu dou conta deles.

— Você não vai sozinho. É a minha reputação — respondeu erguendo as saias um centímetro mais para correr.

— Alguém já te disse que é linda quando está sendo teimosa? — provocou com um sorriso sacana.

— Se Milorde falasse menos correria mais — resmungou ofegante, já às portas do jornal.

O barulho das prensas e velas acesas no interior do prédio indicavam que já estavam a todo vapor. Sebastian checou o relógio de bolso: cinco e dez. O jornal geralmente começava a ser entregue às seis horas. Teriam tempo.

— Acalme-se, docinho. — disse com semblante tranquilo batendo na porta. — Resolverei isso em um instante.

Mas talvez não fosse exatamente um instante porque ao subir para o andar superior da construção, para o escritório do Sr. Chaterth o homem não parecia muito inclinado em fazer o que lhe pediam. Era mais determinado do que ousaram presumir.

— Seja razoável, Chaterth. — O marquês mantinha o sorriso no rosto. — Não há porque publicar isso.

— Eu poderia citar uma dúzia de motivos, Milorde.

Que os céus tivessem piedade! Porque tinha certeza de que ele de fato tinha dezenas de motivos para citar. Principalmente os que envolviam poder e dinheiro.

— Eu compro todos os exemplares — ofereceu com uma firmeza que fez Lucy arregalar os olhos.

O homem de compleição físicas medianas ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços frente ao peito. Seu escritório era sóbrio e bem decorado. Havia até mesmo uma obra de arte, ainda que de um artista desconhecido em uma das paredes. Dinheiro não parecia ser um problema.

— O senhor pode comprar quanto quiser, Milorde, mas o principal objetivo desse jornal é ser lido.

— O senhor entende que isso pode arruinar a minha vida para sempre?

Lucy colocou tudo em termos claros. Estava escrito em seu rosto que se encontrava completamente exausta com tais acontecimentos. Não era para menos. Sempre que conseguia se desvencilhar de seu passado parecia que ele retornava para perturbá-la.

— E sou honesto ao dizer que sinto muito, Milady, mas negócios são negócios. — Abriu as mãos em impotência. — Além do mais, nunca cito o nome dos envolvidos. Lorde B, Lady D, pode ser qualquer um.

— Mas não é! — O marquês acabou por levantar a voz. — Não me faça derrubar esse jornal tijolo por tijolo.

— O senhor está me ameaçando? — Não conteve o sorriso. — Porque estamos sem matéria de capa para o sábado que vem e eu realmente adoraria vender algo assim.

Aquilo já durava mais tempo do que sua paciência limitada poderia suportar. Estava quase fazendo algo irracional como jogar o homem pela janela e atear fogo na construção. Aquilo sim seria uma boa matéria de capa, mas não restaria jornal algum para publicá-la.

— Então me venda o jornal — Insistiu para o homem que negou.

— Não está à venda.

— Vá para o inferno! — xingou, a raiva tão inflamada que se esqueceu por um instante que estava na presença de uma dama. A *sua* dama.

O homem teve a audácia de olhar para o relógio de bolso como se eles estivessem tomando seu tempo desnecessariamente.

— Se for continuar me ameaçando ou me fazendo propostas que eu certamente recusarei, então tenha a bondade de me avisar porque pedirei um chá para nós. Com... biscoitos?

— O senhor fala de forma bem ousada com um marquês — Lucy afirmou e não era nem de longe um elogio.

— Um homem como eu não sobrevive se não for ousado, Milady. — Deu de ombros. A sobancelha de fios grisalhos desordenados se erguendo mais uma vez. — Acha que são os únicos que visitaram meu escritório e ameaçaram minha vida e carreira?

— O que você quer? — Lorde Berthany questionou

Olhando para Lucy, para o desespero dela, sentiu que daria o que o homem lhe pedisse. Porque se bem a conhecia estaria inclusive cogitando desistir do casamento para poupá-lo. Para poupar a família.

Não permitiria que ela sequer pensasse em algo daquela natureza. Não a perderia por conta de frivolidades, jamais.

— Isso é simples, Milorde — o jornalista respondeu. — Quero publicar minha matéria em paz.

— Isso não vai acontecer e...

— Está perdendo tempo.

Pelo modo com que Lady Dabley soltou o ar de seus pulmões sentiu que ela pensava igual. Que aquilo era inútil.

— Diga o seu preço. Todo homem tem um.

Não poderia haver na terra um homem incapaz de ser subornado. Não acreditava nisso. No entanto, a menção de suborno não dava sequer um brilho no rosto do Sr. Chaterth.

O homem era uma rocha.

— Acho melhor eu pedir um chá — foi tudo o que respondeu.

Tentaram. Não se podia dizer o contrário. Saíram de casa de madrugada, apressados e corajosos, mas nem toda coragem do mundo foi capaz de persuadir o Sr. Chaterth. Ou chantagem, ou suborno. O homem era mais que determinado a fazer o melhor no que era bom: publicar escândalos e mexer com a vida e a cabeça das pessoas.

— Estamos perdendo tempo aqui. — Pegou na mão do noivo com carinho, tentando acalmar seus nervos e os dela também. — Venha, vamos embora.

O dono do jornal — alisando seu bigode bem cortado — parecia totalmente a favor da decisão de Lucinda. Já Sebastian resistiu por alguns

minutos como se seus pés estivessem pregados no chão. Quando finalmente cedeu seu rosto era de quem não poderia estar mais contrariado.

Os passos dele soavam pesados, irritados sobre o assoalho. O som embalando os pensamentos de Lucy.

Pensamentos estes que faziam o que ninguém à beira de um escândalo devia fazer se quisesse manter a sanidade: antecipar o caos nos piores cenários possíveis.

Não era a manhã de núpcias que ela imaginou decididamente. Se tudo aquilo se espalhasse não poderia haver futuro para ela e Berthany, para suas primas. Nenhum que fosse agradável. Ela teria de ir embora. Teria de cancelar o casamento no dia deste.

O marquês parecia saber disso. Não ficaria surpreso se pensamentos similares não acometessem sua própria mente.

Passaram pela sala de produção dos jornais. O barulho da prensa imprimindo sua desgraça sem parar teimou em roubar-lhe o juízo.

O garoto que entregava os periódicos já aguardava em um banquinho próximo da porta e as folhas eram produzidas uma sobre a outra e organizadas em cada grupo.

Indicando que já estavam no final da produção, os montadores de blocos de palavras não mais os organizavam. Aquela devia ser a última página a ser impressa.

Seria lindo conhecer como a imprensa funcionava. Se esta não estivesse imprimindo o futuro dela.

Tudo parecia estar perdido quando Lucy sentiu um leve puxão. Quando já estavam na porta para sair sob o olhar atento dos senhores, o marquês deu meia-volta.

— Sebastian, o que está fazendo?

Mas ela logo descobriria porque com o rosto fechado e o olhar determinado ele caminhou até uma das mesas de apoio para montagem dos periódicos e — para espanto dos trabalhadores e dela também — subiu no móvel.

— Senhores, poderia ter um minuto de vossa atenção?

— O que você está fazendo? — murmurou para si mesma.

Não sabia o que ele pretendia com tal insanidade, mas os homens pareceram mais curiosos do que nunca e mesmo os que não pararam totalmente de trabalhar estavam atentos a ele.

— Vocês devem estar se perguntando: quem é esse idiota e o que ele faz em cima da mesa? — Os homens riram. — Para os que não me conhecem sou o Marquês de Berthany — o riso cessou por respeito — e também sou um homem apaixonado.

— Ah, pelos céus! — Lucy exclamou em meio aos trabalhadores. Bem baixinho, mas o olhar do lorde foi o suficiente para chamar a atenção para ela.

Agora um grupo substancial de homens de diferentes idades, alturas, pesos, cabelos... todos eles olhavam para ela tentando entender do que o nobre falava.

— As folhas que estão imprimindo e empilhando podem ser só folhas para vocês, mas para mim — ele olhou para Lucy — para nós, essas folhas são o nosso futuro.

Lucy levou a mão ao peito, sobre o coração e sorriu para o noivo. O coração repleto de ternura por aquele homem completamente insano que amava mesmo contra todos os seus esforços para ser imune a tal sentimento.

— Isso senhores — apontou para os impressos — é a diferença entre a oportunidade de me casar com a mulher que amo e viver em paz na capital ou termos de nos esconder no interior. E sei que não há motivo algum para me ajudarem, mas uma mulher como essa... olhem só para ela. — Fez um gesto na direção de Lucy. — Uma beleza dessas não merece ser escondida.

Ele olhou para cada um dos homens. Até mesmo para o menino franzido das entregas que deveria ter menos de quatorze anos.

— Não permitam que isso aconteça.

O silêncio reinou dentro do jornal. Os homens não retornaram ao trabalho, tampouco fizeram qualquer movimento que denunciasse que ajudariam o marquês. Eles tinham vidas muito diferentes, por que o fariam?

Berthany estava frustrado quando desceu da mesa. Seus ombros haviam se inclinado apenas um centímetro discreto como quem se sentia derrotado, mas já ensaiava uma nova estratégia.

Ela deu o braço para ele novamente e acariciou seu ombro. Pronta para lhe confortar com alguma palavra de afeto, quando aconteceu.

— Não difame a moça! — gritou um dos homens para o andar de cima e bateu o pé no chão.

— Não difame a moça! — um colega o seguiu.

E outro, é outro, e depois outro. Até que o piso inferior do jornal fosse um coro de batidas de pé e “não difame a moça.”

Alto e sincronizado o bastante para tirar o Sr. Chaterth do escritório.

Ela buscou sinais de irritação no homem que teve seus homens amotinados por um marquês, mas um sorriso espreitava embaixo de seu bigode. Escorando no corrimão da escada ele aprumou a barriga avantajada e se voltou para o nobre.

— Acho que terá que pagar uma cerveja para os meus homens, Vossa Graça.

Eles gritaram em aprovação e o marquês assentiu. Era o mínimo que eles mereciam pelo esforço.

— Quanto a mim, me dê um escândalo, Milorde — declarou sem pestanejar. — Um escândalo por outro. É esse o meu preço.

Capítulo 31



Lucy se olhou no espelho do quarto de Dione e deixou o ar sair de seus pulmões com força.

Era o vestido, o noivo, a *vida* que ela escolhera. E agora que se tornara a protagonista do próprio espetáculo tudo ficava pequeno perto da felicidade que a inundara. Do que poderia conquistar.

— Você é a noiva mais linda de toda Londres, minha prima — Diana não era do tipo chorona, mas conseguia sentir as lágrimas à espreita no olhar dela.

— Sou só eu. — Abriu os braços com um sorriso no rosto.

— E suspeito que Lorde Berthany está se casando exatamente por isso.

— Está casando porque eu o mataria se não o fizesse — a Duquesa resmungou com Liliana em seus braços brincando com seu monóculo.

As Horidens reunidas no quarto de Dione, se entreolharam em tom conspiratório. A verdade é que o mau humor da duquesa que de início as assustara, agora as divertia.

— Não deve se demorar muito ou o homem pode fugir, Lucinda.

Lucy arregalou os olhos e se voltou para a velha dama.

— Do que me chamou, Vossa Graça?

— Ora, Luiza não me aborreça! — retrucou com irritação.

Liliana deixou o monóculo cair no chão e soltou um riso infantil ao ver tal objeto se espatifar. A duquesa apenas olhou para a lente sem perspectiva de reparo. Nenhum traço de aborrecimento em seu rosto. Ousava dizer que até havia sinais de humor.

— Eu já disse mais de mil vezes que não a deixe brincar com isso — Diana reforçou. — Ela está na fase de jogar no chão toda e qualquer coisa para ver o que acontece. Da próxima vez...

— Ora, Deméter, você deveria se divertir um pouco mais.

A Condessa abriu os lábios, mas não soube o que dizer enquanto a dama se retirava dos aposentos.

Todas as primas — sem exceção — caíram na risada.

— E então? — Lucy deu uma volta em si mesma e olhou para Dione.

— Maravilhosa, prima — sorriu.

— Sinto muito por não poder ir, Di. — Pelo semblante das demais Horidens, compartilhavam do mesmo sentimento. — Queria muito que estivesse lá.

— Não se preocupe. — Ela parecia mais animada que de início. — Logo, logo estarei andando por aí com minha bengala. — Semicerrou os olhos. — Acha que posso atacar as pessoas como Lady Limett?

— Se você for bem discreta...

— Não invente, Daisy.

Dayenne riu da censura de Diana e acariciou George atrás das orelhas.

Lucinda curvou os lábios em um sorriso e olhou mais uma vez ao redor do quarto.

Não era seu lar há muito tempo, mas ainda assim sentia que estava deixando algo estimado para trás e isso tinha a ver com os momentos doces que colecionava com a família, tinha certeza.

A Soldier's House tinha uma história nos detalhes e ela se lembraria com carinho dela.

O papel de parede do quarto de Dione rendeu uma discussão interminável sobre os arabescos que segundo Dayenne pareciam filhotes de ganso. A mesa central da biblioteca tinha uma mancha de nanquim que impregnara na madeira graças as estripulias de Liliana.

Tudo ali tinha sua própria história. A poltrona do Conde próximo da janela da sala de estar onde ele lia o jornal com expressão séria todas as manhãs. Os cadernos de poemas de Dafne sempre espalhados pela casa, os desenhos de vestidos de Daisy, os cadernos dos cálculos de Dione, o perfume de Diana e até mesmo as bolinhas babadas de George.

Ela sentiria falta daquilo, mas apesar do coração apertado com o que deixaria para trás estava louca de alegria pelo o que viria.

Depois de um passado conturbado, de uma estrada repleta de obstáculos e curvas, ela chegara no destino. Talvez atrasada, ou talvez exatamente no momento que deveria. O fato é que estava a um passo do resto de sua vida e sabia exatamente quem percorreria aquele caminho com ela.

Um companheiro que mesmo que tivesse mil escolhas, ainda seria ele.

— Bom, está na hora de ir. — Lucy deu um suspiro fundo em busca de coragem. — Ou segundo Lady Limett o marquês fugirá de mim.

— *“Não me deixe para o casamento de mentes verdadeiras*

Admitir impedimentos. Amor não é amor

Que se altera quando encontra alteração,

Ou dobra com o removedor para remover.

Oh não! é uma marca sempre fixa

Que olha para as tempestades e nunca se abala;

É a estrela de cada latido de varinha,

Cujo valor é desconhecido, embora sua altura seja medida.

O amor não é bobo do tempo, embora lábios e bochechas rosadas

Dentro da bússola de sua foice curvada vem;

O amor não se altera com suas breves horas e semanas,

Mas leva isso até à beira da desgraça.

Se isso for um erro e sobre mim provado,

Eu nunca escrevi, nem nenhum homem jamais amou.”[\[5\]](#)

— Shakespeare — Lucy sorriu para Dafne que sempre parecia ter poemas de amor para todas as ocasiões.

Sim, o amor dela e de Berthany sobrevivera a todas provações. Impedimentos não foram admitidos. Nem mesmo o passado, o medo, o tempo puderam separar os dois.

Estava na hora de selar aquele amor.

Ela mal podia esperar.

— Terá uma carruagem só para você — Diana contou fazendo Lucy ergueu uma sobrancelha.

— Porque uma carruagem só para mim?

— Você é a noiva. Não lhe parece razoável?

Razoável sim, mas ainda suspeito. No entanto, as meninas já se acomodavam em seus respectivos veículos e até mesmo a Duquesa não teve

objeções quanto aquilo. Então, não seria ela a discordar de ter mais conforto no dia de seu casamento.

Teria espaço de sobra para acomodar o vestido branco com pequenos bordados de mesma cor. O modelo seguia o corte da época com o decote quadrado com uma faixa de cetim na cintura. Um agradável e suave caimento evasê abaixo dos seios.

E sim, ainda lhe restaria espaço para o véu, considerou entrando no veículo no qual acreditava estar sozinha.

— Olá, docinho. — O sorriso pecaminoso de anjo caído que perdera sua auréola e o tom dourado dos cachos.

Ele estava divinamente vestido. O casaco escuro sobre a camisa branca, o lenço dourado, as calças de caimento perfeito. Como a cereja do bolo, o cheiro de colônia chegou às suas narinas.

Seu noivo e em breve marido. A ideia lhe arrepiou de prazer.

— Há algo sobre o noivo não poder ver sua noiva antes do casamento — ponderou também sorrindo para ele.

— É verdade, querida, mas se você se lembrar eu dei um escândalo para o Sr. Chaterth.

De fato, ele dera e ela estava bem ao lado dele quando verbalizou sua ideia estapafúrdia.

— Então estava pensando... se vamos ser acusados de algo não deveríamos fazê-lo?

— O senhor tem um senso de justiça impressionante, Vossa Graça — comentou com um gracejo.

A carruagem sacolejava devagar a caminho da igreja quando Lorde Berthany mudou de lugar para o lado da noiva. Os dedos tocando seus cabelos e rosto com carinho e uma sedução óbvia.

— Eu disse ao Sr. Chaterth que o marquês e sua futura esposa eram flagrados se beijando na carruagem pouco antes de entrar na igreja — ela ofegou diante do toque experiente — e você me conhece, docinho. Eu sou um bom homem. Minha mãe me ensinou a não inventar mentiras e muito menos contá-las.

— Tenho certeza que não era isso que ela tinha em ment...

Ele a calou puxando para o seu colo e capturando sua boca em um beijo profundo que a fez ofegar.

— Será sempre assim no nosso casamento? — sorriu contra seus lábios carnudos.

— Assim? — o Lorde instigou descendo a mão pelas costas dela e agarrando seu traseiro.

— Tudo pelo prazer?

Berthany deslizou seu nariz masculino pelo pescoço e então pelas bochechas dela, em uma carícia estimulante.

— Tudo pelo prazer, docinho — sussurrou em seu ouvido. — Tudo por você minha Lucy, para garantir que vá a maior quantidade de vezes ao paraíso porque é onde um anjo deveria estar.

E eles prenderam os lábios em um beijo profundo e doce e se perderam. De tal maneira que a única coisa que os fizera despertar foi justamente o som das matronas escandalizadas. Bem quando a porta da carruagem foi aberta em frente a St. George's.

O Sr. Chaterth tinha o escândalo que pedira. E Lucy... Bom, Lucy tinha o seu marquês.

Epílogo



Londres, 1823

Chovera na noite anterior. Uma tempestade tão intensa que tentaria o homem mais corajoso a se esconder debaixo das saias da mãe. Só que o seu homem corajoso não estava se escondendo, ele viera protegê-la da chuva. Ou, ao menos, era isso que dissera.

Abriu um sorriso antes mesmo de abrir os olhos quando a mão pequena de Simon se fechou em seu nariz. Explorando o rosto dela para que acordasse.

— Mas que dia maravilhoso! — o marquês exclamou da outra ponta da cama.

Simon, de três anos, levou o dedo aos lábios pedindo que a mãe não o delatasse e escorregou mais para baixo das cobertas.

A marquesa de Berthany trocou um breve olhar com o marido que lhe deu uma piscadela conspiratória.

— Acho que vou abraçar minha esposa nessa bela manhã! — exclamou rolando na cama e esticando os braços na direção dela.

Diante do abraço apertado do pai que o esmagou, Simon soltou um gritinho e uma gargalhada.

— Ora, fomos invadidos! — o marquês demonstrou ultraje puxando as cobertas com rapidez.

Revelando um doce menininho de cachos louros e olhos escuros.

— Renda-se agora, soldado inimigo! — ordenou para o filho com o cenho franzido.

— Nunca! — o menino retrucou puxando um dos travesseiros e acertando o pai que se jogou no colchão novamente.

Lady Berthany riu da encenação digna do *Covent Garden*. Todos questionaram o talento dos atores renomados quando vissem a atuação digna dos melhores teatros bem ali, no lar dos Berthanys.

— Homem caído! Homem caído! — Seu marido balançava a cabeça em agonia de um lado para o outro.

Simon sentou sobre o abdômen do pai e cravou uma espada imaginária no peito do marquês sem nenhuma piedade com o pobre homem.

— Adeus, mundo cruel — despediu-se com a mão erguida na direção do teto até essa cair totalmente inerte ao lado do corpo dele.

A risadinha alegre do filho fez carinho em seus ouvidos e encheu seu coração de amor.

Era um modo agradável de se começar o dia. Mesmo que a futura irmã ou irmão de Simon não tivesse lhe permitido uma boa noite de sono. Ela presumiu que o segundo filho deles seria tão ou mais levado que o mais velho.

No entanto, não podia culpá-lo pela noite agitada. Prestes a completar nove meses de gravidez mesmo os mais calmos dos bebês poderiam ficar impacientes para vir ao mundo.

Apesar disso, não se arrependia nem por um instante. Todas as vezes que olhava para o herdeiro do marquesado ela sabia que tudo valeria a pena. Mesmo nos momentos mais difíceis e atribulados.

Batidas na porta a despertaram do transe, fazendo com que voltasse ao tempo presente.

— Entre — pediu Lucy ajeitando um pouco os cabelos em uma perfeita desordem.

— Perdoem-me, Milorde e Milady. — O valete de Sebastian abriu apenas uma fresta da porta e não ousara olhar para dentro.

Será que ele achava mesmo que autorizaria sua entrada se estivessem em um momento íntimo? Será que não sabia que ele seu filho estava ali? Talvez o rapaz só tivesse um excesso de respeito e decoro. Somente isso.

— Lorde Vann me pediu para avisar quando a tia e as primas acordassem. — Pigarreou envergonhado. — Independente do horário.

O garoto soltou um gritinho alegre e se apressou para fora do quarto.

Lucy olhou para a porta — novamente fechada — e passou a mão pela barriga de forma preguiçosa.

— Minha fortuna por seus pensamentos — o Lorde murmurou próximo de seus ouvidos.

— Se me dissessem que Charlotte seria uma das pessoas favoritas do meu filho eu certamente consideraria a pessoa em questão um lunático. — Sorriu com doçura. — Às vezes acho que ele vai me trocar pela “tia Lotte”.

— Minha irmã deve suborná-lo — arriscou.

Os lábios roçando o lóbulo de sua orelha, a provocando enquanto a mão subia da barriga até seus seios e os acariciava.

— Não — a marquesa torceu lábios ponderando —, acredito que tenho que admitir que apesar os problemas já tive com Charlotte... Eu a considero uma tia adorável. Presumo que ela o mime sim e certamente a possibilidade de brincar com Georgina e Elizabeth deve atraí-lo também.

— Se está dizendo, então deve ser verdade.

A voz do marquês soava preguiçosa e lasciva. Suas mãos passeando pelo corpo dela sem controle. Mesmo quatro anos de casamento não fizeram com que seu marido esfriasse. Ainda acordava com seus carinhos satisfatórios e agradáveis em seu corpo.

— Se sua menina me deixou dormir duas horas essa noite foi pouco, querido — Lucy esticou seus lábios em um sorriso pousando a mão no ventre arredondado. — Então Milorde trate de sossegar.

— Minha menina é? — instigou com aquele sorriso bobo que sempre dava quando o assunto eram os filhos.

— Bom você disse tantas vezes que ia ser uma menina que eu estou acreditando — zombou de volta.

A mão grande e masculina do marquês tocou seu ventre com carinho e a criança mexeu como que para anunciar que o tinha reconhecido.

— Eu tenho tanta sorte por ter vocês. — Roçou o nariz no pescoço dela sentindo sua pele se arrepiar. — Tanta sorte, meu amor.

Lucy deixou seus lábios se unirem aos de Sebastian com desejo e carinho. Amava aquele homem e todas as vezes que acordava ao lado dele pensava em como a vida era engraçada. Em tantas coisas que aconteceram para levá-los até aquele presente momento. Aquele momento doce em que ela tinha um homem que amava ao lado.

— Do que está rindo, docinho?

O apelido do período em que era tudo uma grande brincadeira tornou-se rotina entre eles. Ela ainda era o seu docinho e tinha a impressão que isso sempre a lembraria dos dias felizes e sacanas que compartilhavam. Quando

fosse uma velha resmungona, ainda assim se sentiria jovem quando Sebastian a chamasse de docinho. Tinha certeza disso.

— Estou rindo porque um dia tive medo que essa vida não fosse mais para mim — confessou se virando para ele que segurou em sua cintura com carinho. — Pensei que casar e ter filhos fora um futuro roubado de mim naquela tarde em que tudo aconteceu. Em que fui guiada ao ostracismo. Então como esse futuro me foi roubado eu me convenci de que não o queria. — Negou com a cabeça sorrindo e buscando a mão dele para apertar, como apoio. — Como eu pude um dia acreditar que eu não queria tudo isso?

— Entendo o que quer dizer. — Arqueou uma sobrancelha, sedutor. — Quer dizer, quem em sã consciência poderia pensar em dizer não para tudo isso. — Apontou calmamente para o próprio corpo. Provocativo.

— Não quero partir seu coração, Lorde Berthany — devolveu a provocação para o deleite dele que sempre queria um bom embate —, mas foi tudo pelo poder, pelo dinheiro...

— Não me importo. — Deu de ombros diante de sua zombaria. — Seria hipocrisia minha te julgar, já que também casei por interesse.

O marquês deixou claro como água seus interesses quando suas mãos acariciam seus seios e sua coxa delgada.

— Quando se trata de você, Lady Berthany, eu sou total e completamente interesseiro.

Lucy o puxou para um segundo beijo. Mais ardente que o primeiro, mais ávido e ainda assim profundamente carinhoso. Quando já ofegantes seus lábios desgrudaram um do outro ela deixou seus dedos explorarem rosto do marido com carinho.

— Quando tivermos dias difíceis é aqui quero estar. Não importa se estivermos nesse país ou em outro. Não importa a hora ou a circunstância. Meu lugar é aqui. Nos seus braços e nos de Simon. Porque é aqui que me sinto em casa.

Berthany segurou em sua nuca e pousou os lábios em sua testa.

— Você pode correr para mim sempre que precisar, Lucy. — Ergueu o queixo dela e a admirou. Com traço, cada detalhe de seu rosto. — Deus sabe que não há nada que eu ame mais do que tê-la nos braços.

Foi quando ela se entregou ao marido sem se preocupar com qualquer trivialidade. Ao marido que a ajudou a enfrentar seus demônios. Que não só a ajudou a confrontar seu passado, mas o fez junto com ela.

O mundo podia ser um completo caos sem lógica ou propósito, mas ali com o homem que escolhera amar e com seus filhos... tudo, absolutamente tudo fazia sentido.

Agradecimentos



Para aqueles que me são queridos. Vocês sabem quem são. Essa jornada é muito mais leve com vocês ao meu lado.

Para o meu marido Daniel que me estimulava todos os dias a escrever essa continuação.

Para o meu gato Tomas que dorme ao meu lado nas madrugadas de trabalho e me acorda com seu “rom rom”.

A Michaelly Amorim pela capa incrível. Se meus livros são um presente suas capas são o embrulho perfeito.

E por último e não menos importante para você, caro leitor, que não permitiu de jeito nenhum que eu desistisse de Lucy e seu marquês. Vocês são minha motivação hoje e sempre.

Sobre a autora



Jéssica Malvestuto nasceu e mora em São Paulo capital com seu marido Daniel e gato Tomas, assim batizado em homenagem às Collins — primeira série de época publicada. Nutricionista de formação e autora de alma. Começou a escrever aos 11 anos e hoje se dedica principalmente a contar histórias sobre e para mulheres fortes.

Leitora voraz e amante de finais felizes. Bom humor, personagens marcantes e cenas de prender o fôlego são sua marca registrada. Dedicada a uma escrita leve que te tenta a devorar um livro todo em um dia só, te prendendo da primeira à última página.

Série "As Horidens"





[VEJA NA AMAZON](#)

Diana Horiden é uma mulher forte que está disposta a tudo para proteger aqueles que ama. Após a morte de seu tio e tutor ela descobre que todos os bens da família estão nas mãos de um homem que mal conhece e no qual não confia. Com a visita do novo herdeiro marcada, ela jura tratá-lo com educação pelo bem das irmãs mais novas e da prima. Acontece que os modos e arrogância do lorde tornam esta uma missão impossível.

Benedict Horiden é um herói de guerra condecorado e tem uma cicatriz no rosto para comprovar sua bravura. Com o fim da guerra, ele volta para casa com o título de Conde de Graivil dado por Sua Majestade e a tutela de cinco irritantes mulheres. Seu plano é simples: Casar-se com a mais velha e partir sozinho para uma vida tranquila no interior. Só que Diana é uma mulher irresistível e tão orgulhosa quanto ele.

Com dois protagonistas fortes com vontades de ferro e passados conturbados é esperado que o caos se inicie. Isso, é claro, se o amor não interferir.

Recomendado para maiores de 18 anos.



TUDO *pela* Felicidade

Um conto da série: As Horidens

JÉSSICA MALVESTUTO

[VEJA NA AMAZON](#)

Lívia Frany sempre soube que não se casaria. Com o segredo de sua linhagem trancado a sete chaves, ela está confortável com a ideia de não ter um marido, passando seus dias na companhia da Duquesa de Limett. Tudo muda, no entanto, quando a madrinha a manda para o interior como governanta temporária de dois órfãos e ela conhece o sério e atraente tio deles.

Theodore Lockwood viu seu mundo ruir quando perdeu seu irmão mais velho e a cunhada em um acidente. Ainda de luto, assumiu a fábrica da família e a tutela de seus dois sobrinhos. Embora sejam crianças adoráveis, os pequenos tem levado toda e qualquer governanta à loucura. A Srta. Frany parece ser sua esperança, mas a beleza e doçura dela podem colocar seu coração fechado em apuros.

Uma tempestade tomou conta da vida dele, mas ela é um raio de sol. Há lugar para o amor depois de uma noite escura?

Recomendado para maiores de 18 anos (contém cenas sensuais)

[1] Teatro Real londrino cuja fundação ocorreu no século XVII.

[2] Lord Byron, um dos poetas mais influentes do romantismo. Nasceu em 1788 e veio a falecer em 1824 deixando com legado várias obras, dentre elas os extensos poemas narrativos *Don Juan*, *A Peregrinação de Childe Harold* e o curto poema lírico *She Walks in Beauty*.

[3] Sofá estofado em forma de poltrona com uma extensão onde se podem estender as pernas. Acredita-se que tenha surgido no antigo Egito. A versão mais moderna é associada à psicanálise e até hoje utilizada em alguns consultórios de psicoterapia.

[4] Festa ou reunião social que acontecia após um jantar, geralmente com menos convidados que um grande baile.

[5] Tradução livre do Soneto 116 de William Shakespeare.